

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração
COPPEAD

OTÁVIO HENRIQUE DOS SANTOS FIGUEIREDO

**MENSURAÇÃO DA DISTÂNCIA PSÍQUICA:
COMPARAÇÃO CRÍTICA DE MÉTODOS**

Tese apresentada ao COPPEAD – Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro – como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Administração de Empresas

Orientadora: Angela da Rocha, D.Sc. – UFRJ/Coppead

Rio de Janeiro
Março de 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FIGUEIREDO, Otávio Henrique dos Santos

Mensuração da Distância Psíquica: comparação crítica de métodos / Otávio Henrique dos Santos Figueiredo.
Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD, 2009.

452p.

Tese – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração COPPEAD, 2009

Orientadora: Angela da Rocha, UFRJ/COPPEAD

1. Distância Psíquica. 2. Escala de Medidas. 3. Negócios internacionais. 4. Validação de construtos – Tese (Doutorado – UFRJ/COPPEAD). I. Rocha, Angela da (Orient.) II. Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração COPPEAD III. Título.

**MENSURAÇÃO DA DISTÂNCIA PSÍQUICA:
COMPARAÇÃO CRÍTICA DE MÉTODOS**

OTÁVIO HENRIQUE DOS SANTOS FIGUEIREDO

Tese submetida ao corpo docente do Instituto COPPEAD de Administração, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor.

Aprovada por:

Presidente da Banca

Profa. Angela da Rocha, D.Sc. – Orientadora
(COPPEAD/UFRJ)

Rebecca Arkader, D. Sc.
(COPPEAD/UFRJ)

Anne-Marie Maculan, D. Sc.
(COPPE/UFRJ)

Jorge Ferreira da Silva, D. Sc.
(PUC-Rio)

Marie Agnes Chauvel, D. Sc.
(PUC-Rio)

RIO DE JANEIRO – RJ – BRASIL

30 DE MARÇO DE 2009

*Dedico este trabalho
aos meus pais, Lylia e Eduardo,
à minha esposa, Bárbara e a meu filho.*

AGRADECIMENTOS

“Tenha em mente que tudo que você aprende na escola é trabalho de muitas gerações. Receba essa herança, honre-a, acrescente a ela e, um dia, fielmente, deposite-a nas mãos de seus filhos”.

Albert Einstein (Inglaterra, 1879-1955)

A tese de doutorado é um trabalho por diversas vezes solitário, entretanto, impossível de ser realizado sem a ajuda de outras pessoas. Infelizmente, não posso agradecer formalmente a todos esses colaboradores neste espaço.

Agradeço ao COPPEAD, Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro por ter me acolhido no programa de doutoramento e pelo apoio material e pessoal que recebi durante todo o processo.

Ao NuPin/COPPEAD e ao PRONEX, FAPERJ e CNPq agradeço pelo apoio financeiro à pesquisa de campo desta tese.

Agradeço a todos os funcionários do COPPEAD pelo incentivo e torcida durante todo o período de doutoramento. Em especial ao pessoal da administração Leonardo, Ricardo e Ritinha; ao pessoal da biblioteca, Ana Rita, Marinete, Rosa e Vera; e à Dilze e todo o pessoal da reprografia.

Agradeço a Cida, Lucianita e Simone, da secretaria acadêmica, por seu apoio em todas as etapas burocráticas e também pelo carinho e amizade.

Aos funcionários do NuPin/COPPEAD, em especial aos amigos Henrique Pacheco e Bruno de Goes e aos estagiários Gabriel, Felipe e Daniele, pelo apoio na atualização dos cadastros, o envio de questionários, contatos telefônicos e digitação.

Agradeço aos meus alunos que em todos os momentos me incentivaram e entenderam a importância desse trabalho para minha formação.

Aos professores Everardo Rocha e Danilo Marcondes pelas aulas maravilhosas de Antropologia e Filosofia que ampliaram meus conhecimentos e poder de reflexão. Ao professor Agrícola Bethlem pelo exemplo que é para todos nós. À professora Heloísa Leite por seus conselhos, carinho, amizade e incentivo incondicional.

Ao meu amigo professor Victor Almeida pelas valiosas discussões e incentivo constante ao meu trabalho. Ao meu amigo professor Vicente Ferreira e professor André Leal pelo incentivo e ajuda operacional. Aos meus amigos Eduardo Spiller e Mônica Ferreira por estarem presentes durante todo o processo me ajudando e motivando.

Gostaria também de expressar a minha gratidão aos professores Rebecca Arkader, Anne-Marie Maculan, Jorge Ferreira da Silva e Marie Agnes Chauvel que participaram da minha banca de tese e ofereceram expressiva contribuição ao meu trabalho.

Gostaria agradecer a prof. Angela da Rocha por ter me aceitado como orientado e ter me guiado durante todo o processo de elaboração desse estudo. Além disso, não posso esquecer as incontáveis contribuições e sua generosidade por dispor de finais de semana e por vezes madrugadas na crítica do meu trabalho.

Não posso deixar de agradecer aos meus compadres e afilhada: Marcelo, Natalie e Marie, por estarem sempre ao meu lado na torcida pelo meu sucesso.

A minha mãe Lylia, principal incentivadora de meus estudos, meu pai Eduardo e meu irmão Jorge por terem participado de todas as etapas de minha vida sempre presentes e me apoiando.

A minha esposa Bárbara, minha companheira de todos os momentos, que soube perceber a importância desse trabalho para minha realização pessoal e profissional. Sempre presente, buscou com carinho e amor me passar serenidade para que pudesse tomar as decisões necessárias. Agradeço a ela também pelo nosso primeiro filho que deve chegar ao final de setembro deste ano de 2009.

RESUMO

FIGUEIREDO, Otávio Henrique dos Santos. Mensuração da distância psíquica: comparação e crítica de métodos. Tese de Doutorado em Administração – Instituto COPPEAD de Administração, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

O presente estudo avaliou os instrumentos existentes para mensuração do construto da distância psíquica e propôs novas escalas de medição. Especificamente, o estudo atingiu os seguintes objetivos: (1) modelagem do construto da distância psíquica, por meio da identificação de seu domínio conceitual; (2) integração dos esforços de mensuração do construto, por meio da avaliação e teste dos principais instrumentos disponíveis; e (3) contribuição à pesquisa empírica, por meio do desenvolvimento de dois novos instrumentos de medida – um mais parcimonioso e outro mais completo – para aferir a distância psíquica entre países.

Foram duas as abordagens teóricas identificadas na literatura: distância psíquica como construto-síntese (medida tipicamente por uma escala de um único item); e distância psíquica como conjunto de fatores (medida por uma escala de múltiplos itens). Para a primeira abordagem quatro instrumentos de medição foram testados: Stöttinger e Schlegelmilch (1998), Leite, Rocha e Figueiredo (1988), Boyacigiller (1990) e Shoham, Rose e Albaum (1990). Para a segunda abordagem os seguintes instrumentos foram selecionados: Klein e Roth (1990), Sousa e Bradley (2005, 2006), Evans, Bridson e Mavondo (2008). Todos os instrumentos foram traduzidos, retraduzidos e pré-testados com respondentes brasileiros. Para cada uma das duas abordagens da distância psíquica foi realizada uma survey específica.

A população alvo da survey 1 (construto-síntese) foi formada por estudantes universitários brasileiros matriculados em cursos de graduação de Administração, Economia e Ciências Contábeis. A população alvo da survey 2 (conjunto de fatores) foi formada por executivos de empresas exportadoras brasileiras de grande e médio porte.

Com os dados da survey 1 (construto-síntese) aplicaram-se testes de hipóteses e correlação não paramétricos para comparar os instrumentos investigados. Os resultados empíricos indicaram equivalência entre duas das quatro escalas relativas à abordagem de construto-síntese, porém todas as escalas encontram-se fortemente correlacionadas. Uma das escalas, embora correlacionada, parece medir apenas parte do domínio conceitual do construto.

Para a survey 2 (conjunto de fatores) foi realizada uma etapa de purificação das medidas: análise de correlação e análise fatorial exploratória. Seis medidas emergiram destas análises, sendo submetidas à análise fatorial confirmatória. Em geral, os modelos apresentaram resultados satisfatórios com relação às suas propriedades psicométricas. Com base nesses resultados foi possível também avaliar duas escalas como superiores: escala com quatro dimensões-síntese e escala com quatro dimensões representadas por itens: a primeira, pela sua simplicidade, e a segunda, por sua completude e seus resultados superiores aos demais. Todas as escalas encontram-se correlacionadas, de forma moderada, ou forte, indicando validade convergente. Além disso, os resultados empíricos permitiram verificar as quatro dimensões que emergem da literatura (dimensão cultural, dimensão negócios, dimensão macroambiente e dimensão física) como partes significativas do construto distância psíquica.

Palavras-chave: Distância psíquica, Escala de Medidas, Negócios internacionais, Validação de construtos.

ABSTRACT

FIGUEIREDO, Otávio Henrique dos Santos. Measuring psychic distance: a comparison and critical assessment of methods. PhD Dissertation in Business Administration – Instituto COPPEAD de Administração, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

This study has evaluated the instruments currently available to measure the psychic distance construct and proposed new measurement scales. Specifically, the study has attained the following objectives: (1) to model the psychic distance construct by mapping its conceptual domain; (2) to integrate existing attempts at measurement by means of the evaluation and testing the main instruments available; and (3) to contribute to empirical research by developing two new measurement instruments (one relatively parsimonious and the other more complete) to measure psychic distance between countries.

Two approaches were identified in the extant literature: psychic distance as a summary construct (typically measured by a single-item scale), and psychic distance as a combination of factors (measured with a multiple-item scale). To assess the first approach, four measurement instruments were tested: Stöttinger and Schlegelmilch (1998), Leite, Rocha and Figueiredo (1988), Boyacigiller (1990) and Shoham, Rose and Albaum (1990). For the second approach, the following instruments were selected: Klein and Roth (1990), Sousa and Bradley (2005, 2006), Evans, Bridson and Mavondo (2008). All instruments were translated, retranslated and pre-tested with Brazilian respondents. For each of the two psychic distance approaches, a specific survey was carried out.

The target population of survey 1 (summary construct) comprised Brazilian university students taking undergraduate classes in Business Administration, Economics and Accounting. The target population of survey 2 (sum of factors) comprised executives from medium to large Brazilian export companies.

In order to compare the instruments under investigation, hypothesis testing and non parametric correlation were used to test the data collected in survey 1 (summary construct). Empirical results relative to the summary construct approach

showed that two out of four instruments could be considered equivalent; all instruments showed a strong correlation, however. One of the scales, despite the correlation, seemed to cover only part of the conceptual domain of the construct.

For survey 2 (combination of factors), a preliminary step included a scale purification procedure using correlation analysis and exploratory factor analysis. Six measures emerged from these analyses, which were then subjected to confirmatory factor analysis. In general, the models showed satisfactory results in relation to their psychometric properties. Based on these results, it was possible to identify two of the scales as being superior: a scale with four summary dimensions and a scale with four dimensions represented by multiple items. The first was selected because of its simplicity; the second, because of its completeness and superior performance. All the scales were either moderately or strongly correlated – an indication of concurrent validity. In addition, empirical results provided confirmation of the four dimensions that had previously emerged in the literature (cultural, business, macro-environment, and physical) as significant parts of the psychic distance construct.

Keywords: Psychic distance, Measurement scales, International business, Construct validation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 – Modelo de conceituação da Distância Psíquica de Evans e Mavondo.....	51
Figura 2.2 – Modelo de Distância Psíquica proposto por Baack e Baack.....	52
Figura 2.3 – Dimensões da Distância Psíquica.....	53
Figura 2.4 – Modelo Conceitual do Construto Distância Psíquica.....	106
Figura 2.5 – Modelo conceitual proposto para medição da Distância Psíquica segundo a abordagem de conjunto de fatores.....	108
Figura 3.1 – Fluxograma de tradução (fase 1) e processo de validação (fase 2).....	126
Figura 5.1 – Modelos KR1 e KR2 para distância psíquica de Klein e Roth .	229
Figura 5.2 – Modelos KR1 e KR2 para mensuração da distância psíquica de Klein e Roth – Todos os países reunidos	237
Figura 5.3 – Modelos KR1 e KR2 para mensuração da distância psíquica de Klein e Roth - Argentina.....	242
Figura 5.4 – Modelos KR1 e KR2 para mensuração da distância psíquica de Klein e Roth - Alemanha	247
Figura 5.5 – Modelos KR1 e KR2 para mensuração da distância psíquica de Klein e Roth - Índia	252
Figura 5.6 – Modelos de mensuração SB1 e SB2 para distância psíquica de Sousa e Bradley.....	261
Figura 5.7 – Modelos SB1 e SB2 para mensuração da distância psíquica de Sousa e Bradley – Todos os países reunidos	266
Figura 5.8 – Modelos SB1 e SB2 para mensuração da distância psíquica de Sousa e Bradley – Argentina.....	271
Figura 5.9 – Modelos SB1 e SB2 para mensuração da distância psíquica de Sousa e Bradley – Alemanha.....	275
Figura 5.10 – Modelos SB1 e SB2 para mensuração da distância psíquica de Sousa e Bradley – Índia	280
Figura 5.11 – Modelo de mensuração M1 para distância psíquica	297
Figura 5.12 – Modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões síntese – Todos os países reunidos.....	301
Figura 5.13 – Modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões síntese – Argentina	305
Figura 5.14 – Modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões-síntese – Alemanha.....	309
Figura 5.15 – Modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões síntese – Índia.....	313
Figura 5.16 – Modelo de mensuração M2 para distância psíquica, medida por quatro dimensões, representadas por itens	325
Figura 5.17 – Modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Todos os países reunidos	331
Figura 5.18 – Modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Argentina	337
Figura 5.19 – Modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Alemanha.....	343

Figura 5.20 – Modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Índia..... 349

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1 – Principais definições de distância psíquica (em ordem cronológica).....	35
Tabela 2.2 – Elementos Extraídos das Conceituações de Distância Psíquica	37
Tabela 2.3 – Elementos na Conceituação do Construto Distância Psíquica	41
Tabela 2.4 – Resumo das principais definições de distância cultural.....	44
Tabela 2.5 – Elementos Extraídos das Definições de Distância Cultural.....	45
Tabela 2.6 – Dimensões na Conceituação do Construto Distância Cultural.	47
Tabela 2.7 – Resumo dos indicadores e medidas utilizadas para representar a dimensão cultural da distância psíquica.....	75
Tabela 2.8 – Resumo das variáveis utilizadas para medir a dimensão de negócios da distância psíquica.....	79
Tabela 2.9 – Resumo das variáveis utilizadas para medir a dimensão macroambiente da distância psíquica.....	87
Tabela 2.10 – Resumo das variáveis utilizadas para medir a dimensão física da distância psíquica	92
Tabela 2.11 – Medidas utilizadas para a percepção global de distância psíquica.....	104
Tabela 3.1 - Detalhamento das etapas.....	115
Tabela 3.2 - Itens listados na literatura, autores e dimensões	120
Tabela 3.3 – Instrumento de comparação/interpretação para validação da tradução dos questionários.....	128
Tabela 3.4 – Média das comparações/interpretações dos instrumentos após tradução e retradução	129
Tabela 3.5 – Variáveis extraídas da revisão de literatura, mas que não constavam dos questionários selecionados	130
Tabela 3.6 – Distribuição do período declarado por curso.....	141
Tabela 3.7 – Distribuição dos questionários respondidos por curso.....	142
Tabela 3.8 – Resumo dos testes de comparação de médias.....	152
Tabela 3.9 – Interpretação do Coeficiente de Correlação de Pearson e Spearman	153
Tabela 3.10 – Roteiro de avaliação	153
Tabela 4.1 – Tabela de contingência de Gênero e Tipo de questionário.....	159
Tabela 4.2 – Tabela de contingência de Faixa etária e Tipo de questionário	159
Tabela 4.3 - Teste de Normalidade para idade.....	160
Tabela 4.4 - Teste não paramétrico de Kruskal-Wallis para idade	160
Tabela 4.5 – Tabela de contingência de Curso e Tipo de questionário.....	161
Tabela 4.6 – Tabela de contingência de Período e Tipo de questionário	161
Tabela 4.7 – Tabela de contingência de Religião e Tipo de questionário ...	162
Tabela 4.8 – Tabela de contingência de “Já viajou para outro país?” e Tipo de questionário.....	163
Tabela 4.9 – Tabela de contingência de “Já morou em outro país?” e Tipo de questionário	163
Tabela 4.10 – Distribuição amostral após tratamento para dados ausentes e valores extremos	167

Tabela 4.11 – Média e Desvio padrão da Distância Psíquica dos países por instrumento utilizado.....	169
Tabela 4.12a – Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov - instrumentos A, B, C e D	171
Tabela 4.12b – Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov – instrumento A com escala de 1 a 5	172
Tabela 4.13 – Teste de Kruskal-Wallis	173
Tabela 4.14 – Teste de Kruskal-Wallis	174
Tabela 4.15 – Teste de Mann Whitney	175
Tabela 4.16 – Teste de Kruskal-Wallis	176
Tabela 4.17 – Postos médios da distância psíquica	178
Tabela 4.18 – Matriz de correlação de postos de Spearman	178
Tabela 4.19 – Postos médios da distância psíquica	180
Tabela 4.20 – Comparação de Resultados de várias aplicações dos Questionários A e B	180
Tabela 4.21 – Teste de Friedman para amostras dependentes.....	183
Tabela 4.22 – Quadro-resumo das diferenças dos postos médios das distâncias psíquicas entre os países para o instrumento A – Stöttinger e Schlegelmilch (1998).....	183
Tabela 4.23 – Quadro resumo das diferenças dos postos médios das distâncias psíquicas entre os países para o instrumento B – Leite, Rocha e Figueiredo (1988).....	184
Tabela 4.24 – Quadro resumo das diferenças dos postos médios das distâncias psíquicas entre os países para o instrumento C – Boyacigiller (1990).....	184
Tabela 4.25 – Quadro resumo das diferenças dos postos médios das distâncias psíquicas entre os países para o instrumento D – Shoham, Rose e Albaum (1990).....	185
Tabela 4.26 – Quadro resumo das diferenças médias das distâncias psíquicas entre os países para o instrumento A – Stöttinger e Schlegelmilch (1998).....	185
Tabela 4.27 – Teste de diferenças das medidas da distância psíquica para gênero	188
Tabela 4.28 – Teste de diferenças das medidas da distância psíquica para curso.....	189
Tabela 5.1 – Tabela de contingência de Gênero e Forma de envio	195
Tabela 5.2 – Tabela de contingência de Faixa etária e Forma de envio	195
Tabela 5.3 – Tabela de contingência de Religião e Forma de envio	196
Tabela 5.4 – Tabela de contingência de “Já viajou para outro país?” e Forma de envio.....	197
Tabela 5.5 – Tabela de contingência de “Já morou em outro país?” e Forma de envio.....	197
Tabela 5.6 – Tabela de contingência da Faixa de funcionários e Forma de envio	198
Tabela 5.7 – Tabela de contingência do Faturamento anual e Forma de envio	198
Tabela 5.8 – Tabela de contingência Países com que teve negócios e Forma de envio.....	199
Tabela 5.9 – Tabela de contingência % de Vendas ao exterior e Forma de envio	200

Tabela 5.10 – Tabela de contingência do Poder decisório e Forma de envio	201
Tabela 5.11 – Distribuição amostral após tratamento para dados ausentes e valores extremos	203
Tabela 5.12 – Tabela código, item e autor.....	204
Tabela 5.13 – Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov (KS).....	206
Tabela 5.14 – Matriz de correlação para os itens de Klein e Roth (1990)	210
Tabela 5.15 – Matriz de correlação para os itens de Sousa e Bradley (2005)	211
Tabela 5.16 – Matriz de correlação para os itens dos construtos que formam a Distância Cultural de Evan, Mavondo e Bridson (2008) – Todos os países reunidos	212
Tabela 5.17 – Matriz de correlação para os itens dos construtos do modelo completo – Todos os países reunidos	216
Tabela 5.18 – Análise Fatorial Exploratória – Klein e Roth.....	224
Tabela 5.19 – Índices de <i>fit</i> do modelo de mensuração da distância psíquica de Klein e Roth – Todos os países reunidos	236
Tabela 5.20 – Índices de <i>fit</i> do modelo de mensuração da distância psíquica de Klein e Roth – Argentina.....	241
Tabela 5.21 – Índices de <i>fit</i> do modelo de mensuração da distância psíquica de Klein e Roth – Alemanha	246
Tabela 5.22 – Índices de <i>fit</i> do modelo de mensuração da distância psíquica de Klein e Roth – Índia	251
Tabela 5.22b – Síntese dos resultados da Análise Fatorial Confirmatória usando o questionário de Klein e Roth e modelos KR1 e KR2 ...	253
Tabela 5.23 – Análise Fatorial Exploratória – Sousa e Bradley.....	255
Tabela 5.24 – Índices de <i>fit</i> do modelo de mensuração da distância psíquica de Sousa e Bradley – Todos os países reunidos	265
Tabela 5.25 – Índices de <i>fit</i> do modelo de mensuração da distância psíquica de Sousa e Bradley – Argentina.....	270
Tabela 5.26 – Índices de <i>fit</i> do modelo de mensuração da distância psíquica de Sousa e Bradley – Alemanha	275
Tabela 5.27 – Índices de <i>fit</i> do modelo de mensuração da distância psíquica de Sousa e Bradley – Índia	279
Tabela 5.27b – Síntese dos resultados da Análise Fatorial Confirmatória usando o questionário de Sousa e Bradley e modelos SB1 e SB2	282
Tabela 5.28 – Análise Fatorial Exploratória – Evans, Mavondo e Bridson..	284
Tabela 5.29 – Matriz de correlação das dimensões-síntese	291
Tabela 5.30 – Análise Fatorial Exploratória – Dimensões síntese	292
Tabela 5.31 – Índices de <i>fit</i> do modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões síntese – Todos os países reunidos	301
Tabela 5.32 – Índices de <i>fit</i> do modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões-síntese – Argentina	305
Tabela 5.33 – Índices de <i>fit</i> do modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões síntese – Alemanha	308
Tabela 5.34 – Índices de <i>fit</i> do modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões síntese – Índia.....	312
Tabela 5.34b - Síntese dos resultados da Análise Fatorial Confirmatória usando o questionário de dimensões-síntese (modelo M1).....	314

Tabela 5.35 – Análise Fatorial Exploratória – Distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Argentina, Alemanha e Índia reunidos.....	318
Tabela 5.36 – Análise Fatorial Exploratória – Distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Argentina	320
Tabela 5.37 – Análise Fatorial Exploratória – Distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Alemanha	322
Tabela 5.38 – Análise Fatorial Exploratória – Distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Índia.....	323
Tabela 5.39 – Variância média extraída e quadrado das correlações entre construtos.....	329
Tabela 5.40 – Índices de <i>fit</i> do modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Todos os países reunidos	330
Tabela 5.41 – Variância média extraída e quadrado das correlações entre construtos.....	335
Tabela 5.42 – Índices de <i>fit</i> do modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Argentina.....	336
Tabela 5.43 – Variância média extraída e quadrado das correlações entre construtos.....	341
Tabela 5.44 – Índices de <i>fit</i> do modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Alemanha	342
Tabela 5.45 – Variância média extraída e quadrado das correlações entre construtos.....	347
Tabela 5.46 – Índices de <i>fit</i> do modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Índia.	348
Tabela 5.46b - Síntese dos resultados da Análise Fatorial Confirmatória usando o Modelo Completo (M2)	350
Tabela 5.47 – Comparação das escalas de distância psíquica (múltiplos itens) – Todos os países reunidos.....	352
Tabela 5.48 – Comparação das seis escalas de distância psíquica (múltiplos itens) – Argentina	354
Tabela 5.49 – Comparação das seis escalas de distância psíquica (múltiplos itens) – Alemanha.....	355
Tabela 5.50 – Comparação das seis escalas de distância psíquica – Índia	357
Tabela 5.51 – Média e Desvio padrão das 6 escalas de Distância Psíquica.	359
Tabela 5.52 – Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov	360
Tabela 5.53 – Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov, Média e Desvio padrão das seis escalas de Distância Psíquica (múltiplos itens) – Argentina (n=343).....	361
Tabela 5.54 – Teste de Normalidade de Kolmogorov Smirnov, Média e Desvio padrão das 6 escalas de Distância Psíquica – Alemanha (n=343).	362
Tabela 5.55 – Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov, Média e Desvio padrão das 6 escalas de Distância Psíquica – Índia (n=342).	362
Tabela 5.56 – Matriz de correlação de postos de Spearman	364
Tabela 5.57 – Matriz de correlação de postos de Spearman	365

Tabela 5.58 – Síntese dos testes de hipóteses.....	375
Tabela A1 – Atributos utilizados por Evans e Mavondo (2001) na operacionalização das 5 dimensões culturais originais de Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988).....	412
Tabela A2 – Resumo do instrumento de Johanson e Wiedersheim-Paul (1975), Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977) E Vahlne e Nordström (1992).....	414
Tabela A3 – Resumo do instrumento de Klein e Roth (1990).....	414
Tabela A4 – Resumo do instrumento de Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008).....	415
Tabela A5 – Resumo do instrumento de Sousa e Bradey (2005 e 2006).....	416
Tabela A6 – Resumo do instrumento de Dow e Karunaratna (2006).....	417
Tabela A7 – Resumo do instrumento de Brewer (2007a e 2007b).....	418
Tabela A8 – Tabela para classificação de idiomas.....	419
Tabela A9– Tabela para classificação de religiões.....	421
Tabela A10 – A – Stöttinger e Schleglemilch (1998).....	422
Tabela A11 – B – Leite, Rocha e Figueiredo (1988).....	422
Tabela A12 – C - Boyacigiller (1990).....	423
Tabela A13 – D – Shoham, Rose e Albaum (1990).....	423
Tabela A14 – Sousa e Bradley (2005).....	424
Tabela A15 – Klein e Roth (1990).....	425
Tabela A16 – Evans, Mavondo e Bridson (2008).....	426

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	21
1.1	Origem e Importância do Estudo	21
1.2	Objetivos	26
1.3	Organização do Estudo	27
2	REVISÃO DA LITERATURA	29
2.1	Domínio Conceitual do Construto Distância Psíquica.....	29
2.1.1	Conceituação de Distância Psíquica	29
2.1.2	Elementos Constituintes das Definições de Distância Psíquica... 37	
2.1.3	Conceituação de Distância Cultural	41
2.1.4	Elementos constituintes das definições de Distância Cultural..... 45	
2.1.5	Comparação dos conceitos de Distância Psíquica e de Distância Cultural..... 47	
2.1.6	Dimensões da Distância Psíquica.....	50
2.2	Dimensão Cultural.....	53
2.2.1	Conceito de Cultura	54
2.2.2	Dimensões culturais de Hofstede	56
2.2.3	Índices compostos usando as dimensões culturais de Hofstede 57	
2.2.4	Dimensões culturais de Schwartz.....	63
2.2.5	Índices compostos usando as dimensões de Schwartz.....	66
2.2.6	Uso das medidas	67
2.3	Dimensão de Negócios	76
2.4	Dimensão Macroambiente	80
2.5	Dimensão Física	89
2.6	Mensuração da distância psíquica	93
2.6.1	Medida objetiva ou subjetiva.....	93
2.6.2	Assimetria	96
2.6.3	Fenômeno individual ou coletivo.....	98
2.6.4	Construto-síntese ou conjunto de fatores	100
2.7	Modelo Conceitual e Hipóteses do Estudo	105
3	METODOLOGIA	113
3.1	Questões de pesquisa	113
3.2	Procedimento de Pesquisa Adotado	114
3.3	Ponto de partida: Mapeamento do domínio conceitual do construto	116
3.3.1	Identificação das definições e conceituações do construto	117
3.3.2	Identificação das abordagens de mensuração	118
3.3.3	Identificação das dimensões básicas do construto.....	118
3.3.4	Aprofundamento da literatura para identificar as variáveis dentro de cada dimensão	119
3.3.5	Proposta do modelo conceitual do estudo	122
3.3.6	Especificação do nível de análise.....	122
3.4	Identificação, seleção e adequação dos Instrumentos de medida	123
3.4.1	Seleção dos instrumentos identificados na literatura para medição do construto.....	123
3.4.2	Procedimentos de tradução e retradução dos instrumentos de medida.....	125

3.4.3	Inclusão de novos itens.....	129
3.4.4	Determinação das características da escala de medida.....	130
3.4.5	Escolha dos países	131
3.4.6	Pré-testes dos instrumentos	133
3.5	Validação de Conteúdo e de Face.....	136
3.6	Testes empíricos	138
3.6.1	Determinação da população e da amostra.....	139
3.6.2	Procedimentos de Coleta de Dados	146
3.7	Purificação das Medidas.....	148
3.8	Análise de Dados.....	150
3.8.1	Comparação de amostras.....	150
3.8.2	Teste de Correlação	152
3.9	Limitações do Estudo	155
4	ANÁLISE DE RESULTADOS DA SURVEY 1 – ABORDAGEM DO CONSTRUTO-SÍNTESE	157
4.1	Características da Amostra	157
4.1.1	Comparação das amostras quanto ao Gênero	158
4.1.2	Comparação das amostras quanto à Idade	159
4.1.3	Comparação das amostras quanto à distribuição por Cursos....	160
4.1.4	Comparação das amostras quanto à distribuição por Período cursado	161
4.1.5	Comparação das amostras quanto à Religião	162
4.1.6	Comparação das amostras quanto a Viagens ao Exterior / Morar no Exterior	162
4.2	Dados ausentes (<i>Missing data</i>) e Valores extremos (<i>outliers</i>)....	164
4.2.1	Dados ausentes (<i>missing data</i>).....	164
4.2.2	Valores extremos (<i>outliers</i>)	166
4.3	Teste da Hipótese H_{1a}	168
4.3.1	Análise exploratória dos dados e testes de normalidade.....	168
4.3.2	Teste de Kruskal-Wallis	172
4.4	Teste de correlação de postos de Spearman.....	177
4.5	Testes Adicionais para Sub-Grupos de Países	181
4.6	Avaliação dos instrumentos por gênero e curso	187
4.7	Síntese dos resultados do capítulo	190
5	ANÁLISE DE RESULTADOS DA SURVEY 2 – ABORDAGEM COMO CONJUNTO DE FATORES	193
5.1	Características da Amostra	193
5.1.1	Comparação dos grupos quanto ao Gênero.....	194
5.1.2	Comparação dos grupos quanto à Idade	195
5.1.3	Comparação dos grupos quanto à Religião.....	196
5.1.4	Comparação dos grupos quanto a Viagens ao Exterior / Morar no Exterior.....	196
5.1.5	Comparação dos grupos quanto ao Número de funcionários e Faturamento da empresa.....	197
5.1.6	Comparação dos grupos quanto aos Países com que já negociou	198
5.1.7	Comparação dos grupos quanto à % de Vendas ao exterior	199
5.1.8	Comparação dos grupos quanto ao Poder decisório da empresa	200
5.2	Dados ausentes (<i>Missing data</i>) e Valores Extremos (<i>outliers</i>)....	202

5.2.1	Dados ausentes (<i>missing data</i>).....	202
5.2.2	Valores extremos (<i>outliers</i>)	202
5.3	Avaliação das propriedades estatísticas das variáveis	203
5.4	Avaliação empírica das propriedades psicométricas e da validade dos construtos.....	221
5.4.1	Distância psíquica de Klein e Roth.....	222
5.4.2	Distância psíquica de Sousa e Bradley	254
5.4.3	Distância Cultural de Evans, Mavondo e Bridson	282
5.4.4	Distância psíquica medida por dimensões-síntese.....	289
5.4.5	Distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens (Modelo Completo).....	315
5.4.6	Resumo das propriedades psicométricas das escalas de Distância Psíquica segundo a abordagem de conjunto de fatores	351
5.5	Teste da Hipótese H_{1b}	357
5.5.1	Análise exploratória dos dados e testes de normalidade.....	359
5.5.2	Teste de correlação de postos de Spearman.....	363
5.5.3	Resumo dos resultados e teste da hipótese H_{1b}	366
5.6	Teste das Hipóteses do Estudo	366
5.6.1	Hipótese H_1	366
5.6.2	Hipótese H_2	368
5.6.3	Hipótese H_3	370
5.6.4	Hipótese H_4	371
5.6.5	Hipótese H_5	373
5.6.6	Síntese dos testes de hipóteses	374
6	SUMÁRIO, CONCLUSÕES E CAMPOS DE PESQUISA FUTURA .	377
6.1	Sumário do Estudo.....	377
6.2	Conclusões	380
6.2.1	Mapeamento do Domínio Conceitual do Construto	380
6.2.2	Comparação dos Instrumentos de Medida Existentes – Responder explicitamente à segunda e terceira questões da pesquisa.....	382
6.3	Campos para Futuras Pesquisas.....	391
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	394
8	ANEXOS	411
Anexo 1:	Atributos utilizados por Evans e Mavondo na operacionalização das 5 dimensões culturais originais de Hofstede e Bond	412
Anexo 2:	Instrumentos disponíveis na literatura utilizados para medir a Distância Psíquica.....	414
Anexo 3:	Esquema de Classificação de Idioma.....	419
Anexo 4:	Esquema de Classificação de Religiões	421
Anexo 5:	Tradução, Adaptação e Retradução dos instrumentos	422
Anexo 6:	Questionários	432
Anexo 7:	Carta de personalizada de apresentação da pesquisa	449
Anexo 8:	Parte específica do questionário da escala com quatro dimensões-síntese e escala com quatro dimensões representadas por itens	450
Anexo 9:	Parte específica do questionário da escala com quatro dimensões representadas por itens.....	451

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se ocupa da conceituação e mensuração do construto 'distância psíquica', uma variável interveniente no processo de decisão de internacionalização das empresas. Seu propósito é mapear as fronteiras conceituais do construto, realizar uma avaliação dos instrumentos atualmente existentes para mensuração do construto e propor um novo instrumento que cubra as várias dimensões conceituais do fenômeno de forma completa e parcimoniosa.

1.1 ORIGEM E IMPORTÂNCIA DO ESTUDO

À medida que os mercados se tornam globalizados, um número crescente de empresas passa a procurar oportunidades de crescimento além do seu mercado doméstico. A expansão para novos mercados geográficos envolve a passagem de um mercado local para um mercado regional, ampliando os horizontes geográficos da empresa, mudando seu mapa de referência estratégico. Assim, uma das principais direções do crescimento é a entrada em novos mercados, que traz consigo uma série de oportunidades e desafios (JOHANSON e VAHLNE, 1977, 1990; CAVUSGIL, 1980; ANDERSEN, 1993; NORDSTROM e VAHLNE, 1994; ALMEIDA, 2005).

As mudanças decorrentes da globalização permitiram às empresas obter acesso a mercados estrangeiros, mão-de-obra barata e outras vantagens (BARKEMA, BELL e PENNING, 1996). No entanto, a entrada em mercados externos não pode ser feita sem custos. Quando as empresas se diversificam além das fronteiras do mercado doméstico, elas enfrentam novos desafios, sendo o mais

importante deles a necessidade de se ajustar à cultura dos novos mercados em que possam atuar.

A teoria de custos de transação aponta dois fatores do ambiente que influenciam as decisões empresariais: incerteza e complexidade (WILLIAMSON, 1975). No caso da internacionalização, a incerteza resulta da necessidade de operar em ambientes diferentes do mercado doméstico, o que pode envolver sistemas políticos, sociais e econômicos e marco legal com características bastante diferentes, costumes exóticos e práticas de negócios não familiares. A complexidade, por sua vez, decorre do grande número de operações envolvidas na transposição de fronteiras nacionais, gerando novas necessidades de controle.

Incerteza e complexidade aumentam os riscos de operar em mercados estrangeiros. O risco é uma variável chave no processo de internacionalização das empresas segundo as várias correntes teóricas, sendo tratado de forma distinta em cada uma. Por exemplo, na teoria da internalização o risco é visto como elemento determinante da decisão de internalizar mercados. Para reduzir os riscos provenientes de fatores ambientais e do comportamento humano em outros mercados, a empresa buscaria internalizar mercados através das fronteiras nacionais (RUGMAN, 2006).

Para as teorias comportamentais de internacionalização, o risco tem papel fundamental no processo de internacionalização das empresas. Carlson, um dos precursores da visão comportamental da internacionalização, chegou a afirmar que "... é contra a natureza humana fazer negócios no exterior" (WEISFELDER, 2001).

O principal modelo da teoria comportamental de internacionalização é o modelo de Uppsala. Segundo Clark e Pugh (2001), este modelo procura explicar e prever dois aspectos da internacionalização de empresas: (1) o padrão incremental de desenvolvimento dentro de um determinado mercado estrangeiro e (2) a expansão das empresas movendo-se gradativamente de países mais próximos para aqueles mais distantes psicologicamente. O segundo aspecto do modelo de Uppsala propõe que a sequência de entrada em mercados encontra-se associada ao fenômeno da distância psíquica, ou seja, que as empresas começam exportando ou se fixando em outros países próximos em termos da distância psíquica, mercados percebidos como mais semelhantes a seu mercado doméstico, antes de penetrar mercados mais distantes (JOHANSON e VAHLNE, 1992).

A lógica da distância psíquica encontra-se associada à percepção de risco. Segundo o modelo de Uppsala, os gerentes tomariam decisões de entrada em mercados externos com base em informação incompleta. Desta forma, a “falta de conhecimento devido às diferenças entre os países com referência, por exemplo, ao idioma e cultura, [seria] ... um importante obstáculo para a tomada de decisão conectada ao desenvolvimento das operações internacionais” (JOHANSON e VAHLNE, 1977, p. 26). Para Souza e Bradley (2006, p. 49), há consenso na literatura de que, quando as empresas decidem ingressar em mercados externos, elas devem se “ajustar à cultura estrangeira e se preparar para mudanças, tais como diferenças no idioma, estilo de vida, padrões culturais, preferências dos consumidores, e poder de compra”.

Os gerentes são vistos no modelo de Uppsala como avessos a risco (BJÖRKMAN e FORSGREN, 1997). Assim, quanto maior a distância psíquica ao mercado – ou

seja, quanto mais diferente este mercado for percebido em relação ao mercado doméstico no que se refere à cultura e às práticas de negócios – maior a resistência dos gerentes a penetrar inicialmente nos mesmos. Por este motivo, as operações internacionais se iniciariam por mercados percebidos como psicologicamente próximos. A distância psíquica seria superada gradativamente pela aquisição de conhecimento experiencial. À medida que os gerentes adquirissem conhecimento sobre determinado mercado externo, a empresa aumentaria seu grau de comprometimento com o mesmo, aprofundando seus investimentos naquele mercado. De forma similar, a empresa se moveria gradualmente para mercados de maior distância psíquica.

O modelo de Uppsala obteve suporte empírico, embora não universal, no que se refere ao construto da distância psíquica. De fato, diversas pesquisas sobre o processo de internacionalização das empresas têm identificado a distância psíquica como fator explicativo chave (DOW, 2000; EVANS e MAVONDO, 2002; FLETCHER e BOHN, 1998; JOHANSON e VAHLNE, 1977 E 1990; JOHANSON e WIEDERSHEIM-PAUL, 1975; LEE, 1998; SHOHAM e ALBAUM, 1995; VAHLNE e WIEDERSHEIM-PAUL, 1977).

No entanto, problemas relativos à mensuração do construto têm ocorrido de forma persistente nos estudos empíricos. Dow (2000, p. 54) observou, por exemplo, que “os esforços para desenvolver e testar a validade e confiabilidade do instrumento para medir a distância psíquica têm sido esporádicos e falhos”. Há a necessidade de especificar e medir os fatores que compõem a distância psíquica, por conta da inconsistência em termos da conceituação, operacionalização, poder explicativo da medida (EVANS e MAVONDO, 2002a) e o caráter contraditório de alguns resultados alcançados (STÖTTINGER e SCHLEGELMILCH, 1998) nas pesquisas

existentes. Por sua vez, Sousa e Bradley (2006) sugeriram que o construto era pouco entendido e Brewer (2007, p.45) levantou “sérias dúvidas quanto a como o conceito foi incorporado à pesquisa nos últimos anos”.

A variedade de instrumentos de medida propostos ainda recentemente (por exemplo, BREWER, 2007a, 2007b; EVANS e MAVONDO, 2002a, 2002b; EVANS e BRIDSON, 2005; EVANS, MAVONDO e BRIDSON, 2008; SOUSA e BRADLEY, 2005, 2006) evidencia a falta de consenso quanto à forma mais adequada de mensuração do construto. Mais ainda, embora diversos instrumentos tenham sido desenvolvidos e utilizados pelos pesquisadores, nenhum estudo se preocupou em compará-los e avaliá-los de modo a determinar sua equivalência, ou mesmo avaliar sua completude no que se refere a abarcar as várias facetas do fenômeno.

Assim sendo, a contribuição teórica deste estudo refere-se à exploração do construto distância psíquica e sua mensuração, de modo a avaliar os instrumentos atualmente utilizados e propor instrumento mais adequado.

Além do potencial de contribuição teórica, o presente estudo permite explorar o uso da distância psíquica como instrumento de medição da distância entre Brasil e outros mercados, propiciando maior entendimento do tema e gerando resultados que poderão ser úteis à melhoria do conhecimento dos processos de decisão nas empresas em processo de internacionalização.

1.2 OBJETIVOS

O presente estudo pretende avaliar os métodos empíricos existentes de mensuração do construto da distância psíquica¹ de modo a propor uma nova escala para sua mensuração. Mais especificamente, são três os objetivos principais deste estudo:

- Modelar o construto da distância psíquica, por meio da identificação de seu domínio conceitual;
- Integrar os esforços de mensuração do construto de distância psíquica, por meio da avaliação e teste dos principais instrumentos disponíveis;
- Contribuir para o desenvolvimento de um instrumento de medida parcimonioso para aferir a distância psíquica.

Assim sendo, este estudo teve como objetivos intermediários:

- Estabelecer o domínio conceitual do construto a partir de revisão da literatura;
- Realizar levantamento dos instrumentos de medida de distância psíquica existentes na literatura;
- Identificar os fatores que compõem as medidas de distância psíquica existentes na literatura;
- Comparar os principais instrumentos de distância psíquica utilizados na literatura;

¹ O termo “*psychic distance*” pode ser traduzido como ‘distância psicológica’ ou ‘distância psíquica’. Neste estudo optou-se utilizar ‘distância psíquica’ como tradução para o termo.

- Testar empiricamente estes instrumentos;
- Desenvolver um instrumento de coleta de dados de maior validade e confiabilidade do que os já existentes.

1.3 ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

Este trabalho está organizado como se segue:

No primeiro capítulo explicitam-se os objetivos e discute-se a inserção teórica do estudo, justificando a utilização de contribuições provenientes da teoria de internacionalização de empresas e a necessidade de construção de uma medida mais completa e, ao mesmo tempo, parcimoniosa, de distância psíquica entre mercados.

O segundo capítulo apresenta a revisão de literatura abrangendo as definições de distância psíquica e distância cultural, a comparação dos dois construtos, os aspectos da medição da distância psíquica e suas principais dimensões.

Em sequência, no terceiro capítulo, detalha-se a metodologia a ser adotada, apresenta-se o modelo conceitual e as hipóteses, definem-se as características da população e da amostra, assim como os procedimentos utilizados para coleta e análise de dados. Finalmente, são apresentadas as limitações do estudo.

No quarto e quinto capítulo apresentam-se os resultados do estudo, incluindo análise exploratória dos dados, testes de hipóteses e análises adicionais. No capítulo 4 são testados os instrumentos de medida que utilizam a abordagem de construto-síntese (instrumentos de item único) e no capítulo 5 são testados os

instrumentos de medida que seguem a abordagem de conjunto de fatores (instrumentos multi-itens).

No capítulo final, apresentam-se as conclusões, recomendações e sugestões para futuras pesquisas.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, apresenta-se a base teórica sobre a qual se desenvolveu esta pesquisa, referente ao construto da distância psíquica. Inicialmente, faz-se uma análise do domínio conceitual do construto, recorrendo à literatura sobre o tema, de modo a identificar suas várias facetas. Em seguida, são analisadas em profundidade as quatro dimensões do construto: a distância cultural, a distância de negócios, a distância do macroambiente e a distância física. Discutem-se, então, questões relativas à mensuração do construto. Finalmente, é feita a proposição de um modelo conceitual que busca integrar e reconciliar as várias visões.

2.1 DOMÍNIO CONCEITUAL DO CONSTRUTO DISTÂNCIA PSÍQUICA

2.1.1 Conceituação de Distância Psíquica

Um ponto de partida para o entendimento do conceito de Distância Psíquica consiste em analisar os termos que compõem a expressão. Segundo o dicionário Aurélio da língua portuguesa, o termo 'distância' significa:

“[Do lat. distantia.] S.f.. 1. Espaço entre duas coisas ou pessoas; intervalo. 3. Lonjura, longitude. (...) 4. Separação, apartamento, afastamento. 5. Diferença entre categorias sociais. [Cf., nesta acepç., distância social.] 6. Geom. Anal. Comprimento do segmento de reta que une dois pontos. 7. Geom. Anal. Num espaço riemaniano, integral da forma quadrática diferencial que caracteriza o afastamento infinitesimal entre dois pontos vizinhos. [Cf. distancia, do v. distanciar.]” (FERREIRA, 1999, p. 694).

Por sua vez, o termo 'psíquica' significa: "psíquico [Do gr. psychikós.] Adjetivo. 1. Relativo ou pertencente à psique, à alma ou ao psiquismo (1); anímico". (FERREIRA, 1999, p. 1662). Ainda utilizando o mesmo dicionário, pode-se verificar o significado do termo 'psique': "[Do gr. psyché.] S. f. 1. A alma, o espírito, a mente (...) [Na mitologia grega, Psique era a personificação da alma.]" (FERREIRA, 1999, p. 1662).

Analisando os dois termos, pode-se dizer que a distância existe na mente do indivíduo, ou seja, deriva de como ele percebe o mundo. Isto é consistente com a proposta de Sousa e Bradley (2005, p. 44), que definiram a distância psíquica como "a percepção individual das diferenças entre o país de origem e o país estrangeiro que modela o conceito de distância psíquica".

O termo 'distância psíquica' (*psychic distance*) foi utilizado pela primeira vez por Beckerman (1956), que propôs a existência de um fator comportamental, associado à forma pela qual as relações entre fornecedores e compradores de matéria prima eram estabelecidas e mantidas. O autor sugeriu que, além dos critérios objetivos de distância geográfica e dos modais de transporte utilizados, os compradores fariam uma "avaliação psíquica" da distância de seus fornecedores, levando em conta as dificuldades de entendimento e do idioma. Posteriormente, Linnemann (1966) sugeriu que o conceito de distância psíquica incluiria as percepções de risco, imperfeições nas informações e barreiras culturais, além do idioma.

O conceito obteve destaque na literatura a partir de estudos de casos de empresas suecas, desenvolvidos por pesquisadores da Escola de Uppsala, na Suécia, que levaram à proposição de um modelo comportamental para explicar o

processo de internacionalização de empresas. Neste modelo, a distância psíquica surgiu como um dos fatores-chave para a explicação do fenômeno.

Os primeiros autores desta Escola a definirem o conceito foram Vahlne e Wiedersheim-Paul (1973, apud Evans, Treadgold e Mavondo, 2000b, p.376), que caracterizaram distância psíquica em termos dos “fatores que previnem ou perturbam o fluxo de informação entre os potenciais e reais fornecedores e consumidores”. Em seguida, Johanson e Wiedersheim-Paul (1975, p.307) propuseram que a distância psíquica poderia ser entendida como “a soma de fatores que impedem ou perturbam o fluxo de informação entre a empresa e os mercados”. Por sua vez, Hallén e Wiedersheim-Paul (1993, p.293)² definiram a distância psíquica como “uma medida da dificuldade que o vendedor tem de perceber ou estimar as necessidades do comprador, ou a dificuldade correspondente que o comprador experimenta para perceber a oferta do vendedor”. Posteriormente, os autores ampliaram o conceito para “diferença nas percepções entre comprador e vendedor considerando necessidade ou oferta” (HALLÉN e WIEDERSHEIM-PAUL, 1984, p.17). Para os autores, a distância psíquica poderia ocorrer no nível nacional (afinidade cultural), no nível organizacional (a partir do estabelecimento de confiança) e no nível individual (com base em fatores relacionados à experiência individual). Nördstrom e Vahlne (1994, p.42), por fim, elaboraram o conceito ao incluir a aprendizagem como aspecto central. Para eles, a distância psíquica seria constituída pelos “fatores que impedem ou perturbam o aprendizado das empresas e o entendimento sobre o ambiente externo”. Para os autores, a distância psíquica seria uma variável importante na compreensão da dinâmica do processo de internacionalização.

² Originalmente publicado em 1979: HALLÉN, L., WIEDERSHEIM-PAUL, F., *Psychic Distance and Buyer-Seller Interaction*. *Organisasjon, Marked og Samfund* 16(5), 1979.

Outros autores, ainda que não pertencentes à Escola de Uppsala, propuseram definições que seguem essencialmente a mesma linha. Por exemplo, Ford (1984, p.102) definiu a distância psíquica como “o grau em que normas e valores de duas empresas diferem, dadas as suas características nacionais individuais”. Reid (1986, apud Shoham, Rose e Albaum, 1995, p.13) descreveu a distância psíquica como um construto-síntese, que incluiria “a importância percebida da similaridade cultural em diferentes dimensões tais como idioma, hábitos de negócios, ambiente cultural, ambiente legal etc.” Por sua vez, Kogut e Singh (1988, p.413) conceituaram a distância psíquica como “o grau em que a empresa está incerta quanto às características do mercado estrangeiro”. Shoham, Rose e Albaum (1995, p.13) utilizaram a expressão distância psicológica para indicar a distância psíquica que, para eles, seria “um construto-síntese que representa a dissimilaridade percebida entre os mercados estrangeiro e doméstico”. Swift (1999) considerou a distância psíquica como fenômeno individual, altamente subjetivo, resultante da interpretação de informações existentes. Para ele, a distância psíquica seria “altamente subjetiva em termos de experiência pessoal e sistemas de valor”, observando que, “como os sistemas de valor são produto da própria cultura, pode-se argumentar que a cultura tem influência na percepção” (SWIFT, 1989, p.182).

Na mesma linha, Clark e Pugh (2001, p. 286) definiram distância psíquica como “fatores que previnem ou perturbam o fluxo de informação entre a empresa e o país de destino, incluindo fatores de linguística, institucionais, culturais e políticos”; e Celaya e Swift (2006, p.231) afirmaram que a distância psíquica faz referência ao “grau / extensão da diferença que as pessoas de uma cultura percebem entre elas e as pessoas de outra cultura”. Arenius (2005, p.115) sugeriu

que as perturbações no fluxo de informação seriam tanto mais problemáticas quanto maior fosse a distância psíquica.

Alguns autores salientaram a importância da dimensão 'distância de negócios' no construto da distância psíquica. O'Grady e Lane (1996) chamaram a atenção para o fato de que a definição de distância psíquica varia fortemente na literatura, dependendo do modo pelo qual o conceito é operacionalizado. Para eles, "... a distância psíquica é definida (...) como o grau de incerteza da empresa sobre o mercado estrangeiro resultante de diferenças culturais e outras dificuldades de negócios que representam barreiras para compreensão do mercado e a operação no mesmo" (O'GRADY e LANE, 1996, p.330). Os autores afirmaram ser o conceito de distância psíquica mais amplo do que a simples diferença cultural, considerando que "fatores de negócios, tais como os ambientes legal e competitivo, precisam ser incluídos na conceituação da distância no processo de internacionalização" (p.328).

Para Fletcher e Bohn (1998, p.49), "a distância psíquica é questão de percepção – é uma distância na mente dos indivíduos e a distância percebida depende da maneira como os indivíduos vêem o mundo". As percepções dos administradores seriam influenciadas por suas experiências demográficas, suas viagens anteriores a outros países, seus conhecimentos das diferenças culturais associadas à prática de negócios e sua capacidade de administração. O construto refletiria "a disposição (ou ausência dela) para entender os negócios de um mercado externo específico" (FLETCHER e BOHN, 1998, p.49).

Evans, Treadgold e Mavondo (2000b, p. 376) afirmaram que a distância psíquica representaria "um processo mental, em termos da percepção e compreensão das

diferenças de cultura e de negócios” e definiram o termo como “a distância entre o mercado de origem e o mercado de destino resultado da percepção e compreensão das diferenças culturais e de negócios” (p. 377-378). Evans e Mavondo (2002a, p. 517) reforçaram esta afirmação caracterizando a distância psíquica como “a distância entre o mercado de origem e o mercado externo resultante da percepção das diferenças culturais e de negócios”. Para os autores, esta definição ajudaria a esclarecer inconsistências em pesquisas anteriores:

“A distância cultural tem recebido maior atenção na literatura internacional de negócios e é, em geral, bem entendida. A dimensão ‘distância de negócios’ da distância psíquica, entretanto, tem sido negligenciada em algumas medidas. As diferenças entre os mercados doméstico e estrangeiro acerca do ambiente legal e político, ambiente econômico, estrutura do mercado, prática de negócios e idioma são elementos essenciais da distância psíquica” (EVANS e MAVONDO, 2002a, p.520).

Baack e Baack (2006, p.229) conceituaram o termo como “a agregação das distâncias nacional e de negócios sendo processada através da experiência individual”. Os autores combinaram, em sua definição, a percepção individual e as diferenças culturais e de negócios entre países.

Embora as inúmeras definições propostas girem em torno de um eixo comum, compatível com a proposta inicial dos teóricos de Uppsala, não há pleno consenso sobre como definir o fenômeno. Na tabela 2.1 apresentam-se as principais definições de distância psíquica encontradas na literatura.

Tabela 2.1 – Principais definições de distância psíquica (em ordem cronológica)

Autores	Definição
Vahlne e Wiedersheim-Paul (1973) apud Evans, Treadgold e Mavondo (2000b, p.376)	“fatores que previnem ou perturbam o fluxo de informação entre os potenciais e reais fornecedores e consumidores”.
Johanson e Wiedersheim-Paul (1975, p.307)	“a soma de fatores que impedem ou perturbam o fluxo de informação entre a empresa e os mercados”.
Hallén e Wiedersheim-Paul (1993, p.293)	“uma medida da dificuldade que o vendedor tem de perceber ou estimar as necessidades do comprador, ou a dificuldade correspondente que o comprador experimenta para perceber a oferta do vendedor”.
Hallén e Wiedersheim-Paul (1984, p.17)	“diferença nas percepções entre comprador e vendedor considerando necessidade ou oferta”.
Ford (1984, p.102)	“o grau em que normas e valores de duas empresas diferem dadas as suas características nacionais individuais”.
Reid (1986, p.18)	“a importância percebida da similaridade cultural em diferentes dimensões tais como idioma, hábitos de negócios, ambiente cultural, ambiente legal, etc.”.
Kogut e Singh (1988, p.413).	“o grau em que a empresa está incerta das características do mercado estrangeiro”.
Nördstrom e Vahlne (1994, p.42)	“fatores que impedem ou perturbam o aprendizado das empresas e o entendimento sobre o ambiente externo”.
Shoham, Rose e Albaum (1995, p.13)	“um construto resumido que representa a dissimilaridade percebida entre os mercados estrangeiro e doméstico”.
O’Grady e Lane (1996, p.330)	“o grau de incerteza da empresa sobre o mercado estrangeiro resultando em diferenças culturais e outras dificuldades de negócios que apresentam barreiras para a compreensão sobre o mercado e a operação no mesmo”.

Tabela 2.1 – Principais definições de distância psíquica (em ordem cronológica)
(continuação)

Autores	Definição
Fletcher e Bohn (1998, p.49)	“disposição (ou ausência dela) para entender os negócios de um específico mercado estrangeiro”.
Lee (1998, p. 337)	“diferenças percebidas entre o país de origem e o país de destino”.
Swift (1999, p. 182)	“altamente subjetiva em termos das experiências pessoais e dos sistemas de valor ... [que são] produto da própria cultura”.
Evans, Treadgold e Mavondo (2000b, p. 377-378)	“a distância entre o mercado de origem e o mercado estrangeiro resultado da percepção e compreensão das diferenças culturais e de negócios”.
Clark e Pugh (2001, p. 286)	“os fatores que previnem ou perturbam o fluxo de informação entre a empresa e o país de destino, incluindo fatores de linguística, institucionais, culturais e políticos”.
Evans e Mavondo (2002a, p. 517; 2002b, p. 309), Evans, Mavondo e Bridson (2008, p. 33)	“a distância entre o mercado de origem e o mercado estrangeiro resultado da percepção das diferenças culturais e de negócios”.
Evans e Mavondo (2002a, p. 520)	“as diferenças entre os mercados doméstico e estrangeiro acerca do ambiente legal e político, ambiente econômico, estrutura do mercado, prática de negócios e idioma”.
Arenius (2005, p.115)	“os fatores, tais como diferenças no idioma, práticas culturais e de negócios, que previnem ou perturbam o fluxo de informação entre a empresa e o mercado”.
Celaya e Swift (2006, p.231)	“grau / extensão da diferença que as pessoas de uma cultura percebem entre elas e as pessoas de outra cultura”.
Baack e Baack (2006, p.229)	“a agregação das distâncias nacional e de negócios sendo processada através da experiência individual”.

2.1.2 Elementos Constituintes das Definições de Distância Psíquica

De modo a obter melhor entendimento dos pontos comuns e diferenças entre os vários conceitos de distância psíquica examinados, procedeu-se a uma análise de conteúdo das definições e conceituações. Nesta análise, procurou-se extrair quais seriam os elementos constituintes das definições, que foram classificados em quatro elementos básicos:

- Se a distância psíquica decorreria da ação conjunta de certos fatores ou se seria um construto-síntese;
- O que causaria a distância psíquica;
- Que tipos de fatores a impactariam; e
- Entre que unidades (indivíduos, organizações, países) ocorreria.

Os elementos constituintes das várias conceituações existentes na literatura são apresentados na Tabela 2.2.

Tabela 2.2 – Elementos Extraídos das Conceituações de Distância Psíquica

Elemento 1 – Conjunto de fatores ou construto-síntese ...	
Construto-síntese/ grau	Reid (1986); Kogut e Singh (1988); Shoham, Rose e Albaum (1995); O'Grady e Lane (1996); Celaya e Swift (2006); Baack e Baack (2006)
Fatores	Vahlne e Wiedersheim-Paul (1973); Johanson e Wiedersheim-Paul (1975); Hallén e Wiedersheim-Paul (1979); Nordström e Vahlne (1994); Swift (1999); Clark e Pugh (2001); Arenius (2005)

Tabela 2.2 – Elementos Extraídos das Conceituações de Distância Psíquica
(continuação)

Elemento 2 – ...constituído por...	
Fatores/barreiras que impedem, dificultam ou perturbam o fluxo de informação/ o aprendizado;	Linnemann (1966); Vahlne e Wiedersheim-Paul (1973); Johanson e Wiedersheim-Paul (1975); Nordström e Vahlne (1994); O'Grady e Lane (1996); Clark e Pugh (2001); Arenius (2005); Brewer (2007a, 2007b).
diferenças/ dissimilaridade percebidas	Hallén e Wiedersheim-Paul (1984); Reid (1986); Shoham, Rose e Albaum (1995); Evans, Treadgold e Mavondo (2000b); Evans e Mavondo (2002a); Celaya e Swift (2006)
percepções de risco/ incerteza	Linnemann (1966); Kogut e Singh (1988); O'Grady e Lane (1996)
Elemento 3 - ... tais como/decorrentes de ...	
distância geográfica	Beckerman (1956); Gruber, Mehta e Vernon (1970); Leamer (1974); Johanson e Wiedersheim-Paul (1975); Dow (2000); Brewer (2007a, 2007b)
diferenças culturais/ diferenças de valores	Johanson e Wiedersheim-Paul (1975); Hallén e Wiedersheim-Paul (1979); Reid (1986); O'Grady e Lane (1996); Evans, Treadgold e Mavondo (2000b); Clark e Pugh (2001); Evans e Mavondo (2002a); Arenius (2005)
problemas de comunicação	Johanson e Wiedersheim-Paul (1975)
diferenças de idioma	Johanson e Wiedersheim-Paul (1975); Hallén e Wiedersheim-Paul (1979); Reid (1986); Clark e Pugh (2001); Evans e Mavondo (2002a); Arenius (2005)
diferenças sociais	Johanson e Wiedersheim-Paul (1975)
diferenças no sistema político	Hallén e Wiedersheim-Paul (1979); Clark e Pugh (2001); Evans e Mavondo (2002a)
diferenças no ambiente econômico	Evans e Mavondo (2002a)
diferenças no ambiente legal	Reid (1986); Evans e Mavondo (2002a)

Tabela 2.2 – Elementos Extraídos das Conceituações de Distância Psíquica
(continuação)

Elemento 3 - ... tais como/ decorrentes de ...	
diferenças institucionais	Clark e Pugh (2001)
diferenças no nível de educação	Hallén e Wiedersheim-Paul (1979)
diferenças no desenvolvimento industrial	Hallén e Wiedersheim-Paul (1979)
diferenças nas práticas de negócios	Reid (1986); O'Grady e Lane (1996); Fletcher e Bohn (1998); Evans, Treadgold e Mavondo (2000b); Evans e Mavondo (2002a, 2002b); Arenius (2005); Baack e Baack (2006)
diferenças nas características/ estrutura do mercado	Kogut e Singh (1988); Evans e Mavondo (2002a)
diferenças entre a oferta do vendedor e a necessidade do comprador	Hallén e Wiedersheim-Paul (1984)
Elemento 4 - ... entre ...	
país de origem e país de destino	Johanson e Wiedersheim-Paul (1975); Lee (1998)
mercado doméstico e mercado estrangeiro	Shoham, Rose e Albaum (1995); Evans e Mavondo (2002a)
empresa e mercado estrangeiro/ fornecedores e clientes/ vendedores e compradores	Vahlne e Wiedersheim-Paul (1973); Hallén e Wiedersheim-Paul (1979); Hallén e Wiedersheim-Paul (1984); Kogut e Singh (1988); Nordström e Vahlne (1994); O'Grady e Lane (1996); Arenius (2005)
empresa e país de destino	Clark e Pugh (2001)
pessoas de uma cultura e pessoas de outra cultura	Baack e Baack (2006)

Um exame da Tabela 2.2 mostra falta de precisão e de consistência na conceituação do construto distância psíquica, como encontrado na literatura.

Com relação ao Elemento 1, verifica-se uma dicotomia entre a visão da distância psíquica como construto-síntese ou como conjunto de fatores. Há certo equilíbrio no que se refere ao número de trabalhos em que predomina uma ou outra visão. Esta questão é extremamente relevante, por implicar diferenças radicais na forma de medição. A idéia de um construto-síntese significa que, ao perceber a diferença entre o próprio país e outro, o indivíduo não acessaria os fatores responsáveis pela diferença, a partir dos quais emitiria um julgamento, mas teria uma visão holista do todo, que se traduziria em uma percepção de maior ou menor diferença entre o país de origem e o país estrangeiro. Esta visão, originalmente formulada por Reid (1986), encontrou diversos seguidores. Por outro lado, a idéia de a distância psíquica ser um conjunto de fatores implica que sua medição deveria incluir tais fatores. Assim, a distância psíquica consistiria de uma medida agregada dos fatores de diferença entre o país de origem e o país estrangeiro. Esta última visão é partilhada pelos autores da Escola de Uppsala e seus seguidores.

Quanto ao Elemento 2, as diferenças de conceituação são menos drásticas. Alguns autores são bastante explícitos ao notar que a distância psíquica seria constituída por 'fatores que impedem, dificultam ou perturbam o fluxo de informação ou o aprendizado' (também chamados de 'barreiras'), enquanto outros se referem apenas a diferenças ou dissimilaridade percebidas, e outros ainda à resultante das diferenças, que seriam as 'percepções de risco' e a 'incerteza'.

O Elemento 3 consiste unicamente de listas parciais de elementos do ambiente em que se manifestariam as diferenças.

Finalmente, o Elemento 4 mostra diferentes visões do nível em que ocorre a distância psíquica: nível nacional (entre países, culturas, ou mercados); nível organizacional (entre empresa e mercado, ou entre empresa e clientes), nível individual (entre pessoas de uma cultura e de outra).

Esta análise permite compor a Tabela 2.3, com os elementos na conceituação da distância psíquica e as alternativas existentes na literatura.

Tabela 2.3 – Elementos na Conceituação do Construto Distância Psíquica

Natureza	Fontes	Discriminação dos Fatores	Nível de Ocorrência
Construto-síntese Conjunto de fatores	Barreiras percebidas Diferenças percebidas Risco/incerteza percebidos	Distância geográfica Macroambiente Cultura Idioma Ambiente de negócios	Nacional Organizacional Individual

2.1.3 Conceituação de Distância Cultural

Para estudar o construto da distância psíquica, é necessário examinar outro conceito-chave, que é a distância cultural. Os dois conceitos – distância psíquica e distância cultural – têm sido alvo de estudos e aplicações na teoria de internacionalização de empresas, sendo vistos às vezes como parcialmente distintos, às vezes como intercambiáveis:

“A distância psíquica e a distância cultural são utilizadas como variáveis-chave na explicação da expansão para mercados externos e do comércio internacional. Supõe-se que as diferenças culturais entre o mercado doméstico e o mercado

estrangeiro criam uma distância que influencia a atividade da empresa na arena internacional”. (SOUSA, 2003, p. 50)

Da mesma forma que o construto de distância psíquica, a distância cultural tem merecido grande atenção na literatura de Negócios Internacionais (KOGUT e SINGH, 1988; BARKEMA, BELL e PENNING, 1996; SHENKAR, 2001), sendo conceituada e operacionalizada de formas distintas, por vezes confundindo-se com o conceito de distância psíquica.

Segundo Luostarinen (1980, p. 131-132), distância cultural pode ser definida como “a soma de fatores que criam, por um lado, a necessidade de conhecimento, e por outro lado, barreiras para o fluxo de conhecimento e então também para outros fluxos entre os países de origem e destino”. Esta definição aproxima-se bastante de algumas definições de distância psíquica anteriormente examinadas. Barkema, Shenkar, Vermeulen e Bell (1997, p.427-428), assim como Benito e Grispsrud (1992, p.467), utilizaram a definição de distância cultural de Luostarinen (1980). Da mesma forma, Lee (1998) referiu-se às diferenças percebidas entre o país de origem e o país de destino utilizando a expressão distância cultural. Segundo Lee (1998, p.9), a “distância cultural refere-se à percepção da distância sócio-cultural do comerciante internacional entre o país de origem e de destino em termos do idioma, práticas de negócio, sistemas legal e político e infraestrutura de marketing”. Afirmou ainda que “a distância cultural de um exportador refere-se à percepção subjetiva da diferença entre o país de origem e do país importador”. Pode-se notar que, apesar de o autor utilizar o termo distância cultural, o fenômeno é verificado no plano do indivíduo (gerente, exportador) e não no plano coletivo, característico do fenômeno cultural.

Referindo-se, por sua vez, ao nível organizacional, Folta e Ferrier (2000, p.181) definiram distância cultural como “o grau em que a cultura do país de origem de uma empresa investidora é dissimilar com relação à cultura do mercado de destino e das empresas que lá operam”.

Clark e Pugh (2001, p.296), por sua vez, viram a distância cultural como fenômeno coletivo, ao defini-la como “o grau de diferença entre os conglomerados (*clusters*) culturais a que pertencem o país estrangeiro e o país de origem”. Segundo Kogut e Singh (1988), a distância cultural nada mais é do que o grau em que as normas culturais em um país diferem das normas adotadas em outro. De forma similar, Drogendijk e Slangen (2006, p.362) definiram a distância cultural nacional como “a extensão em que as normas e valores compartilhados em um país diferem daquelas em outros” e Sousa e Bradley (2006, p.52) como “o grau em que os valores culturais em um país são diferentes daqueles em outro país”. Para Benbunan-Fich, Hiltz e Ocker, (2006, p.284) a distância cultural “refere-se à medida em que os membros da equipe³ são provenientes de uma mesma formação de cultura nacional.”

Já para Raza, Singh e Dutt (2002, p. 293), a distância cultural é definida “como a distância que a visão de mundo, atitude, percepção, ou idéia, gerada dentro de um contexto cultural, viaja em uma escala de tempo para sua democratização dentro da estrutura do pensamento de outro grupo cultural”.

Na tabela 2.4 apresentam-se as principais definições de distância cultural encontradas na literatura.

³ O autor refere-se à equipe como time de desenvolvimento de projeto.

Tabela 2.4 – Resumo das principais definições de distância cultural

Autores	Definição
Luostarinen (1980, p. 131-132); Benito e Grispsrud (1992, p.467); Barkema, Shenkar, Vermeulen e Bell (1997, p.427-428)	“a soma de fatores que criam, por um lado, a necessidade de conhecimento, e por outro lado, barreiras para o fluxo de conhecimento e então também para outros fluxos entre os países de origem e destino”.
Lee (1998, p. 9)	“percepção da distância sócio-cultural do comerciante internacional entre o país de origem e de destino em termos do idioma, práticas de negócio, sistemas legal e político e da infraestrutura de marketing” (...) “especificamente, a distância cultural de um exportador refere-se à percepção subjetiva da diferença entre o país de origem e do país importador”
Folta e Ferrier (2000, p.181)	“o grau em que a cultura do país de origem de uma empresa investidora é dissimilar da cultura do mercado do país de destino e das empresas que lá operam.”
Clark e Pugh (2001, p.296)	“o grau de diferença entre os conglomerados (cluster) culturais aos quais pertencem o país estrangeiro e o país de origem”.
Raza, Singh e Dutt (2002, p. 293)	“a distância que a visão de mundo, atitude, percepção, ou idéia, gerada dentro de um contexto cultural, viaja em uma escala de tempo para sua democratização dentro da estrutura do pensamento de um outro grupo cultural”.
Berbunan-Fich, Hiltz e Ocker, (2006, p.284)	“refere-se à medida em que os membros da equipe são provenientes de uma mesma formação de cultura nacional.”
Drogendijk e Slangen (2006, p.362)	“a extensão na qual normas e valores compartilhados em um país diferem daqueles em outros.”
Sousa e Bradley (2006, p.52)	“o grau em que os valores culturais em um país são diferentes daqueles em outro país”.

2.1.4 Elementos constituintes das definições de Distância Cultural

De forma similar ao que foi feito com relação à conceituação de distância psíquica, foi realizada uma análise dos elementos constituintes das várias definições de distância cultural existentes na literatura. Estes elementos são apresentados na Tabela 2.5.

Foram excluídas desta análise aquelas definições que consideram o construto da distância cultural como idêntico, equivalente, ou *proxy* do construto da distância psíquica (KOGUT e SINGH, 1988; BENITO e GRIPSRUD, 1992; FLETCHER e BOHN, 1998; LEE, 1998; ERIKSSON, MAJKGARD e SHARMA, 2000), já que a maioria dos autores considera tal interpretação incorreta.

Tabela 2.5 – Elementos Extraídos das Definições de Distância Cultural

Elemento 1 – Grau ...	
grau / medida / extensão	Folta e Ferrier (2000); Clark e Pugh (2001); Raza, Singh e Dutt (2002); Sousa e Bradley (2006); Berbunan-Fich, Hiltz e Ocker (2006); Drogendijk e Slangen (2006)
Elemento 2 – ... constituído por ...	
diferença /dissimilaridade percebida	Clark e Pugh (2001); Folta e Ferrier (2000); Drogendijk e Slangen (2006); Sousa e Bradley (2006)
similaridade percebida/ mesma formação de cultura	Raza, Singh e Dutt (2002); Berbunan-Fich, Hiltz e Ocker (2006)
Elemento 3 - ... tais como/decorrentes de ...	
cultura / normas / valores	Folta e Ferrier (2000); Clark e Pugh (2001); Raza, Singh e Dutt (2002); Berbunan-Fich, Hiltz e Ocker (2006); Drogendijk e Slangen (2006); Sousa e Bradley (2006)

Tabela 2.5 – Elementos Extraídos das Definições de Distância Cultural
(continuação)

Elemento 4 - ... entre ...	
países de origem e destino / país estrangeiro e país de origem	Luostarinen (1980); Benito e Grispsrud (1992); Barkema, Shenkar, Vermeulen e Bell (1997); Folta e Ferrier (2000); Drogendjik e Slangen (2006); Sousa e Bradley (2006).
conglomerados (<i>clusters</i>) culturais	Clark e Pugh (2001)

Excluindo-se os autores que consideram distância psíquica e distância cultural como intercambiáveis, verifica-se bastante homogeneidade nas definições de distância cultural.

Com relação ao Elemento 1, verifica-se que a distância cultural é vista como construto-síntese, embora seja normalmente operacionalizada como um índice composto por várias dimensões culturais.

Quanto ao Elemento 2, também há bastante consistência nas definições. Quando eliminadas as definições de autores que vêem os dois construtos como equivalentes ou *proxies*, a distância cultural é vista unicamente como resultado de diferenças ou semelhanças percebidas.

Quanto ao Elemento 3, quando excluídos os trabalhos que consideram os dois construtos equivalentes ou *proxies*, há consenso entre os autores quanto a que a distância cultural incluiria normas e valores culturais.

Finalmente, o Elemento 4 mostra que a dimensão cultural ocorre entre países, mercados e culturas, ou seja, trata-se de fenômeno coletivo e não individual. Há quase consenso entre os autores quanto a considerar o nível nacional.

Esta análise permite compor a Tabela 2.6, com as dimensões de conceituação da distância cultural na literatura.

Tabela 2.6 – Dimensões na Conceituação do Construto Distância Cultural

Natureza	Fontes	Discriminação dos Fatores	Nível de Ocorrência
Construto-síntese	Diferenças percebidas Dissimilaridades	Valores, Normas	Nacional

2.1.5 Comparação dos conceitos de Distância Psíquica e de Distância Cultural

Como observado, alguns autores consideram o domínio conceitual dos construtos ‘distância cultural’ e ‘distância psíquica’ equivalente, enquanto outros simplesmente operacionalizaram a distância cultural como *proxy* da distância psíquica (KOGUT e SINGH, 1988; BENITO e GRIPSRUD, 1992; FLETCHER e BOHN, 1998; LEE, 1998; ERIKSSON, MAJKGARD e SHARMA, 2000). Por exemplo, Benito e Gripsrud (1992) referem-se à distância cultural como a distância entre o mercado doméstico e exportador medida por diferenças de idioma, valores, sistema político etc., descrevendo, assim, uma das possíveis operacionalizações da distância psíquica na literatura. Ou seja, apesar de medirem o construto como ‘distância psíquica’, referem-se ao mesmo como ‘distância cultural’.

Por sua vez, Fletcher e Bohn (1998) afirmaram que o construto ‘distância psíquica’ incluiria outros aspectos além da distância cultural. Para os autores, a distância psíquica se baseia em percepções culturalmente transmitidas, que explicariam as distâncias percebidas entre a empresa e os mercados

exportadores e, desta forma, influenciariam o processo de internacionalização da empresa. Apesar de admitirem haver diferenças entre os dois conceitos, os autores utilizaram a distância cultural como *proxy* para a distância psíquica.

No entanto, a maior parte dos pesquisadores sugeriu que a distância cultural seria apenas uma dimensão da distância psíquica. Por exemplo, Nördstrom e Vahlne (1994) afirmaram que a distância psíquica e a distância cultural capturariam fenômenos distintos, ainda que superpostos. Para Nördstrom e Vahlne (1994), a distância psíquica incluiria, além da distância cultural, uma dimensão relativa à dificuldade de fazer negócios. Por sua vez, O'Grady e Lane (1996) sugeriram que a distância psíquica, além das diferenças culturais, incluiria outros fatores de negócios, tais como a estrutura industrial e o ambiente competitivo.

Diversos pesquisadores advertiram para o fato de uma equivalência dos construtos ser teoricamente incorreta. Por exemplo, Clark e Pugh (2001) argumentaram que reinterpretar a distância psíquica como distância cultural seria um estreitamento do conceito original da Escola de Uppsala. Os autores lembraram ser a diferença entre a cultura do país de origem e de destino apenas um dos aspectos do conceito proposto pelos teóricos de Uppsala. Por sua vez, Sousa e Bradley (2006, p.51) argumentaram que, se “as distâncias cultural e psíquica são reconhecidas como conceitualmente distintas, a suposição de equivalência que alguns pesquisadores fazem (...) quanto a serem os dois conceitos intercambiáveis deve ser considerada inexata”. Hilal e Hemais (2003) constataram que várias vezes os termos ‘distância psíquica’ e ‘distância cultural’ são usados indiscriminadamente como sinônimos, embora o primeiro seja mais amplo, uma vez que inclui uma dimensão de preocupação com as dificuldades inerentes aos negócios, ausente no conceito puro de distância cultural.

Para Evans, Treadgold e Mavondo (2000b), a distinção entre distância cultural e distância psíquica pode ser feita tomando-se por base a forma pela qual os dois conceitos têm sido frequentemente operacionalizados. De acordo com os autores, distância cultural tem sido medida utilizando-se as dimensões de cultura nacional de Hofstede, enquanto distância psíquica tem sido operacionalizada considerando as diferenças de idioma, práticas de negócios, sistema político e legal, educação, desenvolvimento econômico, infraestrutura de marketing, estrutura industrial e cultura.

Para Dow e Karunaratna (2006), pode-se argumentar teoricamente que a distância cultural é apenas uma dimensão da distância psíquica. De fato, Dow (2000) verificou que a distância cultural, operacionalizada por meio da escala de valores culturais de Hofstede e usada isoladamente, mostrava fraca validade preditiva, quando comparada a medidas mais completas de distância psíquica, que incorporavam outras dimensões além da distância cultural.

Também Brewer (2007a) advogou a importância de a pesquisa de distância psíquica medir mais do que simplesmente as diferenças culturais. Para o autor, embora a cultura possa desempenhar papel relevante nas operações internacionais, não haveria evidências conclusivas de ser a cultura o elemento central, ou a dimensão mais importante da distância psíquica. Em apoio a esta afirmativa, o autor ressaltou que muitos estudos que consideraram o papel da cultura na seleção do mercado internacional e em outras práticas de negócios enfrentaram dificuldades para evidenciar ser a distância cultural um fator influenciador da direção, desempenho e modo de entrada de negócios internacionais. Em sua opinião, apesar de o conceito estar muito incorporado à

pesquisa de negócios internacionais, continuaria sendo usado de maneira excessivamente simplista.

2.1.6 Dimensões da Distância Psíquica

A compreensão de como os diferentes fatores podem impactar a distância psíquica é importante porque o entendimento de tais fatores pode ajudar a compreender o fenômeno e indicar a maneira de gerenciá-lo (EVANS, TREADGOLD e MAVONDO, 2000b).

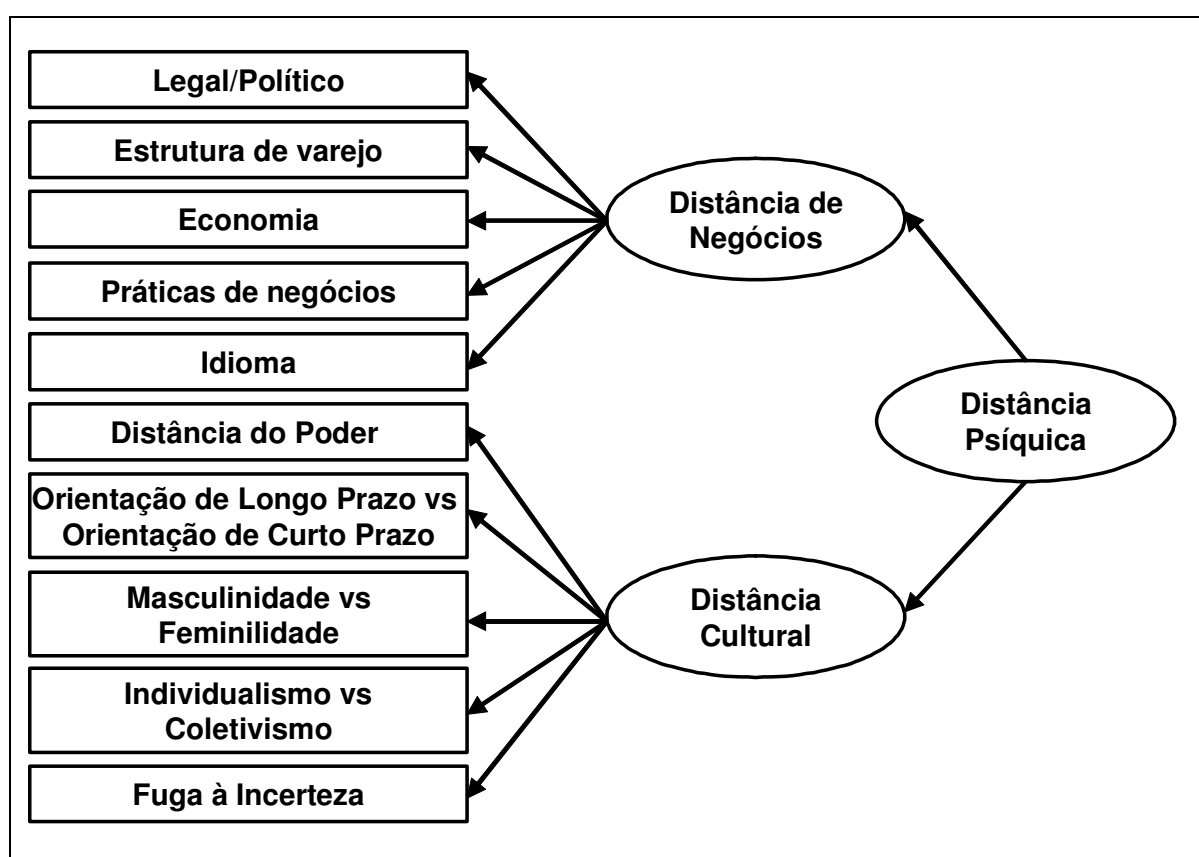
Evans e Mavondo (2002a e 2002b), seguindo as orientações dominantes na literatura, sugeriram um modelo conceitual da distância psíquica, com duas dimensões: distância de negócios e distância cultural. A distância de negócios seria formada por cinco dimensões: (i) sistema legal/político, (ii) estrutura de varejo, (iii) economia, (iv) práticas de negócios e (v) idioma. A distância cultural seria formada por outras cinco dimensões, baseadas nas dimensões culturais de Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988): (i) distância do poder, (ii) fuga à incerteza, (iii) individualismo vs coletivismo, (iv) masculinidade vs feminilidade e (v) orientação de longo prazo vs orientação de curto prazo.

Na figura 2.1, apresenta-se uma ilustração do modelo proposto pelos autores.

De acordo com Baack e Baack (2006), a distância psíquica pode ser vista como medida agregada formada pela distância nacional e pela distância de negócios, sendo processada pelas experiências individuais. Para os autores, a distância psíquica pode ser separada em duas partes: 'distância' e 'psíquica'. A parte 'distância' refere-se às diferenças entre os mercados doméstico e externo. Estas diferenças estariam presentes em ambos os níveis, nacional e de negócios, e

gerariam deficiências de conhecimento. No que se refere à outra parte – ‘psíquica’ – tais deficiências de conhecimento seriam processadas por meio das experiências individuais. Para os autores, o domínio conceitual do construto ‘distância psíquica’ vai além do de distância cultural, por incluir diferenças nacionais e diferenças de negócios, além do impacto das experiências e percepções individuais.

Figura 2.1 – Modelo de conceituação da Distância Psíquica de Evans e Mavondo.

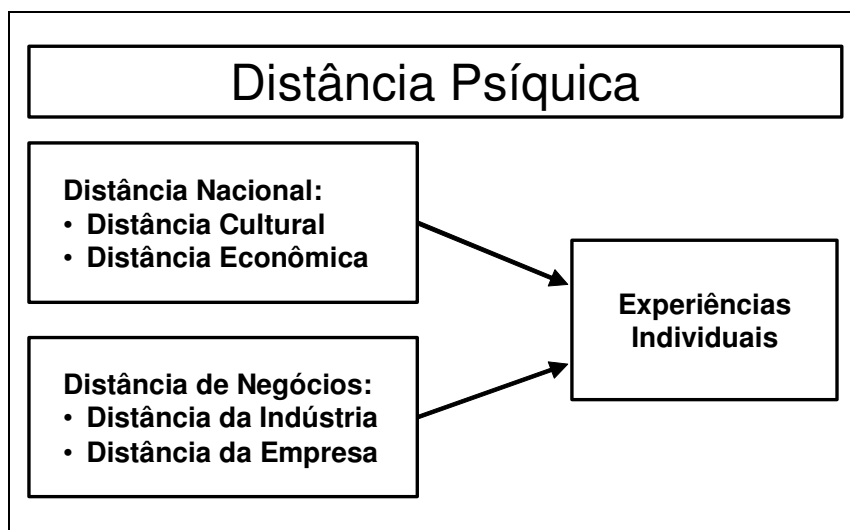


Fonte: Evans e Mavondo (2002b)

O modelo proposto por Baack e Baack (2006) inclui, então, três dimensões: (1) distância nacional, (2) distância de negócios e (3) experiências individuais. A distância nacional, por sua vez, é composta de duas partes: (1) distância cultural e (2) distância econômica. A distância de negócios é formada pela (1) distância da

indústria e (2) distância da empresa. Por fim, as duas primeiras dimensões seriam mediadas pelas experiências individuais, como pode ser visto na figura 2.2.

Figura 2.2 – Modelo de Distância Psíquica proposto por Baack e Baack

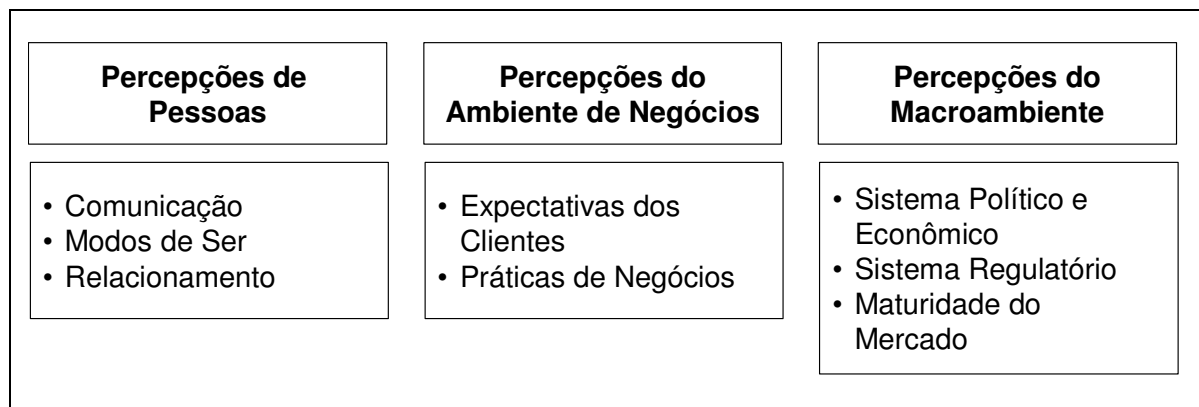


Fonte: Adaptado de Baack e Baack (2006)

Outro modelo foi proposto por Rocha, Silva e Carneiro (2007). Em pesquisa qualitativa realizada com empresários exportadores brasileiros, os autores identificaram um conjunto de fatores que explicaria as similaridades e diferenças percebidas entre o mercado estrangeiro e o mercado brasileiro. Segundo Rocha, Silva e Carneiro (2007), podem-se agrupar estes fatores em três grandes grupos de percepções que podem influenciar a distância psíquica: percepções de pessoas, percepções do ambiente de negócios e percepções do macroambiente. As percepções de pessoas seriam representadas por três fatores: (1) comunicação, (2) modo de ser e (3) relacionamentos. As percepções do ambiente de negócios seriam subdivididas em dois fatores: (1) expectativas dos clientes e (2) práticas de negócios. Por fim, percepções do macroambiente seriam constituídas por três fatores: (1) sistema político e econômico, (2) sistema

regulatório e (3) maturidade do mercado. A figura 2.3 resume as dimensões da distância psíquica propostos por Rocha, Silva e Carneiro (2007).

Figura 2.3 – Dimensões da Distância Psíquica.



Fonte: Rocha, Silva e Carneiro (2007)

Segundo Klein e Roth (1990), o *gap* (hiato) entre vendedores e compradores pode ser explicado por dimensões ‘rígidas’, tais como distância física, e dimensões ‘flexíveis’ relativas às diferenças em atitudes e percepções.

Desta forma, tomando-se por base a revisão de literatura, a distância psíquica pode ser composta por quatro grandes dimensões: (1) distância cultural, (2) distância de negócios, (3) distância do macroambiente e (4) distância física.

2.2 DIMENSÃO CULTURAL

A dimensão cultural da distância psíquica – também chamada ‘distância cultural’, ou ‘distância nacional’ – pode agora ser examinada de forma mais detalhada.

A diferença cultural é considerada fator-chave na explicação da atratividade dos mercados externos, padrões de expansão, grau de adaptação de estratégias de marketing e varejo, modos de entrada e desempenho organizacional (EVANS e

MAVONDO, 2001). Rocha (2004), por sua vez, verificou, através de entrevistas em profundidade com executivos brasileiros, que as diferenças culturais são percebidas como a maior fonte de problemas potenciais e conflitos em negócios internacionais.

2.2.1 Conceito de Cultura

Para compreender o construto distância cultural torna-se necessário recorrer à natureza do fenômeno que o construto pretende capturar. A literatura de Antropologia Social é fonte de diversas definições de cultura.

Para Linton (1945, p.30), a cultura “refere-se à forma total de viver de uma sociedade, e não apenas àqueles aspectos considerados pela sociedade como mais elevados ou mais desejáveis”. Em sua obra seminal, *The Interpretation of Cultures*, Geertz (1973, p. 5) utilizou um conceito semiótico de cultura, como ele mesmo o definiu, segundo o qual, sendo o homem “um animal suspenso em uma rede de significados que ele mesmo construiu”, a cultura é constituída exatamente por essas redes. A cultura se caracteriza por ser aprendida, compartilhada, adaptativa e integrada (EMBER e EMBER, 1985).

Na literatura de negócios internacionais, o conceito dominante é aquele sugerido por Hofstede (2001, p.9), que vê a cultura como “a programação coletiva da mente que distingue os membros de um grupo ou categoria de pessoas dos de outro”. Para ele, o sistema de valores é o elemento central da cultura. Os valores são invisíveis até que se tornem evidentes no comportamento, mas a cultura também se manifesta por valores visíveis, tais como símbolos, heróis e rituais, além de valores.

A Antropologia nunca se preocupou com a medição do fenômeno cultural. Muito ao contrário, esta ciência rejeita a idéia de que as culturas possam ser “medidas” e, por esta forma, comparadas. Isto se deve a que o objeto da Antropologia é muito mais a compreensão do fenômeno cultural, ou, na visão de Geertz, “das teias de significado” construídas pelos homens, sendo-lhe estranha a idéia de qualquer ação ou interferência sobre o mesmo. Geertz (1973, p.26) observou, especificamente, que a tarefa do desenvolvimento de teorias em Antropologia Social não é a de “codificar regularidades abstratas, mas de tornar possível a descrição densa, não para generalizar entre casos, mas para generalizar dentro dos casos”. Assim sendo, embora as contribuições desta ciência sejam úteis ao entendimento do fenômeno cultural, não fornecem subsídios quando se trata de “medir” tal fenômeno com o propósito de predizer comportamentos.

Desta forma, os pesquisadores em negócios internacionais necessitaram desenvolver seus próprios instrumentos para medir diferenças culturais. Como observaram Boyacigiller, Kleinberg, Phillips e Sackmann (1996), no contexto da literatura de negócios internacionais, a cultura é um fenômeno complexo, intangível e sutil, o que torna difícil sua medição. De fato, o estabelecimento de uma medida de aferição para a distância entre culturas tem-se apresentado como grande desafio aos pesquisadores de negócios internacionais.

Vários modelos foram desenvolvidos e utilizados para medir as diferenças ou semelhanças entre culturas. Os estudos mais conhecidos e utilizados sobre dimensões culturais foram realizados por Hofstede (1980, 2001), Hofstede e Bond (1988) e Schwartz (1992, 1994).

Discutem-se, a seguir, os principais desenvolvimentos teóricos e métodos para mensuração do fenômeno da distância cultural.

2.2.2 Dimensões culturais de Hofstede

Hofstede (1980) realizou uma pesquisa sobre valores relacionados ao trabalho, entre 1967 e 1969 e entre 1971 a 1973, com mais de 117.000 empregados da IBM trabalhando em 40 diferentes países. Obteve quatro dimensões estatisticamente independentes para explicar a variação, entre países, das respostas dos empregados ao seu questionário. Hofstede rotulou estas quatro dimensões como distância do poder, fuga à incerteza, individualismo/coletivismo e masculinidade/feminilidade. Para cada país, o autor calculou um escore que variava de 0 a 100 para cada uma das quatro dimensões.

A distância do poder refere-se ao quanto as pessoas acreditam e aceitam que poder e status encontram-se distribuídos desigualmente. A fuga à incerteza diz respeito ao quanto as pessoas se sentem ameaçadas pelo desconhecido ou por situações não estruturadas. O individualismo e seu oposto, o coletivismo, fazem referência ao grau em que a sociedade enfatiza o papel do indivíduo em oposição ao do grupo. Finalmente, masculinidade – em contrapartida a feminilidade – refere-se ao quanto a sociedade enfatiza os valores tradicionais masculinos, tais como competitividade, segurança, realização, ambição e rendimentos elevados, em oposição a valores femininos tais como afeto, solidariedade, colocar os relacionamentos antes do dinheiro, não se exhibir e preocupar-se com a qualidade de vida (HOFSTEDE, 1980).

Mais tarde, Hofstede e Bond (1988) encontraram uma quinta dimensão, a que chamaram 'dinamismo confuciano' ou 'orientação de longo prazo versus

orientação de curto prazo'. A orientação de longo prazo faz referência aos valores orientados para o futuro, tais como persistência e parcimônia, ao passo que orientação de curto prazo diz respeito aos valores orientados ao passado e presente, tais como o respeito às tradições e o cumprimento das obrigações sociais.

O trabalho de Hofstede foi criticado por reduzir a cultura a uma conceituação excessivamente simplista com 4 ou 5 dimensões, por limitar sua amostra a uma única empresa multinacional, por falhar na tentativa de capturar a maleabilidade da cultura através do tempo e por ignorar a heterogeneidade cultural dentro de um mesmo país (SIVAKUMAR e NAKATA, 2001). Apesar das críticas, no entanto, os pesquisadores na área de negócios internacionais privilegiaram o uso da estrutura de cinco dimensões culturais, possivelmente por sua clareza, parcimônia e repercussão junto às empresas (KIRKMAN, LOWE e GIBSON 2006).

2.2.3 Índices compostos usando as dimensões culturais de Hofstede

As dimensões culturais propostas por Hofstede foram combinadas por diversos autores em índices compostos. Kogut e Singh (1988) foram os primeiros a combinar as dimensões culturais de Hofstede em uma medida agregada da distância cultural entre países. Os autores criaram, a partir dos índices de Hofstede (1980), um índice composto formado pelos desvios de cada uma das quatro dimensões ('distância do poder', 'fuga à incerteza', 'individualismo/coletivismo' e 'masculinidade/feminilidade') de cada país, a partir do *ranking* do país de referência (no estudo de Kogut e Singh, os Estados Unidos). O índice composto de Kogut e Singh foi representado algebricamente conforme a fórmula a seguir.

$$CD_j = \sum_{i=1}^4 \{(I_{ij} - I_{iu})^2 / V_i\} / 4$$

onde: CD_j - representa a Distância Cultural do país j em relação ao país de referência (u);

I_{ij} - representa o índice para a $i^{\text{ésima}}$ dimensão cultural e $j^{\text{ésimo}}$ país;

I_{iu} - representa o índice para a $i^{\text{ésima}}$ dimensão cultural e o país de referência (u);

V_i - é a variância do índice da $i^{\text{ésima}}$ dimensão .

Fonte: Kogut e Singh, 1988.

Barkema e Vermeulen (1997) utilizaram uma adaptação desta fórmula algébrica de distância cultural incorporando ao somatório a quinta dimensão - dinamismo confuciano - de Hofstede e Bond (1988).

Vários estudos subsequentes utilizaram como medida da distância cultural a fórmula proposta por Kogut e Singh (1988), ou uma versão adaptada da mesma (ERRAMILI, 1991; BENITO e GRIPSRUD, 1992; ERRAMILI e RAO, 1993; CHO e PADMANABHAN, 1995; BARKEMA, BELL e PENNING, 1996; BARKEMA e VERMEULEN, 1997; BARKEMA, SHENKAR, VERMEULEN e BELL, 1997; GOMEZ-MEJIA e PALICH, 1997; FLETCHER e BOHN, 1998; MOROSINI, SHANE e SINGH, 1998; BROUHERS e BROUHERS, 2001).

Morosini, Shane e Singh (1998) estabeleceram outro índice composto utilizando as quatro dimensões de Hofstede (1980). Este índice é baseado nos desvios entre os escores das dimensões de Hofstede. O índice de Morosini, Shane e Singh é representado algebricamente conforme a fórmula a seguir.

$$CD_j = \sqrt{\sum_{i=1}^4 (I_{ij} - I_{iu})^2}$$

onde: CD_j - representa a Distância Cultural do país j em relação ao país de referência (u);

I_{ij} - representa o índice para a $i^{\text{ésima}}$ dimensão cultural e $j^{\text{ésimo}}$ país;

I_{iu} - representa o índice para a $i^{\text{ésima}}$ dimensão cultural e o país de referência (u).

Fonte: Morosini, Shane e Singh, 1998.

Para Morosini, Shane e Singh (1998), haveria duas vantagens principais em utilizar os escores das dimensões culturais de Hofstede na composição de um índice de distância cultural. A primeira vantagem seria a eliminação de um possível viés causado pelo entrevistado, ao ser questionado sobre seus valores culturais e o efeito desses valores sobre suas atitudes e comportamentos. Como o índice de Hofstede foi calculado a partir de outra amostra de indivíduos, o entrevistado só responderia sobre o efeito dos valores culturais sobre suas próprias atitudes e comportamentos, evitando-se a ocorrência do viés anteriormente mencionado. A segunda vantagem seria suprimir o problema da avaliação retroativa sobre a cultura nacional.

Barkema e Vermeulen (1997) utilizaram outro índice composto, a que chamaram de índice euclidiano. O índice é baseado na distância euclidiana entre dois pontos em um espaço multidimensional, cujas dimensões são as cinco dimensões culturais de Hofstede. O índice euclidiano de Barkema e Vermeulen é representado algebricamente a seguir:

$$CD_j = \sqrt{\sum_{i=1}^5 (I_{ij} - I_{iu})^2 / V_i}$$

onde: CD_j - representa a Distância Cultural do país j em relação ao país de referência (u);

I_{ij} - representa o índice para a $i^{\text{ésima}}$ dimensão cultural e $j^{\text{ésimo}}$ país;

I_{iu} - representa o índice para a $i^{\text{ésima}}$ dimensão cultural e o país de referência (u);

V_i - é a variância do índice da $i^{\text{ésima}}$ dimensão .

Fonte: Barkema e Vermeulen, 1997.

Alguns autores criticaram o uso de índices compostos a partir das quatro ou cinco dimensões culturais de Hofstede para medir a distância cultural. Apresentam-se a seguir algumas críticas encontradas na literatura.

- Simplificação Excessiva – Shenkar e Zeira (1992) argumentaram que um índice unidimensional poderia simplificar excessivamente a riqueza e a complexidade do conceito de distância cultural. Os autores, utilizando dados empíricos, mostraram que o uso agregado das dimensões culturais em uma medida de distância cultural pode não ser significativo na explicação de determinado fenômeno, mas uma ou mais dimensões culturais podem ser significativas na explicação deste mesmo fenômeno.
- Temporalidade da Medida – Evans e Mavondo (2001, 2002a, 2002b) criticaram o uso do índice composto de Kogut e Singh para medir a distância cultural, considerando-o de uso limitado. Os autores justificaram sua crítica pelo fato de as dimensões culturais de Hofstede terem sido obtidas, para cada país, no período de 1968 a 1972 e permanecerem as mesmas até hoje. Evans e Mavondo (2002a, 2002b) argumentaram que, se

por um lado a cultura nacional é um fenômeno relativamente estável e as dimensões de Hofstede mostraram-se estáveis ao longo do tempo, por outro lado, quase 30 anos depois, as várias mudanças sócio-políticas provavelmente teriam tido algum efeito na cultura dos diversos países.

- País de Referência da Medida – Ainda segundo Evans e Mavondo (2002a, 2002b), o método de cálculo da distância cultural sugerido por Kogut e Singh (1988) resultaria em um índice relativo aos Estados Unidos. Evans e Mavondo sugeriram que a maior parte das pessoas não usaria os Estados Unidos como referência para avaliar a distância cultural e propuseram que uma medida mais precisa da distância cultural deveria ser baseada nas diferenças entre o país de origem do indivíduo e o país estrangeiro. Esta crítica não é, porém, totalmente válida. Cabe ressaltar que diversos autores, fazendo uso da medida de distância cultural sugerida por Kogut e Singh (1988), substituíram os Estados Unidos, como país de referência, pelo país em estudo. Por exemplo, Barkema e Vermeulen (1997) e Drogendijk e Slangen (2006) utilizaram a Holanda como país de referência; Morosini, Shane e Singh (1998), a Itália; e Cho e Padmanabhan (1995), o Japão.
- Valores Mensurados – Evans e Mavondo (2002a, 2002b) criticaram também o fato de o resultado da medida de distância cultural ser baseado em valores relativos ao trabalho. Segundo eles, seria mais razoável acreditar que as diferenças entre países fossem originadas das percepções individuais relativas a valores e atitudes em um país estrangeiro.

Para superar algumas das limitações dos índices compostos para medir a distância cultural, Evans e Mavondo (2001, 2002a, 2002b) operacionalizaram a distância cultural como um construto de segunda ordem. Construtos expressam idéias centrais por trás de objetos relacionados (KERLINGER, 1973). São variáveis que expressam idéias mais abstratas, que não podem ser observadas diretamente, chamadas de latentes (CHURCHILL e IACOBUCCI, 2002) ou construtos (HAIR, BLACK, BABIN, ANDERSON e TATHAM, 2006). Assim, os construtos de segunda ordem são construtos dos construtos de primeira ordem, sendo estes últimos chamados simplesmente de 'construtos'.

A proposta de Evans e Mavondo (2001, 2002a, 2002b) foi substituir o índice composto de Kogut e Singh por um construto de segunda ordem composto pelas cinco dimensões culturais de Hofstede (construtos de primeira ordem). Ou seja, as cinco dimensões culturais de Hofstede (construtos de primeira ordem) seriam operacionalizadas por uma lista alternativa de atributos utilizada para representar as dimensões originais. Depois de agrupados os atributos formando os construtos de primeira ordem, novo agrupamento seria realizado formando o construto de segunda ordem, a distância cultural.

Os autores desenvolveram uma lista de itens alternativa para representar as cinco dimensões culturais de Hofstede ao invés de usarem os atributos originais. Segundo Evans e Mavondo (2001), isto foi feito para que os itens capturassem os aspectos dos valores e atitudes do país e não focassem especificamente os valores associados às relações de trabalho. Além disso, os itens foram adaptados para capturar a percepção das diferenças entre o país natal do respondente e o país estrangeiro.

Na tabela A1, em anexo, encontra-se um comparativo das cinco dimensões culturais de Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988) com as dimensões culturais utilizadas por Evans e Mavondo (2001, 2002a, 2002b).

2.2.4 Dimensões culturais de Schwartz

Para Drogendijk e Slangen (2006), a pesquisa sobre valores culturais de Schwartz superou a de Hofstede, por não sofrer das mesmas limitações. Schwartz (1992) identificou inicialmente, a partir da literatura, um conjunto de 56 valores culturais, cobrindo boa parte das dimensões de valores que explicariam a variação cultural entre países. Em seguida, examinou quais desses valores culturais teriam significado equivalente, reduzindo o número de variáveis culturais utilizáveis para 45 itens.

Schwartz realizou então uma pesquisa junto a professores e alunos de 67 países e calculou as médias dos escores para os 45 itens de cada um dos países. Utilizando uma técnica para redução de dimensionalidade, Schwartz identificou um número significativo e interpretável de dimensões ao longo das quais as culturas nacionais apresentavam diferenças. Este procedimento resultou em sete dimensões que o autor rotulou de: conservadorismo, autonomia intelectual, autonomia afetiva, hierarquia, domínio, comprometimento igualitário e harmonia (SCHWARTZ, 1994).

O conservadorismo é constituído por aqueles valores que são importantes nas sociedades rotuladas de coletivistas. Nestas sociedades parece existir uma preferência pela preservação e enquadramento dentro do ambiente social e material. Isso é enfatizado por valores que acentuam a importância da manutenção do status quo, da segurança, da conformidade e da tradição.

Em contrapartida ao conservadorismo, encontram-se os dois aspectos da autonomia, intelectual e afetiva. A autonomia intelectual enfatiza a autodeterminação, enquanto a autonomia afetiva acentua o hedonismo. Ambas as dimensões pensam o indivíduo como entidade independente. A autonomia intelectual é caracterizada por valores como o ser curioso, ter a mente aberta e ser criativo, ao passo que a autonomia afetiva está relacionada ao prazer, ao desfrutar da vida e ao levar uma vida excitante e variada.

A hierarquia enfatiza a legitimidade dos papéis hierárquicos e a preferência pelo tratamento hierárquico das pessoas e dos recursos. Envolve a aceitação da legitimidade de o indivíduo perseguir interesses egoístas e pessoais. Os valores que caracterizam a dimensão 'hierarquia' incluem a autoridade, o desejo de exercer influência, o desejo por poder social, o desejo por riquezas e a humildade. A dimensão 'hierarquia' é próxima da dimensão 'domínio', a qual enfatiza o controle ativo do ambiente social por meio de esforços para modificá-lo.

A dimensão 'domínio', junto às dimensões de autonomia, pressupõe a legitimidade de os indivíduos perseguirem os seus próprios interesses. A dimensão 'domínio' se caracteriza por valores como ser ambicioso, ter sucesso, ser capaz, ser independente, escolher seus próprios objetivos e metas e ser corajoso.

A dimensão 'comprometimento igualitário' envolve a preferência pelo tratamento igual para todas as pessoas e o fato de transcender o interesse particular. Esta dimensão representa valores que focalizam o bem-estar da sociedade como um todo. Os valores que caracterizam esta dimensão incluem, por exemplo, ajudar os outros e lutar por justiça social, igualdade e paz mundial.

A dimensão 'harmonia' envolve a preferência pela preservação e por inserir-se no ambiente social e material. Os valores que caracterizam esta dimensão são a unidade com a natureza, a proteção do meio ambiente e a luta por um mundo melhor.

Segundo Hilal (2003), apesar de Schwartz (1994) não elaborar hipóteses sobre como tais dimensões influenciariam as organizações e a gerência, ele fez algumas comparações com as dimensões culturais identificadas por Hofstede (1980). As três dimensões – conservadorismo, autonomia intelectual e autonomia afetiva, as quais, de acordo com Schwartz, mediriam coletivismo versus individualismo – são diretamente relacionadas ao individualismo/coletivismo de Hofstede. Estas três dimensões também são inversamente relacionadas à dimensão 'distância do poder' de Hofstede.

Ainda segundo Hilal (2003), a dimensão 'hierarquia' de Schwartz não se relaciona com a dimensão 'distância do poder' de Hofstede, em virtude de, conforme Schwartz, as diferenças hierárquicas na sociedade não serem compatíveis com as diferenças entre gerentes e empregados. A dimensão 'domínio' de Schwartz se relaciona diretamente com a dimensão 'masculinidade/feminilidade' de Hofstede. A dimensão 'harmonia' se relaciona diretamente com a dimensão 'fuga da incerteza' de Hofstede. Por fim, a dimensão 'comprometimento igualitário' de Schwartz se relaciona positivamente com a dimensão 'individualismo' de Hofstede.

Brett e Okumura (1998) afirmaram ser a estrutura de Schwartz superior à de Hofstede por se basear na conceituação de valores, ter sido desenvolvida com amostragem, medição e técnicas de análise sistemáticas, e seus dados serem

mais recentes, coletados no final dos anos 1980 e início da década de 1990. Steenkamp (2001) também chamou a atenção para o sólido embasamento teórico das dimensões culturais de Schwartz, enfatizando, porém, não ter sido testada empiricamente a validade da estrutura de Schwartz.

Para Hilal (2003), Schwartz fez a distinção entre dois aspectos geralmente confundidos nas pesquisas sobre individualismo e coletivismo. O primeiro diz respeito a se o indivíduo é uma entidade autônoma ou se está inserido em grupos. Schwartz mediu esta dimensão com as suas escalas de autonomia afetiva e intelectual versus conservadorismo. O segundo tema é se as pessoas perseguem interesses próprios ou interesses do grupo, o que foi medido pelas dimensões 'domínio' e 'hierarquia' versus 'comprometimento igualitário' e 'harmonia'.

2.2.5 Índices compostos usando as dimensões de Schwartz

Drogendijk e Slangen (2006) sugeriram adaptar o índice composto de Kogut e Singh (1988) e o índice euclidiano de Barkema e Vermoulen (1997) para construção do índice de distância cultural considerando as dimensões de Schwartz. Os autores substituíram as cinco dimensões de Hofstede pelas sete dimensões de Schwartz nas fórmulas dos índices compostos de Kogut e Singh e do índice euclidiano de Barkema e Vermoule, como indicado respectivamente a seguir:

$$CD_j = \sum_{i=1}^7 \{(I_{ij} - I_{iu})^2 / V_i\} / 7$$

onde: CD_j - representa a Distância Cultural do país j em relação ao país de referência (u);

I_{ij} - representa o índice para a $i^{\text{ésima}}$ dimensão cultural e $j^{\text{ésimo}}$ país;

I_{iu} - representa o índice para a $i^{\text{ésima}}$ dimensão cultural e o país de referência (u);

V_i - é a variância do índice da $i^{\text{ésima}}$ dimensão .

Fonte: Drogendijk e Slangen, 2006.

$$CD_j = \sqrt{\sum_{i=1}^7 (I_{ij} - I_{iu})^2 / V_i}$$

onde: CD_j - representa a Distância Cultural do país j em relação ao país de referência (u);

I_{ij} - representa o índice para a $i^{\text{ésima}}$ dimensão cultural e $j^{\text{ésimo}}$ país;

I_{iu} - representa o índice para a $i^{\text{ésima}}$ dimensão cultural e o país de referência (u);

V_i - é a variância do índice da $i^{\text{ésima}}$ dimensão .

Fonte: Drogendijk e Slangen, 2006.

2.2.6 Uso das medidas

A maior parte dos autores utilizou as dimensões culturais de Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988) para medir a distância cultural. As quatro dimensões originais de Hofstede (1980) – distância do poder, fuga da incerteza, individualismo/coletivismo e masculinidade/feminilidade – foram utilizadas por O’Grady e Lane (1996), Morosini, Shane e Singh (1998), Manev e Stevenson (2001) e Brouthers e Brouthers (2001). Também Fletcher e Bohn (1998), Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Dow e Karunaratna (2006),

Brewer (2007a e 2007b) e Evans, Mavondo e Bridson (2008) fizeram uso das quatro dimensões de Hofstede (1980), porém acrescidas da dimensão 'orientação de longo/curto prazo' de Hofstede e Bond (1988), para o cálculo da distância psíquica.

O'Grady e Lane utilizaram as quatro dimensões de Hofstede isoladamente, enquanto Morosini, Shane e Singh (1998), Manev e Stevenson (2001) e Brouthers e Brouthers (2001) combinaram as quatro dimensões por meio do índice composto de Kogut e Singh (1988). Fletcher e Bohn (1998) e Brewer (2007a e 2007b) combinaram as cinco dimensões também por meio do índice de Kogut e Singh (1988). Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005) e Evans, Mavondo e Bridson (2008) fizeram uso das dimensões culturais de Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988), mas utilizaram instrumento próprio para realizar suas medições. Dow e Karunaratna (2006) fizeram uso tanto do índice de Kogut e Singh (1988) quanto das cinco dimensões independentemente.

Além das medidas de cultura de Hofstede e Schwartz, outros indicadores também foram usados para medir as diferenças entre culturas. O'Grady e Lane (1996) investigaram que diferenças culturais e de negócios existiam entre Canadá e Estados Unidos. A pesquisa foi realizada junto a executivos-chefes de empresas de varejo canadenses e americanas. O trabalho dos autores apresentou evidências de que começar o processo de internacionalização por países psiquicamente mais próximos poderia resultar em baixo desempenho. A este fenômeno eles atribuíram o nome de 'paradoxo da distância psíquica'. O'Grady e Lane (1996) argumentaram que a percepção de semelhanças poderia induzir os decisores a falhas, por deixarem de enxergar e sub-avaliarem as diferenças entre os mercados.

Nesta pesquisa, os autores identificaram, a partir da literatura e de entrevistas qualitativas, um total de 16 diferenças culturais entre Canadá e Estados Unidos: (1) orientação para realização, (2) nível de agressividade, (3) nível de otimismo, (4) orientação para ação, (5) crença no trabalho duro, (6) atitude para com autoridade, (7) crença na competitividade, (8) propensão ao risco e as quatro dimensões culturais de Hofstede – (9) distância do poder, (10) fuga à incerteza, (11) individualismo / coletivismo e (12) masculinidade / feminilidade – e ainda, (13) compromisso com a vitória, (14) domínio sobre seu próprio ambiente, (15) cautela e (16) atitude voltada para igualdade.

Os autores mediram as diferenças através de um questionário com 125 itens operacionalizados, quando possível, a partir de instrumentos consagrados de medida, tais como: o questionário de Hofstede (1980), o Formulário de Pesquisa da Personalidade (PRF) de Jackson (1984), o Índice de Personalidade (JPI) de Jackson (1976), a medida de Envolvimento proveniente do trabalho de Lodahl e Kejner (1965) e a escala de Ética Protestante de Blood (1969). Os autores utilizaram perguntas que buscavam informações acerca da propensão ao empreendedorismo e agressão (PRF), propensão ao risco e tolerância (JPI), tendências quanto à identificação com o próprio trabalho (Lodahl e Kejner), valores do trabalho e satisfação com o emprego (Blood), na tentativa de medir as diferenças de valores e atitudes como *proxies* para a diferença cultural. É indiscutível a contribuição de O'Grady e Lane (1996) para as discussões do conceito de distância psíquica. No entanto, os autores não apresentaram a operacionalização de uma medida específica de distância psíquica. Na verdade, operacionalizaram as 16 diferenças culturais, uma a uma, para comparar Canadá e Estados Unidos.

Sousa e Bradley (2005 e 2006) também mediram cultura como uma das partes que compõem a distância psíquica. Os autores, tomando por base a literatura, afirmaram que, quanto maior a distância cultural entre os mercados de origem e destino, maior a distância psíquica. Para testar esta afirmação empiricamente os autores: (1) calcularam a distância cultural utilizando as dimensões culturais de Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988), aplicando a medida composta do modelo de Morosini, Shane e Singh (1998); e (2) utilizaram também a dimensão Conservadorismo de Schwartz (1992) e testaram sua relação com sua medida de distância psíquica, composta por sete atributos. Um resumo do instrumento utilizado por Sousa e Bradley para a operacionalização da distância psíquica encontra-se no Anexo 2, Tabela A5.

Para o cálculo da distância psíquica, Sousa e Bradley fizeram uso de sete atributos, sendo três relacionados a cultura: 'estilo de vida', 'idioma' e 'valores culturais, crenças, atitudes e tradições'. Para operacionalizar os atributos, os autores utilizaram uma escala perceptual de 5 pontos (1 = muito similar até 5 = muito diferente). É interessante notar, entretanto, que as dimensões culturais de Hofstede e Schwartz foram descartadas na composição do construto da distância psíquica. Os autores explicaram que a distância psíquica deveria ser operacionalizada em nível individual e não nacional, como ocorria com as medidas de Hofstede e Schwartz. Uma discussão mais detalhada quanto à característica do fenômeno – se individual ou coletivo - é apresentada no item 2.6.1 deste capítulo.

Para Leite, Rocha e Figueiredo (1988), é bastante razoável supor que a afinidade cultural sentida pelo executivo exportador em relação a determinado país afete sua decisão de exportar para este país. A afinidade cultural foi medida pela

percepção de diferenças e semelhanças entre culturas distintas. Os principais atributos em função dos quais se daria tal percepção seriam, o idioma, os costumes e a raça. Cada um destes três atributos foi operacionalizado pelos autores a partir de uma escala perceptual de 7 pontos (1 = muito semelhante até 7 = muito diferente), em que os respondentes indicavam sua percepção sobre o grau de afinidade entre o país de origem (Brasil) e o país estrangeiro. Apesar de os autores terem utilizado medidas para os três atributos separadamente, a distância psíquica foi avaliada de maneira global e não por meio destes fatores.

Além da pesquisa de Leite, Rocha e Figueiredo (1988), o indicador Idioma aparece também nos trabalhos de Johanson e Wiedersheim-Paul (1975), Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977), Klein e Roth (1990), Vahlne e Nordström (1992), Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Rocha (2004), Evans e Bridson (2005), Dow e Karunaratna (2006), Brewer (2007a e 2007b), Evans, Mavondo e Bridson (2008). Vale ressaltar que a maneira como o idioma foi operacionalizado variou de autor para autor.

Para Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977), as diferenças no idioma, com grande frequência, formam uma barreira para transmissão efetiva da informação. Segundo os autores, na maioria dos casos há dois tipos de linguagem: uma ou mais linguagens locais, bem como uma ou mais linguagens de negócios. A primeira linguagem pode ser classificada na dimensão cultural; a segunda, na dimensão de negócios.

Johanson e Wiedersheim-Paul (1975), Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977) e Vahlne e Nordström (1992) mediram a diferença na cultura e linguagem local por meio da frequência de uso do idioma local. Esta variável foi

operacionalizada pelo número relativo de empregados na firma exportadora que estaria apto a se comunicar em idioma(s) falado(s) no mercado estrangeiro. Um resumo das medidas utilizadas por Johanson, Wiedersheim-Paul, Vahlne e Nordström para operacionalizar a distância psíquica encontra-se no Anexo 2, Tabela A2.

Por sua vez, Klein e Roth (1990) pediram que os executivos entrevistados indicassem o grau em que o idioma do país de origem, Canadá, era semelhante ou diferente do idioma do país estrangeiro, utilizando uma escala perceptual de 7 pontos (de 1 = muito parecido a 7 = muito diferente). Um resumo do instrumento utilizado por Klein e Roth para medir a distância psíquica encontra-se no Anexo 2, Tabela A3.

Evans e Mavondo (2002b) lembraram que boa parte das definições de distância psíquica refere-se a “barreiras ao aprendizado e compreensão”. Neste contexto, as diferenças no idioma são particularmente importantes. Para os autores, o mesmo idioma pode acelerar o aprendizado, da mesma forma que a diferença de idiomas pode contribuir para mal-entendidos e formação de barreiras para efetivação de todo tipo de comunicação interpessoal. Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008) operacionalizaram o indicador ‘idioma’ associado à dimensão de negócios. Eles mediram a linguagem utilizada para comunicação nas negociações e a linguagem usada na comunicação no ambiente social. Apesar de aparecer na dimensão de negócios da distância psíquica, pode-se entender que a linguagem usada na comunicação no ambiente social é parte também da dimensão cultural. Os autores utilizaram uma escala perceptual de 7 pontos (1 = totalmente igual a 7 = totalmente diferente), em que os respondentes indicavam o grau de similaridade

do mercado estrangeiro em relação ao mercado doméstico com referência à linguagem usada para comunicação no ambiente social. Um resumo do instrumento utilizado pelos autores para medir a distância psíquica encontra-se no Anexo 2, Tabela A4.

Segundo Dow e Karunaratna (2006), o uso de idiomas semelhantes pode representar eficiência na comunicação. Por outro lado, as empresas em processo inicial de expansão, em geral, percebem a diferença de idiomas como fator de risco. Além disso, diferenças de linguagem entre mercados podem aumentar os custos e os riscos da transação. Desta forma, os autores consideraram o idioma um elemento-chave da distância psíquica e elemento influenciador dos padrões de expansão internacional. Para operacionalizar a variável 'idioma', os autores fizeram uso de três variáveis objetivas, medindo: (1) diferença entre os idiomas mais frequentes no país de origem e de destino; (2) incidência do idioma mais frequente do país de origem no país de destino; e (3) incidência do idioma mais frequente do país de destino no país de origem. Um resumo do instrumento utilizado pelos autores para medir a distância psíquica encontra-se no Anexo 2, Tabela A6.

No índice de distância psíquica de Brewer (2007a e 2007b), 'idioma' aparece de forma bastante abrangente como 'semelhança de linguagem', pertencente ao indicador 'laços sociais'. Para o autor, 'semelhança de linguagem' seriam as semelhanças do idioma nacional, da linguagem de negócios ou do alfabeto, calculada de maneira objetiva. Um resumo do instrumento utilizado pelo autor para medir a distância psíquica encontra-se no Anexo 2, Tabela A7.

Dow e Karunaratna (2006) ainda utilizaram mais dois indicadores de cultura: 'religião' e 'laços coloniais'. Para os autores, as diferenças nas religiões entre os países são pouco referenciadas, mas apesar de tudo são amplamente compreendidas como um item em potencial da distância psíquica. A religião é estreitamente associada à cultura, atitudes e normas, e considerada um dos maiores fatores de conflito entre diferentes grupos culturais. A religião exerce importante papel na forma de as pessoas se comunicarem e interagirem. Assim, concluíram os autores, diferenças na religião podem aumentar custos de transação e risco de malentendidos, e possivelmente reduzir a intensidade de comércio entre os países. Para operacionalizar a variável 'religião', os autores fizeram uso de três variáveis objetivas, medindo: (1) diferença entre as religiões mais frequentes no país de origem e de destino, (2) incidência da religião mais frequente do país de origem no país de destino e (3) incidência da religião mais frequente do país de destino no país de origem.

Para Dow e Karunaratna (2006), os laços coloniais anteriores são um potencial antecedente para fatores tais como 'idioma' e 'sistema político'. Desta forma, têm o potencial de influenciar o fluxo de informação e o padrão dos fluxos de comércio. Os 'laços coloniais' foram medidos utilizando uma variável *dummy* (1 = colônia, 0 = caso contrário), para caracterizar se o país de destino havia sido ou não colônia do país de origem no período de 1650 até os dias atuais.

Por sua vez, Brewer (2007a e 2007b) fez uso de dois itens: (1) laços históricos e (2) laços sociais. O primeiro – 'laços históricos' – foi operacionalizado por duas medidas: (1) relações coloniais (1 = relação colonial direta; 0,5 = participante do mesmo império e 0 = nenhuma relação colonial) e (2) guerras comuns (1ª Guerra Mundial: 0 = inimigo, 1 = neutro e 2 = aliado; 2ª Guerra Mundial: 0 = inimigo, 1 =

neutro e 2 = aliado; o resultado para as duas guerras foi somado e o total utilizado). O segundo, 'laços sociais', apresenta três medidas: (1) semelhanças culturais (já mencionado anteriormente nesta seção), (2) preferência por esportes (número dos maiores esportes nacionais disputados entre o país de origem e o estrangeiro a nível nacional) e (3) semelhança de linguagem (já mencionado anteriormente nesta seção).

Na tabela 2.7, a seguir, encontram-se resumidas as medidas operacionalizadas para representar a dimensão cultural na mensuração de distância psíquica.

Tabela 2.7 – Resumo dos indicadores e medidas utilizadas para representar a dimensão cultural da distância psíquica.

Indicador	Medidas	Autores
Dimensões de Hofstede (1980) Anexo 1	4 dimensões isoladas	O'Grady e Lane (1996)
	Kogut e Singh (1988)	Morosini, Shane e Singh (1998); Manev e Stevenson (2001); Brouthers e Brouthers (2001)
Dimensões de Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988) Anexo 1	5 dimensões isoladas	Dow e Karunaratna (2006)
	Kogut e Singh adaptado por Fletcher e Bohn (1998)	Fletcher e Bohn (1998); Dow e Karunaratna (2006); Brewer (2007a e 2007b),
Idioma	Escala ordinal de 1 a 10	Johanson e Wiedersheim-Paul (1975); Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977); Vahlne e Nordström (1992)
	Escala de 7 pontos.	Leite, Rocha e Figueiredo (1988); Klein e Roth (1990); Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
	Escala de 5 pontos.	Sousa e Bradley (2005 e 2006)
	3 medidas em 3 escalas ordinais de 5 pontos.	Dow e Karunaratna (2006)
	1 = Inglês amplamente falado 0,75 = Inglês amplamente falado em negócios 0,5 = Outros idiomas usando o alfabeto romano 0 = Outros idiomas com outros alfabetos.	Brewer (2007a e 2007b)

Tabela 2.7 – Resumo dos indicadores e medidas utilizadas para representar a dimensão cultural da distância psíquica. (continuação)

Indicador	Medidas	Autores
Dimensões de Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988) (Evans e Mavondo) (Anexo 1)	5 dimensões isoladas	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Estilo de Vida	Escala de 5 pontos.	Sousa e Bradley (2005 e 2006)
Valores culturais, crenças, atitudes e tradições	Escala de 5 pontos.	Sousa e Bradley (2005 e 2006)
Costumes	Escala de 7 pontos.	Leite, Rocha e Figueiredo (1988)
Raça	Escala de 7 pontos.	Leite, Rocha e Figueiredo (1988)
Religião	3 medidas em 3 escalas ordinais de 5 pontos.	Dow e Karunaratna (2006)
Laços Coloniais	Variável <i>dummy</i> (colônia).	Dow e Karunaratna (2006)
	1 = relação colonial direta, 0,5 = participante do mesmo império 0 = nenhuma relação colonial.	Brewer (2007a e 2007b)
Guerras comuns	1ª Guerra Mundial: 0 = inimigo, 1 = neutro e 2 = aliado. 2ª Guerra Mundial: 0 = inimigo, 1 = neutro e 2 = aliado. O resultado para cada guerra foi somado.	Brewer (2007a e 2007b)
Preferência por esportes	Número dos maiores esportes nacionais disputados entre o país de origem e o estrangeiro.	Brewer (2007a e 2007b)

2.3 DIMENSÃO DE NEGÓCIOS

Outra dimensão da distância psíquica são as percepções quanto a diferenças nas práticas de negócios no mercado doméstico e no mercado externo (EVANS, TREADGOLD e MAVONDO 2000b; JOHANSON e VAHLNE 1977; VAHLNE e WIEDERSHEIM-PAUL 1977).

Para Johanson e Wiedersheim-Paul (1975), Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977) e Vahlne e Nordström (1992), a linguagem de negócios seria uma variável a afetar a distância psíquica, além do idioma local. Johanson e Wiedersheim-Paul (1975), Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977) e Vahlne e Nordström (1992) mediram a

linguagem de negócios, da mesma forma que mediram o idioma local, pela frequência de empregados da firma que estariam aptos a usar a linguagem de negócios .

Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008) também operacionalizaram a linguagem de negócios. Os autores dividiram o indicador 'idioma' em dois: um medindo a linguagem utilizada para comunicação nas negociações e outro para a linguagem usada na comunicação no ambiente social. Apesar de aparecer na dimensão de negócios da distância psíquica, pode-se entender que a linguagem usada na comunicação no ambiente social pertence à dimensão cultural. Os autores utilizaram a mesma escala para medir as duas variáveis, ou seja, pediram aos respondentes para indicar o grau no qual o mercado estrangeiro era semelhante ou diferente do mercado doméstico em uma escala perceptual de sete pontos.

Além da linguagem de negócios, Johanson e Wiedersheim-Paul (1975), Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977) e Vahlne e Nordström (1992) também analisaram a existência de canais de negócios anteriores entre a Suécia e o país estrangeiro. Para os autores, a existência de antigos canais de negócios tenderia a aumentar a eficiência do fluxo de informação, reduzindo a distância psíquica. Este item foi operacionalizado pelo cálculo da razão: importações do país de origem em relação ao país estrangeiro divididas pelo total de importações daquele país.

Para Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008), as empresas que operam nos mercados externos participam de interações com negócios locais e consumidores e tais interações podem contribuir em negociações com bancos locais, propiciar parcerias,

oportunidades de franquia e interação com fornecedores. As diferenças em estilos de negociação, práticas de gerenciamento e de negociação comercial e nos procedimentos de operação teriam papel significativo na percepção do mercado estrangeiro. Klein e Roth (1990), Evans e Mavondo (2002a, 2002b), Evans e Bridson (2005) e Evans, Mavondo e Bridson (2008) utilizaram-se da variável 'práticas de negócios' para representar a dimensão de negócios.

Para medir o item 'práticas de negócios aceitáveis', Klein e Roth (1990) utilizaram uma escala de 7 pontos (de 1 = muito parecido a 7 = muito diferente), em que os respondentes indicavam o grau em que o país de origem era semelhante ou diferente de um país estrangeiro.

Por sua vez, Evans e Mavondo (2002a, 2002b), Evans e Bridson (2005) e Evans, Mavondo e Bridson (2008) dividiram a dimensão 'práticas de negócios' em sete itens: (1) bases para recompensas e reconhecimento da equipe e gerentes, (2) termos e condições de trabalho, (3) ajuste de orçamentos, (4) ajuste de procedimentos operacionais, (5) concessão de crédito e financiamento em instituições bancárias (6) uso de contratos na negociação de acordos e (7) conceito de acordo justo. Para mensuração, os autores utilizaram a mesma escala perceptual de sete pontos descrita anteriormente.

Por sua vez, Sousa e Bradley (2005, 2006) utilizaram, para avaliação da distância de negócios, dois itens – (1) poder de compra dos consumidores e (2) preferência dos consumidores – como variáveis para representar a distância de negócios. Para operacionalizar estes itens, os autores fizeram uso de escala perceptual de cinco pontos (de 1 = muito similar a 5 = muito diferente).

Brewer (2007a e 2007b) representou a dimensão de negócios por meio dos laços comerciais. Segundo o autor, a existência de trocas ou conexões comerciais entre países teria efeito no nível de conhecimento sobre estes países por parte das empresas. Para Carlson (1974), a existência de fortes relações comerciais entre dois países encorajaria maior fluxo de informação entre eles. Brewer (2007a e 2007b) lembrou que as relações comerciais incluiriam importações e exportações de bens e serviços e que as relações também seriam fortalecidas pelos fluxos de investimento entre os países.

O autor operacionalizou a medida por meio de dois itens: (1) comércio bi-direcional e (2) ações de investimento no exterior. O cálculo empregado no desenvolvimento destes dois índices é apresentado na tabela 8 do Anexo 2.

Na tabela 2.8, a seguir, encontram-se resumidas as medidas operacionalizadas para representar a dimensão de negócios na mensuração de distância psíquica.

Tabela 2.8 – Resumo das variáveis utilizadas para medir a dimensão de negócios da distância psíquica

Indicador	Medidas	Autores
Idioma de Negócios	Escala ordinal objetiva, de 1 a 10	Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977) e Vahlne e Nordström (1992)
	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Existência de canais de negócios anteriores entre os países	Razão de importações do país de origem (Suécia) em relação ao país estrangeiro dividido pelo total de importações daquele país.	Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977) e Vahlne e Nordström (1992)
Disponibilidade de parceiros no exterior conhecidos pela empresa	Escala de 10 pontos.	Rocha, Silva e Carneiro (2007)
Disponibilidade de parceiros no exterior indicado por amigos	Escala de 10 pontos.	Rocha, Silva e Carneiro (2007)

Tabela 2.8 – Resumo das variáveis utilizadas para medir a dimensão de negócios da distância psíquica (continuação)

Indicador	Medidas	Autores
Prática de negócios	Escala de 7 pontos.	Klein e Roth (1990)
Bases para recompensas e reconhecimento da equipe e gerentes	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Termos e condições de trabalho	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Ajuste de orçamentos	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Ajuste de procedimentos operacionais	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Concessão de crédito e financiamento em instituições bancárias	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Uso de contratos na negociação de acordos	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Conceito de acordo justo	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Poder de compra dos consumidores	Escala de 5 pontos.	Sousa e Bradley (2005, 2006)
Preferência dos consumidores	Escala de 5 pontos.	Sousa e Bradley (2005, 2006)
Comércio bi-direcional	Proporção do total de exportações australianas vindas de cada país em 2002-2003 + Proporção do total de importações australianas originadas de cada país	Brewer (2007a e 2007b)
Ações de investimento no exterior	Total de ações de investimento australiano direto <i>outward</i> em cada país em 2001-2002 (expresso como fração do total de todas as ações de investimento direto no exterior) + Proporção do total de ações de investimento direto no exterior <i>inward</i> na Austrália em 2001-2002	Brewer (2007a e 2007b)

2.4 DIMENSÃO MACROAMBIENTE

A terceira dimensão da Distância Psíquica seria relativa ao macroambiente. Diversos autores consideraram variáveis do macroambiente como relevantes para

o entendimento da distância psíquica, inclusive os teóricos de Uppsala. Entende-se por macroambiente os aspectos econômicos, político-legais, sócio-culturais, demográficos e tecnológicos do país ou mercado.

A percepção gerencial do ambiente ocupa papel central na literatura geral sobre internacionalização de empresas (JOHANSON e WIEDERSHEIM-PAUL, 1975, NORDSTÖM e VAHLNE 1994). Para Pedersen e Petersen (2003), quando a empresa entra em um mercado estrangeiro, geralmente leva desvantagem em relação às empresas nativas em termos da familiaridade com o ambiente local de negócios. Para caracterizar tal desvantagem, Zaheer (1995) usou o termo "*liability of foreignness*" (literalmente, passivo resultante de ser estrangeiro), ou seja, o custo de se fazer negócios no exterior que resulta em desvantagem competitiva para uma empresa estrangeira. Em outras palavras, trata-se da conta a ser paga pelo desconhecimento sobre o novo mercado. Assim, o conhecimento do mercado, a identificação de oportunidades e ameaças e a aquisição de informações sobre o macroambiente do país de destino seriam pontos importantes para o sucesso do empreendimento. Além das dimensões cultural e de negócios, várias outras diferenças deveriam ser avaliadas, incluindo: maturidade do mercado, sistema político, sistema econômico, sistema regulatório, desenvolvimento tecnológico etc. (ROCHA, SILVA e CARNEIRO, 2007).

Johanson e Wiedersheim-Paul (1975), Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977) e Vahlne e Nordström (1992) investigaram o nível de desenvolvimento econômico no país importador, a diferença no nível de desenvolvimento econômico entre o país de origem e o país estrangeiro, o nível de educação no país estrangeiro e a diferença do nível de educação entre o país de origem e o país estrangeiro.

Para Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977), o nível de desenvolvimento econômico é um conceito complexo, que pode ser medido objetivamente por diversas variáveis. Os autores optaram por utilizar as seguintes: (1) consumo de energia per capita, (2) consumo de aço per capita; e (3) número de telefones per capita. Para operacionalizar o nível de desenvolvimento, os autores calcularam a diferença entre o país de origem e o país estrangeiro para cada uma das três variáveis.

Para medir o nível de educação, os autores fizeram uso de duas variáveis: (1) percentual do total da população matriculada no segundo grau ou superior; e (2) percentual do total da população matriculada em cursos técnicos de 2^o grau ou superior. Com a primeira medida, os autores pretendiam refletir o nível geral de conhecimento no mercado, e com a segunda, considerar o conhecimento técnico. Para operacionalizar o nível de desenvolvimento, os autores calcularam a diferença entre o país de origem e o país estrangeiro para cada uma das duas variáveis.

Com relação à dimensão macroambiente, Klein e Roth (1990) mediram a percepção dos executivos acerca do ambiente econômico, sistema legal e infraestrutura de comunicações por meio de uma escala perceptual de sete pontos. Por sua vez, Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008) utilizaram o ambiente legal e político, a infraestrutura de varejo e o ambiente econômico. Apesar de algumas coincidências, inclusive na forma de operacionalização, os últimos trabalhos utilizaram número maior de variáveis específicas.

Para Evans, Mavondo e Bridson (2008), o ambiente legal e político pode ser examinado em três níveis: internacional, nacional e local. O ambiente político internacional refere-se à combinação de nações que formam acordos para fins de regulação de comércio, tais como União Européia e NAFTA. Para Evans e Mavondo (2002a, 2002b), tais acordos teriam efeito positivo na internacionalização do varejo, por facilitarem a internacionalização para as empresas dos países participantes. Entretanto, as empresas deveriam continuar considerando a estabilidade política local, as políticas e as práticas legislativas. Os autores argumentaram que a estabilidade política seria particularmente importante para os varejistas internacionais. Além disso, diferenças de legislação poderiam ter consequências substanciais para a ativação de economias de escala e escopo. Para operacionalizar o item 'ambiente legal e político', os autores mediram em um escala perceptual de sete pontos os seguintes indicadores: estabilidade da estrutura política, ideologia do governo nacional, legislação de planejamento, legislação de proteção ao consumidor, legislação própria de negócios, legislação de licenças e legislação de práticas competitivas.

O ambiente econômico, segundo Evans e Mavondo (2002a, 2002b), seria percebido como um dos fatores mais importantes a afetar a atratividade dos mercados estrangeiros. O ambiente econômico foi medido usando dois indicadores: o produto nacional bruto e o produto interno bruto. Entretanto, segundo os autores, outros indicadores importantes incluem a estabilidade econômica, o grau de controle governamental sobre a atividade econômica, flutuações da moeda, demanda por bens e serviços, capacidade do setor bancário e nível de urbanização. Para operacionalizar o item ambiente econômico, os autores mediram perceptualmente, em uma escala de sete pontos,

os seguintes indicadores: PIB per capita, contribuição do setor primário para o PIB, capacidade do setor bancário, exposição do país a riscos econômicos, nível de demanda de bens e serviços e estabilidade da demanda por bens e serviços

A estrutura do mercado ou da indústria no mercado doméstico e externo pode ser identificada como fator motivador para a internacionalização. Para Evans e Mavondo (2002a, 2002b), esta estrutura poderia ser representada pela estrutura do mercado. Para operacionalizar o item 'estrutura do mercado', os autores mediram perceptualmente, em uma escala de sete pontos, os seguintes indicadores: sistemas físicos de distribuição, número de grandes cadeias no setor de mercado, valor do setor de mercado mantido por um ou um grupo de varejo, número de concorrentes diretos e força dos concorrentes.

Souza e Bradley (2005, 2006) utilizaram o grau de alfabetização e educação para medir a dimensão macroambiente. Anteriormente, Souza (2003) havia tentado outras variáveis como nível de desenvolvimento econômico e industrial, infraestrutura de comunicações, infraestrutura de marketing, exigências técnicas, competitividade do mercado, regulamentação legal e renda per capita. No entanto, segundo o autor, todas elas foram excluídas no processo de purificação da escala durante os estudos para desenvolvimento de seu instrumento de medição da distância psíquica.

Segundo Dow e Karunaratna (2006), o sistema educacional teria influência sobre o modo pelo qual as pessoas se comunicam e interpretam as informações. Grandes diferenças entre os níveis educacionais dos países aumentariam o risco e a incerteza de um gerente para entender e se comunicar com o mercado. Deste

modo, esta variável teria impacto nas preferências por atuar em determinado mercado.

Para os autores, outra diferença relevante seria referente ao nível de desenvolvimento industrial. Tal diferença poderia implicar em custos extras e incerteza nas transações, tendo, portanto, o potencial de influenciar as decisões de seleção de mercado.

Outro fator relevante seria o sistema político. As diferenças no sistema político poderiam afetar os executivos de duas formas. A primeira referia-se à quantidade substancial de troca de comunicações entre empresa e governo. Grandes diferenças no sistema político tenderiam a aumentar os custos e incerteza de tais comunicações. A segunda forma dizia respeito à fiscalização. Em geral, os governos têm papel fundamental na fiscalização das interações empresa-empresa e empresa-consumidor. Como resultado, as diferenças no sistema político poderiam aumentar o risco de falha na interpretação de como um determinado governo reagiria em uma situação específica, e de como outras empresas reagiriam a potenciais intervenções do governo. Em qualquer dos casos, haveria um aumento de custos e riscos de se fazer negócios com o mercado estrangeiro, influenciando o executivo em sua decisão de mercado.

Brewer (2007a e 2007b) representou a dimensão macroambiente por meio de laços políticos, laços informacionais e desenvolvimento. Segundo o autor, seria esperada menor distância psíquica para países politicamente próximos. Esta relação teria o potencial de se transformar em acordos comerciais, tratados de defesa, nível de troca diplomática e programas de ajuda. A profundidade no relacionamento aumentaria a compreensão entre as empresas e facilitaria a troca

de informação entre os países. Para medir os laços políticos, ele utilizou as variáveis: (1) acordos comerciais, (2) valorização de programas de auxílio e (3) escritórios de representação comercial. Estas variáveis foram operacionalizadas por: (1) número de tratados formais de livre comércio, bilaterais ou regionais, entre a Austrália e cada país em 2002-2003, (2) valor em dólares de programas oficiais de ajuda australianos para cada país em 2004-2005 e (3) número de escritórios australianos em cada país em 2003, mais o número de escritórios comerciais de cada país na Austrália, normalizado.

Quanto mais informação estiver disponível, mais facilmente os gerentes de empresas podem aprender sobre os mercados de outros países. Segundo Brewer (2007a e 2007b), por diferentes razões, há uma quantidade diferente de informação secundária disponível em um país e outro. Entre as razões para isto encontram-se o tamanho dos países, sua importância no mundo e regional e a troca social (imigração). O autor mediu os laços informacionais através de (1) disponibilidade de informação secundária, operacionalizada pelo número de registros catalogados para cada país na biblioteca da Universidade de Queensland; e (2) número de migrações, operacionalizado pelo número de australianos vivendo em cada país, mais o número de residentes da Austrália originário de cada país, mais o número de visitas à Austrália provenientes de cada país em 2001.

Para Brewer (2007a e 2007b), países mais desenvolvidos são mais abertos e têm mais fontes de inteligência comercial. Segundo o autor, nestes países a negociação ficaria facilitada e seria mais fácil entender as condições de mercado. Para operacionalizar o nível de desenvolvimento, o autor utilizou: (1) o Índice de

Desenvolvimento Humano das Nações Unidas e (2) o Índice de Percepções de Corrupção da Transparency International.

Na tabela 2.9, a seguir, são resumidas as medidas utilizadas para representar a dimensão macroambiente na mensuração da distância psíquica.

Tabela 2.9 – Resumo das variáveis utilizadas para medir a dimensão macroambiente da distância psíquica.

Indicador	Medidas	Autores
Nível de desenvolvimento econômico no país importador	Consumo de energia per capita	Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977); Vahlne e Nordström (1992)
	Consumo de aço per capita	
	Número de telefones per capita	
Diferença no nível de desenvolvimento econômico entre o país de origem e o país estrangeiro	Diferença absoluta do consumo de energia per capita do país de origem e do país estrangeiro	Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977); Vahlne e Nordström (1992)
	Diferença absoluta do consumo de aço per capita do país de origem e do país estrangeiro	
	Diferença absoluta do número de telefones per capita do país de origem e do país estrangeiro	
Nível de educação no país importador	Percentual do total da população, matriculada em no segundo grau ou superior	Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977); Vahlne e Nordström (1992)
	Percentual do total da população, matriculada em cursos técnicos de 2º grau ou superior	
Diferença no nível de educação entre o país de origem e o país estrangeiro	Diferença absoluta no nível de educação geral	Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977); Vahlne e Nordström (1992)
	Diferença absoluta no nível de educação técnica	
Ambiente econômico	Escala de 7 pontos	Klein e Roth (1990)
Sistema legal	Escala de 7 pontos	Klein e Roth (1990)
Infraestrutura de comunicações	Escala de 7 pontos	Klein e Roth (1990)
Estabilidade da estrutura política	Escala de 7 pontos	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Ideologia do governo nacional	Escala de 7 pontos	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)

Tabela 2.9 – Resumo das variáveis utilizadas para medir a dimensão macroambiente da distância psíquica. (continuação)

Indicador	Medidas	Autores
Legislação sobre planejamento	Escala de 7 pontos	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Legislação de proteção ao consumidor	Escala de 7 pontos	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Legislação própria de negócios	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Legislação de licenças	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Legislação de práticas competitivas	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Sistemas físicos de distribuição	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Número de grandes cadeias no setor de mercado	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Valor do setor de mercado mantido por um ou um grupo de varejo	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Número de concorrentes diretos	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Força dos concorrentes	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
PIB per capita	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Contribuição do setor primário para o PIB	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Capacidade do setor bancário	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Exposição do país a riscos econômicos	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Nível de demanda de bens e serviços	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Estabilidade da demanda por bens e serviços	Escala de 7 pontos.	Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Grau de alfabetização e educação	Escala de 5 pontos.	Sousa e Bradley (2005, 2006)

Tabela 2.9 – Resumo das variáveis utilizadas para medir a dimensão macroambiente da distância psíquica. (continuação)

Indicador	Medidas	Autores
Níveis de educação	Ver Tabela A6, Anexo A	Dow e Karunaratna (2006)
Desenvolvimento industrial	Ver Tabela A6, Anexo A	Dow e Karunaratna (2006)
Sistema político	Ver Tabela A6, Anexo A	Dow e Karunaratna (2006)
Acordos comerciais	Número de tratados formais de livre comércio, bilaterais ou regionais, em operação entre o país de origem e cada país em 2002-2003.	Brewer (2007a e 2007b)
Valorização de programas de auxílio	Valor do dólar de programas oficiais de ajuda do país de origem para cada país 2004-2005.	Brewer (2007a e 2007b)
Escritórios de representação comercial	Número de escritórios do país de origem em cada país em 2003 + número de escritórios comerciais de cada país no país de origem	Brewer (2007a e 2007b)
Disponibilidade de informação secundária	Número de registros catalogados para cada país na biblioteca da Universidade de Queensland (país de origem).	Brewer (2007a e 2007b)
Migração	Número de australianos vivendo em cada país + número de residentes no país de origem originário de cada país + número de visitas ao país de origem de cada país em 2003.	Brewer (2007a e 2007b)
Nível de desenvolvimento do país estrangeiro	Índice de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas	Brewer (2007a e 2007b)
Nível de corrupção do país estrangeiro	Índice de Percepções de Corrupção da Transparency International.	Brewer (2007a e 2007b)

2.5 DIMENSÃO FÍSICA

A quarta dimensão da distância psíquica seria a dimensão física. Segundo Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977), foi no início da década de 60 que o uso da distância como fator explicativo para o comércio internacional tornou-se mais forte. Neste período os economistas mostraram interesse no então chamado modelo “sócio-físico” que usava o fator distância como ponto principal. Na maioria destes

estudos a distância foi definida como distância geográfica, ou alguma medida relacionada à distância geográfica, como, por exemplo, custos de transporte.

O uso da distância geográfica como *proxy*, ou como uma das dimensões da distância psíquica tem sido defendida e também criticada por vários autores. Os proponentes originais do modelo de Uppsala usaram esta dimensão, oferecendo um argumento teórico para seu uso. Na visão destes autores, a distância geográfica poderia ser utilizada como substituto para a distância psíquica, visto que a distância limitava o acesso e, em decorrência, a capacidade de aprender sobre outros mercados (JOHANSON e WIEDERSHEIM-PAUL, 1975).

Para Johanson e Wiedersheim-Paul (1975), haveria razões óbvias para se acreditar na correlação entre distância psíquica e distância geográfica. Mesmo assim, também não seria difícil encontrar exceções. Embora alguns países de origem britânica estejam afastados geograficamente – por exemplo, Inglaterra e Austrália – estariam próximos em termos de distância psíquica. Por outro lado, Estados Unidos e Cuba, apesar de geograficamente próximos, encontrar-se-iam distantes por razões políticas.

Beckerman (1956) sugeriu que os compradores utilizariam uma "avaliação psíquica" da distância de seus fornecedores, destacando as dificuldades de entendimento e do idioma, mas também critérios objetivos como modais de transporte e distância geográfica. Gruber, Mehta e Vernon (1970) e Leamer (1974) usaram a distância geográfica como aproximação para a distância psíquica. Já Dow (2000) criticou o uso da distância geográfica isoladamente para medir a distância psíquica. Segundo o autor, a literatura de comércio internacional tem forte tradição de usar a distância geográfica e simples variáveis *dummy* como

indicadores de todos os fatores de resistência ao comércio, incluindo a distância psíquica.

Sousa e Bradley (2005, 2006) representaram a distância física por meio da variável 'condições climáticas', operacionalizada por uma escala de cinco pontos (de 1 = muito similar a 5 = muito diferente), em que os respondentes indicavam o grau de percepção de diferenças climáticas entre seu país e o país estrangeiro.

Dow e Karunaratna (2006) fizeram uso de sete fatores para compor sua medida de distância psíquica, sendo um deles o fuso horário. Os autores argumentaram que, embora recentes avanços nas telecomunicações tenham reduzido dramaticamente os custos de comunicação entre grandes distâncias, a grande diferença de fuso horário continuaria a se constituir em dificuldade. Por exemplo, haveria pequena ou nenhuma sobreposição de horário de trabalho entre as cidades de Cingapura e Londres, o que seria um problema para os executivos que buscassem a expansão de suas empresas para estas áreas. Assim, os autores decidiram medir a diferença de fuso horário como um fator que poderia impedir ou perturbar o fluxo de informação entre a empresa e os mercados. Embora a medição do fuso horário pudesse parecer trivial, os autores argumentaram que a complicação derivava da alta correlação entre as diferenças de fuso e a distância geográfica, variável usada como substituta para o custo de transporte. Por conta disto, a diferença de fuso horário foi operacionalizada pelo resíduo resultante após o efeito do impacto da distância geográfica ter sido retirado da diferença de fuso original. Esta aproximação foi empregada para eliminar o alto grau de colinearidade existente entre as diferenças de fuso horário e a distância geográfica. Mesmo assim, argumentaram eles, havia a desvantagem de se subestimar a força do impacto real das diferenças no fuso horário. Por outro

lado, a diferença de fuso horário, medida desta forma, foi estatisticamente comprovada como preditor para os fluxos de comércio.

Para Brewer (2007a e 2007b), quanto menor a distância geográfica entre os países, menor seria a correspondente distância psíquica. Isto se daria porque, quanto mais próximos os países, menor o custo de transporte, diminuindo também o preço final dos produtos. Apesar da existência de correlação entre distância geográfica e distância psíquica, o autor ressaltou haver considerável dúvida quanto a utilizar somente a distância geográfica como preditora da distância psíquica. Para representar os laços geográficos, utilizou a variável proximidade geográfica, medida pela distância direta, em quilômetros, entre as duas cidades de maior porte no país de origem (Austrália) e no país estrangeiro.

Na tabela 2.10, a seguir, encontram-se resumidas as medidas operacionais usadas pelos autores para representar a dimensão física na mensuração de distância psíquica.

Tabela 2.10 – Resumo das variáveis utilizadas para medir a dimensão física da distância psíquica

Indicador	Medidas	Autores
Distância geográfica	Distância física + Variável dummy	Gruber, Mehta e Vernon (1970), Leamer (1974),
	Distância direta mais próxima, em quilômetros, entre as duas cidades de maior porte no país de origem e estrangeiro	Brewer (2007a e 2007b)
Condições climáticas	Escala de 5 pontos	Sousa e Bradley (2005, 2006)
Fuso horário	Resíduo obtido após a retirada do efeito do impacto da distância geográfica da diferença de fuso original	Dow e Karunaratna (2006)

2.6 MENSURAÇÃO DA DISTÂNCIA PSÍQUICA

A revisão de literatura sobre distância psíquica mostra que vários autores, pertencentes a distintas linhas de pesquisa, têm-se preocupado com a questão da medição da distância psíquica. Segundo Dow (2000), apesar da popularidade do conceito de distância psíquica, teriam sido feitos poucos esforços para medir adequadamente o construto.

2.6.1 Medida objetiva ou subjetiva

Uma discussão relevante diz respeito ao uso de medidas objetivas ou subjetivas para mensurar a distância psíquica. Os primeiros estudos na área de comércio internacional (por exemplo, Linnerman, 1966; Gruber, Mehta e Vernon, 1970; Leamer, 1974), usaram a distância geográfica como *proxy* para a distância psíquica (DOW, 2000). Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977) operacionalizaram o conceito de distância psíquica usando indicadores de estatísticas oficiais e dados sobre empresas exportadoras suecas. Segundo Dow e Karunaratna (2006), o debate se concentrou em se a distância psíquica seria medida como percepção individual, ou se seria medida usando um número maior de variáveis de nível macro.

Para Clark e Pugh (2001), a contradição entre a definição conceitual subjetiva e um conjunto operacional de indicadores objetivos, mesmo que ajustados subjetivamente, representaria a incapacidade de se desenvolver um modelo consistente. Stöttinger e Schlegelmilch (1998) criticaram o uso de medidas objetivas da distância psíquica. Justificando sua crítica, os autores citaram Müller e Köglmayr (1986), que afirmaram que o conceito de distância psíquica não expressaria simplesmente distâncias objetivas, mas mapearia a distância

individualmente percebida pelo indivíduo (subjéitiva) entre o mercado de origem e o mercado de destino, a qual afetaria a forma de se fazer negócios. Dichtl, Leibold, Köglmayr e Müller (1984), Dichtl, Köglmayr e Müller (1986, 1990), Leite, Rocha e Figueiredo (1988), Holzmüller e Kasper (1990, 1991), Stottinger e Schlegelmilch (1998) utilizaram algum tipo de mapeamento cognitivo para medir a distância psíquica pela percepção dos executivos de exportação.

No entanto, conforme Dichtl et al (1984), os resultados destes estudos seriam afetados pelo viés pós-decisão, ou seja, a decisão com respeito ao processo de internacionalização já teria sido tomada antes da realização da pesquisa empírica. Desta forma, as percepções dos decisores teriam sido alteradas pelo fato de os mesmos já estarem operando naquele mercado, sendo distintas das percepções que tinham antes da entrada no mercado.

Klein e Roth (1990) fizeram uso de cinco variáveis perceptuais para medir a distância psíquica: (1) condições climáticas, (2) poder de compra dos consumidores, (3) estilo de vida, (4) preferência dos consumidores, (5) grau de alfabetização e educação. Estudos mais recentes, como o de Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008) e Souza e Bradley (2005, 2006), também utilizaram escalas subjetivas aplicadas a amostras de empresas exportadoras. Evans, Mavondo e Bridson (2008) utilizaram um instrumento próprio dividido em duas partes: (1) distância cultural e (2) distância de negócios. A distância cultural, construto de segunda ordem, foi operacionalizada por cinco construtos de primeira ordem baseados nas dimensões culturais de Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988): (1) distância do poder, (2) fuga à incerteza, (3) individualismo vs coletivismo, (4) masculinidade vs feminilidade e (5) orientação de longo prazo vs orientação de curto prazo. Para

operacionalizar estes cinco construtos, foram utilizadas 25 variáveis perceptuais. A distância de negócios, outro construto de segunda ordem, foi operacionalizada por cinco construtos de primeira ordem, (1) ambiente legal e político, (2) estrutura de varejo, (3) economia, (4) práticas de negócios e (5) idioma. Para operacionalizar estes cinco construtos, foram utilizadas 27 variáveis perceptuais. Por sua vez, Sousa e Bradley (2006) utilizaram um instrumento de medida que operacionalizava a distância psíquica por meio de sete variáveis perceptuais: (1) condições climáticas, (2) poder de compra dos consumidores, (3) estilo de vida, (4) preferência dos consumidores, (5) grau de alfabetização e educação, (6) idioma e (7) valores culturais, crenças, atitudes e tradições.

Em linhas gerais, há razoável consenso quanto à adequação das medidas subjetivas, embora diversos autores ainda utilizem medidas objetivas para a distância psíquica. Usuários recentes de medidas objetivas foram Dow e Karunaratna (2006) e Brewer (2007). Mesmo estes autores, porém, utilizaram uma medida subjetiva em seus instrumentos de medida da distância psíquica. Para o indicador 'cultura', os dois autores utilizaram as cinco dimensões culturais de Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988), operacionalizadas por uma fórmula adaptada de Kogut e Singh (1988). Além disto, Dow e Karunaratna (2006) utilizaram mais sete construtos de primeira ordem: (1) idioma, (2) níveis de educação, (3) desenvolvimento industrial, (4) sistema político, (5) religião, (6) fuso horário e (7) laços coloniais, operacionalizados por um conjunto de 26 variáveis objetivas, refletindo diferenças entre país de origem e país estrangeiro. Por sua vez, Brewer (2007), além das dimensões de Hofstede e Hofstede e Bond, utilizou mais 14 variáveis objetivas: duas para medir 'laços comerciais'; três para medir

'laços políticos', três para medir 'laços históricos' e o restante para medir 'laços sociais'.

2.6.2 Assimetria

Geometricamente, pode-se definir distância como a extensão, em linha reta, do espaço entre pessoas ou objetos. Pode-se definir simetria como correspondência em tamanho de partes em lados opostos de um plano. Assim a distância entre dois pontos A e B, quando medida de A até o ponto B, é a mesma de quando medida de B até o ponto A, ou seja, a distância geométrica entre os pontos A e B é simétrica. Geograficamente, tal qual geometricamente, pode-se fazer a mesma analogia, ou seja, a distância do Brasil para os Estados Unidos é a mesma que dos Estados Unidos para o Brasil, ou seja, a distância geográfica entre Brasil e Estados Unidos é simétrica.

No entanto, quando se utilizam medidas perceptuais para medir a distância, simetria passa a não ser mais uma propriedade plausível. O fato de os brasileiros terem familiaridade com o idioma e a cultura dos norte-americanos não necessariamente implica que os norte-americanos tenham familiaridade com o idioma e a cultura dos brasileiros. Desta forma, a distância psíquica entre o Brasil e os Estados Unidos pode não ser simétrica.

A ausência de equivalência direcional, ou seja, a diferença constatada entre as distâncias percebidas do país A para o país B e do país B para o país A é chamado por Rocha (2004) de percepção assimétrica ou distância psíquica reversa. Segundo a autora a distância psíquica reversa seria causada pela existência de maior familiaridade dos brasileiros com o idioma e costumes de certos países estrangeiros, tais como Estados Unidos, França, Itália e Alemanha,

não ocorrendo o mesmo na direção contrária. Segundo Rocha (2004), as causas da assimetria estariam relacionadas aos moderadores da distância psíquica, que afetariam um dos lados (o brasileiro), mas não o outro.

Segundo Hart e Diehl (1994), a teoria de assimilação e contraste sugere que as pessoas reagem de forma diferente à mesma mensagem, dependendo do grau de similaridade ou diferença percebido em relação ao criador da mensagem, fornecendo subsídios para a falta de equivalência direcional. A percepção assimétrica seria causada pelo viés de assimilação ou contraste. Segundo Hart e Diehl (1994), as pesquisas sugerem que o efeito ou viés da assimilação está presente quando o emissor da mensagem reparte algo em comum com o público (por exemplo, perspectivas, valores, raça, estilo de vida, religião, fé, e outras características culturais). Ainda segundo os autores, devido a este senso de familiaridade, o indivíduo perceberia o emissor da mensagem como mais semelhante e mais digno de confiança, e o ponto de vista do emissor seria mais facilmente assimilado. Por outro lado, segundo Hart e Diehl (1994), quando um indivíduo não possuísse este senso de familiaridade e expusesse idéias diferentes, as pessoas tenderiam a exagerar a real diferença entre elas e o emissor da mensagem.

Para Parente, Baack e Almeida (2007), como o nível de familiaridade das pessoas com a cultura de um país não é homogêneo, cada pessoa é envezada por algum grau na relação com aquele país. Segundo os autores, dependendo do grau e tipo de viés do indivíduo (assimilação ou contraste), cada indivíduo percebe de maneira diferente a distância psíquica para determinado país.

Dichtl, Leibold, Köglmayr e Muller (1984), Barkema, Bell e Pennings (1996), O'Grady e Lane (1996), Shenkar (2001), Rocha (2004), Rocha, Silva e Carneiro (2007), Parente, Baack e Almeida (2007) discutiram o fenômeno da assimetria, porém de maneira teórica. Há carência de estudos empíricos abordando o fenômeno da assimetria, o que se justifica metodologicamente, visto que, para a operacionalização deste experimento, seria necessária a participação de um número razoável de países, respondendo a um mesmo instrumento, devidamente traduzido e adaptado.

Embora a questão da assimetria deva ser mais bem explorada, no presente estudo não será abordada, uma vez que as amostras utilizadas cobrem um único país de origem, o Brasil.

2.6.3 Fênomeno individual ou coletivo

Com a evolução do conceito de distância psíquica, uma questão importante passou a ser discutida na literatura e diz respeito à característica do fenômeno, individual ou coletivo (ROCHA, 2004; ROCHA, SILVA e CARNEIRO, 2007). Para Hallén e Wiedersheim-Paul (1993), a distância psíquica poderia ser medida a partir de uma perspectiva individual, organizacional, ou nacional.

Para Souza e Bradley (2006), a distância cultural relaciona-se ao nível coletivo e a distância psíquica ao nível individual. Segundo os autores, "o uso de estatísticas públicas disponíveis para capturar o construto não é apropriada, considerando que a distância psíquica deve ser acessada em nível individual." De maneira semelhante, Fletcher e Bohn (1998) ressaltaram ser a distância psíquica um fenômeno individual, por estar associada ao modo como o indivíduo vê o mundo.

Por outro lado, Rocha (2004) ressaltou que, em razão dos filtros culturais compartilhados, pessoas pertencentes à mesma cultura tenderiam a apresentar percepções semelhantes de proximidade ou de distanciamento cultural em relação aos países estrangeiros. Por isso, a distância psíquica seria, segundo Rocha (2004, p. 42), “um fenômeno coletivo relacionado ao conceito de etnocentrismo, um viés cultural existente nas formas de enxergar pessoas pertencentes a outros grupos”. A autora ampliou estas observações para o âmbito da cultura organizacional e concluiu que a distância psíquica pode ser medida em níveis individual, organizacional e nacional. Segundo Rocha (2004), apesar de relacionadas, as percepções individuais e coletivas da distância psíquica podem diferir em função de características específicas do indivíduo, tais como viagens ao exterior, bagagem cultural, entre outros fatores, bem como em razão de características do grupo.

Alguns autores consideraram que uma medida nacional seria adequada, supondo homogeneidade cultural dentro de um país ou até mesmo de uma região (por exemplo, a América Latina) (KOGUT e SINGH, 1988; BENITO e GRIPSRUD, 1992; FLETCHER e BOHN, 1998). O’Grady e Lane (1996) não apoiaram tal suposição, argumentando serem muitos países formados por diferentes grupos étnicos ou possuírem valores regionais arraigados. Nesta mesma linha, argumentou Rocha (2004), medir a distância psíquica em nível regional poderia reduzir os problemas derivados de uma possível medição em nível nacional, em especial para países com grandes diferenças culturais por região. Por outro lado, a medição regional apresentaria o mesmo problema que a medição nacional, ao assumir que uma medida coletiva seria uma boa *proxy* para a distância psíquica individual. Em contrapartida, medir a distância psíquica em nível individual, dos

tomadores de decisão nas empresas, envolveria uma série de problemas práticos. Localizar os indivíduos responsáveis pela tomada de decisão de internacionalização poderia ser bastante difícil, uma vez que estes decisores poderiam ter deixado a empresa. Além disso, poderia ser difícil, após a ocorrência do fato, determinar que pessoas teriam sido realmente responsáveis pela decisão (ROCHA, 2004). A literatura, entretanto, sugere a existência de um processo de socialização de informações dentro das empresas e desta forma, seria justificável a obtenção de informação por meio de respondentes que não necessariamente houvessem participado do processo decisório. Segundo Eriksson, Majkgard e Sharma (2000), a percepção do respondente poderia representar a percepção de seus predecessores.

Por fim, Dichtl et al (1984) chamaram a atenção para os problemas associados a medidas pós-decisão, dado que a percepção de distância psíquica dos decisores estaria influenciada pela experiência adquirida no mercado estrangeiro, suavizando (ou ampliando) a distância psíquica inicial, na maior parte das vezes não mensurada.

2.6.4 Construto-síntese ou conjunto de fatores

As considerações feitas anteriormente quanto à medição da distância psíquica referem-se, fundamentalmente, àqueles estudos que consideraram a distância psíquica como conjunto de fatores, tomados como medida agregada, ou como várias medidas independentes.

No entanto, alguns autores adotaram medições da distância psíquica por meio de escalas de item único, apoiados pela idéia de um construto-síntese. Esta idéia, formulada por Reid (1986), implica o entendimento de que a percepção de

distância psíquica não se daria, na mente do indivíduo, pela combinação de fatores, mas sim por um julgamento único, holista, gestáltico, da distância psíquica entre dois países.

Segundo Stöttinger e Schlegelmilch (2000), a utilização de uma escala de item único baseada na idéia de construto-síntese tem sido elogiada, mas também criticada. Evans, Treadgold e Mavondo (2000a) criticaram o trabalho de Stöttinger e Schlegelmilch (1998) por interpretar que a medida de item único proposta pelos autores não incorporava todos os fatores que, combinados, criariam a percepção de distância, tais como fatores de negócios ou do ambiente competitivo e legal. Para Evans e Mavondo (2002a, 2002b), seria questionável a crença de que um único item pudesse capturar plenamente a percepção dos executivos sobre as várias dimensões do construto.

Stöttinger e Schlegelmilch (2000) defenderam sua escolha metodológica, afirmando ser sua medida baseada nos princípios do mapeamento cognitivo, que assume que as pessoas desenvolvem mapas subjetivos de espaço e distância, os quais não necessariamente correspondem à realidade. Esta concepção encontra-se ancorada nas idéias da psicologia da *gestalt*, que interpreta as discrepâncias não como uma reprodução incorreta da realidade, mas como expressão valiosa dos motivos e necessidades do indivíduo.

Leite, Rocha e Figueiredo (1988) também utilizaram a idéia de construto-síntese para medir a distância psíquica, partindo da suposição de que a afinidade cultural que o executivo exportador sente em relação a determinado país afeta sua decisão de exportar para tal país. A afinidade cultural foi medida pela percepção de diferenças e semelhanças entre culturas distintas. Os principais atributos em

função dos quais se daria tal percepção seriam, o idioma, os costumes e a raça. O estudo dos autores tomou por base uma pesquisa realizada junto a 171 executivos de topo de 153 empresas nacionais e privadas exportadoras, produtoras de manufaturados. Foi pedido aos respondentes que assinalassem o grau de semelhança ou diferença entre o país de origem (Brasil) e diversos países exportadores a partir de uma escala ordinal de sete pontos (de 1 = muito semelhantes a 7 = muito diferentes).

Boyacigiller (1990) realizou pesquisa junto a uma grande instituição bancária dos Estados Unidos, entrevistando 1015 profissionais em 84 agências bancárias. A pergunta feita para medir a distância psíquica visava avaliar a dificuldade de adaptação e de trabalhar em diferentes países, e foi assim formulada: “Quão difícil é fazer negócios nos seguintes países por causa da diferença na localização cultural dos Estados Unidos? Outro caminho é pensar em quanto tempo um ‘americano médio’ leva para se adaptar ao ambiente de negócios. Países da mesma região são mais fáceis de se adaptar do que os outros?”. O autor utilizou uma escala de cinco pontos variando de 1 = muito fácil a 5 = muito difícil de se adaptar / muito diferente dos Estados Unidos, incluindo a opção ‘não sei’.

Shoham, Rose e Albaum (1995) realizaram pesquisa junto a empresas de manufatura dinamarquesas comprometidas com atividades internacionais. Os autores solicitaram aos respondentes que avaliassem a distância psíquica por meio da seguinte afirmação: “Descreva a natureza geral da diversidade geográfica de sua empresa face a seus produtos mais importantes em termos das diferenças culturais, de clima econômico e barreiras legais”. As percepções foram

medidas em uma escala de 5 pontos, variando de 1 = muito diferente a 5 = de nenhum modo diferente.

Dichtl, Leibold, Köglmayr e Müller (1984) e Dichtl, Köglmayr e Müller (1990) fizeram uso de princípios do mapeamento cognitivo, partindo da suposição de que as pessoas desenvolveriam mapas mentais de espaço e distância, os quais não necessariamente corresponderiam à realidade. Os autores estudaram uma amostra de executivos do Japão, Finlândia e Alemanha. Para medir a distância psíquica, foi solicitado aos entrevistados que posicionassem certos países em um espaço com 14 círculos concêntricos, de tal modo que a distância para o centro (país de origem) representasse a experiência exportadora subjetiva em relação àqueles países. Desta forma, os países percebidos como psiquicamente mais distantes seriam colocados nos círculos mais distantes. As distâncias de todos os países para o centro foram somadas e usadas como medida de distância psíquica.

Com o objetivo de melhorar o instrumento de medida da distância psíquica utilizado por Dichtl, Leibold, Köglmayr e Müller, Stöttinger e Schlegelmilch (1998) utilizaram uma escala livre, ou seja, sem um estímulo de referência, para capturar as diferenças individuais de julgamento. Embora esta abordagem resulte em valores absolutos entre os entrevistados que podem variar infinitamente, os julgamentos relativos relevantes não são influenciados negativamente e fornecem consistentemente discriminação entre os entrevistados. Os autores utilizaram uma amostra de empresas dos Estados Unidos estratificada por amostragem aleatória nos estados de Texas e Michigan. A amostra restringiu-se a empresas privadas do setor de manufaturados de 50 a 1000 empregados, e os respondentes selecionados eram executivos de vendas, exportação ou gerentes gerais.

Para relacionar a distância psíquica dos gerentes com a distância geográfica real, Stöttinger e Schlegelmilch (1998) converteram o espectro de julgamentos em distâncias entre o grau de longitude de 0° (Greenwich) e 180° (linha base). Esta distância geográfica de aproximadamente 16.700 quilômetros foi relacionada à escala de magnitude das respostas dos entrevistados. Por exemplo, se um gerente alemão indicasse a distância para a Líbia assinalando na escala 10,33 (selecionado na escala de 0 a 16,7, aproximadamente 17), esta distância era interpretada como distância geográfica percebida de aproximadamente 11.500 quilômetros, comparada à distância geográfica real entre Líbia e Alemanha de aproximadamente 2.000 quilômetros, o que representaria uma superestimação de aproximadamente 600 por cento.

Na tabela 2.11, a seguir, encontram-se as perguntas utilizadas em diversos estudos para medir a percepção global de distância psíquica.

Tabela 2.11 – Medidas utilizadas para a percepção global de distância psíquica.

Medidas	Autores
<p><i>“Marque, por favor, quão semelhantes ou diferentes lhe parecem cada um desses países em relação ao Brasil.”</i> Escala de 7 pontos de 1 = muito semelhantes a 7 = muito diferentes</p>	<p>Leite, Rocha e Figueiredo (1988)</p>
<p><i>“Quão difícil é fazer negócios nos seguintes países por causa da diferença na localização cultural dos EU? Outro caminho é pensar em quanto tempo um “Americano médio” leva para se adaptar ao ambiente de negócios. Países da mesma região são mais fáceis de se adaptar do que os outros?”</i> Escala de 5 pontos: 1 = muito fácil a 5 = muito difícil de se adaptar / muito diferente dos Estados Unidos; 0 = não sei.</p>	<p>Boyacigiller (1990)</p>
<p><i>“Descreva a natureza geral da diversidade geográfica de sua empresa face a seus produtos mais importantes em termos das diferenças culturais, clima econômico e barreiras legais”</i> Escala de 5 pontos: 1 = muito diferente a 5 = nada diferente.</p>	<p>Shoham, Rose e Albaum (1995)</p>

Tabela 2.12 – Medidas utilizadas para a percepção global de distância psíquica.
(continuação)

Medidas	Autores
Mapa cognitivo. Foi solicitado aos entrevistados que posicionassem vários países em um espaço com 14 círculos concêntricos, de modo que a distância para o centro (país de origem) representasse a percepção subjetiva de distância daqueles países. As distâncias de todos os países para o centro foram somadas e usadas como medida de distância psíquica.	Dichtl, Leibold, Köglmayr e Müller (1984); Dichtl, Köglmayr e Müller (1990)
Escala livre (sem um estímulo de referência para capturar as diferenças individuais de julgamento). Conversão do espectro de julgamentos em distâncias entre o grau de longitude de 0° (Greenwich) e 180° (linha base). Esta distância geográfica de aproximadamente 16.700 km foi relacionada à escala de magnitude das respostas dos entrevistados.	Stöttinger e Schlegelmilch (1998)

2.7 MODELO CONCEITUAL E HIPÓTESES DO ESTUDO

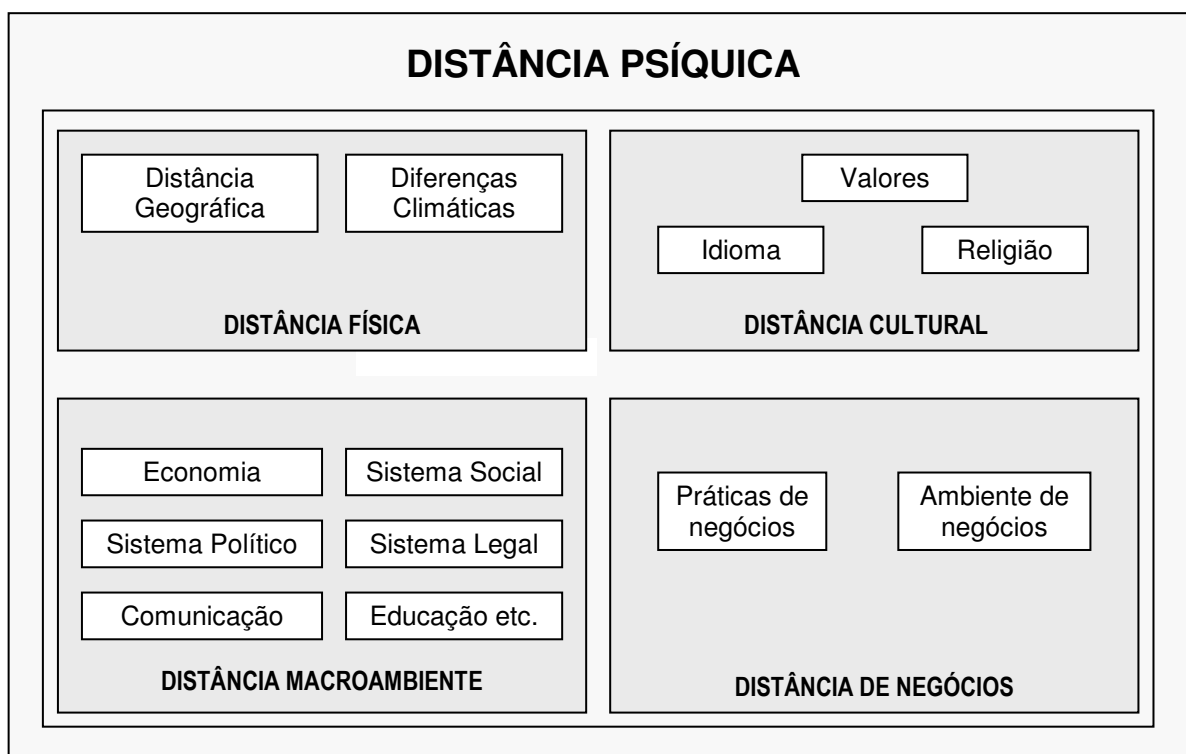
A partir da revisão da literatura realizada, estabeleceu-se que o domínio conceitual do construto ‘distância psíquica’ inclui quatro grandes dimensões: cultura, negócios, macroambiente e física (figura 2.4); e que se trata de um construto multidimensional de alta ordem.

A lista de variáveis (indicadores) extraídas da literatura, associadas a cada construto de primeira ordem, não é exaustiva. Vale ressaltar também que poucas pesquisas exploratórias foram realizadas para identificar as variáveis realmente utilizadas pelos gerentes quando consideram o quão perto ou quão longe um país se encontra, sob a perspectiva da distância psíquica. As poucas exceções são os estudos de Rocha (2004) e Weizman (2006), realizados no Brasil. A maioria dos estudos usou indicadores adotados por pesquisas anteriores.

Além disso, a maior parte dos pesquisadores não considerou todas as facetas do construto. Um número relativamente grande de autores usou a dimensão cultural

da distância psíquica, seguida por indicadores associados à dimensão macroambiente e por indicadores da distância de negócios. A dimensão menos utilizada é a distância física. Tipicamente, as estruturas conceituais de estudos anteriores não incluíam outros construtos (embora haja exceções, tais como Evans e Mavondo (2002a, 2002b); Evans e Bridson (2005); Evans, Mavondo e Bridson (2008)).

Figura 2.4 – Modelo Conceitual do Construto Distância Psíquica



Estabeleceu-se ainda, na revisão da literatura, que o construto poderia ser medido em vários níveis: nacional, organizacional e individual. No entanto, restringiu-se a abordagem do presente estudo à medida individual de distância psíquica.

O estágio final no processo de formulação de um modelo teórico é a definição e teste das hipóteses. É neste estágio que se verifica se a teoria faz sentido, e,

portanto, se é capaz de oferecer conhecimento sobre o fenômeno em estudo. É por meio do teste de hipóteses que o estudo irá relacionar os fatos observáveis no mundo empírico com as previsões teóricas do modelo proposto (DUBIN, 1978).

O conjunto de hipóteses espelha as proposições de dado modelo teórico e estabelece a ligação entre o mundo empírico e a teoria proposta nos modelos. Embora cada hipótese possa ser convertida em um grande número de sub-hipóteses, a regra geral é a de que será gerada uma hipótese para cada indicador empírico utilizado para representar as unidades presentes nas proposições (DUBIN, 1978).

O presente estudo considerou cinco hipóteses principais extraídas do referencial teórico. Apresentam-se a seguir as cinco hipóteses principais e respectivas sub-hipóteses, discutindo-se resumidamente a sua operacionalização.

H₁: Os principais instrumentos utilizados para medir a distância psíquica não apresentam diferença significativa em seus resultados.

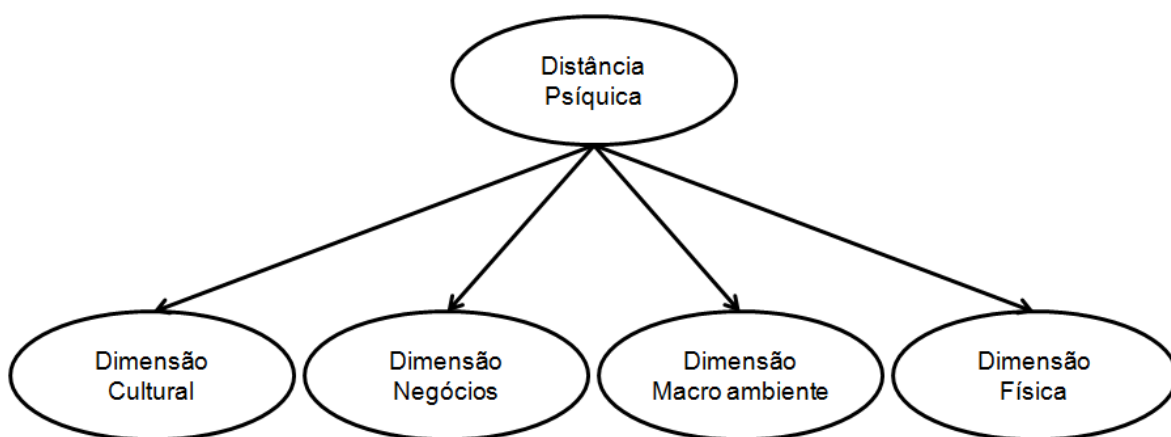
A hipótese principal será testada por meio de duas sub-hipóteses, sendo uma relativa a cada abordagem conceitual do fenômeno (construto-síntese ou conjunto de fatores):

H_{1a}: Os principais instrumentos utilizados para medir a distância psíquica, segundo a abordagem de construto-síntese, não apresentam diferenças significativas em seus resultados.

H_{1b}: Os principais instrumentos utilizados para medir a distância psíquica segundo a abordagem de conjunto de fatores não apresentam diferenças significativas em seus resultados.

As hipóteses restantes referem-se exclusivamente à medição da distância psíquica segundo a abordagem de conjunto de fatores. A partir da revisão de literatura, foram identificadas quatro dimensões do construto 'distância psíquica': dimensão cultural, dimensão de negócios, dimensão do macroambiente e dimensão física, conforme pode ser visto na figura 2.5. Cada uma destas dimensões, por sua vez, é composta por um conjunto de variáveis ou construtos, cuja lista também emanou da literatura.

Figura 2.5 – Modelo conceitual proposto para medição da Distância Psíquica segundo a abordagem de conjunto de fatores



São construídas as outras quatro hipóteses principais:

H₂: A dimensão cultural é parte significativa da medição da distância psíquica entre países.

Além desta hipótese principal, sub-hipóteses podem ser derivadas, de acordo com a revisão de literatura, para avaliar as variáveis que são parte da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.

H_{2a}: A variável 'valores culturais, crenças, atitudes e tradições' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.

H_{2b}: A variável 'estilo de vida da população' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.

H_{2c}: A variável 'crenças e práticas religiosas' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.

H_{2d}: A variável 'idioma' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.

H_{2e}: O construto 'distância do poder' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.

H_{2f}: O construto 'fuga à incerteza' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.

H_{2g}: O construto 'masculinidade – feminilidade' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.

H_{2h}: O construto 'individualismo – coletivismo' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.

H_{2i}: O construto 'organização de longo prazo – orientação de curto prazo' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.

H₃: A dimensão de negócios é parte significativa da medição da distância psíquica entre países.

Além desta hipótese principal, sub-hipóteses podem ser derivadas, de acordo com a revisão de literatura, para avaliar a contribuição das variáveis que são parte da dimensão de negócios do construto 'distância psíquica'.

H_{3a}: A variável 'forma de se fazer negócios' é parte significativa da dimensão de negócios do construto 'distância psíquica'.

H_{3b}: A variável 'práticas comerciais aceitas' é parte significativa da dimensão de negócios do construto 'distância psíquica'.

H_{3c}: A variável 'processos de negociação' é parte significativa da dimensão de negócios do construto 'distância psíquica'.

H_{3d}: A variável 'tipos de contratos utilizados' é parte significativa da dimensão de negócios do construto 'distância psíquica'.

H_{3e}: A variável 'expectativa com relação à qualidade de produtos' é parte significativa da dimensão de negócios do construto 'distância psíquica'.

H_{3f}: A variável 'expectativa com relação a cumprimento de prazos de entrega' é parte significativa da dimensão de negócios do construto 'distância psíquica'.

H₄: A dimensão macroambiente é parte significativa da medição da distância psíquica entre países.

Além desta hipótese principal, sub-hipóteses podem ser derivadas, de acordo com a revisão de literatura, para avaliar as variáveis que são parte da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.

H_{4a}: A variável 'ambiente político, social e econômico' é parte significativa da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.

H_{4b}: A variável 'sistema jurídico' é parte significativa da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.

H_{4c}: A variável 'estabilidade política' é parte significativa da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.

H_{4d}: A variável 'poder de compra dos clientes' é parte significativa da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.

H_{4e}: A variável 'hábitos e preferências dos consumidores' é parte significativa da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.

H_{4f}: A variável 'nível de desenvolvimento industrial' é parte significativa da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.

H_{4g}: A variável 'nível de alfabetização e instrução' é parte significativa da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.

H_{4h}: A variável 'ambiente econômico' é parte significativa da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.

H_{4i}: A variável 'infraestrutura de telecomunicações' é parte significativa da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.

H₅: A dimensão 'distância física' é parte significativa da medição da distância psíquica entre países.

Além desta hipótese principal, sub-hipóteses podem ser derivadas, de acordo com a revisão de literatura, para avaliar as variáveis que são parte da dimensão 'física' do construto 'distância psíquica'.

H_{5a}: A variável 'ambiente ambiente físico ou natural' é parte significativa da dimensão 'distância física' do construto 'distância psíquica'.

H_{5b}: A variável 'condições climáticas' é parte significativa da dimensão 'distância física' do construto 'distância psíquica'.

3 METODOLOGIA

Este capítulo descreve a metodologia adotada no presente estudo. Inicialmente, apresenta-se o método de pesquisa, em seguida, desenvolvem-se as hipóteses a partir do modelo conceitual. As escolhas metodológicas relativas à população e à amostra, métodos de coleta e análise de dados são então descritos, assim como as limitações decorrentes de tais escolhas.

3.1 QUESTÕES DE PESQUISA

Este estudo se ocupa da conceituação e mensuração de um construto na área de Negócios Internacionais: a distância psíquica.

São quatro as perguntas principais que o estudo buscou responder:

1. Qual o domínio conceitual do construto?
2. Os instrumentos de medida existentes cobrem todo o escopo do fenômeno?
3. As medidas de distância psíquica existentes produzem resultados similares?
4. É possível construir um instrumento mais completo e parcimonioso para aferição da distância psíquica a partir das contribuições existentes na literatura?

3.2 PROCEDIMENTO DE PESQUISA ADOTADO

Muitos construtos, nas Ciências Sociais, nada mais são do que “abstrações teóricas” e, frequentemente, “estados cognitivos inobserváveis, individuais (por exemplo, atitudes) ou compartilhados (por exemplo, valores culturais)” e “podem existir mais na mente de cientistas sociais do que na dos sujeitos [da pesquisa]” (SPECTOR, 1992, p.13). Daí deriva a extrema dificuldade de se avaliar escalas existentes e desenvolver uma nova escala para mensuração de um construto desta natureza, como é o caso da distância psíquica.

Fundamental, portanto, é a adoção de um conjunto rigoroso de procedimentos, que permita assegurar-se, na medida do possível, de que o construto está sendo adequadamente explorado e mensurado.

No presente estudo, seguiu-se o procedimento delineado na tabela 3.1, com base nas recomendações de Churchill (1979), Spector (1992) e DeVellis (2003). Este procedimento foi adaptado ao caso particular deste estudo, já que as recomendações destes autores referem-se à construção de novas escalas e não ao uso de escalas já existentes como ponto de partida para o desenvolvimento de uma nova escala. Os procedimentos de pesquisa foram subdivididos em sete grandes etapas:

- Mapeamento do domínio conceitual do construto
- Identificação, seleção e adequação dos instrumentos de medida
- Avaliação da validade de conteúdo
- Teste empírico

- Purificação das medidas (só para instrumentos multi-itens)
- Comparação dos resultados obtidos pelos vários instrumentos
- Sugestão de nova escala de mensuração.

Tabela 3.1 - Detalhamento das etapas

Etapa	Detalhamento
1. Mapeamento do domínio conceitual do construto	Identificação das definições e conceituações do construto
	Identificação das abordagens de mensuração
	Identificação das dimensões básicas do construto
	Aprofundamento da literatura para identificar as variáveis dentro de cada dimensão
	Modelo conceitual do estudo
	Especificação do nível de análise
2. Identificação, seleção e adequação dos instrumentos de medida	Seleção dos instrumentos identificados na literatura para medição do construto
	Procedimentos de tradução e retradução dos instrumentos
	Determinação das características da escala de medida
	Escolha dos países
	Pré-teste dos instrumentos
3. Avaliação da validade de conteúdo e de face	Consulta a especialistas
4. Testes empíricos	Definição do método de levantamento de dados
	Determinação de população e amostra
	Procedimentos de coleta de dados
5. Purificação das medidas (só para instrumentos multi-itens)	Análise de correlações
	Análise fatorial exploratória
	Análise fatorial confirmatória

Tabela 3.1 - Detalhamento das etapas (continuação)

Etapa	Detalhamento
6. Comparação dos resultados obtidos pelos vários instrumentos	Teste de hipóteses
	Outras análises
7. Sugestão de nova escala de mensuração	Apresentação da escala final
	Testes futuros recomendados

3.3 PONTO DE PARTIDA: MAPEAMENTO DO DOMÍNIO CONCEITUAL DO CONSTRUTO

A falta de desenvolvimento conceitual para a mensuração de um construto, nas Ciências Sociais, pode trazer sérios prejuízos ao avanço do conhecimento. Isto porque, quando um construto é insuficientemente desenvolvido no plano conceitual, não é possível criar e validar instrumentos de mensuração adequados (Churchill, 1979; Spector, 1992; DeVellis, 2003). Por esta razão, a primeira etapa de um trabalho de desenvolvimento e validação de escalas de medida consiste exatamente em mapear o domínio conceitual do construto, o que inclui identificar suas várias facetas. DeVellis (2003, p.60) observou que, “para se pensar com clareza sobre o conteúdo de uma escala, é necessário pensar com clareza sobre o construto que se deseja medir”.

Netemeyer, Bearden e Sharma (2003) advertiram para a necessidade de estar alerta para dois tipos de erros no processo de mapeamento do domínio conceitual de um construto:

- Subrepresentatividade – ocorre quando a medida é muito estreita, não incluindo facetas importantes do construto;

- Variância irrelevante ao construto – Ocorre quando o domínio conceitual do construto é definido de forma muito ampla, incluindo fatores ou partes de outro construto que, na verdade, não pertencem ao domínio conceitual do construto original que se pretendia medir, “podendo criar confusão entre o construto-alvo e suas variáveis preditoras” (p.89).

O construto ‘distância psíquica’ tem sido exaustivamente estudado, desde a década de 1970, quando seu uso popularizou-se graças ao trabalho seminal dos teóricos de Uppsala. Desta forma, a literatura das últimas quatro décadas é bastante rica em tentativas de entendimento do fenômeno, proporcionando uma base sólida para a identificação do âmbito teórico do construto. O mapeamento conceitual do construto foi realizado, portanto, por meio de ampla revisão da literatura sobre distância psíquica, cujos resultados foram apresentados no capítulo 2 deste estudo. Segue-se uma descrição de cada passo.

3.3.1 Identificação das definições e conceituações do construto

O mapeamento do domínio conceitual do construto se inicia pela identificação e análise das definições e conceituações existentes na literatura. Para Spector (1992, p.14), o trabalho de definir o escopo de um construto deve se iniciar pela “definição geral do construto”, investigando-se como este construto foi conceituado e definido pelos autores. As definições tentam apreender a natureza do construto, sendo, desta forma, um bom ponto de partida para mapear seu domínio conceitual. Se o construto for popular, espera-se que haja boa variedade de definições e conceituações na literatura, que podem estar ou não de acordo entre si.

3.3.2 Identificação das abordagens de mensuração

Consiste em verificar quais são as abordagens utilizadas na literatura para mensuração do construto. Identificou-se a existência de duas abordagens para mensuração do construto 'distância psíquica' na literatura: uma que trata a distância psíquica como construto-síntese e outra que a trata como conjunto de fatores. Como já observado, estas duas abordagens têm, por detrás de si, conceituações diferentes do que é distância psíquica. Enquanto o construto é visto como uma *gestalt* pelos defensores da idéia de construto-síntese, a outra corrente argumenta que se trataria mais de uma combinação de vários atributos (ou dimensões).

Os defensores da primeira abordagem adotaram medidas holísticas do construto, baseadas em um único item; os defensores da segunda visão sugeriram a necessidade de adotar medidas de múltiplos itens, que cobrissem as várias facetas do fenômeno. No entanto, há autores que seguem a idéia de construto-síntese e usam medidas multi-itens.

De forma consistente, foram levantadas todas as escalas de mensuração existentes na literatura que puderam ser identificadas e localizadas. Em dois casos, os autores dos trabalhos originais foram contactados e deles obtidos os questionários que haviam utilizado em seus estudos.

3.3.3 Identificação das dimensões básicas do construto

Este passo consiste em extrair das definições e conceituações as dimensões básicas do construto. Como os construtos em Ciências Sociais, de modo geral, são abstratos e não encontram correspondência no mundo real (Spector, 1992), a

identificação destas dimensões é uma tarefa difícil, embora crucial para a etapa de mensuração.

Considerando-se a abordagem de conjunto de fatores e a partir das definições de distância psíquica, foram identificadas quatro grandes dimensões do construto: dimensão cultural, dimensão de macroambiente, dimensão física e dimensão de negócios. Estas dimensões são na realidade outros construtos (ou subconstrutos) que são parte do construto principal.

3.3.4 Aprofundamento da literatura para identificar as variáveis dentro de cada dimensão

Este passo consiste em realizar ampla revisão da literatura pertinente, de modo a obter entendimento teórico mais profundo e detalhado de como se comportam as dimensões e do que nelas se inclui. Spector (1992, p.15) observa que “um construto não existe no vácuo”; desta forma, suas relações com outros construtos precisam ser investigadas.

Uma vez identificadas as quatro dimensões do construto ‘distância psíquica’, foi realizada uma exploração mais profunda da literatura. Nesta etapa, identificaram-se itens relacionados a cada dimensão e, ainda, a forma pela qual estas variáveis haviam sido operacionalizadas na literatura. Estes itens são apresentados na tabela 3.2.

Tabela 3.2 - Itens listados na literatura, autores e dimensões

Dimensão	Subdimensão	Item	Autores
Cultural		Valores culturais, crenças, atitudes e tradições	(medida global da dimensão) Sousa e Bradley (2005)
		Estilo de vida da população	Sousa e Bradley (2005)
		Crenças e práticas religiosas	Variável de Dow e Karunaratna (2006); operacionalização do pesquisador
		Idioma	Sousa e Bradley (2005), Klein e Roth (1990) e Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Cultural (Hofstede)	Distância do poder	Crítérios para chegar a posições de poder e influência	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Método habitual de mudança política	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Desigualdade econômica entre as pessoas	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Diferença entre o salário mais alto e o mais baixo nas empresas	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Importância atribuída aos símbolos de status social	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Importância atribuída à igualdade perante a lei	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
	Fuga à incerteza	Regras sociais para orientar o comportamento	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Abertura para a mudança e a inovação	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Fé nos jovens	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Tolerância com relação a diferenças entre as pessoas	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Liberdade das pessoas expressarem suas emoções	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
	Individualismo/Coletivismo	Liberdade de imprensa	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Respeito à liberdade individual	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Importância atribuída à lealdade a família e amigos	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Importância atribuída ao direito à privacidade	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Importância atribuída a se chegar a um consenso	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Masculinidade/Feminilidade	Principais meios para resolver conflitos entre pessoas	Evans, Mavondo e Bridson (2008)	
	Expectativa de que as mulheres sejam decididas e ambiciosas	Evans, Mavondo e Bridson (2008)	
	Importância atribuída a cuidar dos outros	Evans, Mavondo e Bridson (2008)	
	Importância atribuída ao sucesso financeiro	Evans, Mavondo e Bridson (2008)	

Tabela 3.2 – Itens listados na literatura, autores e dimensões (continuação)

Dimensão	Subdimensão	Item	Autores
Cultural (Hofstede)	Orientação de Longo Prazo/Curto Prazo	Respeito às tradições	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Importância atribuída à simplicidade	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Importância atribuída à reputação e à honra pessoal	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Importância atribuída ao trabalho árduo para o sucesso a longo prazo	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Importância atribuída à virtude	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
Negócios		Forma de se fazer negócios	Rocha (2004) (medida global da dimensão)
		Práticas comerciais aceitas	Klein e Roth (1990)
		Processos de negociação	Rocha (2004); operacionalização do pesquisador.
		Tipos de contratos utilizados	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Expectativa com relação à qualidade de produtos	Rocha (2004); operacionalização do pesquisador
		Expectativa com relação a cumprimento de prazos de entrega	Rocha (2004); operacionalização do pesquisador
Macroambiente		Ambiente político, social e econômico	(medida global da dimensão)
		Sistema jurídico	Klein e Roth (1990)
		Estabilidade política	Evans, Mavondo e Bridson (2008)
		Poder de compra dos clientes	Sousa e Bradley (2005)
		Hábitos e preferências dos consumidores	Sousa e Bradley (2005)
		Nível de desenvolvimento industrial	Variável de Dow e Karunaratna (2006); operacionalização do pesquisador.
		Nível de alfabetização e instrução	Sousa e Bradley (2005)
		Ambiente econômico	Klein e Roth (1990)
		Infraestrutura de telecomunicações	Klein e Roth (1990)
Física		Meio ambiente físico ou natural	(medida global da dimensão)
		Condições climáticas	Sousa e Bradley (2005)

3.3.5 Proposta do modelo conceitual do estudo

Este passo consiste em propor, a partir dos elementos anteriormente identificados, um modelo conceitual que inclua as várias facetas do construto previamente identificadas. DeVellis (2003, p.61) observou que o pesquisador deve “especificar ao menos um modelo teórico tentativo que sirva como guia ao desenvolvimento da escala”.

Assim, ao final do processo de revisão da literatura, tendo-se mapeado o domínio conceitual do construto ‘distância psíquica’ e estabelecidas suas dimensões e variáveis associadas a cada dimensão, foi apresentado um modelo conceitual que procurou reunir, de forma esquemática, as quatro dimensões e seu conteúdo. A partir deste modelo foram construídas as hipóteses do estudo.

3.3.6 Especificação do nível de análise

Este passo consiste em escolher que nível de especificação será adotado, se mais amplo ou mais restrito. DeVellis (2003) sugeriu que o nível de especificidade com que um construto é medido tem impacto sobre a força da mensuração. Quanto maior a especificidade, maior tende a ser a força das correlações. Delimitou-se, então, a abordagem do estudo ao nível individual, ou seja, a distância psíquica como fenômeno individual, e não como fenômeno organizacional ou nacional.

3.4 IDENTIFICAÇÃO, SELEÇÃO E ADEQUAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE MEDIDA

Spector (1992, p.16) observou:

“Se já existem escalas para medir os construtos de interesse, o conteúdo destas escalas pode ajudar no desenvolvimento de uma [nova] escala. Não é incomum desenvolver-se uma escala a partir de escalas já existentes. Isto pode ser feito em áreas em que não existe ainda uma escala de alta qualidade.”

Este é o caso da mensuração do construto ‘distância psíquica’, para o qual existem diversas escalas na literatura, mas nenhuma delas foi considerada, até o momento, como “de alta qualidade”, nem mereceu aceitação universal dos pesquisadores do tema.

3.4.1 Seleção dos instrumentos identificados na literatura para medição do construto

Os instrumentos de medida de distância psíquica existentes na literatura são, em geral, associados às duas abordagens teóricas anteriormente identificadas:

- Abordagem da distância psíquica como construto-síntese – escala composta por um grupo relativamente grande de países avaliados cada um de maneira global, por meio de uma única pergunta (*single-item measure*).
- Abordagem da distância psíquica como conjunto de fatores – escala composta por um grupo pequeno de países avaliados de maneira específica em um número relativamente grande de atributos (*multiple-item measures*).

Foram selecionados para teste instrumentos de medida que cobrissem as duas abordagens à medição – construto-síntese e conjunto de fatores. Além disso, os instrumentos de medida selecionados deveriam estar disponíveis (publicados ou disponibilizados por seus autores).

Foram selecionados os seguintes instrumentos, dentro da abordagem de construto-síntese (distância psíquica de um país a outro medida por uma escala de um único item):

- Leite, Rocha e Figueiredo (1988).
- Boyacigiller (1990)
- Shoham, Rose e Albaum (1990)
- Stöttinger e Schlegelmilch (1998).

Já com relação à abordagem que considera a distância psíquica como conjunto de fatores, foram selecionados os seguintes instrumentos, todos eles baseados em múltiplos itens:

- Klein e Roth (1990)
- Sousa e Bradley (2005, 2006)
- Evans, Mavondo e Bridson (2008)

A questão de quando se deve usar uma escala de item único ou de múltiplos itens para medir um construto é sujeita a controvérsia. Spector (1992) sugeriu que a decisão dependeria do grau de complexidade do construto. Construtos muito específicos, com definições muito estreitas, poderiam ser medidos por um único

item. Já construtos mais complexos, que podem ser divididos em subconstrutos, exigiriam o uso de escalas múltiplas. Churchill (1979, p.66) defendeu que os pesquisadores estariam “mais bem servidos com o uso de medidas de itens múltiplos do que com medidas de item único de seus construtos”.

De modo a testar um modelo intermediário entre a escala de único item e as escalas de múltiplos itens, mas que abordasse todas as dimensões do construto ‘distância psíquica’ identificadas na literatura incluiu-se outra medida, em que cada uma das quatro dimensões da distância psíquica era representada por uma escala de item único. Esta medida apresenta como vantagens, além de abarcar o construto em suas quatro dimensões, utilizar escalas de múltiplos itens (quatro itens, um para cada dimensão), como sugerido por Churchill (1979), e ser parcimoniosa. Esta medida é identificada, ao longo deste trabalho, como ‘dimensões-síntese’.

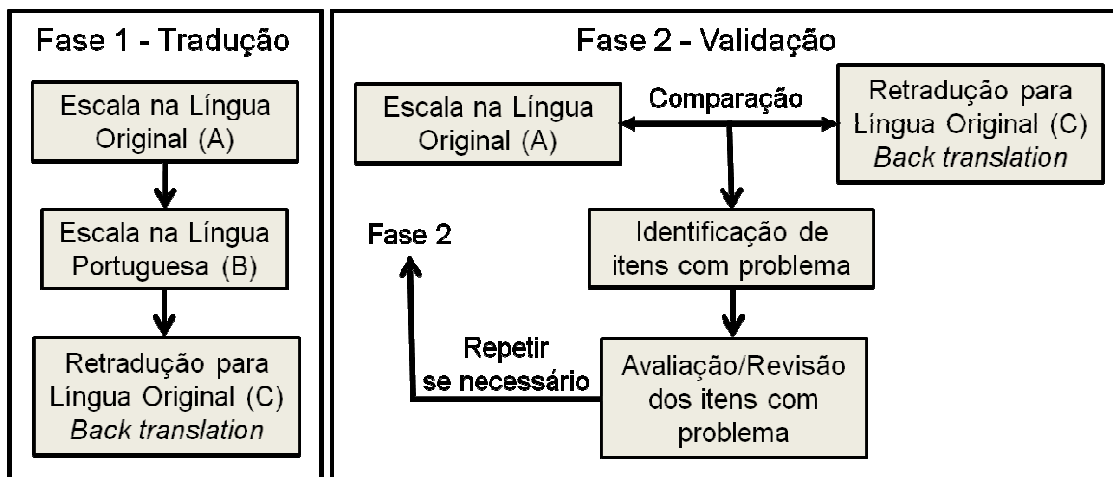
Além disso, optou-se por uma medida adicional utilizando as quatro dimensões, porém com escalas multi-itens para cada dimensão. Esta medida deveria utilizar todos os itens extraídos da literatura para as quatro dimensões, exceto as dimensões-síntese. Esta medida é identificada no trabalho como ‘modelo completo’.

3.4.2 Procedimentos de tradução e retradução dos instrumentos de medida

O presente estudo fez uso de instrumentos de medida que foram originalmente confeccionados em língua estrangeira, mais especificamente, inglês. Para o uso destes instrumentos tornam-se necessárias sua versão e adaptação para a língua portuguesa, ou seja, geração de uma versão em português (versão brasileira).

Segundo Sperber (2004), a metodologia para adaptação de questionários de pesquisas do tipo *cross-cultural* deve seguir duas fases: tradução e validação. Estas fases são apresentadas a seguir e podem ser resumidas por meio do fluxograma apresentado na figura 3.1.

Figura 3.1 – Fluxograma de tradução (fase 1) e processo de validação (fase 2)



Fonte: Adaptado de Sperber (2004)

Na fase de tradução, cada um dos originais dos instrumentos de medida de distância psíquica, obtidos na língua inglesa, foi traduzido independentemente por dois tradutores profissionais. As duas traduções foram comparadas e revisadas por especialistas (três professores doutores na área de Administração, com fluência na língua inglesa e conhecimento do tema) para se obter a versão em português das escalas que mais se aproximasse do original.

Nesta etapa, alguns itens de escalas já existentes foram excluídos, por se verificar que apresentavam sentido dúbio mesmo no idioma original. Isto ocorreu em especial com alguns itens do questionário de Evans, Bridson e Mavondo (2008). Talvez em função de especificidades do ambiente de varejo, itens adicionais tiveram que ser excluídos por ocasião da tradução.

Os instrumentos de medida traduzidos e revistos foram então submetidos a um pré-teste inicial, que é detalhado na seção seguinte. Após o pré-teste, foram realizados alguns pequenos ajustes na versão brasileira dos questionários.

Finalmente, procedeu-se à retradução (*back translation*). Para Sperber (2004), boas traduções levam a uma retradução semelhante ao documento original. Caso isto não aconteça, é provável que a tradução sugerida não seja adequada. Para realizar a etapa de retradução novos especialistas foram contatados (um nativo de língua inglesa e dois nativos de língua portuguesa, pesquisadores da área de Negócios Internacionais com pleno domínio do idioma inglês). No anexo 5, tabelas A9 a A15, para cada instrumento é apresentado seu histórico, ou seja, seu texto original na língua de origem, duas traduções, texto final e também a retradução do nativo (*back translation*).

Sendo assim, iniciou-se a fase de validação da tradução. Sperber (2004) sugeriu avaliar a qualidade do instrumento de medida gerado pela retradução (neste caso, a versão brasileira), analisando a comparabilidade e a similaridade do instrumento de medida retraduzido com o instrumento de medida original em inglês, por meio de procedimento sugerido por Sperber, DeVellis e Boehlecke (1994), apresentado na tabela 3.3.

Sperber, DeVellis e Boehlecke (1994) desenvolveram um procedimento para avaliar, ao mesmo tempo, a comparabilidade da linguagem e a similaridade da interpretação do documento traduzido em relação ao documento original. No que se refere à interpretação, busca-se verificar se o significado é o mesmo, ainda que possam ter sido usadas palavras diferentes. Para a avaliação destes itens, os

autores utilizaram uma escala de 7 pontos, variando de 1 = melhor avaliação a 7 = pior avaliação.

Assim, para cada item dos instrumentos de medida, os especialistas, fazendo uso do instrumento apresentado na tabela 3.3, compararam a versão original em inglês com a versão retraduzida para o inglês. Ao final desta avaliação, calcularam-se os valores médios atribuídos à comparabilidade e à similaridade dos itens. Segundo Sperber (2004), qualquer item com média superior a 3 deve ter sua tradução revista. Itens com médias entre 2,5 e 3 em similaridade da interpretação também devem ser considerados problemáticos e sujeitos a revisão.

Tabela 3.3 – Instrumento de comparação/interpretação para validação da tradução dos questionários

		Por favor circule a resposta que melhor representa a sua classificação nos seguintes pares de itens em termos de: (A) Comparabilidade da Linguagem (quanto a linguagem é comparável com o original?) e (B) Similaridade da Interpretação (os pares de itens podem ser interpretados como semelhantes ao original, mesmo que com redações diferentes?). Por favor, circulem somente uma resposta para (A) e uma resposta para (B) para cada par de itens.						
		<i>(A) COMPARABILIDADE DA LINGUAGEM</i>						
		EXTREMAMENTE COMPARÁVEL		MODERADAMENTE COMPARÁVEL		DE MODO ALGUM COMPARÁVEL		
Versão Original em Inglês	Versão Retraduzida em Inglês (Back translation)	1	2	3	4	5	6	7
		<i>(B) SIMILARIDADE DA INTERPRETAÇÃO</i>						
		EXTREMAMENTE SIMILAR		MODERADAMENTE SIMILAR		DE MODO ALGUM SIMILAR		
		1	2	3	4	5	6	7

Fonte: Adaptado de Sperber, DeVellis e Boehlecke (1994)

Sperber (2004) alertou, ainda, que mesmo em itens com médias altas podem ser identificados problemas que deverão ser avaliados.

Seguiu-se este procedimento, utilizando três avaliadores (especialistas no tema) para realizar esta avaliação. Os resultados da avaliação encontram-se na tabela 3.4.

Tabela 3.4 – Média das comparações/interpretações dos instrumentos após tradução e retradução

Instrumento	Itens	Comparabilidade	Similaridade
Sousa e Bradley (2005)	7	2,3	2,3
Klein e Roth (1990)	5	1,3	1,3
Evans, Mavondo e Bridson (2008)	26	2,0	2,3

Pode-se verificar que as médias das respostas dos avaliadores foram todas inferiores a 2,3, indicando que os instrumentos estão adequados tanto em comparabilidade de linguagem quanto em similaridade de interpretação.

3.4.3 Inclusão de novos itens

O mapeamento conceitual do construto, realizado na primeira etapa do processo de desenvolvimento da nova escala, mostrou que os questionários existentes não cobriam determinados espaços conceituais que haviam sido mapeados. Assim sendo, tornou-se necessário acrescentar alguns itens que não se encontravam cobertos pelos questionários existentes, mas que deveriam estar presentes para que a medição do construto cobrisse todo o domínio conceitual identificado na literatura. Estes itens foram apresentados em conjunto com os demais na tabela 3.2, sendo indicados separadamente na tabela 3.5.

Basicamente, foram incluídos dois tipos de variáveis:

- variáveis-síntese de cada dimensão, como ‘forma de se fazer negócios’, ‘ambiente político, social e econômico’ e ‘meio ambiente físico ou natural’;
- variáveis não abordadas nos questionários existentes, incluindo: ‘crenças e práticas religiosas’ no construto ‘distância cultural’; ‘processos de

negociação’, ‘expectativas com relação à qualidade dos produtos’ e ‘expectativa com relação a cumprimento de prazos de entrega’ no construto ‘distância de negócios’.

Tabela 3.5 – Variáveis extraídas da revisão de literatura, mas que não constavam dos questionários selecionados

Dimensão	Variáveis	Fonte
Cultural	Crenças e práticas religiosas	Variável de Dow e Karunaratna (2006); operacionalização do pesquisador
Negócios	Forma de se fazer negócios	Rocha (2004) (medida global da dimensão); operacionalização do pesquisador.
	Processos de negociação	Rocha (2004); operacionalização do pesquisador.
	Expectativa com relação à qualidade de produtos	Rocha (2004); operacionalização do pesquisador.
	Expectativa com relação a cumprimento de prazos de entrega	Rocha (2004); operacionalização do pesquisador.
Macroambiente	Ambiente político, social e econômico	(medida global da dimensão); operacionalização do pesquisador.
	Nível de desenvolvimento industrial	Variável de Dow e Karunaratna (2006); operacionalização do pesquisador.
Física	Meio ambiente físico ou natural	(medida global da dimensão); operacionalização do pesquisador.

3.4.4 Determinação das características da escala de medida

DeVellis (2003) chamou a atenção para a necessidade de determinação do formato da medida, ou seja, escolher a escala mais adequada. Ele sugeriu o uso de dois critérios:

- Variabilidade da escala; e
- Capacidade de discriminação dos respondentes.

A variabilidade da escala depende do número de itens e do número de alternativas de resposta. Se uma escala tem poucos itens é recomendável

aumentar as opções de resposta, para permitir maior variabilidade. Se a escala tem muitos itens, pode-se trabalhar com menor número de opções de resposta.

A capacidade de discriminação do respondente vai depender, por sua vez, do que está sendo medido. Se o respondente não for capaz de discriminar entre as alternativas, ele pode fazer uso apenas de algumas delas, ao considerar a resposta. DeVellis (2003, p.75) salientou que, quando isto acontece, “embora a variância da escala possa aumentar, é a porção aleatória (isto é, o erro) que está crescendo, ao invés da porção sistemática atribuível ao fenômeno em estudo”.

No que diz respeito à escala de medida adotada, os instrumentos perceptuais de medida disponíveis utilizaram escalas de 5 pontos (por exemplo, Boyacigiller, 1990; Shoham, Rose e Albaum, 1990; Sousa e Bradley, 2005, 2006) ou de 7 pontos (por exemplo, Evans, Mavondo e Bridson, 2008; Klein e Roth, 1990; Leite, Rocha e Figueiredo, 1988) para medir os itens que compõem o construto ‘distância psíquica’.

Os especialistas consultados na etapa de validação sugeriram o uso de uma escala de 5 pontos, por ser esta considerada, de acordo com sua experiência, mais adequada à aplicação no Brasil. Assim sendo, optou-se por utilizar a escala de 5 pontos, para todos os questionários, independentemente de o número de intervalos adotados pelo autor no trabalho original ser 5 ou 7.

3.4.5 Escolha dos países

Outra decisão importante para o estudo foi a escolha dos países a serem pesquisados.

No caso dos instrumentos de medida relativos à abordagem de construto-síntese, com escalas de um único item, foram utilizados 16 países, a saber: África do Sul, Alemanha, Argentina, Canadá, China, EUA, Grécia, Hong-Kong, Índia, Inglaterra, Israel, Itália, Japão, México, Portugal e Rússia. A seleção dos 16 países acompanhou a lista de países utilizada em estudos anteriores no Brasil (LEITE, ROCHA e FIGUEIREDO, 1988; SILVA, ROCHA E FIGUEIREDO, 2007).

Já no que se refere aos instrumentos de medida relativos à abordagem de conjunto de fatores, o critério de escolha de países foi o de utilizar o menor número de países possível, cobrindo três categorias: baixa, média e alta distância psíquica em relação ao Brasil. Foram pré-selecionados pelo pesquisador, a partir do estudo de Weizman (2007): para baixa distância psíquica, Argentina e Portugal; para média distância psíquica, Estados Unidos e Alemanha; para alta distância psíquica, China e Índia. A vantagem percebida em utilizar países analisados no estudo de Weizman (2007) era que os resultados do presente estudo poderiam ser interpretados melhor recorrendo-se a *insights* obtidos daquele estudo, baseado em entrevistas em profundidade com brasileiros.

Após o pré-teste inicial e a análise pelos juízes, o país de menor distância psíquica escolhido foi a Argentina. Decidiu-se eliminar Portugal, por ser a matriz colonial, o que poderia enviesar os resultados, preferindo-se a Argentina, que apareceu em segundo lugar no estudo de Leite, Rocha e Figueiredo (1988) e em primeiro no de Silva, Rocha e Figueiredo (2007).

Quanto ao país de distância psíquica média, optou-se pela Alemanha, em detrimento dos Estados Unidos. Isto se deveu ao fato de a recente política externa dos Estados Unidos ter gerado, dentre a população brasileira,

sentimentos bastante negativos com relação àquele país, o que poderia interferir nos resultados. Já a Alemanha, embora ainda associada ao nazismo, como se verificou no estudo de viés etnográfico conduzido por Weizmann (2007), parece ser vista de forma mais neutra, sem fortes sentimentos associados.

Finalmente, no que se refere ao país de maior distância psíquica, optou-se por escolher a Índia. A China foi descartada devido à recente realização dos Jogos Olímpicos naquele país, mostrando aos brasileiros uma visão específica e muito parcial do mesmo e potencialmente enviesando os resultados.

3.4.6 Pré-testes dos instrumentos

O primeiro pré-teste realizado foi feito com 24 sujeitos, sendo 16 estudantes de mestrado e 8 de doutorado em Administração, para verificar a compreensão da primeira versão dos questionários (versão brasileira). Ao responderem a cada questionário, os sujeitos foram incentivados a anotar no instrumento qualquer tipo de dificuldade, questões com dupla interpretação, assim como sugestões sobre a apresentação do questionário.

Além disso, foram aceitas sugestões que pudessem levar à melhor compreensão do instrumento: terminologias regionais, correção gramatical e instruções de como responder ao questionário.

Os principais problemas detectados ocorreram no questionário de Evans, Bridson e Mavondo (2008). Alguns itens deste questionário já haviam sido previamente excluídos por se aplicarem exclusivamente ao ambiente de varejo, para o qual o questionário havia sido originalmente elaborado, não se aplicando, portanto, a exportadores de produtos manufaturados. Alguns itens deste mesmo questionário

foram posteriormente excluídos, na fase de tradução, por não ter sido possível traduzir para o português sem que tivessem sentido dúbio. Por fim, na validação de conteúdo e de face foram introduzidas algumas modificações na forma de apresentar os itens, de modo a torná-los mais claros para o respondente.

Alguns itens, em função dos resultados do pré-teste e da etapa de validação de conteúdo e de face, tiveram suas escalas alteradas. Dois destes itens foram extraídos do estudo de Rocha (2004) – ‘expectativa com relação à qualidade de produtos’ (D1) e ‘expectativa com relação a cumprimento de prazos de entrega’ (D2) – e os demais do questionário de Evans, Mavondo e Bridson (2008) – questões D4 a D12 da parte 4 e E1 a E11 da parte 5 (Anexo 7). Estas questões não podiam ser adequadamente utilizadas com escalas bipolares (1 = muito semelhantes; 5 = muito diferentes) como as demais questões, por envolver mais de um julgamento a ser feito antes de responder. No pré-teste, vários respondentes se confundiram ao respondê-las.

Por exemplo, um item do instrumento de Evans, Mavondo e Bridson (2008) era ‘tolerância com relação a diferenças entre as pessoas’. Os respondentes viam-se forçados a realizar duas operações mentais: uma era a de classificar o grau de tolerância entre os países, e a outra, a de avaliar a diferença em relação ao Brasil. Por exemplo, ele poderia considerar que, no Brasil, há muita tolerância e na Alemanha pouca. Isto resultaria em muita diferença entre Brasil e Alemanha neste item. O contrário – pouca tolerância no Brasil e muita tolerância na Alemanha – também levaria a resposta similar (caso a magnitude da distância percebida fosse a mesma).

Outro exemplo refere-se ao item 'importância do cuidado com os outros'. Para responder a este item em uma escala bipolar variando de 1 = muito diferente a 5 = muito semelhante, o respondente teria que realizar, novamente, duas operações. A primeira consistiria em avaliar quão importante o item é para o Brasil e para um país específico, e a segunda avaliar a diferença entre os dois. Os respondentes sentiram-se confusos na hora de responder a estes itens com as escalas originais propostas por Evans, Bridson e Mavondo (2008).

Assim sendo, foram adotados dois tipos de escalas unipolares de 5 pontos: uma escala indicando a frequência de ocorrência do item no país específico (1 = pouco a 5 = muito) e outra escala medindo o grau de importância atribuído ao item no país específico. Nas partes 4 e 5 do questionário final constam estas questões com escala modificada. Todos os itens foram medidos para o Brasil e para os outros três países examinados (Argentina, Alemanha e Índia). Posteriormente, foi feito o cômputo da diferença percebida (em valores absolutos) entre o Brasil e cada país, o que gerou uma escala de 5 pontos (equivalente a 0 = muito semelhantes e 4 = muito diferentes).

Estas modificações foram introduzidas no questionário usado na pesquisa, em relação ao original de Evans, Mavondo e Bridson (2008). Tais modificações trazem inevitavelmente algum prejuízo à comparabilidade do instrumento original com o usado nesta pesquisa. No entanto, a dificuldade de compreensão por parte dos respondentes sobrepõe-se ao desejo de utilizar o questionário o mais próximo possível de sua versão original.

Tais modificações foram aprovadas pelo painel de avaliadores utilizado para julgar a validade de conteúdo e de face do instrumento, como explicado na seção seguinte.

O questionário final, uma vez concluídos os ajustes provenientes do processo de tradução e tendo passado pela etapa final de validação de conteúdo, descrita a seguir, foi postado na internet e aplicado o pré-teste final. Após quatro rodadas com um total de 42 sujeitos qualificados (professores e pesquisadores), chegou-se à versão final do questionário. Na última rodada, não se verificou nenhum problema específico, decidindo-se prosseguir com as etapas subsequentes da pesquisa.

Em síntese, ao final dos procedimentos de ajuste e validação dos instrumentos de coleta de dados, foram mantidos os quatro questionários de escala de item único; os três questionários de escala de itens múltiplos; e dois questionários desenvolvidos para este estudo (um com dimensões-síntese e outro com múltiplos itens), ambos cobrindo todo o domínio conceitual do construto. Com relação ao questionário de Evans, Mavondo e Bridson (2008), acabou-se por manter apenas a parte relativa à distância cultural, dada a dificuldade em utilizar a parte relativa à dimensão de negócios, que se dirigia a executivos do setor de varejo, além de duas variáveis relativas ao ambiente de negócios e ao macroambiente.

3.5 VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO E DE FACE

O processo de validação de uma escala passa por diversos tipos distintos de validação. Na etapa de construção da escala, realiza-se a validação de conteúdo

e de face, usando a terminologia proposta por Netemeyer, Bearden e Sharma (2003). A validação de conteúdo envolve a consulta a especialistas no tema que se pretende pesquisar; a validade de face refere-se à consulta a membros qualificados da população-alvo do estudo.

Embora estes autores façam referência a testes a serem realizados quando se desenvolve um novo instrumento, considerou-se relevante realizar este procedimento neste estudo, embora se trabalhe com instrumentos já existentes e em alguns casos já validados. Isto porque:

- O processo de tradução e de pré-teste envolveu mudanças em alguns itens.
- Alguns itens foram retirados.
- Outros itens foram acrescentados para preencher espaços conceituais que os instrumentos existentes não cobriam e que haviam sido detectados na revisão de literatura.

Assim sendo, foi feita validação de conteúdo e de face dos instrumentos utilizados. A validação de conteúdo, no presente estudo, foi realizada com três pesquisadores da área de Negócios Internacionais e um cientista social, e a validação de face com dois executivos da área de exportação, ambos com ampla experiência no assunto e sólida formação teórica. No total, o grupo de avaliadores foi formado, portanto, por seis juízes.

A validação de conteúdo dos instrumentos de medida desta pesquisa foi realizada após os pré-testes iniciais, porém antes dos pré-testes finais. Os juízes fizeram a revisão final da lista de itens e avaliaram o quão relevante cada um destes itens

era com respeito ao construto (ou subconstruto) que se pretendia medir. Além disto, também avaliaram as instruções dadas aos respondentes para completarem os questionários. Aos pesquisadores envolvidos com a avaliação de conteúdo solicitou-se também uma avaliação das escalas, tanto no que se refere à decisão quanto ao número de intervalos, quanto ao uso de escalas bipolares e unipolares, como explicado na seção anterior.

Finalmente, também foi submetida aos avaliadores a lista de países a serem pesquisados. A seleção de países foi considerada válida pelos juízes para se atingir os propósitos da pesquisa.

3.6 TESTES EMPÍRICOS

Dadas as características do estudo, adotou-se o método de *survey*. A *survey* é adequada para estudar grandes ou pequenas populações (universos amostrais) por meio da seleção e estudo de amostras para descobrir a incidência relativa, distribuição e relações entre variáveis. Esta forma de pesquisa oferece a vantagem da generalização, ou seja, as informações sobre uma grande população podem ser obtidas com determinado nível de confiança e exatidão estabelecido diretamente pelo tamanho da amostra (KERLINGER, 1973).

Foram realizadas duas *surveys*:

- *Survey 1* – para testar os questionários dos autores que adotaram a abordagem de distância psíquica como construto-síntese e utilizaram instrumentos de medida de item único (Boyacigiller, 1990; Leite, Rocha e Figueiredo, 1988; Shoham, Rose e Albaum, 1990; Stöttinger e Schlegelmilch, 1998).

- *Survey 2* – para testar os questionários dos autores que adotaram a abordagem de distância psíquica como conjunto de fatores e utilizaram instrumentos de medida de múltiplos itens (Klein e Roth, 1990; Sousa e Bradley, 2005, 2006; Evans, Mavondo e Bridson, 2008).

Descrevem-se a seguir os procedimentos adotados para realização de cada *survey*.

3.6.1 Determinação da população e da amostra

População pode ser definida como um conjunto de todos os sujeitos que possuem características comuns em relação ao problema da pesquisa (AAKER, KUMAR e DAY, 2001). Pode ser definida, ainda, como a totalidade dos casos que mostram conformidade com determinadas especificações. Tais especificações definem os elementos que pertencem ao grupo-alvo e aqueles que devem ser excluídos (CHURCHILL JR; IACOBUCCI, 2002).

É crítico para os resultados de uma pesquisa que a população seja identificada adequadamente e com acurácia. Se a população for definida apenas vagamente, os resultados obtidos na pesquisa também serão vagos. Se a população for definida inadequadamente, a pesquisa provavelmente responderá às perguntas erradas (AAKER, KUMAR e DAY, 2001). A definição da população-alvo envolve transformar a definição do problema em uma afirmação precisa de quem deve e quem não deve ser incluído na amostra. Não existem regras específicas a serem seguidas na definição da população de interesse. O pesquisador precisa aplicar lógica e julgamento.

Por sua vez, a amostra pode ser definida como parte ou subgrupo de uma população (AAKER, KUMAR e DAY, 2001). O processo de amostragem é utilizado sempre que existem limitações de tempo e de recursos.

A amostragem pode ser caracterizada como probabilística ou não probabilística. A amostragem probabilística reúne todas as técnicas que usam mecanismos aleatórios na seleção dos elementos da amostra e cada elemento da população apresenta uma chance pré-definida de fazer parte da amostra. A amostragem não probabilística envolve os demais procedimentos, tais como: amostras intencionais, em que os elementos são selecionados com o auxílio de especialistas ou amostras de voluntários. Faz-se este tipo de amostragem, quando é conveniente (ou necessário) tomar uma amostra de indivíduos na forma em que eles se apresentam aos pesquisadores. Nas amostras não probabilísticas, a chance de seleção de determinado elemento da população para fazer parte da amostra é desconhecida. Hair et al (2005, p. 247) explicam que “a amostra por conveniência envolve a seleção de elementos da amostra que estejam mais disponíveis para tomar parte no estudo e que podem oferecer as informações necessárias”.

População e amostra da *survey* 1 – Distância Psíquica como construto síntese

Para a *survey* 1, utilizou-se como população estudantes universitários brasileiros matriculados em curso de graduação de Administração, Economia e Ciências Contábeis.

Para representá-la fez-se uso de uma amostra de estudantes universitários, matriculados em curso de graduação de Administração, Economia e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Devido à utilização de

critério de escolha da amostra de estudantes (alunos de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro), a amostra pode ser classificada como não probabilística de conveniência, em que os respondentes foram escolhidos por estarem disponíveis ao pesquisador.

Oteve-se uma amostra de 383 alunos universitários de graduação. Deste número excluíram-se os alunos estrangeiros, alunos que cursavam o primeiro, segundo e terceiro períodos, ou que não pertenciam aos cursos de graduação de Administração, Economia e Ciências Contábeis. Chegou-se assim a 377 alunos inscritos em disciplinas regulares do quinto período em diante em seus respectivos cursos.

Optou-se por utilizar apenas estudantes que estivessem cursando disciplinas do quinto período ou mais, por representar uma fase na vida universitária em que o estudante é mais maduro, mais alerta para o mercado de trabalho e mais observador dos eventos nacionais e internacionais. Assim, pressupunha-se que este aluno se assemelharia mais aos executivos de empresas brasileiras do que aqueles que se encontrassem nos períodos iniciais dos cursos.

Desta forma, obteve-se a amostra final para a *survey* 1, apresentada na tabela 3.6.

Tabela 3.6 – Distribuição do período declarado por curso

Curso	Período							Total
	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	
Administração	15	33	38	30	23	2	0	141
Ciências Contábeis	13	20	8	15	25	11	1	93
Economia	5	29	53	35	20	1	0	143
Total	33	82	99	80	68	14	1	377

Foram utilizados quatro questionários distintos, sendo cada um deles aplicado a aproximadamente um quarto da amostra. Os questionários foram representados por:

- A – Stöttinger e Schlegelmilch (1998);
- B – Leite, Rocha e Figueiredo (1988);
- C – Boyacigiller (1990); e
- D – Shoham, Rose e Albaum (1990).

A distribuição dos questionários respondidos por curso é apresentada na tabela 3.7.

A opção por dividir a amostra de alunos em quatro grupos decorreu da impossibilidade de se aplicar quatro questionários muito semelhantes ao mesmo respondente, o que poderia enviesar as respostas. Em outras palavras, cansaço, irritação, ou outra reação negativa poderiam afetar as respostas de um mesmo respondente que se visse obrigado a responder, para cada um dos 16 países, a mesma pergunta feita de quatro maneiras diferentes.

Tabela 3.7 – Distribuição dos questionários respondidos por curso

Curso	Tipo de questionário				Total
	A	B	C	D	
Administração	38	34	34	35	141
Contabilidade	21	28	23	21	93
Economia	37	35	38	33	143
Total	96	97	95	89	377

Desta forma, quatro amostras independentes tiveram de ser coletadas. Para garantir a comparabilidade dos instrumentos é importante que as amostras

independentes sejam homogêneas, para que, caso haja diferença, seja motivada pelo instrumento de medida e não pelos informantes.

Para que a distribuição dos quatro instrumentos de medida fosse realizada em quatro amostras independentes e homogêneas, foi utilizada uma seleção aleatória sistemática dos alunos entrevistados. Para facilitar a operação, os questionários foram ordenados previamente em sequência: Instrumento A, em seguida B, em seguida C em seguida D, novamente A, em seguida B, e assim por diante.

As turmas amostradas não necessariamente possuíam alunos em número múltiplo de quatro, desta forma, o tipo de questionário administrado ao primeiro respondente de cada turma variou, ou seja, qualquer um dos quatro tipos de questionário iniciou a sequência de amostragem. Assim, ao final do processo minimizou-se a diferença no número de respondentes por instrumento e também se obteve homogeneização e aleatoriedade das quatro amostras independentes.

A verificação de diferenças entre as variáveis demográficas dos quatro instrumentos, bem como o estudo de valores perdidos (*missing values*) e pontos discrepantes (*outliers*) desta amostra, são apresentados no capítulo 4.

População e amostra da *survey 2* – Distância Psíquica como conjunto de fatores

A *survey 2* foi utilizada para aplicar os instrumentos para medir a distância psíquica como conjunto de fatores. Foram utilizados itens obtidos de três questionários:

- Klein e Roth (1990)
- Sousa e Bradley (2005, 2006)

- Evans, Mavondo e Bridson (2008)

Além disso, foram incorporadas algumas variáveis para medir dimensões-síntese e outras variáveis extraídas da literatura que não pertenciam a nenhum dos questionários. Todos os itens foram integrados em um único questionário, que foi aplicado a todos os participantes. Algumas variáveis pertenciam a mais de um questionário (por exemplo, a variável 'idioma'). Neste caso, a preocupação com repetições tornou-se pouco relevante por vários motivos: primeiro, havia efetivamente pouca repetição de itens; segundo, o número de países para os quais se fazia cada pergunta era de apenas três (Argentina, Alemanha e Índia). Além disso, dada a expectativa de uma taxa de resposta baixa, com base no histórico de pesquisas deste tipo no país, não era conveniente dividir a amostra em quatro grupos, com cada um deles respondendo a um questionário. Desta forma, um único instrumento reduziu o esforço de amostragem e, além disso, tornou a amostra pareada (dependente), aumentando o grau de comparabilidade entre os quatro instrumentos distintos.

A população da *survey 2* era formada por empresas exportadoras brasileiras de grande e médio porte. Para a presente pesquisa, utilizou-se a lista dos 5000 maiores exportadores brasileiros (base 2006) da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (FUNCEX) atualizada pelo NuPin – Núcleo de Pesquisas em Internacionalização de Empresas do Instituto Coppead de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A lista do Nupin incluía 3070 empresas, dado que algumas empresas haviam fechado ou deixado de exportar. No entanto, mudanças de endereço, telefone, e-mail e dos próprios executivos responsáveis pela atividade de exportação levaram à redução desta lista para 2397 casos.

Os respondentes qualificados para responder à pesquisa eram executivos brasileiros responsáveis pelo setor de exportação de grandes e médias empresas exportadoras brasileiros.

Os questionários foram enviados por correio a toda a amostra, com envelope pré-selado e endereçado ao Instituto Coppead para resposta. Além disso, os mesmos questionários foram postados na internet e o respondente potencial avisado de que poderia utilizar o método de resposta que preferisse. Esta decisão decorreu de dois fatores:

- Devido a erros e omissões na lista de endereços e e-mails, o alcance da pesquisa seria maior utilizando-se os dois métodos;
- Alguns entrevistados preferiram responder por e-mail, embora a maioria preferisse o correio.

A carta solicitando cooperação dos executivos, que foi enviada por correio e por e-mail, encontra-se no Anexo 8.

Foi feito acompanhamento telefônico e por e-mail das respostas, solicitando cooperação dos entrevistados. Por e-mail foram enviadas 5 novas “ondas”, insistindo-se com aqueles que não haviam ainda respondido ao questionário. O trabalho de contato por telefone foi realizado principalmente com aqueles que haviam preenchido apenas uma parte dos questionários na internet e abandonado a tarefa, ou aqueles que haviam esquecido de preencher algum campo do questionário em papel. Não foram feitos reenvios por correio.

Foram enviados por correio 1950 questionários dos quais 98 retornaram por algum tipo de problema na identificação do destinatário e 3070 por email dos

quais 575 retornaram por algum tipo de problema de identificação ou política de spam. Assim, 2397 questionários foram efetivamente enviados e desses obteve-se um total de 412 respostas no prazo previsto, o que equivale a uma taxa de resposta de 17,2%. Essa taxa de resposta é comparável às de outras pesquisas na área de Negócios Internacionais e de Marketing (MENON, VARADARAJAN, ADIDAM e EDISON, 1999).

Das 412 respostas, utilizaram-se os 367 questionários completos. Desses 367, 16 foram respondidos por estrangeiros, sendo também retirados da amostra. Mais 7 questionários foram descartados por apresentarem respostas idênticas para um grande número de atributos e seções em seqüência, indicando a existência de um possível efeito halo. Finalmente, chegou-se à amostra final de 344 respondentes, todos eles executivos brasileiros responsáveis pelas atividades de exportação em sua empresa.

3.6.2 Procedimentos de Coleta de Dados

Nas duas *surveys*, os dados foram coletados por meio de administração de questionários estruturados para auto-preenchimento (pelo próprio respondente).

Coleta de dados para a survey 1 – Distância Psíquica como construto-síntese

Neste caso, foi feita a administração de questionário estruturado para preenchimento pelo próprio informante com assistência do entrevistador. Churchill e Iacobucci (2002, p. 281) explicaram que “questionários auto-administrados podem ser utilizados em entrevistas pessoais, na presença do entrevistador, para garantir ao respondente uma oportunidade para esclarecer dúvidas”.

Os dados foram coletados no período compreendido entre setembro e dezembro de 2008. Os pesquisadores que aplicaram o questionário, sob a supervisão direta do autor deste trabalho, visitaram várias vezes os cursos de graduação de Administração, Ciências Contábeis e Economia, no campus da Praia Vermelha da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). As salas de aula das disciplinas foram escolhidas de acordo com a grade oferecida a partir do 5º período. Responderam a esta *survey* alunos de graduação mediante autorização dos professores das disciplinas dos cursos investigados. Os questionários foram aplicados dentro das salas de aula, no início ou ao final das sessões.

Para garantir a comparabilidade das amostras, foi feita a verificação de diferenças entre as quatro amostras. Além disto, foi realizado o estudo de valores perdidos (*missing values*) e pontos discrepantes (*outliers*).

Coleta de dados para a survey 2 – Distância Psíquica como conjunto de fatores

Na segunda *survey*, realizou-se a administração de questionário estruturado para preenchimento pelo próprio informante sem assistência do entrevistador. Os três instrumentos foram reunidos em um único questionário.

Os dados foram coletados no período compreendido entre 15 de dezembro 2007 a 10 de março de 2008. Neste caso, os questionários puderam ser respondidos de duas formas: (1) em meio eletrônico, pela disponibilização de *link* individual no sítio *www.surveymonkey.com* enviado para o respondente por e-mail; e (2) por meio impresso constituído por questionário remetido por correio com envelope resposta pré-endereçado de porte pago.

Executivos brasileiros responsáveis pelo setor de exportação de empresas exportadoras responderam a este questionário, fruto da reunião de três instrumentos. Ao executivo foi solicitada a avaliação da distância psíquica de três países em relação ao Brasil.

Para garantir a comparabilidade dos resultados provenientes das duas formas de envio (correio e e-mail), foi feita a verificação de diferenças entre as respostas obtidas pelos dois métodos. Também foi realizado o estudo de valores perdidos (*missing values*) e pontos discrepantes (*outliers*).

3.7 PURIFICAÇÃO DAS MEDIDAS

O propósito desta etapa é purificar as medidas utilizadas com base em suas propriedades psicométricas. Segundo Churchill (1979), os cálculos que envolvem a purificação da medida dependem do modelo de medida empregado.

A purificação das medidas foi realizada unicamente com o questionário proveniente da *survey 2*, já que o mesmo contém múltiplos itens, sendo, portanto, passível de purificação.

No presente estudo, a purificação da escala foi realizada utilizando três tipos de análise:

- Análise de Correlações;
- Análise Fatorial Exploratória; e
- Análise Fatorial Confirmatória.

Para cada um dos construtos foi realizada Análise de Correlação dos itens formadores do construto. Itens com baixa correlação com os demais foram investigados e eliminados da análise final.

A Análise Fatorial Exploratória seguiu-se a esta primeira análise. Itens com cargas consideradas baixas (em geral inferiores a 0,3) em todos os fatores ou itens com cargas elevadas (em geral superiores a 0,7) em mais de um fator foram analisados e eliminados. O procedimento foi repetido até que as propriedades psicométricas fossem consideradas satisfatórias. O teste de esfericidade de Bartlett e a estatística KMO (Kaiser-Meyer-Olkin) também foram utilizados.

Por fim, analisaram-se as correlações entre itens e a medida Alfa de Cronbach. Hair et al (2006) explicaram que o alfa de Cronbach é a medida de diagnóstico mais utilizada para avaliar a consistência interna da escala. Segundo estes autores, 0,70 é o limite inferior geralmente aceito para a estatística alfa, podendo-se considerar um limite de 0,60 no caso de pesquisas exploratórias.

Finalmente foi realizada a Análise Fatorial Confirmatória conduzida a partir de Modelagem de Equações Estruturais. O questionário usado no estudo deve conter todos os itens remanescentes da etapa de purificação para cada uma das dimensões da distância psíquica. A Modelagem de Equações Estruturais é avaliada quanto à qualidade do ajuste (análise da estatística de Qui-quadrado ajustado, Índice Comparativo de Ajuste e a Aproximação da Raiz do Erro Médio Quadrático).

3.8 ANÁLISE DE DADOS

Os dados obtidos através dos questionários estruturados, nas várias aplicações previstas, foram transcritos para processamento estatístico. Foi utilizado o software SPSSTM, versão 17.0, e o AMOSTM, versão 17.0, para realizar as estatísticas univariadas e multivariadas. A primeira análise empírica dos dados, em todas as aplicações, foi realizada com base em medidas de estatística descritiva e análise exploratória de dados.

3.8.1 Comparação de amostras

Para avaliar a possível diferença entre os quatro instrumentos de medida de item único, foram realizados testes estatísticos de comparação de médias.

Amostras independentes

O teste t permite inferir a existência de diferenças significativas de médias entre duas amostras independentes. De acordo com Triola (2005), para comparação de médias, no caso de grandes amostras, pode-se usar a estatística Z. Entretanto, na comparação de médias de duas populações com amostras pequenas ($n_1 < 30$ e $n_2 < 30$, onde n = tamanho da amostra), as estimativas das variâncias não são confiáveis e o teorema central do limite (garantia de distribuição normal para estatística Z) não pode ser aplicado. Triola (2005) recomenda então a utilização da distribuição t de Student e alerta para os pressupostos de utilização da estatística t: amostras independentes, com variâncias iguais de populações normalmente distribuídas. No caso da violação de alguma das suposições, o teste não paramétrico de Mann Whitney é recomendado.

A Análise da Variância, ANOVA, é um método para testar a igualdade de três ou mais médias populacionais através da análise das variâncias amostrais. Para que o procedimento seja válido, as populações devem ser normalmente distribuídas, ter variâncias idênticas e ser independentes umas das outras (TRIOLA, 2005). Caso alguma dessas suposições seja violada, o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis passa a ser o mais recomendado.

Amostras dependentes

O teste t para amostras pareadas permite inferir a existência de diferenças significativas de médias de amostras emparelhadas (pares combinados). De acordo com Triola (2005) os dados amostrais devem consistir de pares e uma ou ambas condições devem ser satisfeitas: (1) número de pares combinados grande ($n > 30$) ou (2) os pares de valores têm diferenças que são de uma população com distribuição normal. Caso a suposição de distribuição normal seja violada, o teste não paramétrico de Wilcoxon passa a ser o mais recomendado.

Para o caso de três ou mais amostras dependentes, a ANOVA continua sendo o teste estatístico recomendado para inferir a existência de diferenças significativas entre as amostras. No entanto, a operacionalização deve ser modificada, acrescentando ao modelo o fator Respondente como efeito aleatório. Para que o procedimento seja válido, as populações devem ser normalmente distribuídas (TRIOLA, 2005). Caso a suposição de normalidade seja violada, o teste não paramétrico de Friedman passa a ser o mais recomendado. A seguir apresenta-se a tabela 3.8 que resume os testes descritos para comparação de médias.

Tabela 3.8 – Resumo dos testes de comparação de médias

Amostras	Grupos comparados	Premissa de normalidade dos grupos	
		Satisfeita	Não satisfeita
Independentes	2 grupos	teste t	Mann Withney
	3 ou mais grupos	ANOVA	Kruskal-Wallis
Dependentes (pareadas)	2 grupos	teste t pareado	Wilcoxon
	3 ou mais grupos	ANOVA modificada	Friedman

3.8.2 Teste de Correlação

Outra forma de verificar a relação entre as medidas de distância psíquica é analisar a correlação entre as medidas oferecidas pelos instrumentos para os 16 países investigados. Segundo Triola (2005), existe correlação entre duas variáveis quando uma delas está relacionada com a outra de alguma maneira.

A forma mais convencional de se medir a correlação é através do coeficiente de correlação linear de Pearson. Este coeficiente de correlação mede a intensidade de relação linear entre os valores quantitativos emparelhados de 2 variáveis. É usado para testar a associação entre duas variáveis, de modo que a hipótese nula indica a ausência de relação entre as variáveis. No entanto, para o uso desta ferramenta é recomendável que os pares de dados tenham distribuição normal bivariada. (TRIOLA, 2005)

Na ausência da premissa de normalidade bivariada das variáveis uma alternativa é a utilização de um coeficiente de correlação não paramétrico. O coeficiente de correlação de postos ou o coeficiente de correlação de postos de Spearman é um coeficiente não paramétrico que usa postos de dados amostrais compostos de pares combinados. É usado para testar a associação entre duas variáveis, de modo que a hipótese nula indica a ausência de relação entre as variáveis. (TRIOLA, 2005)

Na tabela 3.9 é apresentada uma interpretação prática para os coeficientes de correlação.

Tabela 3.9 – Interpretação do Coeficiente de Correlação de Pearson e Spearman

Coeficiente (ρ)	Interpretação
$\rho = -1$	Correlação negativa perfeita
$-1 < \rho \leq -0.5$	Forte correlação negativa
$-0,5 < \rho < 0$	Fraca correlação negativa
$\rho = 0$	Nenhuma correlação
$0 < \rho < 0.5$	Fraca correlação positiva
$0,5 \leq \rho < 1$	Forte correlação positiva
$\rho = 1$	Correlação positiva perfeita

3.8.3. Análise Fatorial Exploratória e Análise Fatorial Confirmatória

De forma a se estimar um modelo de mensuração e se avaliarem as propriedades dos construtos, em termos, principalmente, de uni-dimensionalidade, validade e confiabilidade, foi utilizado um roteiro de avaliação. Este roteiro foi adaptado de Carneiro (2007) para avaliação do grau de adequabilidade das propriedades psicométricas de construtos medidos reflexivamente. O roteiro de Carneiro (2007), adaptado para este estudo, encontra-se na tabela 3.10.

Tabela 3.10 – Roteiro de avaliação

Análise Fatorial Exploratória
1. A estrutura fatorial que emerge (em termos de número de fatores e de associação entre indicadores e fatores) é tal como previsto (esperado) pela teoria
2. Nenhum indicador apresenta carga alta (maior ou igual a 0,30) em mais de um fator
3. Cada fator (também designado por construto ou variável latente) contém pelo menos três indicadores com carga alta e, na média geral, há mais de três indicadores com carga alta por fator
4. Os sinais (positivos ou negativos) das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada fator, apontam todos na mesma direção (desde que, naturalmente, itens com redação negativa tenham sido apropriadamente invertidos na codificação)

Fonte: Adaptado de Carneiro (2007)

Tabela 3.10 – Roteiro de avaliação (continuação)

Análise Fatorial Confirmatória
5. A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível
6. Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção
7. As correlações inter-itens intra-construto (inter-item within-construct correlations, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas
8. As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas
9. A correlação inter-itens intra-construto média (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30
10. A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto)
11. A magnitude de cada carga padronizada é suficiente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,7072) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático)
12. As cargas fatoriais são estatisticamente significativas
13. As correlações múltiplas padronizadas (standardized multiple correlations, SMC) são suficientemente altas, ou seja, maiores ou iguais a 0,50 (no caso de modelos congêneros, isto é, modelos em que cada indicador está associado a somente um construto, a correlação múltipla quadrada é igual ao quadrado da carga padronizada)
14. A variância média extraída (average variance extracted, AVE) de cada construto é maior ou igual a 0,50
15. As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas
16. Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas)
17. Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de diferentes construtos não têm um valor positivo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas)
18. Os índices de modificação estimados pelo pacote estatístico são pequenos, ou seja, menores que 3,84 (o que significa que liberar um parâmetro previamente pré-fixado para ser livremente estimado resultaria numa melhoria não estatisticamente significativa no qui-quadrado do modelo de mensuração)
19. A variância média extraída (average variance extracted, AVE) de cada construto é maior do que o quadrado da correlação entre este construto e qualquer outro construto (correlação inter-construtos)
20. O $\Delta-\chi^2$ (isto é, a diferença no grau de <i>fit</i> (medido pelo qui-quadrado) entre dois modelos, dada a diferença de graus de liberdade entre eles), entre um modelo que fixa em 1.0 a correlação entre dois construtos (dimensões) e outro que mantém esta correlação livre para ser estimada (preservando, assim, a individualidade dos construtos) é estatisticamente significativo (o que indica que as duas dimensões (construtos) podem ser consideradas efetivamente distintas entre si)
21. O $\Delta-\chi^2$ entre um modelo que mantém cada indicador associado a seu respectivo construto (definido a priori) e outro que considera todos os indicadores de dois construtos como associados a um único construto é estatisticamente significativo (o que significa que as duas dimensões (construtos) podem ser consideradas efetivamente distintas entre si)
Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliada, verificando-se se:

Fonte: Adaptado de Carneiro (2007)

Tabela 3.10 – Roteiro de avaliação (continuação)

Análise Fatorial Confirmatória
22.O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60
23.O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto
Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos
24.Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (<i>goodness-of-fit</i>) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de <i>fit</i> podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário)
Quando um construto for inserido num modelo maior contendo outros construtos (seja um outro modelo de mensuração, seja um modelo estrutural), todo este roteiro de validação deveria ser executado novamente e verificado se:
25.As verificações acima sugerem um quadro geral satisfatório para o modelo de mensuração ampliado
26.Os valores dos parâmetros estimados não mudam substancialmente (em magnitude ou em nível de significância estatística) quando o construto é inserido no modelo ampliado
27.Os valores dos parâmetros estimados não mudam substancialmente (em magnitude ou em nível de significância estatística) quando da transição do modelo de mensuração para o modelo estrutural

Fonte: Adaptado de Carneiro (2007)

3.9 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Este estudo está sujeito a certo número de limitações de ordem conceitual e metodológica. Uma das limitações conceituais deste estudo diz respeito à presumida independência dos construtos que compõem a distância psíquica. As variáveis representativas desses fatores serão modeladas como determinantes independentes. Conseqüentemente, os efeitos serão estimados sem tomar em consideração a interação potencial entre as variáveis representativas dos fatores ou os possíveis efeitos de outras variáveis não consideradas neste estudo. Outra limitação refere-se ao fato de se haver mapeado o construto unicamente a partir da literatura, não se tendo realizado pesquisa qualitativa para adicionar novos insights à compreensão do mesmo.

A delimitação do universo amostral deste estudo também implica em limitações. A adoção de amostras de estudantes cariocas ou de executivos de empresas exportadoras, mesmo que selecionados aleatoriamente, não garante por si só que não ocorrerão problemas. As limitações incluem, por exemplo, no caso dos estudantes de graduação, o viés do *locus* em que estão inseridos, a cidade do Rio de Janeiro.

A representatividade da amostra, mesmo no que se refere à cidade do Rio de Janeiro é duvidosa visto que somente alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro foram entrevistados. Observe-se, porém, que tais limitações são inerentes às escolhas metodológicas do estudo, considerando-se as dificuldades para a realização de uma pesquisa desta magnitude.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS DA SURVEY 1 – ABORDAGEM DO CONSTRUTO-SÍNTESE

Este capítulo apresenta os resultados empíricos relativos à primeira *survey* realizada e aos testes relativos aos instrumentos de medida de item único, utilizados por autores que seguem a abordagem de construto-síntese. Em primeiro lugar, é feita uma avaliação das características das amostras. Em seguida, são analisadas as propriedades estatísticas e psicométricas das variáveis, seguindo-se a avaliação dos instrumentos e o teste das hipóteses de pesquisa.

4.1 CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA

Para avaliar e comparar os instrumentos de medida de item único disponíveis na literatura, dentro da abordagem da distância psíquica como construto-síntese, optou-se pelo uso de amostras independentes, ou seja, cada um dos quatro instrumentos utilizados foi aplicado a uma amostra distinta de estudantes universitários.

Para garantir a comparabilidade dos resultados obtidos com cada instrumento, é indispensável que as amostras independentes sejam homogêneas, para que, caso haja diferença entre os grupos, esta seja motivada pelo instrumento de medida e não pelos informantes.

Antes de realizar outros procedimentos de análise, foi feita uma avaliação das variáveis demográficas das quatro amostras para verificar possíveis diferenças entre elas.

Para facilitar a identificação, os questionários foram nomeados de A a D, sendo:

- questionário A: escala de Stöttinger e Schlegelmilch (1998)
- questionário B: escala de Leite, Rocha e Figueiredo (1988)
- questionário C: escala de Boyacigiller (1990)
- questionário D: escala de Shoham, Rose e Albaum (1990).

A parte específica de cada um dos questionários utilizados encontra-se disponibilizada no anexo 6, A, B, C e D e a parte comum aos quatro questionários anexo 6 E, que apresenta perguntas relativas às características demográficas do informante.

A comparação das amostras foi realizada, variável a variável, pelo teste Qui-quadrado (χ^2) para verificar a existência de associação significativa entre a variável e as amostras A, B, C e D, supostamente independentes, utilizadas nas análises. No teste Qui-quadrado o “*status quo*”, Hipótese Nula (H_0), é “não existe diferença entre as classificações de linha (variável em teste) e de coluna (amostras A, B, C e D)”. Rejeitar esta hipótese significa afirmar a existência de pelo menos uma amostra diferente das demais.

4.1.1 Comparação das amostras quanto ao Gênero

No que diz respeito à variável ‘gênero’, verifica-se predomínio de homens nas amostras (62% para as quatro amostras conjuntamente), como pode ser visto na tabela 4.1, percentual este bastante semelhante para cada um dos grupos. O teste Qui-quadrado não rejeitou a hipótese de homogeneidade das amostras.

Tabela 4.1 – Tabela de contingência de Gênero e Tipo de questionário

Gênero	Tipo de questionário				Total	
	A	B	C	D		
Masculino	n	65	64	56	49	234
	%	67,7%	66,0%	58,9%	55,1%	62,1%
Feminino	n	31	33	39	40	143
	%	32,3%	34,0%	41,1%	44,9%	37,9%
Total	n	96	97	95	89	377
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

% - obtido por coluna

Qui-quadrado = 4,179 (*pvalue*=0,243)

4.1.2 Comparação das amostras quanto à Idade

A maior parte dos alunos de graduação que participou da pesquisa (57%) apresentou idade entre 21 e 23 anos, como pode ser visto na tabela 4.2. Este percentual é bastante semelhante para cada um dos grupos e novamente o teste Qui-quadrado não rejeitou a hipótese de homogeneidade das amostras.

Tabela 4.2 – Tabela de contingência de Faixa etária e Tipo de questionário

Faixa etária	Tipo de questionário				Total	
	A	B	C	D		
de 18 até 20 anos	n	23	20	28	15	86
	%	25,0%	22,2%	32,9%	18,1%	24,6%
de 21 até 23 anos	n	53	50	44	51	198
	%	57,6%	55,6%	51,8%	61,4%	56,6%
de 24 até 26 anos	n	13	12	7	12	44
	%	14,1%	13,3%	8,2%	14,5%	12,6%
de 27 até 29 anos	n	1	5	2	2	10
	%	1,1%	5,6%	2,4%	2,4%	2,9%
de 30 até 39 anos	n	2	1	3	3	9
	%	2,2%	1,1%	3,5%	3,6%	2,6%
de 40 até 49 anos	n	0	2	1	0	3
	%	0,0%	2,2%	1,2%	0,0%	0,9%
Total	n	92	90	85	83	350
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

% - obtido por coluna

Qui-quadrado = 14,966 (*pvalue*=0,454)

Mesmo quando a idade é avaliada de maneira contínua, não se verificaram diferenças entre as amostras. Para avaliar a diferença, em primeiro lugar testou-

se a normalidade da variável 'idade' em cada um dos quatro grupos pelo teste de Kolmogorov-Smirnov, como pode ser visto na tabela 4.3.

Tabela 4.3 - Teste de Normalidade para idade

Estatísticas	Tipo de questionário			
	A	B	C	D
N	92	90	85	83
Média	21,92	22,73	22,35	22,40
Desvio padrão	2,230	3,821	4,289	2,837
Kolmogorov-Smirnov (KS)	1,854	2,371	2,647	1,923
Pvalue	0,002	0,000	0,000	0,001

Nota-se que, para os quatro grupos, a suposição de normalidade foi rejeitada pelo teste de Kolmogorov-Smirnov. Assim sendo, abandonou-se o uso de testes paramétricos para verificar possíveis diferenças entre as médias dos grupos e optou-se, então, pelo uso do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis para amostras independentes. Este teste é apresentado na tabela 4.4. Os resultados mostram novamente que não se verificam diferenças significativas entre as amostras investigadas.

Tabela 4.4 - Teste não paramétrico de Kruskal-Wallis para idade

Estatísticas	Tipo de questionário			
	A	B	C	D
N	92	90	85	83
Rank médio	168,9	187,0	160,2	186,0
Teste de Kruskal-Wallis: Qui-quadrado = 4,533 (<i>pvalue</i> = 0,209)				

4.1.3 Comparação das amostras quanto à distribuição por Cursos

Como pode ser visto na tabela 4.5, a distribuição dos alunos de graduação pelos cursos e amostras é bastante homogênea. Esta impressão é confirmada pelo teste Qui-quadrado que também não rejeitou a hipótese de homogeneidade das amostras.

Tabela 4.5 – Tabela de contingência de Curso e Tipo de questionário

Curso	Tipo de questionário				Total	
	A	B	C	D		
Administração	n	38	34	34	35	141
	%	39,6%	35,1%	35,8%	39,3%	37,4%
Contabilidade	n	21	28	23	21	93
	%	21,9%	28,9%	24,2%	23,6%	24,7%
Economia	n	37	35	38	33	143
	%	38,5%	36,1%	40,0%	37,1%	37,9%
Total	n	96	97	95	89	377
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

% - obtido por coluna

Qui-quadrado = 1,687 ($pvalue=0,946$)

4.1.4 Comparação das amostras quanto à distribuição por Período cursado

A maior parte dos alunos que participaram da pesquisa declarou estar entre o 5º e o 9º períodos (87,2% dos estudantes). A tabela 4.6 apresenta a distribuição obtida dos quatro distintos questionários pelos períodos investigados. Mais uma vez a hipótese de homogeneidade das amostras não pôde ser rejeitada.

Tabela 4.6 – Tabela de contingência de Período e Tipo de questionário

Período	Tipo de questionário				Total	
	A	B	C	D		
4º	n	9	9	9	6	33
	%	9,4%	9,3%	9,5%	6,7%	8,8%
5º	n	23	20	21	18	82
	%	24,0%	20,6%	22,1%	20,2%	21,8%
6º	n	23	27	27	22	99
	%	24,0%	27,8%	28,4%	24,7%	26,3%
7º	n	22	18	17	23	80
	%	22,9%	18,6%	17,9%	25,8%	21,2%
8º	n	15	18	17	18	68
	%	15,6%	18,6%	17,9%	20,2%	18,0%
9º	n	3	5	4	2	14
	%	3,1%	5,2%	4,2%	2,2%	3,7%
10º	n	1	0	0	0	1
	%	1,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
Total	n	96	97	95	89	377
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

% - obtido por coluna

Qui-quadrado = 7,993 ($pvalue=0,979$)

4.1.5 Comparação das amostras quanto à Religião

Entre os estudantes universitários de graduação da amostra aproximadamente 44% se declararam católicos. Novamente, a hipótese de homogeneidade das quatro amostras no que diz respeito à religião não foi rejeitada, como pode ser visto na tabela 4.7.

Tabela 4.7 – Tabela de contingência de Religião e Tipo de questionário

Religião	Tipo de questionário				Total	
	A	B	C	D		
Católica	n	41	38	43	43	165
	%	42,7%	39,6%	45,3%	48,3%	43,9%
Espírita	n	11	6	10	7	34
	%	11,5%	6,3%	10,5%	7,9%	9,0%
Judaica	n	5	3	1	1	10
	%	5,2%	3,1%	1,1%	1,1%	2,7%
Protestante / Evangélica	n	8	13	12	5	38
	%	8,3%	13,5%	12,6%	5,6%	10,1%
Outra religião	n	3	3	1	5	12
	%	3,1%	3,1%	1,1%	5,6%	3,2%
Sem religião	n	28	33	28	28	117
	%	29,2%	34,4%	29,5%	31,5%	31,1%
Total	n	96	96	95	89	376
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

% - obtido por coluna

Qui-quadrado = 14,154 ($pvalue=0,514$)

4.1.6 Comparação das amostras quanto a Viagens ao Exterior / Morar no Exterior

A maior parte dos alunos universitários de graduação que participaram da pesquisa (59%) já visitou algum país estrangeiro e 26% já moraram em algum país estrangeiro, como pode ser visto respectivamente nas tabelas 4.8 e 4.9. Em ambos os casos, os resultados dos testes estatísticos não permitem rejeitar a hipótese de homogeneidade das quatro amostras.

Tabela 4.8 – Tabela de contingência de “Já viajou para outro país?” e Tipo de questionário

Já viajou para outro país?		Tipo de questionário				Total
		A	B	C	D	
Não	n	44	36	39	36	155
	%	45,8%	37,1%	41,1%	40,4%	41,1%
Sim	n	52	61	56	53	222
	%	54,2%	62,9%	58,9%	59,6%	58,9%
Total	n	96	97	94	86	377
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

% - obtido por coluna

Qui-quadrado = 1,541 (*pvalue*=0,673)

Tabela 4.9 – Tabela de contingência de “Já morou em outro país?” e Tipo de questionário

Já morou em outro país?		Tipo de questionário				Total
		A	B	C	D	
Não	n	72	67	76	64	279
	%	75,0%	69,1%	80,0%	71,9%	74,0%
Sim	n	24	30	19	25	98
	%	25,0%	30,9%	20,0%	28,1%	26,0%
Total	n	96	97	93	87	377
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

% - obtido por coluna

Qui-quadrado = 3,254 (*pvalue*=0,354)

Pode-se então concluir que as amostras não apresentaram diferenças significativas no que diz respeito a gênero, idade, curso, período, religião, “viajou para outro país?” e “morou em outro país?”, quando avaliadas as quatro amostras obtidas.

Além disso, de maneira geral, um aluno típico é do sexo masculino (62%), tem entre 21 e 23 anos (57% e 22,3 anos em média), cursa o 6º período (26%), é católico (44%), já visitou outro país (59%) e nunca morou no exterior (74%).

4.2 DADOS AUSENTES (*MISSING DATA*) E VALORES EXTREMOS (*OUTLIERS*)

Investigou-se, em seguida, a estrutura dos pontos ausentes e os valores extremos e/ou influentes presentes nas amostras. Tal investigação levou em consideração a primeira parte do questionário, perguntas distintas em cada instrumento, relativas ao construto-síntese 'distância psíquica'.

4.2.1 Dados ausentes (*missing data*)

A perda de informações é um problema frequente em estudos realizados na área de Administração e, em especial, quando se usam *surveys*. Segundo Hair et al (2006), a tarefa do pesquisador, diante de dados ausentes, é buscar identificar problemas que possam vir a prejudicar a possibilidade de generalizar os resultados. Para tal, observam os autores, é preciso "identificar os padrões e relações subjacentes aos dados ausentes de modo a manter-se o mais próximo possível da distribuição original de valores, ao aplicar qualquer solução" (HAIR et al, 2006, p.49).

Em situações extremas, com um número relativamente pequeno de observações, a imputação dos dados ausentes pode ser uma estratégia interessante para a análise dos dados com este tipo de problema. Entende-se imputação como a técnica de preencher os dados ausentes com valores plausíveis. Um atrativo para a utilização de técnicas de imputação é que, após a imputação dos dados, o investigador pode utilizar técnicas tradicionais de análise estatística para dados completos.

Para avaliar a possibilidade de substituição dos valores ausentes ou descarte do caso, deve-se avaliar se os valores ausentes apresentam características MCAR

(*missing completely at random*, ou seja, dados ausentes de forma completamente aleatória). O fato de os dados ausentes serem MCAR indica que estão distribuídos de forma razoavelmente aleatória entre as observações, ou seja, não há nenhum viés no padrão de existência de dados ausentes. Se assim for, é possível empregar diversas técnicas para solucionar o problema de dados ausentes (HAIR et al, 2006).

De qualquer forma, foram poucos os dados ausentes nesta amostra: em um total de 377 casos e 16 variáveis, somente 19 casos apresentavam pelo menos um valor ausente, ou seja, apenas 5% dos casos.

Para o primeiro bloco de variáveis, questionário A, de um total de 96 casos foram encontrados cinco casos com pelo menos um dado ausente. Aplicado o Teste MCAR de Little, encontrou-se Qui-quadrado = 111,577 (g.l. = 75 e *pvalue* = 0,004), ou seja, ao nível de significância de 5%, rejeita-se a hipótese nula de que os dados seriam MCAR. Neste caso, torna-se necessário retirar das análises os 5 casos (10, 14, 23, 27 e 70) com pelo menos um dado ausente.

Para o primeiro bloco de variáveis, questionário B, de um total de 97 casos, foram encontrados apenas dois casos com pelo menos um dado ausente. Aplicado o Teste MCAR de Little, encontrou-se Qui-quadrado = 15,996 (g.l. = 15 e *pvalue* = 0,382), ou seja, ao nível de significância de 5%, não é possível rejeitar a hipótese nula de que os dados seriam MCAR. Neste caso, pode-se utilizar algum método para imputação dos dados ausentes. Optou-se por utilizar o método EM, para estimar os dados ausentes destes 2 casos. O método EM é um método iterativo em dois estágios, onde E significa melhor estimativa dos dados ausentes e M

significa estimativas para média, desvio-padrão e correlações, supondo que os dados ausentes foram substituídos (HAIR et al, 2006).

Para o primeiro bloco de variáveis, questionário C, de um total de 95 casos foi encontrado apenas um caso com pelo menos um dado ausente. Aplicado o Teste MCAR de Little, encontrou-se Qui-quadrado = 9,134 (g.l. = 15 e *pvalue* = 0,870), ou seja, ao nível de significância de 5%, não é possível rejeitar a hipótese nula de que os dados seriam MCAR. Optou-se, mais uma vez, por utilizar o método EM para estimar os dados ausentes deste único caso.

Para o primeiro bloco de variáveis, questionário D, de um total de 89 casos foram encontrados apenas 3 casos com pelo menos um dado ausente. Aplicado o Teste MCAR de Little, encontrou-se Qui-quadrado = 19,185 (g.l. = 30 e *pvalue* = 0,936), ou seja, ao nível de significância de 5%, não é possível rejeitar a hipótese nula de que os dados seriam MCAR. Usou-se novamente o método EM para estimar os dados ausentes destes 3 casos.

Assim, ao final do processo de tratamento de dados ausentes apenas 5 casos foram considerados perdidos.

4.2.2 Valores extremos (*outliers*)

Após o tratamento de dados ausentes, a etapa seguinte foi verificar se a base possuía valores extremos (*outliers*). Segundo Hair et al (2006), *outliers* são observações com combinação única de características identificada como distintamente diferente das demais observações. O *outlier* pode ser um valor extremo, em uma ou mais características (variáveis).

Por si só, *outliers* não constituem problema, a menos que sua presença afete de forma significativa as relações entre as variáveis (HAIR et al, 2006). No entanto, pode ser difícil identificar quais casos poderiam impactar significativamente as relações entre todos os casos da amostra. Sendo assim, excluíram-se das análises somente as situações mais extremas que fossem identificadas pela ferramenta “*identify unusual cases*” do SPSS.

Para o primeiro bloco de variáveis dos questionários A, B, C e D, detectaram-se como *outliers*, nas quatro amostras:

- questionário A: caso 55;
- questionário B: caso 104;
- questionário C: casos 213 e 272; e
- questionário D: casos 333, 366 e 351.

Ao final dos procedimentos de tratamento de dados ausentes e valores extremos, a amostra ficou constituída de acordo com a tabela 4.10.

Tabela 4.10 – Distribuição amostral após tratamento para dados ausentes e valores extremos

Respondentes		Tipo de Questionário				Total
		A	B	C	D	
Iniciais		96	97	95	89	377
Primeiro bloco (1ª página)	Ausentes	(5)	0	0	0	(5)
	Discrepantes	(1)	(1)	(2)	(3)	(7)
Finais		90	96	93	86	365

() número de observações excluídas

4.3 TESTE DA HIPÓTESE H_{1A}

H_1 : **Os principais instrumentos que são utilizados para medir a distância psíquica não apresentam diferença significativa em suas medidas.**

H_{1a} : **Os principais instrumentos que são utilizados para medir a distância psíquica como construto-síntese não apresentam diferenças significativas em suas medidas.**

Procedeu-se ao teste da hipótese H_{1a} . Para cada um dos 16 países foi verificado se existem diferenças entre as distâncias psíquicas medidas pelos instrumentos A, B, C e D:

- questionário A: escala de Stöttinger e Schlegelmilch (1998);
- questionário B: escala de Leite, Rocha e Figueiredo (1988)
- questionário C: escala de Boyacigiller (1990); e
- questionário D: escala de Shoham, Rose e Albaum (1990).

O teste da hipótese seguiu os seguintes passos:

- Análise exploratória dos dados e teste de normalidade
- Teste de Kruskal-Wallis

4.3.1 Análise exploratória dos dados e testes de normalidade

Alguns ajustes foram realizados nas escalas para permitir sua comparabilidade.

- O questionário A (STÖTTINGER e SCHLEGELMILCH, 1998) apresenta escala de 0 a 15, diferente dos demais questionários que apresentam

escalas de 5 pontos. Sendo assim, sua escala foi modificada, para que os testes pudessem ser realizados, da seguinte forma: 1 – de 0 a 2,99; 2 – de 3 a 5,99; 3 – de 6 a 8,99; 4 – de 9 a 11,99; e 5 – de 12 a 15.

- As escalas dos questionários A, B e C apresentam-se ancoradas pelo lado esquerdo (menor valor da escala = 1), respectivamente os atributos “mais próximos”, “muito semelhantes” e “muito fácil”. Entretanto, o questionário D (Shoham, Rose e Albaum, 1990) é ancorado pelo lado esquerdo (menor valor da escala = 1), com o atributo “muito diferente”. Desta forma, foi necessário, para realizar as análises comparativas, que o questionário D tivesse sua escala invertida.

Na tabela 4.11 são apresentados o tamanho amostral (n), média (M) e o desvio padrão (S) da distância psíquica de cada um dos países para os quatro questionários.

Tabela 4.11 – Média e Desvio padrão da Distância Psíquica dos países por instrumento utilizado.

País	Questionário												Todos reunidos		
	A			B			C			D			n	M	S
	n	M	S	n	M	S	n	M	S	n	M	S			
África do Sul	90	<u>2,7</u>	1,24	96	3,0	1,02	93	3,1	0,92	86	3,1	0,97	365	3,0	1,05
Alemanha	90	<u>3,6</u>	1,13	96	4,4	0,79	93	3,8	0,81	86	4,5	0,61	365	4,1	0,93
Argentina	90	<u>1,4</u>	0,63	96	2,3	0,88	93	1,9	0,75	86	2,6	0,97	365	2,0	0,93
Canadá	90	<u>3,2</u>	1,07	96	4,2	0,83	93	<u>2,9</u>	0,88	86	4,3	0,80	365	3,6	1,10
China	90	<u>3,2</u>	1,37	96	4,0	1,07	93	4,7	0,50	86	4,2	0,91	365	4,0	1,13
EUA	90	2,6	1,32	96	3,8	1,03	93	2,2	0,82	86	3,9	1,00	365	3,1	1,29
Grécia	90	3,8	1,03	96	3,8	0,91	93	<u>3,5</u>	0,84	86	3,9	0,92	365	3,7	0,94
Hong Kong	90	<u>3,8</u>	1,17	96	4,2	0,90	93	4,3	0,84	86	4,2	0,80	365	4,1	0,95
Índia	90	<u>3,1</u>	1,28	96	3,4	1,28	93	4,4	0,77	86	3,7	1,19	365	3,7	1,24
Inglaterra	90	3,2	1,21	96	4,2	0,86	93	<u>2,8</u>	0,78	86	4,2	0,93	365	3,6	1,14
Israel	90	<u>3,9</u>	1,00	96	4,2	0,91	93	4,3	0,70	86	4,2	0,87	365	4,2	0,88
Itália	90	<u>2,7</u>	0,98	96	3,3	1,07	93	<u>2,2</u>	0,71	86	3,6	1,06	365	2,9	1,09
Japão	90	<u>3,7</u>	1,31	96	4,5	0,74	93	4,2	0,87	86	4,5	0,63	365	4,2	0,98
México	90	<u>1,7</u>	0,76	96	2,2	0,79	93	2,0	0,72	86	2,3	0,92	365	2,1	0,83
Portugal	90	1,8	0,95	96	2,6	1,00	93	1,5	0,65	86	2,8	1,00	365	2,2	1,05
Rússia	90	<u>3,8</u>	1,07	96	4,1	1,08	93	4,2	0,75	86	3,9	1,02	365	4,0	0,99

Onde: n – tamanho amostral, M – média e S – desvio padrão

(A) Stöttinger e Schlegelmilch (1998); (B) Leite, Rocha e Figueiredo (1988); (C) Boyacigiller (1990); e (D) Shoham, Rose e Albaum (1990)

As menores médias foram sublinhadas e as maiores médias foram colocadas em negrito. Pode-se observar que o questionário C é o instrumento que mais apresenta medidas extremas (menor e maior), o questionário A é o que apresenta médias menores e o questionário D médias maiores. O questionário B para todos os países ocupou posição intermediária.

Foram em seguida realizados testes para verificar a suposição de que a distância psíquica de cada um dos países tem distribuição normal. Para tal, o teste de Kolmogorov-Smirnov foi aplicado a cada uma das variáveis. O teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov tem como hipótese básica a suposição de normalidade da variável (H_0 : Distância Psíquica medida pelo instrumento i para o país j possui distribuição normal, onde $i = A, B, C$ ou D e $j =$ um dos 16 países investigados).

Como pode ser visto na tabela 4.12a, para todos os instrumentos, avaliados em todos os países, com exceção do instrumento A, a suposição de distribuição normal foi rejeitada ao nível de significância de 5% ($pvalue < 0,05$), quando considerada a escala original.

No entanto, quando se testou o instrumento A com a escala modificada (1 a 5), apresentado na tabela 4.12b, a suposição de distribuição normal também foi rejeitada para todos os países investigados.

Sendo assim, o teste não paramétrico para amostras independentes de Kruskal-Wallis foi considerado o procedimento mais adequado para as comparações dos instrumentos.

Tabela 4.12a – Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov - instrumentos A, B, C e D

País	Questionário															
	A (n = 90)				B (n = 96)				C (n = 93)				D (n = 86)			
	M	S	KS	pvalue	M	S	KS	pvalue	M	S	KS	pvalue	M	S	KS	pvalue
África do Sul	6,5	3,82	1,014	0,255	3,0	1,02	2,287	0,000 **	3,1	0,92	1,994	0,001 **	3,1	0,97	1,807	0,003 **
Alemanha	9,4	3,29	0,792	0,558	4,4	0,79	3,171	0,000 **	3,8	0,81	2,886	0,000 **	4,5	0,61	3,153	0,000 **
Argentina	2,4	1,92	1,039	0,231	2,3	0,88	2,965	0,000 **	1,9	0,75	2,462	0,000 **	2,6	0,97	2,089	0,000 **
Canadá	8,0	3,16	0,431	0,992	4,2	0,83	2,460	0,000 **	2,9	0,88	2,139	0,000 **	4,3	0,80	2,803	0,000 **
China	8,3	4,27	1,054	0,216	4,0	1,07	2,270	0,000 **	4,7	0,50	4,337	0,000 **	4,2	0,91	2,855	0,000 **
EUA	6,1	3,95	1,361	0,049 *	3,8	1,03	2,218	0,000 **	2,2	0,82	2,873	0,000 **	3,9	1,00	2,015	0,001 **
Grécia	9,7	3,20	0,683	0,739	3,8	0,91	2,055	0,000 **	3,5	0,84	2,542	0,000 **	3,9	0,92	2,243	0,000 **
Hong Kong	10,1	3,54	1,221	0,101	4,2	0,90	2,762	0,000 **	4,3	0,84	2,846	0,000 **	4,2	0,80	2,482	0,000 **
Índia	7,6	3,90	0,706	0,701	3,4	1,28	1,717	0,005 **	4,4	0,77	3,156	0,000 **	3,7	1,19	1,951	0,001 **
Inglaterra	8,2	3,50	0,609	0,852	4,2	0,86	2,646	0,000 **	2,8	0,78	2,288	0,000 **	4,2	0,93	2,917	0,000 **
Israel	10,3	3,02	0,830	0,497	4,2	0,91	2,722	0,000 **	4,2	0,70	2,417	0,000 **	4,2	0,87	2,644	0,000 **
Itália	6,6	2,95	0,810	0,528	3,3	1,07	1,939	0,001 **	2,2	0,71	3,331	0,000 **	3,6	1,06	1,972	0,001 **
Japão	9,6	4,09	1,208	0,108	4,5	0,74	3,562	0,000 **	4,2	0,87	2,350	0,000 **	4,5	0,63	3,425	0,000 **
México	3,5	2,09	1,037	0,233	2,2	0,79	3,464	0,000 **	2,0	0,72	3,059	0,000 **	2,3	0,92	3,051	0,000 **
Portugal	3,7	2,88	1,109	0,171	2,6	1,00	2,454	0,000 **	1,5	0,65	3,482	0,000 **	2,8	1,00	2,239	0,000 **
Rússia	10,0	3,53	0,852	0,462	4,1	1,08	2,633	0,000 **	4,2	0,75	2,237	0,000 **	3,9	1,02	2,236	0,000 **

Onde: M = Média e S = Desvio-padrão

** Significativo a 1%;

* Significativo a 5%

(A) Stöttinger e Schlegelmilch (1998); (B) Leite, Rocha e Figueiredo (1988); (C) Boyacigiller (1990); e (D) Shoham, Rose e Albaum (1990)

Tabela 4.12b – Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov – instrumento A com escala de 1 a 5

País	Questionário			
	A (n = 90)			
	M	S	KS	<i>pvalue</i>
África do Sul	2,7	1,24	1,930	0,001 **
Alemanha	3,6	1,13	1,949	0,001 **
Argentina	1,4	0,63	3,986	0,000 **
Canadá	3,2	1,07	1,839	0,002 **
China	3,3	1,37	1,579	0,014 *
EUA	2,6	1,32	1,948	0,001 **
Grécia	3,8	1,03	2,048	0,000 **
Hong Kong	3,8	1,17	2,100	0,000 **
Índia	3,1	1,28	1,626	0,010 *
Inglaterra	3,2	1,21	1,569	0,015 *
Israel	3,9	1,00	2,254	0,000 **
Itália	2,7	0,98	2,172	0,000 **
Japão	3,7	1,31	2,003	0,001 **
México	1,7	0,76	2,580	0,000 **
Portugal	1,8	0,95	2,596	0,000 **
Rússia	3,8	1,07	2,010	0,001 **

Onde: M - Média e S - Desvio-padrão

** Significativo a 1%;

* Significativo a 5%

(A) Stöttinger e Schlegelmilch (1998)

4.3.2 Teste de Kruskal-Wallis

A hipótese de teste é “não existem diferenças entre os instrumentos de distância psíquica para um determinado país”.

A tabela 4.13 apresenta os resultados do teste de Kruskal-Wallis. Pode-se verificar que somente para África do Sul, Israel e Rússia não se rejeitou a hipótese de igualdade dos instrumentos de medida A, B, C e D, ao nível de significância de 5%. Isto significa dizer que para os outros países pelo menos um dos instrumentos testados produz resultados significativamente diferentes dos demais.

Tabela 4.13 – Teste de Kruskal-Wallis

País	χ^2	gl	<i>pvalue</i>
África do Sul	7,726	3	0,052
Alemanha	60,296	3	0,000 **
Argentina	90,627	3	0,000 **
Canadá	128,278	3	0,000 **
China	66,893	3	0,000 **
EUA	123,745	3	0,000 **
Grécia	12,75	3	0,005 **
Hong Kong	8,06	3	0,045 *
Índia	55,336	3	0,000 **
Inglaterra	115,131	3	0,000 **
Israel	5,879	3	0,118
Itália	82,532	3	0,000 **
Japão	30,157	3	0,000 **
México	26,371	3	0,000 **
Portugal	100,539	3	0,000 **
Rússia	7,623	3	0,054

** Diferenças estatisticamente significativas a 1%;

* Diferenças estatisticamente significativas a 5%

Prosseguindo com a análise, retirou-se da comparação o instrumento A, que originalmente possuía escala diferente e havia sido adaptado com o propósito de facilitar a comparação. A hipótese básica, então, passou a ser “não existe diferença entre os instrumentos B, C e D para um determinado país”.

A tabela 4.14 apresenta os resultados do teste de Kruskal-Wallis para estes três instrumentos. Como pode ser visto, praticamente não há alteração nos resultados. Pode-se verificar que somente para África do Sul, Hong Kong, Israel, México e Rússia não se rejeitou a hipótese de igualdade dos instrumentos de medida B, C e D, ao nível de significância de 5%. Mais uma vez, os resultados indicaram que para os outros países pelo menos um dos instrumentos de medida analisados produziu resultados distintos.

Tabela 4.14 – Teste de Kruskal-Wallis

País	χ^2	gl	<i>pvalue</i>
África do Sul	1,388	2	0,500
Alemanha	44,481	2	0,000 **
Argentina	26,465	2	0,000 **
Canadá	106,041	2	0,000 **
China	29,891	2	0,000 **
EUA	110,364	2	0,000 **
Grécia	12,441	2	0,002 **
Hong Kong	1,360	2	0,507
Índia	33,591	2	0,000 **
Inglaterra	107,566	2	0,000 **
Israel	0,191	2	0,909
Itália	75,418	2	0,000 **
Japão	11,314	2	0,003 **
México	4,852	2	0,088
Portugal	84,126	2	0,000 **
Rússia	2,985	2	0,225

** Diferenças estatisticamente significativas a 1%;

* Diferenças estatisticamente significativas a 5%

Analisando a tabela 4.11, percebe-se que o instrumento C apresenta médias extremas para a maioria dos países, sugerindo que talvez este instrumento seja o motivador das diferenças. Assim sendo, decidiu-se excluir o instrumento C da análise.

Novos testes foram então realizados para avaliar diferenças entre as médias de distância psíquica fornecidas pelos instrumentos B e D. Desta forma, a hipótese básica passou a ser “não existe diferença entre os instrumentos B e D para um determinado país”. A tabela 4.15 apresenta os resultados do teste de comparação de postos para amostras independentes de Mann Withney. Pode-se verificar que, para todos os países, exceto a Argentina, não se rejeitou a hipótese de igualdade dos instrumentos de medida B e D, ao nível de significância de 5%. Isto indica que os instrumentos B e D produzem resultados equivalentes.

Tabela 4.15 – Teste de Mann Whitney

País	U	Z	pvalue
África do Sul	3937,0	-0,562	0,574
Alemanha	4059,0	-0,221	0,825
Argentina	3306,5	-2,467	0,014 *
Canadá	4003,0	-0,383	0,702
China	3622,0	-1,517	0,129
EUA	3818,0	-0,913	0,361
Grécia	3868,0	-0,773	0,440
Hong Kong	3963,0	-0,499	0,618
Índia	3549,0	-1,683	0,092
Inglaterra	3940,5	-0,572	0,567
Israel	4065,5	-0,19	0,849
Itália	3567,0	-1,635	0,102
Japão	4107,0	-0,068	0,946
México	4006,0	-0,389	0,697
Portugal	3575,5	-1,637	0,102
Rússia	3607,0	-1,555	0,120

** - Diferenças estatisticamente significativas a 1%;

* - Diferenças estatisticamente significativas a 5%

Foi realizado também um teste final para comparar os instrumentos A, B e D. A hipótese básica, então, passou a ser “não existe diferença entre os instrumentos A, B e D para um determinado país”.

A tabela 4.16 apresenta os resultados do teste de Kruskal-Wallis para estes três instrumentos. Como pode ser visto, praticamente não há alteração nos resultados. Pode-se verificar que somente para África do Sul, Grécia, Hong Kong, Israel, e Rússia não se rejeitou a hipótese de igualdade dos instrumentos de medida A, B e D, ao nível de significância de 5%. Mais uma vez, os resultados indicaram que para os outros países pelo menos um dos instrumentos de medida analisados produziu resultados distintos.

Tabela 4.16 – Teste de Kruskal-Wallis

País	χ^2	gl	<i>pvalue</i>
África do Sul	4,612	2	0,100
Alemanha	38,283	2	0,000 **
Argentina	83,073	2	0,000 **
Canadá	64,055	2	0,000 **
China	23,849	2	0,000 **
EUA	54,596	2	0,000 **
Grécia	0,655	2	0,721
Hong Kong	4,927	2	0,085
Índia	9,908	2	0,007 **
Inglaterra	42,804	2	0,000 **
Israel	5,371	2	0,068
Itália	29,013	2	0,000 **
Japão	26,803	2	0,000 **
México	25,052	2	0,000 **
Portugal	48,614	2	0,000 **
Rússia	5,364	2	0,068

** Diferenças estatisticamente significativas a 1%;

* Diferenças estatisticamente significativas a 5%

Desta forma, a partir dos resultados dos testes realizados, a hipótese H_{1a} , relativa aos instrumentos utilizados para medir a distância psíquica como construto-síntese, foi parcialmente rejeitada. O instrumento A e C parecem produzir resultados um pouco distintos dos demais instrumentos.

No caso do instrumento A, a escala pode provocar este efeito. No caso do instrumento C, uma explicação para estas diferenças pode estar no fraseamento das perguntas do primeiro bloco:

A – “O distanciamento pode ser expresso em diferenças, por exemplo, em relação a idioma, cultura, desenvolvimento industrial ou práticas comerciais.”

B – “... quão semelhantes ou diferentes lhe parecem cada um desses países em relação ao Brasil.”

C – “... dificuldade de se adaptar aos países a seguir devido a diferenças na cultura local em relação à cultura do Brasil.”

D – “... grau de diferença que você percebe entre o Brasil e os países abaixo em termos das diferenças na cultura e no clima econômico, social e legal.”

Apesar de o texto introdutório ser bastante semelhante, o instrumento C é o único que pede ao informante para refletir não só nas diferenças ou distanciamento, mas também na dificuldade de adaptação, fazendo referência explícita unicamente à cultura.

4.4 TESTE DE CORRELAÇÃO DE POSTOS DE SPEARMAN

As diferenças obtidas entre os instrumentos podem significar apenas diferenças em gradação e não em discriminação. Esta suposição é razoável se os países mantiverem a mesma ordenação (ou próxima) nos quatro instrumentos, ou seja, se um país psicologicamente próximo (ou afastado) no instrumento A também se comportar desta forma quando aplicados os instrumentos B, C ou D.

Esta afirmação pode ser verdadeira, embora não pareça plausível quando se consideram as médias apresentadas pelo instrumento C, que ora são extremos inferiores e ora extremos superiores. Mesmo assim, decidiu-se verificar a existência de correlação entre os resultados obtidos com os quatro instrumentos.

Como a premissa de normalidade foi rejeitada e, além disso, existem diferenças significativas entre as escalas, optou-se por analisar os postos, ou seja, a ordem obtida para os países de acordo com sua distância psíquica. Cada respondente teve suas notas transformadas em posto, ou seja, o país com menor distância psíquica para o Brasil recebeu posto 1, o segundo menor, posto 2 e assim por diante. Este recurso foi utilizado para cada respondente dos quatro instrumentos testados e a média dos postos foi utilizada nas análises. Para o questionário A, utilizou-se a escala original (0 a 15). Os postos médios são apresentados na tabela 4.17.

Tabela 4.17 – Postos médios da distância psíquica

País	Questionário			
	A	B	C	D
África do Sul	7,48	5,92	8,01	5,65
Alemanha	10,76	11,69	10,57	11,59
Argentina	2,09	3,60	3,77	4,07
Canadá	8,80	10,81	7,01	10,72
China	9,48	9,68	13,91	10,49
Estados Unidos	6,44	8,97	4,61	9,01
Grécia	11,08	8,89	9,36	8,88
Hong Kong	12,02	10,66	12,31	10,16
Índia	8,57	7,53	12,69	8,53
Inglaterra	9,37	10,66	6,59	10,46
Israel	11,96	10,84	12,24	10,56
Itália	7,48	7,04	4,69	7,47
Japão	11,22	11,91	11,75	11,74
México	3,85	3,13	4,07	2,85
Portugal	3,73	4,36	2,54	4,62
Rússia	11,66	10,32	11,90	9,21
N	90	96	93	86

x Extraído de Leite, Rocha e Figueiredo (1988)

xx Extraído de Silva, Rocha e Figueiredo (2007)

(A) Stöttinger e Schlegelmilch (1998); (B) Leite, Rocha e Figueiredo (1988); (C) Boyacigiller (1990); e (D) Shoham, Rose e Albaum (1990)

Com base nestes dados, realizou-se o teste de correlação de postos de Spearman. Na tabela 4.18 pode ser encontrada a matriz dos coeficientes de correlação amostral de Spearman, r e o $pvalue$ do teste de Spearman. O valor obtido para todas as correlações foi superior a 0,5, confirmando, como esperado, fortes correlações positivas.

Tabela 4.18 – Matriz de correlação de postos de Spearman

			A	B	C	D
Questionários	A	r pvalue n	1 - 16	0,787** 0,000 16	0,782** 0,000 16	0,729** 0,001 16
	B	r pvalue n		1 - 16	0,556* 0,025 16	0,979** 0,000 16
	C	r pvalue n			1 - 16	0,574* 0,020 16
	D	r pvalue n				1 - 16

Avaliando o resultado do teste de correlação de postos de Spearman, verifica-se que, para todos os pares de correlações, rejeita-se a hipótese de correlação igual a zero. As correlações mais baixas ocorreram entre os instrumentos B e C e os instrumentos C e D, confirmando os resultados anteriormente obtidos com o teste de hipótese. Em outras palavras, há evidências de que o instrumento C é aquele cujos resultados mais se afastam dos resultados obtidos com os outros instrumentos.

Os resultados obtidos com o teste de correlação de Spearman permitem estabelecer que há validade convergente entre os instrumentos A, B e D. (Diz-se que há validade convergente quando várias medidas independentes do mesmo construto se encontram fortemente correlacionadas).

Além disto, decidiu-se verificar, utilizando o teste de Spearman, a correlação entre os resultados obtidos no presente estudo e aqueles encontrados pelos estudos anteriores de Leite, Rocha e Figueiredo (1988), e de Silva, Rocha e Figueiredo (2007) com os instrumentos A e B, como pode ser visto nas tabelas 4.17 e 4.19. Observe-se que, de forma diferente dos outros estudos apresentados, o trabalho de Leite, Rocha e Figueiredo (1988) entrevistou executivos de exportação.

Com base nestes dados realizou-se novamente o teste de correlação de postos de Spearman, desta feita comparando os resultados obtidos com os instrumentos dos estudos anteriores com os obtidos com os quatro questionários deste estudo. Na tabela 4.20 pode ser encontrada a matriz dos coeficientes de correlação amostral de Spearman, r e o $pvalue$ do teste de Spearman. O valor obtido para todas as correlações foi superior a 0,6, confirmando fortes correlações positivas.

Tabela 4.19 – Postos médios da distância psíquica

País	Questionário		
	B - 1988 ^x	A - 2007 ^{xx}	B - 2007 ^{xx}
África do Sul	5,95	8,32	6,12
Alemanha	6,06	9,57	10,44
Argentina	2,32	3,22	2,82
Canadá	5,68	7,83	9,40
China	-	11,38	11,74
Estados Unidos	5,63	6,71	7,39
Grécia	6,18	9,60	8,16
Hong Kong	6,84	11,08	11,04
Índia	6,55	10,48	10,00
Inglaterra	5,85	8,47	9,48
Israel	6,31	10,56	11,73
Itália	3,11	7,09	6,27
Japão	6,67	12,28	12,67
México	2,68	4,03	3,49
Portugal	2,12	4,44	3,73
Rússia	6,81	10,93	11,53
N	153 ⁺	96	82

Tabela 4.20 – Comparação de Resultados de várias aplicações dos Questionários A e B

		Questionários						
		B-1988 ^x	A-2007 ^{xx}	B-2007 ^{xx}	A	B	C	D
B-1988 ^x	r	1	0,968**	0,871**	0,889**	0,633*	0,950**	0,600*
	pvalue	-	0,000	0,000	0,000	0,011	0,000	0,018
	n	15	15	15	15	15	15	15
A-2007 ^{xx}	r		1	0,941**	0,876**	0,686**	0,915**	0,688**
	pvalue		-	0,000	0,000	0,003	0,000	0,003
	n		16	16	16	16	16	16
B-2007 ^{xx}	r			1	0,862**	0,831**	0,856**	0,841**
	pvalue			-	0,000	0,000	0,000	0,000
	n			16	16	16	16	16

- A aplicação do questionário A feita por Silva, Rocha e Figueiredo (2007) apresenta maior correlação (0,941) com o questionário B de 2007 (do mesmo estudo), seguindo-se o questionário C do presente estudo (0,915), e o próprio questionário A do presente estudo (0,876). Os questionários B e D do presente estudo apresentaram correlações um pouco mais baixas, próximas a 0,7.

- O questionário B havia sido aplicado duas vezes. Uma no estudo original de Leite, Rocha e Figueiredo (1988) e outra no estudo de Silva, Rocha e Figueiredo (2007). A correlação entre os resultados obtidos nos dois estudos foi de 0,871. Curiosamente, a correlação entre os resultados da aplicação do questionário B no estudo de 1988 com os do questionário B no presente estudo foram mais baixas (0,633), porém mais altas com os questionários A (0,889) e C (0,950). Já os resultados do questionário B no estudo de 2007 mostraram altas correlações positivas com todos os questionários do presente estudo (entre 0,831 e 0,862).

Em linhas gerais esta análise sugere que a validade convergente se sustenta ao longo do tempo, com as várias aplicações produzindo resultados similares, e todas elas estando fortemente correlacionadas entre si.

4.5 TESTES ADICIONAIS PARA SUB-GRUPOS DE PAÍSES

Verificou-se correlação positiva entre os diferentes instrumentos de medição da distância psíquica. Isto sugere que países avaliados como próximos (ou afastados) em termos de distância psíquica em relação ao Brasil em um instrumento também são considerados próximos (ou afastados) quando se usa outro instrumento. Esta característica é desejável em instrumentos distintos que tenham por objetivo medir o mesmo fenômeno, ou seja, pode-se concluir que os instrumentos estejam, até certo ponto, alinhados.

Visando entender melhor as características dos quatro instrumentos, decidiu-se testar a capacidade desses instrumentos de discriminar subgrupos de países.

Para cada um dos quatro instrumentos avaliados foi testada sua capacidade de distinguir subgrupos de países com mesma distância psíquica em relação ao Brasil. Para realização dos testes estatísticos, considerou-se que as amostras eram dependentes, visto que, para cada instrumento, o mesmo informante avaliou os 16 países em relação ao Brasil em uma única rodada de perguntas.

Apenas para o instrumento A, o teste de Kolmogorov-Smirnov não rejeitou a suposição de distribuição normal da distância psíquica medida para cada um dos 16 países investigados em relação ao Brasil, tabela (4.16a). Sendo assim, somente seria possível utilizar testes paramétricos para este instrumento (A). Por questões de comparabilidade, decidiu-se por utilizar, para todos os instrumentos, o teste não paramétrico de Friedman para amostras dependentes. Como análise complementar, para o instrumento A também foi aplicado um teste ANOVA modificado. No caso de diferenças significativas entre os países, o teste de Friedman com número menor de países, ou o teste de Wilcoxon no caso da comparação de dois países, foi utilizado visando investigar as possíveis diferenças e estabelecer subgrupos homogêneos.

Para cada instrumento procedeu-se a comparação dos 16 países pelo teste de Friedman utilizando como hipótese básica a igualdade entre as distâncias psíquicas dos 16 países. O resultado deste teste é apresentado na tabela 4.21.

Analisando a tabela pode-se verificar que, para todos os instrumentos, a hipótese de igualdade foi rejeitada, inclusive para o instrumento A, teste paramétrico, ou seja, pelo menos um dos países foi considerado como tendo distância psíquica diferente dos demais.

Tabela 4.21 – Teste de Friedman para amostras dependentes

Questionário	Estatísticas			
	n	χ^2	gl	<i>pvalue</i>
A - Stöttinger e Schlegelmilch (1998)	90	587,3	15	0,000*
B - Leite, Rocha e Figueiredo (1988)	96	620,5	15	0,000*
C - Boyacigiller (1990)	93	965,0	15	0,000*
D - Shoham, Rose e Albaum (1990)	86	518,1	15	0,000*
A - Stöttinger e Schlegelmilch (1998) +	90	68,994(F)	15	0,000*

* - Diferença significativa ao nível de 1%

+ - Teste paramétrico acompanhado da Estatística F.

Sendo assim, uma análise mais detalhada foi realizada para cada instrumento visando encontrar subgrupos homogêneos de países. Esta análise encontra-se resumida nas tabelas 4.22 a 4.26, respectivamente para os instrumentos A, B, C e D (teste não paramétrico) e A (teste paramétrico).

Tabela 4.22 – Quadro-resumo das diferenças dos postos médios das distâncias psíquicas entre os países para o instrumento A – Stöttinger e Schlegelmilch (1998)

País	Posto Médio	1	2	3	4	5	6	7	8
Argentina	2,1								
Portugal	3,7								
México	3,9								
EUA	6,4								
ÁfricadoSul	7,5								
Itália	7,5								
Índia	8,6								
Canadá	8,8								
Inglaterra	9,4								
China	9,5								
Alemanha	10,8								
Grécia	11,1								
Japão	11,2								
Rússia	11,7								
Israel	12,0								
HongKong	12,0								
<i>pvalue</i>		1	0,913	0,699	0,066	0,528	0,207	0,096	0,207

Tabela 4.23 – Quadro resumo das diferenças dos postos médios das distâncias psíquicas entre os países para o instrumento B – Leite, Rocha e Figueiredo (1988)

País	Posto Médio	1	2	3	4	5	6	7	8
México	3,1								
Argentina	3,6								
Portugal	4,4								
África do Sul	5,9								
Itália	7,0								
Índia	7,5								
Grécia	8,9								
EUA	9,0								
China	9,7								
Rússia	10,3								
HongKong	10,7								
Inglaterra	10,7								
Canadá	10,8								
Israel	10,8								
Alemanha	11,7								
Japão	11,9								
<i>pvalue</i>		0,777	0,102	1	0,564	0,396	0,296	0,057	0,746

Tabela 4.24 – Quadro resumo das diferenças dos postos médios das distâncias psíquicas entre os países para o instrumento C – Boyacigiller (1990)

País	Posto Médio	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Portugal	2,5										
Argentina	3,8										
México	4,1										
EUA	4,6										
Itália	4,7										
Inglaterra	6,6										
Canadá	7,0										
África do Sul	8,0										
Grécia	9,4										
Alemanha	10,6										
Japão	11,8										
Rússia	11,9										
Israel	12,2										
HongKong	12,3										
Índia	12,7										
China	13,9										
<i>pvalue</i>		1	0,150	0,058	0,370	0,052	1	1	0,243	0,192	1

Tabela 4.25 – Quadro resumo das diferenças dos postos médios das distâncias psíquicas entre os países para o instrumento D – Shoham, Rose e Albaum (1990)

País	Posto Médio	1	2	3	4	5	6	7	8
México	2,9								
Argentina	4,1								
Portugal	4,6								
ÁfricadoSul	5,7								
Itália	7,5								
Índia	8,5								
Grécia	8,9								
EUA	9,0								
Rússia	9,2								
HongKong	10,2								
Inglaterra	10,5								
China	10,5								
Israel	10,6								
Canadá	10,7								
Alemanha	11,6								
Japão	11,7								
<i>pvalue</i>		1	1	0,055	0,153	0,061	0,083	0,227	0,092

Tabela 4.26 – Quadro resumo das diferenças médias das distâncias psíquicas entre os países para o instrumento A – Stöttinger e Schlegelmilch (1998)

País	Média	1	2	3	4	5
Argentina	2,4					
Portugal	3,5					
México	3,7					
EUA	6,1					
ÁfricadoSul	6,5					
Itália	6,6					
Índia	7,6					
Canadá	8,0					
Inglaterra	8,2					
China	8,3					
Alemanha	9,4					
Grécia	9,6					
Japão	9,7					
Rússia	10,0					
Israel	10,2					
HongKong	10,3					
<i>pvalue</i>		1	0,753	0,255	0,142	0,084

Em síntese, observou-se que:

- O instrumento A, quando utilizado teste não paramétrico, apresentou 8 subgrupos e 9 países em pelo menos dois grupos distintos; este mesmo instrumento, quando utilizado um teste paramétrico, apresentou somente 5 grupos e todos os países foram colocados em um único grupo, sem interseção.
- O instrumento B apresentou oito subgrupos; 8 países se enquadraram em dois grupos distintos.
- O instrumento C apresentou 10 subgrupos; 4 países se enquadraram em dois grupos distintos.
- O instrumento D apresentou 8 subgrupos; 9 países se enquadraram em dois ou três grupos distintos.

Um aspecto interessante foi o resultado dos testes não paramétrico e paramétrico utilizados para a comparação dos países no instrumento A. O fato de se verificar normalidade na distribuição da distância psíquica dos países conferiu maior precisão aos resultados do teste paramétrico, que conseguiu distinguir com maior nitidez a diferença entre subgrupos de países, como pode ser visto na tabela 4.26.

Uma análise das tabelas revela que, aparentemente, quanto menor a distância psíquica, mais fácil a formação de subgrupos de países sem interseções. Por outro lado, à medida que aumenta a distância psíquica, aumentam também as interseções de países nos subgrupos. Ou seja, aparentemente o poder de

discriminação dos instrumentos é maior para países psicologicamente mais próximos.

Uma possível interpretação para estes resultados tem a ver com a capacidade de discriminação dos respondentes. Países psicologicamente próximos ganham contornos mais nítidos no quadro cognitivo dos respondentes, uma vez que o respondente tende a considerar mais próximos exatamente os países sobre os quais tem maior conhecimento. Por outro lado, países psicologicamente distantes são vistos de forma mais difusa, pois o respondente tende a ter pouco conhecimento sobre eles, particularmente aquele conhecimento derivado da experiência (comumente designado por 'conhecimento experiencial').

4.6 AVALIAÇÃO DOS INSTRUMENTOS POR GÊNERO E CURSO

Como forma de aprimorar a avaliação comparativa das escalas, decidiu-se avaliar o desempenho dos instrumentos por gênero e curso. Em princípio, nenhum dos instrumentos deveria apresentar diferenças quanto a gênero e curso.

Analisando a tabela 4.27, pode-se notar a presença de algumas diferenças significativas, ou seja, o gênero influenciou significativamente na análise da distância psíquica somente em um país para o instrumento A, seis países para o instrumento B e quatro países para o instrumento C. Para o instrumento D não houve influência do gênero na avaliação da distância psíquica.

Tabela 4.27 – Teste de diferenças das medidas da distância psíquica para gênero

País	Questionários							
	A		B		C		D	
	U	<i>pvalue</i>	U	<i>pvalue</i>	U	<i>pvalue</i>	U	<i>pvalue</i>
África do Sul	726,5	0,137	841,5	0,109	1009,0	0,767	866,5	0,628
Alemanha	646,5	0,030 *	904,5	0,236	958,0	0,454	828,5	0,370
Argentina	806,5	0,423	1013,5	0,827	952,5	0,431	842,0	0,477
Canadá	794,5	0,366	713,0	0,006 **	966,5	0,513	807,0	0,287
China	854,5	0,697	716,5	0,009 **	1037,5	0,939	837,0	0,436
Estados Unidos	728,0	0,141	1009,5	0,809	901,0	0,219	800,0	0,276
Grécia	812,0	0,451	888,5	0,219	1033,5	0,923	901,5	0,865
Hong Kong	794,0	0,364	802,5	0,049 *	1004,0	0,726	857,5	0,563
Índia	857,5	0,716	734,5	0,015 *	955,0	0,430	764,5	0,162
Inglaterra	705,5	0,096	980,5	0,624	905,0	0,240	805,0	0,276
Israel	785,0	0,325	857,0	0,129	809,0	0,043 *	855,5	0,545
Itália	701,5	0,089	922,5	0,350	1028,0	0,879	854,5	0,555
Japão	794,5	0,366	840,5	0,077	897,0	0,215	852,5	0,501
México	771,5	0,271	496,0	0,000 **	806,0	0,033 *	918,5	0,988
Portugal	713,0	0,109	937,0	0,405	773,0	0,015 *	723,0	0,073
Rússia	762,5	0,239	746,5	0,015 *	799,5	0,038 *	843,0	0,482

** - Significativo a 1%;

* - Significativo a 5%

(A) Stöttinger e Schlegelmilch (1998); (B) Leite, Rocha e Figueiredo (1988); (C) Boyacıgiller (1990); e (D) Shoham, Rose e Albaum (1990)

Analisando a tabela 4.28 pode-se notar a presença de algumas diferenças significativas, ou seja, o curso influenciou significativamente na análise da distância psíquica somente dois países para o instrumento B, dois países para o instrumento C e cinco países para o questionário D. Para os instrumentos A não houve influência do curso na avaliação da distância psíquica.

Tabela 4.28 – Teste de diferenças das medidas da distância psíquica para curso

País	Questionários							
	A		B		C		D	
	U	<i>pvalue</i>	U	<i>pvalue</i>	U	<i>pvalue</i>	U	<i>pvalue</i>
África do Sul	0,685	0,710	0,615	0,735	0,887	0,642	5,459	0,065
Alemanha	2,544	0,280	2,296	0,317	7,043	0,030 *	1,934	0,380
Argentina	5,865	0,053	1,221	0,543	19,150	0,000 **	5,636	0,060
Canadá	0,510	0,775	4,059	0,131	0,385	0,825	7,146	0,028 *
China	3,027	0,220	8,630	0,013 *	0,003	0,999	2,935	0,230
Estados Unidos	4,426	0,109	3,388	0,184	3,676	0,159	7,166	0,028 *
Grécia	1,552	0,460	4,091	0,129	5,175	0,075	4,272	0,118
Hong Kong	3,163	0,206	8,041	0,018 *	3,233	0,199	2,693	0,260
Índia	2,327	0,312	3,458	0,177	1,433	0,488	2,315	0,314
Inglaterra	2,163	0,339	2,016	0,365	0,292	0,864	4,219	0,121
Israel	2,514	0,285	2,698	0,259	2,626	0,269	2,435	0,296
Itália	4,093	0,129	3,729	0,155	3,375	0,185	9,202	0,010 *
Japão	1,005	0,605	1,448	0,485	2,191	0,334	0,597	0,742
México	4,332	0,115	5,624	0,060	1,178	0,555	12,619	0,002 **
Portugal	3,592	0,166	2,241	0,326	3,835	0,147	5,633	0,060
Rússia	1,141	0,565	3,633	0,163	2,034	0,362	7,660	0,022 *

** - Significativo a 1%;

* - Significativo a 5%

(A) Stöttinger e Schlegelmilch (1998); (B) Leite, Rocha e Figueiredo (1988); (C) Boyacigiller (1990); e (D) Shoham, Rose e Albaum (1990)

Pode-se concluir que:

- para o instrumento A, pode-se dizer que gênero e curso não modificam a avaliação da distância psíquica;
- para o instrumento B, curso parece pouco modificar a avaliação da distância psíquica; no entanto, gênero parece alterar os resultados da medição.
- para o instrumento C, curso também parece pouco modificar a avaliação da distância psíquica e gênero parece alterar os resultados da medição;

- o instrumento D, por sua vez, não apresentou diferenças para gênero; no entanto, o curso parece alterar de maneira significativa as medições de distância psíquica para alguns países.

Os melhores resultados foram obtidos, portanto, pelo instrumento A.

4.7 SÍNTESE DOS RESULTADOS DO CAPÍTULO

Os resultados obtidos variaram de acordo com o instrumento utilizado:

- O instrumento A é o único que atende aos requisitos de normalidade, em sua escala original. As medidas obtidas por meio deste questionário são, em média, mais baixas do que as obtidas com os demais. No entanto, os resultados médios apresentam-se distintos dos questionários C, B e D para quase todos os países e de B e D para 11 dos países avaliados. Os resultados obtidos de sua aplicação se relacionam fortemente, mas não plenamente, com os obtidos com os instrumentos B, C e D ($r=0,787$, $r=0,782$ e $0,729$, respectivamente). Também apresentam forte correlação com resultados de aplicações anteriores dos questionários A e B. Os resultados não mostram diferenças significativas em função de gênero e curso.
- Os instrumentos B e D não apresentaram diferenças significativas entre si. O instrumento B produziu medidas que se encontravam consistentemente em posição intermediária entre os demais instrumentos. Já o questionário D produziu consistentemente medidas mais altas do que os demais. Os resultados obtidos com o uso dos dois questionários – B e D – estão quase perfeitamente relacionados ($r=0.979$). Estes questionários também

apresentam altas correlações com os resultados obtidos com as aplicações anteriores dos questionários A e B. Verificaram-se diferenças significativas com relação a gênero, nos resultados obtidos, para os dois questionários, e com relação a curso, para o questionário D.

- O instrumento C parece medir algo um pouco distinto dos demais instrumentos. Este instrumento obtém medidas mais extremas e seus resultados são estatisticamente distintos dos obtidos com os demais questionários. É possível que as diferenças se devam ao enunciado das questões, que difere substancialmente daqueles usados nos outros instrumentos. Apesar disto, apresenta-se positivamente correlacionado com os demais, embora as correlações sejam mais baixas, particularmente com os instrumentos B e D ($r=0,556$ e $r=0,574$, respectivamente). No entanto, curiosamente, encontra-se fortemente correlacionado com as aplicações anteriores dos questionários A e B. Mostra diferenças significativas na aplicação em função do gênero, porém não em função do curso.

Em linhas gerais, pode-se concluir que:

- Todos os questionários parecem medir o construto 'distância psíquica', embora o questionário C apresente um viés, ao reforçar a dimensão cultural da distância psíquica em seu enunciado.
- O questionário A apresentou resultados superiores em praticamente todos os testes realizados, sendo provavelmente o mais recomendável para futuras pesquisas, em particular em função de produzir resultados com distribuição normal.

- Os questionários B e D são totalmente equivalentes e constituem a segunda melhor opção para o pesquisador.

5 ANÁLISE DE RESULTADOS DA SURVEY 2 – ABORDAGEM COMO CONJUNTO DE FATORES

Este capítulo apresenta os resultados empíricos relativos à segunda *survey*, com base nos instrumentos de medida multi-itens (com vários atributos), utilizados por autores que seguem a abordagem da distância psíquica como conjunto de fatores. Em primeiro lugar, é feita uma avaliação das características da amostra. Verifica-se a presença de *missing data* e *outliers* e em seguida são analisadas as propriedades estatísticas e psicométricas das variáveis. Prossegue-se com a avaliação dos instrumentos, realizando-se inicialmente uma Análise Fatorial Exploratória, seguida da Análise Fatorial Confirmatória e do teste das hipóteses de pesquisa.

5.1 CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA

Para avaliar e comparar os instrumentos de medida de múltiplos itens disponíveis na literatura, dentro da abordagem da distância psíquica como construto formado por um conjunto de fatores, optou-se pelo uso de amostras dependentes. Em outras palavras, os três principais instrumentos da literatura foram reunidos em um único questionário, juntamente com os itens para medir ‘dimensões-síntese’ e outros índices retirados da literatura que não constavam de outros questionários. Este instrumento consolidado foi aplicado à mesma amostra de executivos brasileiros exportadores. Três questionários foram, portanto, utilizados nesta etapa:

- Questionário de ‘distância psíquica’ de Klein e Roth (1990)
- Questionário de ‘distância psíquica’ de Sousa e Bradley (2005, 2006)

- Questionário de 'distância cultural' de Evans, Mavondo e Bridson (2008)

Além disso, foram utilizados itens para medir as dimensões-síntese e outros índices extraídos da literatura. O questionário foi enviado aos executivos de duas formas diferentes, email e correio, dando oportunidade de escolha quanto à forma pela qual desejavam responder. No entanto, o uso de métodos diferentes de coleta de dados pode introduzir um viés na pesquisa.

De modo a verificar a existência de um possível viés, antes de realizar outros procedimentos de análise, foi feita uma comparação de resultados obtidos com os dois grupos (email e correio) para verificar possíveis diferenças entre eles.

A comparação dos dois grupos foi realizada, variável a variável, pelo teste Qui-quadrado (χ^2) para verificar a existência de associação significativa entre a variável e os questionários respondidos por email e correio. No teste Qui-quadrado o “*status quo*”, Hipótese Nula (H_0), é “não existe diferença entre as classificações de linha (variável em teste) e de coluna (métodos de email e correio)”. Rejeitar esta hipótese significa reconhecer a existência de diferença nos resultados obtidos com as duas formas de envio.

5.1.1 Comparação dos grupos quanto ao Gênero

No que diz respeito à variável 'gênero', verifica-se predomínio de homens na amostra (77% do total), como pode ser visto na tabela 5.1. O teste Qui-quadrado não rejeitou a hipótese de homogeneidade dos grupos, o que significa que não existem diferenças significativas em termos de gênero entre os resultados obtidos com as duas formas de coleta de dados, embora à primeira vista verifique-se maior incidência de respostas masculinas por correio.

Tabela 5.1 – Tabela de contingência de Gênero e Forma de envio

Gênero		Forma de envio		Total
		email	correio	
Masculino	n	86	184	270
	%	70,49%	80,35%	76,92%
Feminino	n	36	45	81
	%	29,51%	19,65%	23,08%
Total	n	122	229	351
	%	100,00%	100,00%	100,00%

% - obtido por coluna

Qui-quadrado = 3,819 (*pvalue*=0,051)

5.1.2 Comparação dos grupos quanto à Idade

A maior parte dos executivos que participou da pesquisa (31%) apresentou idade entre 40 e 49 anos, como pode ser visto na tabela 5.2. Este percentual é bastante semelhante para cada uma das formas de envio e novamente o teste Qui-quadrado não rejeitou a hipótese de homogeneidade dos dois grupos, o que significa dizer que não existem diferenças significativas no que se refere à idade entre os executivos que responderam por email e por correio.

Tabela 5.2 – Tabela de contingência de Faixa etária e Forma de envio

Faixa etária		Forma de envio		Total
		email	correio	
até 29 anos	n	24	44	68
	%	20,00%	19,40%	19,60%
de 30 a 39 anos	n	29	58	87
	%	24,20%	25,60%	25,10%
de 40 a 49 anos	n	43	64	107
	%	35,80%	28,20%	30,80%
de 50 a 59 anos	n	21	47	68
	%	17,50%	20,70%	19,60%
60 anos ou mais	n	3	14	17
	%	2,50%	6,20%	4,90%
Total	n	120	227	347
	%	100,00%	100,00%	100,00%

% - obtido por coluna

Qui-quadrado = 4,128 (*pvalue*=0,389)

5.1.3 Comparação dos grupos quanto à Religião

Entre os executivos da amostra, aproximadamente 72% se declararam católicos. Desta vez, a hipótese de homogeneidade dos grupos relativos às duas formas de envio no que diz respeito à religião foi rejeitada, como pode ser visto na tabela 5.3. Assim sendo, há diferenças estatisticamente significativas entre os executivos que responderam por email e por correio ao questionário no que se refere à religião.

Tabela 5.3 – Tabela de contingência de Religião e Forma de envio

Religião		Forma de envio		Total
		email	correio	
Católica	n	98	155	253
	%	81,00%	67,70%	72,30%
Espírita	n	7	23	30
	%	5,80%	10,00%	8,60%
Judaica	n	1	6	7
	%	0,80%	2,60%	2,00%
Protestante / Evangélica	n	3	32	35
	%	2,50%	14,00%	10,00%
Outra religião	n	2	3	5
	%	1,70%	1,30%	1,40%
Sem religião	n	9	9	18
	%	7,40%	3,90%	5,10%
Total	n	121	229	350
	%	100,00%	100,00%	100,00%

% - obtido por coluna

Qui-quadrado = 17,517 ($pvalue=0,008$)

5.1.4 Comparação dos grupos quanto a Viagens ao Exterior / Morar no Exterior

A quase totalidade dos executivos que participaram da pesquisa (91%) já visitou algum país estrangeiro e a maioria (67%) já morou em algum país estrangeiro, como pode ser visto respectivamente nas tabelas 5.4 e 5.5. Em ambos os casos, os resultados dos testes estatísticos não permitem rejeitar a hipótese de

homogeneidade dos dois grupos, ou seja, não se pode afirmar que existam diferenças significativas entre os que responderam por email e os que responderam por correio no que se refere a experiência de viagens e moradia no exterior.

Tabela 5.4 – Tabela de contingência de “Já viajou para outro país?” e Forma de envio

Já viajou para outro país?	Forma de envio		Total	
	email	correio		
Não	n	12	20	32
	%	9,80%	8,70%	9,10%
Sim	n	110	209	319
	%	90,20%	91,30%	90,90%
Total	n	122	229	351
	%	100,00%	100,00%	100,00%

% - obtido por coluna

Qui-quadrado = 0,117 (*pvalue*=0,733)

Tabela 5.5 – Tabela de contingência de “Já morou em outro país?” e Forma de envio

Já morou em outro país?	Forma de envio		Total	
	email	correio		
Não	n	39	78	117
	%	32,20%	34,10%	33,40%
Sim	n	82	151	233
	%	67,80%	65,90%	66,60%
Total	n	121	229	350
	%	100,00%	100,00%	100,00%

% - obtido por coluna

Qui-quadrado = 0,119 (*pvalue*=0,730)

5.1.5 Comparação dos grupos quanto ao Número de funcionários e Faturamento da empresa

A maior parte das empresas tem entre 100 e 499 funcionários (44%) e um faturamento anual acima de 60 milhões de reais (45%), como pode ser visto respectivamente nas tabelas 5.6 e 5.7. Em ambos os casos, os resultados dos testes estatísticos não permitem rejeitar a hipótese de homogeneidade dos dois

grupos, ou seja, não se pode afirmar que as empresas sejam distintas no que se refere a tamanho (tanto medido pelo número de funcionários quanto pelo faturamento).

Tabela 5.6 – Tabela de contingência da Faixa de funcionários e Forma de envio

Faixa de funcionários		Forma de envio		Total
		email	correio	
até 99 funcionários	n	20	54	74
	%	16,90%	23,60%	21,30%
entre 100 até 499 funcionários	n	55	97	152
	%	46,60%	42,40%	43,80%
500 funcionários ou mais	n	43	78	121
	%	36,40%	34,10%	34,90%
Total	n	118	229	347
	%	100,00%	100,00%	100,00%

% - obtido por coluna

Qui-quadrado = 2,054 ($pvalue=0,358$)

Tabela 5.7 – Tabela de contingência do Faturamento anual e Forma de envio

Faixa de faturamento		Forma de envio		Total
		email	correio	
até R\$10,5 milhões	n	16	40	56
	%	13,60%	17,70%	16,30%
entre R\$10,5 e R\$60 milhões	n	50	85	135
	%	42,40%	37,60%	39,20%
R\$60 milhões ou mais	n	52	101	153
	%	44,10%	44,70%	44,50%
Total	n	118	226	344
	%	100,00%	100,00%	100,00%

% - obtido por coluna

Qui-quadrado = 1,271 ($pvalue=0,530$)

5.1.6 Comparação dos grupos quanto aos Países com que já negociou

A maior parte das empresas já teve negócios com Argentina e Alemanha. É interessante verificar que, no cômputo geral, 79,8% das empresas já tiveram negócios com a Argentina, 64,7% com a Alemanha e somente 31,5% com a Índia, como pode ser visto na tabela 5.8. O resultado do teste estatístico não permite rejeitar a hipótese de homogeneidade dos dois grupos, ou seja, não se pode dizer

que existam diferenças significativas entre os questionários enviados por email e por correio no que se refere a negócios prévios com a Argentina, Alemanha ou Índia.

Tabela 5.8 – Tabela de contingência Países com que teve negócios e Forma de envio

Sua empresa já teve negócios com ...		Forma de envio		Total	
		email	correio		
Argentina	Não	n	16	52	68
		%	13,90%	23,40%	20,20%
	Sim	n	99	170	269
		%	86,10%	76,60%	79,80%
	Total	n	115	222	337
	%	100,00%	100,00%	100,00%	
% - obtido por coluna Qui-quadrado = 3,684 (<i>pvalue</i> =0,055)					
Alemanha	Não	n	47	72	119
		%	40,90%	32,40%	35,30%
	Sim	n	68	150	218
		%	59,10%	67,60%	64,70%
	Total	n	115	222	337
	%	100,00%	100,00%	100,00%	
% - obtido por coluna Qui-quadrado = 2,006 (<i>pvalue</i> =0,157)					
Índia	Não	n	77	154	231
		%	67,00%	69,40%	68,50%
	Sim	n	38	68	106
		%	33,00%	30,60%	31,50%
	Total	n	115	222	337
	%	100,00%	100,00%	100,00%	
% - obtido por coluna Qui-quadrado = 0,022 (<i>pvalue</i> =0,882)					

5.1.7 Comparação dos grupos quanto à % de Vendas ao exterior

A maior parte das empresas exporta até 20% em relação ao total de vendas da empresa (aproximadamente 40% das empresas), como pode ser visto na tabela 5.9. Também para esta variável, os resultados do teste estatístico não permitem rejeitar a hipótese de homogeneidade dos dois grupos, ou seja, não há diferenças entre os que enviaram o questionário por email e os que enviaram por correio no

que se refere à percentagem do faturamento da empresa obtida de vendas realizadas no exterior.

Tabela 5.9 – Tabela de contingência % de Vendas ao exterior e Forma de envio

% das vendas ao exterior em relação ao total das vendas		Forma de envio		Total
		email	correio	
até 10%	n	29	41	70
	%	24,80%	18,10%	20,40%
de 10 a 20%	n	29	37	66
	%	24,80%	16,40%	19,20%
de 20 a 30%	n	17	34	51
	%	14,50%	15,00%	14,90%
de 30 a 40%	n	6	14	20
	%	5,10%	6,20%	5,80%
de 40 a 50%	n	7	21	28
	%	6,00%	9,30%	8,20%
de 50 a 60%	n	7	18	25
	%	6,00%	8,00%	7,30%
de 60 a 70%	n	4	14	18
	%	3,40%	6,20%	5,20%
de 70 a 80%	n	2	6	8
	%	1,70%	2,70%	2,30%
de 80 a 90%	n	8	11	19
	%	6,80%	4,90%	5,50%
de 90 a 100%	n	8	30	38
	%	6,80%	13,30%	11,10%
Total	n	117	226	343
	%	100,00%	100,00%	100,00%

% - obtido por coluna

Qui-quadrado = 10,969 ($pvalue=0,278$)

5.1.8 Comparação dos grupos quanto ao Poder decisório da empresa

No que diz respeito ao poder decisório da empresa, verifica-se predomínio de empresas com poder decisório nas mãos de dono/sócios brasileiros (81% do total), como pode ser visto na tabela 5.10. O teste Qui-quadrado não rejeitou a hipótese de homogeneidade das amostras, ou seja, não se identificaram diferenças significativas entre os questionários enviados por email e aqueles enviados por correio no que se refere ao locus do poder decisório da empresa, em mãos de brasileiros ou no exterior.

Tabela 5.10 – Tabela de contingência do Poder decisório e Forma de envio

Poder decisório da empresa		Forma de envio		Total
		email	correio	
Dono/sócios brasileiros	n	91	190	281
	%	77,80%	83,00%	81,20%
50%/50% brasileiro e estrangeiro	n	5	13	18
	%	4,30%	5,70%	5,20%
Dono/sócios estrangeiros	n	21	26	47
	%	17,90%	11,40%	13,60%
Total	n	117	229	346
	%	100,00%	100,00%	100,00%

% - obtido por coluna

Qui-quadrado = 3,030 (*pvalue*=0,220)

Pode-se então concluir que os questionários obtidos por email e os questionários obtidos por correio não apresentaram diferenças significativas no que diz respeito às características dos executivos (gênero, idade, “viajou para outro país?” e “morou em outro país?”) e às características das empresas (faixa de funcionários, faixa de faturamento, países que já negociou, % de vendas para o exterior e locus do poder decisório). A única diferença verificada diz respeito à religião: os executivos que responderam por correio apresentam maior probabilidade de não serem católicos do que os que responderam por email. Dada a grande similaridade entre os que responderam por email e por correio em todos os demais aspectos, decidiu-se que tal diferença não deveria ser considerada, ou seja, assumiu-se que as respostas por e-mail e correio não diferiam significativamente entre si, podendo os questionários provenientes das duas formas de resposta ser utilizados indistintamente.

De maneira geral, um executivo típico da amostra é do sexo masculino (74%), tem entre 40 e 49 anos (31%), é católico (72%), já visitou outro país (91%) e morou no exterior (67%); trabalha em uma empresa que tem de 100 a 499 funcionários (44%) e faturamento acima de 60 milhões de reais anuais (45%), já teve negócios com a Argentina (75%), tem até 20% de suas vendas totais no

exterior (40%) e o poder decisório está nas mãos de donos ou sócios brasileiros (81%).

5.2 DADOS AUSENTES (*MISSING DATA*) E VALORES EXTREMOS (*OUTLIERS*)

Investigou-se, em seguida, a estrutura dos pontos ausentes e os valores extremos e/ou influentes presentes nas amostras.

5.2.1 Dados ausentes (*missing data*)

Foram poucos os dados ausentes nesta amostra: em um total de 344 casos, somente dois apresentavam valor ausente, ou seja, apenas 0,6% dos casos. Os dois casos foram informados para as respostas aos atributos relativos à Índia. (Observe-se que os questionários incompletos já haviam sido previamente excluídos).

5.2.2 Valores extremos (*outliers*)

Após o tratamento de dados ausentes, a etapa seguinte foi verificar se a base possuía valores extremos (*outliers*).

Por si só, *outliers* não constituem problema, a menos que sua presença afete de forma significativa as relações entre as variáveis (HAIR et al, 2006). No entanto, pode ser difícil identificar quais casos poderiam impactar significativamente as relações entre todos os casos da amostra. Sendo assim, excluíram-se das análises somente as situações mais extremas que fossem identificadas pela ferramenta “*identify unusual cases*” do SPSS.

Para Argentina e Alemanha, detectou-se um *outlier* em cada país. Não foram detetados *outliers* para Índia.

Ao final dos procedimentos de tratamento de dados ausentes e valores extremos, a amostra ficou constituída de acordo com a tabela 5.11.

Tabela 5.11 – Distribuição amostral após tratamento para dados ausentes e valores extremos

Respondentes	País		
	Argentina	Alemanha	Índia
Iniciais	344	344	344
Ausentes	0	0	(2)
Discrepantes	(1)	(1)	0
Finais	343	343	342

() número de observações excluídas

5.3 AVALIAÇÃO DAS PROPRIEDADES ESTATÍSTICAS DAS VARIÁVEIS

Para facilitar a exposição dos resultados deste trabalho foi utilizada a mesma codificação operacionalizada no banco de dados para os itens do questionário e apresentada na tabela a seguir acompanhado do autor do instrumento operacionalizado na literatura, tabela 5.12.

Os respondentes foram convidados a responder sobre 3 países, Argentina, Alemanha e Índia. Assim, as análises foram realizadas para todos os países reunidos, bem como, em separado.

A primeira etapa realizada foi a Análise Exploratória dos dados obtidos, seguido pelo teste de normalidade dos itens. Para tal, o teste de Kolmogorov-Smirnov foi utilizado.

Tabela 5.12 – Tabela código, item e autor

Cód	Item	Autor
A1	De maneira geral	Méd. Global
B1	Meio ambiente físico ou natural	Med. Global
B2	Ambiente político, social e econômico	Med. Global
B3	Forma de se fazer negócios	R
B4	Sistema jurídico	KR
B5	Valores culturais, crenças, atitudes e tradições	SB
C1	Condições climáticas	SB
C2	Estabilidade política	EMB
C3	Poder de compra dos clientes	SB
C4	Hábitos e preferências dos consumidores	SB
C5	Estilo de vida da população	SB
C6	Nível de desenvolvimento industrial	DK
C7	Nível de alfabetização e instrução	SB
C8	Ambiente econômico	KR
C9	Infra-estrutura de telecomunicações	KR
C10	Práticas comerciais aceitas	KR
C11	Crenças e práticas religiosas	DK
C12	Idioma	SB/KR/EMB
C13	Critérios para chegar a posições de poder e influência	EMB
C14	Método habitual de mudança política	EMB
C15	Principais meios para resolver conflitos entre pessoas	EMB
C16	Regras sociais para orientar o comportamento	EMB
C17	Processos de negociação	R
C18	Tipos de contratos utilizados	EMB
D1	Expectativa com relação à qualidade de produtos	R
D2	Expectativa com relação a cumprimento de prazos de entrega	R
D3	Desigualdade econômica entre as pessoas	EMB
D4	Diferença entre o salário mais alto e o mais baixo nas empresas	EMB
D5	Liberdade de imprensa	EMB
D6	Respeito à liberdade individual	EMB
D7	Expectativa de que as mulheres sejam decididas e ambiciosas	EMB
D8	Abertura para a mudança e a inovação	EMB
D9	Fé nos jovens	EMB
D10	Tolerância com relação a diferenças entre as pessoas	EMB
D11	Liberdade das pessoas expressarem suas emoções	EMB
D12	Respeito às tradições	EMB
E1	Importância atribuída aos símbolos de status social	EMB
E2	Importância atribuída à igualdade perante a lei	EMB
E3	Importância atribuída à lealdade a família e amigos	EMB
E4	Importância atribuída ao direito à privacidade	EMB
E5	Importância atribuída a se chegar a um consenso	EMB
E6	Importância atribuída a cuidar dos outros	EMB
E7	Importância atribuída ao sucesso financeiro	EMB
E8	Importância atribuída à simplicidade	EMB
E9	Importância atribuída à reputação e à honra pessoal	EMB
E10	Importância atribuída ao trabalho árduo para o sucesso a longo prazo	EMB
E11	Importância atribuída à virtude	EMB

Onde: DK – Dow e Karunaratna (2006); EMB – Evans, Mavondo e Bridson (2008); KR – Klein e Roth (1990); R – Rocha (2004) e SB – Sousa e Bradley (2005)

Nota: Os itens D1 a D12 e E1 a E11 são diferenças entre as medições realizadas no Brasil e no país estrangeiro (Argentina, Alemanha ou Índia)

Os respondentes foram convidados a responder sobre três países, Argentina, Alemanha e Índia. Assim, as análises foram realizadas para todos os países reunidos, bem como em separado.

A primeira etapa realizada foi a Análise Exploratória dos dados obtidos, seguido pelo teste de normalidade dos itens. Para tal, o teste de Kolmogorov-Smirnov foi utilizado.

Na tabela 5.13, é apresentado a média e o desvio-padrão calculados para cada item do questionário para quatro configurações:

- todos os países reunidos;
- Argentina separadamente;
- Alemanha separadamente;
- Índia separadamente.

Também é apresentado o teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov.

Tabela 5.13 – Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov (KS)

Item	Países															
	Todos países reunidos (n=1028)				Argentina (n=343)				Alemanha (n=343)				Índia (n=342)			
	M	S	KS	<i>pvalue</i>	M	S	KS	<i>pvalue</i>	M	S	KS	<i>pvalue</i>	M	S	KS	<i>pvalue</i>
A1	3,5	1,22	5,656	0,000 **	2,6	1,03	4,601	0,000 **	4,0	0,92	4,125	0,000 **	4,0	1,07	4,543	0,000 **
B1	3,5	1,19	5,467	0,000 **	2,6	1,03	4,342	0,000 **	4,1	0,93	4,442	0,000 **	3,8	1,09	3,654	0,000 **
B2	3,5	1,29	5,904	0,000 **	2,5	1,07	4,769	0,000 **	4,2	0,98	5,405	0,000 **	3,9	1,08	4,259	0,000 **
B3	3,0	1,21	5,323	0,000 **	2,2	1,01	4,859	0,000 **	3,3	1,09	3,348	0,000 **	3,6	0,99	3,717	0,000 **
B4	3,4	1,23	5,255	0,000 **	2,4	1,04	5,011	0,000 **	3,7	1,11	3,538	0,000 **	4,0	0,94	3,983	0,000 **
B5	3,4	1,38	6,804	0,000 **	2,3	1,11	4,737	0,000 **	3,5	1,11	3,710	0,000 **	4,5	0,85	7,924	0,000 **
C1	3,4	1,23	5,388	0,000 **	2,6	1,04	4,422	0,000 **	4,3	0,83	5,476	0,000 **	3,2	1,14	3,281	0,000 **
C2	3,2	1,26	5,166	0,000 **	2,6	1,12	3,991	0,000 **	3,3	1,37	3,342	0,000 **	3,6	1,04	3,542	0,000 **
C3	3,3	1,34	5,160	0,000 **	2,3	1,02	4,356	0,000 **	4,1	1,10	5,176	0,000 **	3,5	1,17	3,115	0,000 **
C4	3,2	1,30	5,191	0,000 **	2,1	0,99	4,976	0,000 **	3,5	1,09	3,277	0,000 **	4,0	1,00	4,333	0,000 **
C5	3,4	1,36	6,000	0,000 **	2,1	0,96	5,260	0,000 **	3,8	1,08	3,632	0,000 **	4,4	0,84	6,623	0,000 **
C6	3,5	1,24	5,659	0,000 **	2,8	1,15	3,637	0,000 **	4,1	1,08	5,678	0,000 **	3,5	1,15	3,318	0,000 **
C7	3,5	1,30	6,215	0,000 **	2,6	1,14	4,676	0,000 **	4,4	0,88	6,592	0,000 **	3,6	1,20	3,311	0,000 **
C8	3,4	1,24	5,217	0,000 **	2,7	1,12	3,905	0,000 **	4,0	1,05	4,277	0,000 **	3,5	1,20	3,164	0,000 **
C9	3,1	1,30	5,857	0,000 **	2,3	1,06	4,616	0,000 **	3,4	1,31	3,281	0,000 **	3,5	1,13	3,355	0,000 **
C10	2,7	1,16	6,600	0,000 **	2,0	0,93	4,678	0,000 **	2,8	1,13	3,596	0,000 **	3,2	1,07	3,583	0,000 **

Onde: M - Média e S - Desvio-padrão

Os itens D1 a D12 e E1 a E11 são diferenças entre as medições realizadas no Brasil e no país estrangeiro (Argentina, Alemanha ou Índia)

** Significativo a 1%;

* Significativo a 5%

Tabela 5.13 – Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov (KS) (continuação)

Item	Países															
	Todos países reunidos (n=1028)				Argentina (n=343)				Alemanha (n=343)				Índia (n=342)			
	M	S	KS	pvalue	M	S	KS	pvalue	M	S	KS	pvalue	M	S	KS	pvalue
C11	3,2	1,52	6,682	0,000 **	1,9	0,93	4,923	0,000 **	2,9	1,16	3,451	0,000 **	4,8	0,56	8,986	0,000 **
C12	3,9	1,44	11,621	0,000 **	2,1	0,97	5,443	0,000 **	4,8	0,58	8,965	0,000 **	4,9	0,39	9,763	0,000 **
C13	3,1	1,32	5,294	0,000 **	2,2	1,04	5,044	0,000 **	3,5	1,15	3,189	0,000 **	3,8	1,15	3,882	0,000 **
C14	3,1	1,30	5,402	0,000 **	2,2	1,03	5,220	0,000 **	3,3	1,24	3,124	0,000 **	3,8	1,01	3,850	0,000 **
C15	3,0	1,29	5,661	0,000 **	2,1	1,01	5,189	0,000 **	3,1	1,20	3,409	0,000 **	3,9	0,99	3,782	0,000 **
C16	3,1	1,36	5,816	0,000 **	2,0	0,90	5,054	0,000 **	3,0	1,23	3,279	0,000 **	4,2	0,93	5,398	0,000 **
C17	2,8	1,20	6,534	0,000 **	2,0	0,86	5,184	0,000 **	2,8	1,14	3,710	0,000 **	3,6	1,02	3,674	0,000 **
C18	2,5	1,15	6,732	0,000 **	1,9	0,89	4,610	0,000 **	2,5	1,09	4,111	0,000 **	3,2	1,07	3,344	0,000 **
D1	0,8	0,82	7,706	0,000 **	0,5	0,63	6,878	0,000 **	1,2	0,85	4,738	0,000 **	0,9	0,83	4,510	0,000 **
D2	0,8	0,88	8,838	0,000 **	0,4	0,61	7,411	0,000 **	1,2	1,00	4,091	0,000 **	0,7	0,82	5,140	0,000 **
D3	1,2	1,26	7,042	0,000 **	0,5	0,69	6,360	0,000 **	2,5	1,12	3,376	0,000 **	0,6	0,82	6,000	0,000 **
D4	1,0	1,14	8,496	0,000 **	0,4	0,64	7,243	0,000 **	2,0	1,16	3,274	0,000 **	0,6	0,85	6,595	0,000 **
D5	0,8	0,98	9,128	0,000 **	0,3	0,59	7,959	0,000 **	0,6	0,78	6,482	0,000 **	1,5	1,06	3,870	0,000 **
D6	0,8	1,00	8,978	0,000 **	0,2	0,51	8,806	0,000 **	0,8	0,88	4,756	0,000 **	1,5	1,10	3,589	0,000 **
D7	1,1	1,16	7,646	0,000 **	0,3	0,51	8,169	0,000 **	0,7	0,78	5,176	0,000 **	2,2	1,11	3,301	0,000 **
D8	0,9	0,98	7,861	0,000 **	0,5	0,73	6,297	0,000 **	0,9	0,88	4,410	0,000 **	1,2	1,15	3,974	0,000 **
D9	0,6	0,83	10,296	0,000 **	0,3	0,57	8,085	0,000 **	0,7	0,83	5,014	0,000 **	0,8	0,95	4,853	0,000 **

Onde: M - Média e S - Desvio-padrão

Os itens D1 a D12 e E1 a E11 são diferenças entre as medições realizadas no Brasil e no país estrangeiro (Argentina, Alemanha ou Índia)

** Significativo a 1%;

* Significativo a 5%

Tabela 5.13 – Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov (KS) (continuação)

Item	Países															
	Todos países reunidos (n=1028)				Argentina (n=343)				Alemanha (n=343)				Índia (n=342)			
	M	S	KS	<i>pvalue</i>	M	S	KS	<i>pvalue</i>	M	S	KS	<i>pvalue</i>	M	S	KS	<i>pvalue</i>
D10	1,0	1,05	7,372	0,000 **	0,6	0,79	6,072	0,000 **	1,1	1,03	4,110	0,000 **	1,4	1,12	4,033	0,000 **
D11	1,1	1,13	7,264	0,000 **	0,4	0,61	7,614	0,000 **	1,1	1,04	4,077	0,000 **	1,8	1,16	3,241	0,000 **
D12	1,2	1,10	6,797	0,000 **	0,6	0,77	5,689	0,000 **	1,2	1,08	4,279	0,000 **	1,7	1,15	3,619	0,000 **
E1	0,8	0,96	9,254	0,000 **	0,3	0,52	8,166	0,000 **	1,0	0,98	4,181	0,000 **	1,1	1,09	4,113	0,000 **
E2	1,0	1,04	7,882	0,000 **	0,4	0,63	7,681	0,000 **	1,5	1,15	3,568	0,000 **	1,0	0,95	4,159	0,000 **
E3	0,7	0,87	10,082	0,000 **	0,3	0,57	8,085	0,000 **	0,8	0,90	4,936	0,000 **	0,9	0,96	4,546	0,000 **
E4	0,7	0,88	9,487	0,000 **	0,3	0,51	8,606	0,000 **	1,0	0,99	4,303	0,000 **	0,9	0,87	4,333	0,000 **
E5	0,6	0,83	10,706	0,000 **	0,3	0,56	8,514	0,000 **	0,8	0,87	4,960	0,000 **	0,8	0,92	5,076	0,000 **
E6	0,8	0,94	8,468	0,000 **	0,4	0,63	7,738	0,000 **	1,2	0,98	4,456	0,000 **	1,0	0,98	4,130	0,000 **
E7	0,6	0,89	11,065	0,000 **	0,2	0,45	8,949	0,000 **	0,6	0,83	6,272	0,000 **	1,1	1,07	4,233	0,000 **
E8	0,9	0,97	8,605	0,000 **	0,5	0,79	7,063	0,000 **	0,9	0,95	4,639	0,000 **	1,2	1,05	4,050	0,000 **
E9	0,9	0,99	7,894	0,000 **	0,5	0,69	7,113	0,000 **	1,2	1,03	4,367	0,000 **	1,1	1,04	3,814	0,000 **
E10	0,9	1,05	7,911	0,000 **	0,4	0,59	7,549	0,000 **	1,4	1,16	3,857	0,000 **	1,0	1,03	4,298	0,000 **
E11	0,7	0,98	10,031	0,000 **	0,3	0,56	8,410	0,000 **	1,0	1,04	4,398	0,000 **	1,0	1,08	4,709	0,000 **

Onde: M - Média e S - Desvio-padrão

Os itens D1 a D12 e E1 a E11 são diferenças entre as medições realizadas no Brasil e no país estrangeiro (Argentina, Alemanha ou Índia)

** Significativo a 1%;

* Significativo a 5%

Pode-se perceber que as médias relativas ao país Argentina são invariavelmente menores que as apresentadas pelos outros países, indicando que os respondentes tendem a perceber a Argentina como um país mais próximo ao Brasil. Além disso, o teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov rejeita a premissa de normalidade para todos os itens de todas as quatro configurações (todos os países conjuntamente, Argentina separadamente, Alemanha separadamente e Índia separadamente). Este resultado já era esperado pelo fato de se trabalhar com uma escala de 5 pontos. Desta forma, não se justifica o uso de métodos cuja suposição de normalidade é necessária. Por exemplo, no caso da Análise Fatorial Confirmatória a seleção do método ADF (*Asymptotically Distribution-Free*) no AMOS será mais adequado do que o método MV (*maximum likelihood*).

Também foram feitas as correlações inter-item intra-construto (correlações de Spearman entre os itens associados a um mesmo construto) para a distância psíquica de Klein e Roth (1990), Sousa e Bradley (2005), para as cinco dimensões de Hofstede da distância cultural operacionalizada segundo Evans, Mavondo e Bridson (2008) e para as dimensões 'cultura', 'negócios', 'macroambiente' e 'ambiente físico' propostas neste estudo e apresentadas respectivamente nas tabelas 5.14 a 5.17.

Para o construto Distância Psíquica de Klein e Roth (tabela 5.14), quando se avaliaram todos os países reunidos, verifica-se que todos os itens correlacionaram-se entre si com correlações acima de 0,38. No entanto, para os países Argentina, Alemanha e Índia, avaliados separadamente, o item 'idioma'

(C12) apresentou correlações muito baixas com os demais itens, algumas menores que 0,2.

Tabela 5.14 – Matriz de correlação para os itens de Klein e Roth (1990)

Todos países reunidos					
Item	B4	C8	C9	C10	C12
B4	1	0,445**	0,416**	0,482**	0,540**
C8		1	0,489**	0,441**	0,382**
C9			1	0,495**	0,418**
C10				1	0,406**
C12					1
Argentina					
Item	B4	C8	C9	C10	C12
B4	1	0,349**	0,320**	0,415**	0,243**
C8		1	0,495**	0,433**	0,226**
C9			1	0,458**	0,189**
C10				1	0,254**
C12					1
Alemanha					
Item	B4	C8	C9	C10	C12
B4	1	0,331**	0,201**	0,274**	0,151**
C8		1	0,364**	0,318**	0,198**
C9			1	0,371**	0,128*
C10				1	0,027
C12					1
Índia					
Item	B4	C8	C9	C10	C12
B4	1	0,339**	0,223**	0,315**	0,124*
C8		1	0,382**	0,411**	0,026
C9			1	0,330**	0,013
C10				1	0,010
C12					1

** - Significativo a 1%;

* - Significativo a 5%

Para o construto Distância Psíquica de Sousa e Bradley (tabela 5.15) todos os países reunidos verifica-se que os itens se correlacionaram entre si com valores acima de 0,3. Novamente, quando se avaliaram os países Argentina, Alemanha e Índia separadamente, o item 'idioma' (C12) apresentou correlações baixas com alguns itens.

Tabela 5.15 – Matriz de correlação para os itens de Sousa e Bradley (2005)

Todos países reunidos							
Item	B5	C1	C3	C4	C5	C7	C12
B5	1	0,349**	0,400**	0,646**	0,707**	0,348**	0,599**
C1		1	0,488**	0,406**	0,431**	0,532**	0,427**
C3			1	0,535**	0,545**	0,537**	0,521**
C4				1	0,753**	0,445**	0,604**
C5					1	0,458**	0,665**
C7						1	0,439**
C12							1
Argentina							
Item	B5	C1	C3	C4	C5	C7	C12
B5	1	0,469**	0,291**	0,469**	0,512**	0,297**	0,267**
C1		1	0,256**	0,313**	0,440**	0,364**	0,184**
C3			1	0,359**	0,417**	0,303**	0,202**
C4				1	0,632**	0,350**	0,302**
C5					1	0,376**	0,317**
C7						1	0,163**
C12							1
Alemanha							
Item	B5	C1	C3	C4	C5	C7	C12
B5	1	0,375**	0,272**	0,526**	0,515**	0,317**	0,207**
C1		1	0,346**	0,445**	0,381**	0,320**	0,242**
C3			1	0,388**	0,419**	0,357**	0,289**
C4				1	0,600**	0,385**	0,257**
C5					1	0,302**	0,281**
C7						1	0,152**
C12							1
Índia							
Item	B5	C1	C3	C4	C5	C7	C12
B5	1	0,137*	0,169**	0,302**	0,438**	0,150**	0,142**
C1		1	0,224**	0,237**	0,280**	0,278**	0,001
C3			1	0,380**	0,375**	0,340**	0,001
C4				1	0,523**	0,256**	0,115*
C5					1	0,328**	0,071
C7						1	-0,045
C12							1

** - Significativo a 1%;

* - Significativo a 5%

Para o construto Distância Cultural de Evans, Mavondo e Bridson (tabela 5.16), todos os países reunidos, verifica-se que nem todos os itens dos subconstrutos tiveram altas correlações entre si. E ainda, de forma não desejável, apresentaram correlações altas com itens de outros subconstrutos.

Tabela 5.16 – Matriz de correlação para os itens dos construtos que fazem parte da Distância Cultural de Evan, Mavondo e Bridson (2008) – Todos os países reunidos

Item	Distância do Poder						Fuga à incerteza					Individualismo/Coletivismo					Maculidade/Feminilidade				Or. de Longo Prazo / Or. de Curto Prazo				
	C13	C14	D3	D4	E1	E2	C16	D8	D9	D10	D11	D5	D6	E3	E4	E5	C15	D7	E6	E7	D12	E8	E9	E10	E11
C13	1	0,622**	0,136**	0,133**	0,237**	0,282**	0,596**	0,161**	0,194**	0,222**	0,300**	0,294**	0,355**	0,247**	0,286**	0,248**	0,626**	0,326**	0,278**	0,272**	0,219**	0,187**	0,242**	0,242**	0,256**
C14		1	0,087**	0,078*	0,182**	0,256**	0,628**	0,216**	0,176**	0,206**	0,316**	0,328**	0,353**	0,234**	0,300**	0,212**	0,646**	0,362**	0,258**	0,227**	0,247**	0,210**	0,217**	0,219**	0,206**
D3			1	0,620**	0,213**	0,371**	-0,045	0,106**	0,155**	0,169**	0,058	-0,055	0,084**	0,163**	0,255**	0,223**	0,019	-0,093*	0,273**	0,125**	0,05	0,041	0,209**	0,332**	0,223**
D4				1	0,212**	0,314**	-0,011	0,084**	0,150**	0,143**	0,051	-0,019	0,061	0,172**	0,225**	0,185**	0,024	-0,069*	0,257**	0,107**	0,056	0,103**	0,179**	0,336**	0,245**
E1					1	0,308**	0,238**	0,194**	0,209**	0,219**	0,235**	0,157**	0,260**	0,198**	0,249**	0,202**	0,220**	0,267**	0,270**	0,399**	0,264**	0,289**	0,272**	0,286**	0,263**
E2						1	0,244**	0,250**	0,232**	0,249**	0,218**	0,159**	0,259**	0,328**	0,446**	0,329**	0,232**	0,185**	0,358**	0,221**	0,273**	0,220**	0,335**	0,364**	0,326**
C16							1	0,193**	0,152**	0,234**	0,377**	0,393**	0,389**	0,273**	0,267**	0,213**	0,720**	0,446**	0,222**	0,327**	0,295**	0,235**	0,272**	0,240**	0,266**
D8								1	0,329**	0,260**	0,245**	0,242**	0,274**	0,206**	0,230**	0,247**	0,211**	0,321**	0,222**	0,192**	0,179**	0,207**	0,190**	0,210**	0,175**
D9									1	0,204**	0,258**	0,179**	0,261**	0,242**	0,258**	0,280**	0,193**	0,286**	0,254**	0,235**	0,233**	0,248**	0,203**	0,213**	0,220**
D10										1	0,361**	0,246**	0,326**	0,232**	0,252**	0,291**	0,219**	0,278**	0,243**	0,251**	0,307**	0,242**	0,236**	0,244**	0,244**
D11											1	0,370**	0,484**	0,203**	0,276**	0,262**	0,350**	0,441**	0,242**	0,247**	0,354**	0,290**	0,298**	0,245**	0,246**
D5												1	0,506**	0,182**	0,249**	0,238**	0,376**	0,459**	0,183**	0,237**	0,245**	0,254**	0,150**	0,151**	0,166**
D6													1	0,228**	0,375**	0,289**	0,401**	0,494**	0,256**	0,278**	0,298**	0,292**	0,273**	0,277**	0,258**
E3														1	0,341**	0,285**	0,253**	0,223**	0,340**	0,256**	0,286**	0,280**	0,334**	0,354**	0,394**
E4															1	0,370**	0,269**	0,323**	0,343**	0,322**	0,276**	0,289**	0,347**	0,349**	0,351**
E5																1	0,251**	0,253**	0,346**	0,242**	0,222**	0,281**	0,266**	0,294**	0,298**
C15																	1	0,384**	0,257**	0,283**	0,256**	0,245**	0,241**	0,233**	0,217**
D7																		1	0,221**	0,297**	0,352**	0,298**	0,268**	0,197**	0,231**
E6																			1	0,313**	0,256**	0,321**	0,320**	0,377**	0,368**
E7																				1	0,245**	0,330**	0,314**	0,225**	0,276**
D12																					1	0,252**	0,299**	0,250**	0,315**
E8																						1	0,276**	0,291**	0,245**
E9																							1	0,434**	0,497**
E10																								1	0,524**
E11																									1

** - Significativo a 1%;

* - Significativo a 5%

Tabela 5.16 – Matriz de correlação para os itens dos construtos que fazem parte da Distância Cultural de Evan, Mavondo e Bridson – Argentina (continuação)

Item	Distância do Poder						Fuga à incerteza					Individualismo/Coletivismo					Maculidade/Feminilidade				Or. de Longo Prazo / Or. de Curto Prazo				
	C13	C14	D3	D4	E1	E2	C16	D8	D9	D10	D11	D5	D6	E3	E4	E5	C15	D7	E6	E7	D12	E8	E9	E10	E11
C13	1	0,500**	0,022	0,036	0,081	0,02	0,481**	-0,009	0,031	0,039	0,013	0,09	0,019	0,023	0,009	0,03	0,520**	-0,013	0,064	0,130*	0,03	0,055	0,097	-0,017	0,102
C14		1	0,027	0,113*	0,069	-0,005	0,486**	0,025	-0,027	0,033	0,082	0,098	0,095	0,01	0,056	-0,01	0,553**	0,091	0,110*	0,123*	0,107*	0,082	0,058	-0,007	0,067
D3			1	0,370**	0,174**	0,125*	0,035	0,045	0,027	0,236**	0,117*	0,058	0,088	0,076	0,133*	0,131*	0,014	-0,009	0,097	0,172**	0,066	-0,013	0,167**	0,146**	0,123*
D4				1	0,130*	0,127*	0,045	0,074	0,055	0,148**	0,190**	0,147**	0,075	0,141**	0,160**	0,068	0,015	0,015	0,06	0,091	0,073	0,137*	0,112*	0,204**	0,099
E1					1	0,189**	0,136*	0,059	0,072	0,113*	0,092	0,091	0,151**	0,105	0,077	0,049	0,127*	0,152**	0,180**	0,252**	0,209**	0,135*	0,161**	0,199**	0,194**
E2						1	0,087	0,118*	0,122*	0,234**	0,110*	0,072	0,117*	0,266**	0,416**	0,155**	0,045	0,151**	0,190**	0,154**	0,257**	0,101	0,308**	0,318**	0,220**
C16							1	0,006	-0,036	-0,092	-0,008	0,074	-0,002	0,036	0,063	0,039	0,635**	0,008	0,021	0,130*	0,002	0,056	0,111*	0,062	0,117*
D8								1	0,282**	0,186**	0,129*	0,078	0,129*	0,117*	0,130*	0,135*	0,026	0,212**	0,066	0,005	0,136*	0,092	0,094	0,092	0,083
D9									1	0,101	0,214**	0,087	0,143**	0,181**	0,203**	0,190**	0,06	0,247**	0,061	0,151**	0,143**	0,202**	0,115*	0,134*	0,206**
D10										1	0,204**	0,077	0,234**	0,195**	0,211**	0,266**	0,014	0,079	0,233**	0,110*	0,253**	0,222**	0,226**	0,188**	0,187**
D11											1	0,128*	0,203**	0,114*	0,141**	0,128*	0,009	0,078	0,137*	0,091	0,176**	0,087	0,077	0,065	0,062
D5												1	0,249**	0,03	0,122*	0,154**	0,085	0,201**	0,042	0,092	0,059	0,099	-0,02	0,057	0,031
D6													1	0,048	0,231**	0,112*	0,077	0,205**	0,096	0,099	0,053	0,143**	0,088	0,097	0,157**
E3														1	0,293**	0,211**	0,029	0,069	0,271**	0,161**	0,210**	0,224**	0,240**	0,310**	0,245**
E4															1	0,189**	0,055	0,235**	0,258**	0,261**	0,267**	0,181**	0,270**	0,322**	0,336**
E5																1	0,051	0,157**	0,226**	0,139**	0,232**	0,247**	0,212**	0,188**	0,233**
C15																	1	0,074	0,073	0,122*	0,08	0,117*	0,095	-0,011	0,106
D7																		1	0,099	0,147**	0,188**	0,132*	0,137*	0,112*	0,165**
E6																			1	0,179**	0,247**	0,243**	0,207**	0,250**	0,297**
E7																				1	0,112*	0,229**	0,225**	0,169**	0,184**
D12																					1	0,172**	0,292**	0,151**	0,255**
E8																						1	0,207**	0,245**	0,192**
E9																							1	0,401**	0,421**
E10																								1	0,393**
E11																									1

** - Significativo a 1%;

* - Significativo a 5%

Tabela 5.16 – Matriz de correlação para os itens dos construtos que fazem parte da Distância Cultural de Evan, Mavondo e Bridson – Alemanha (continuação)

Item	Distância do Poder						Fuga à incerteza					Individualismo/Coletivismo					Maculidade/Feminilidade				Or. de Longo Prazo / Or. de Curto Prazo				
	C13	C14	D3	D4	E1	E2	C16	D8	D9	D10	D11	D5	D6	E3	E4	E5	C15	D7	E6	E7	D12	E8	E9	E10	E11
C13	1	0,463**	0,059	-0,008	0,058	0,144**	0,449**	0,002	0,05	-0,009	0,014	0,114*	0,191**	0,126*	0,122*	0,128*	0,545**	0,036	0,159**	0,120*	0,044	-0,006	0,167**	0,094	0,136*
C14		1	-0,042	-0,051	0,029	0,151**	0,504**	0,085	0,037	0,009	0,014	0,132*	0,148**	0,126*	0,188**	0,076	0,568**	0,063	0,166**	0,068	0,072	0,063	0,165**	0,124*	0,051
D3			1	0,443**	0,094	0,235**	-0,092	0,185**	0,037	0,138*	0,013	-0,032	0,08	0,131*	0,166**	0,125*	0,016	0,012	0,148**	0,133*	0,014	0,017	0,124*	0,232**	0,198**
D4				1	0,159**	0,158**	-,114*	0,091	0,043	0,147**	-0,065	0,026	0,057	0,135*	0,121*	0,09	-0,049	0,049	0,084	0,121*	0,044	0,099	0,139*	0,233**	0,238**
E1					1	0,241**	0,036	0,177**	0,110*	0,182**	0,074	-0,025	0,159**	0,113*	0,178**	0,161**	0,007	0,148**	0,197**	0,271**	0,170**	0,229**	0,264**	0,242**	0,235**
E2						1	0,187**	0,244**	0,170**	0,181**	0,169**	0,112*	0,322**	0,308**	0,405**	0,311**	0,152**	0,154**	0,327**	0,154**	0,252**	0,213**	0,324**	0,330**	0,297**
C16							1	0,014	-0,007	0,034	0	0,187**	0,117*	0,151**	0,066	0,039	0,633**	0,03	0,112*	0,130*	0,082	0,043	0,157**	0,085	0,092
D8								1	0,222**	0,153**	0,064	0,069	0,206**	0,206**	0,167**	0,193**	0,042	0,162**	0,187**	0,099	0,069	0,149**	0,191**	0,227**	0,120*
D9									1	0,175**	0,150**	0,007	0,164**	0,245**	0,123*	0,236**	0,017	0,201**	0,264**	0,126*	0,210**	0,169**	0,129*	0,141**	0,125*
D10										1	0,207**	0,004	0,109*	0,173**	0,118*	0,160**	-0,03	0,082	0,109*	0,163**	0,168**	0,186**	0,180**	0,153**	0,153**
D11											1	0,083	0,220**	0,098	0,094	0,134*	0,059	0,077	0,126*	-0,014	0,250**	0,210**	0,227**	0,153**	0,099
D5												1	0,374**	0,093	0,152**	0,114*	0,184**	0,169**	0,102	-0,008	0,067	0,120*	0,066	0,059	0,078
D6													1	0,211**	0,396**	0,232**	0,160**	0,212**	0,197**	0,153**	0,204**	0,216**	0,198**	0,187**	0,180**
E3														1	0,315**	0,207**	0,143**	0,154**	0,278**	0,198**	0,236**	0,204**	0,249**	0,309**	0,358**
E4															1	0,301**	0,1	0,218**	0,228**	0,242**	0,229**	0,274**	0,335**	0,318**	0,358**
E5																1	0,092	0,175**	0,250**	0,202**	0,138*	0,204**	0,234**	0,250**	0,234**
C15																	1	0,035	0,142**	0,104	-0,003	0,057	0,163**	0,109*	0,043
D7																		1	0,177**	0,083	0,141**	0,109*	0,157**	0,097	0,110*
E6																			1	0,283**	0,182**	0,303**	0,297**	0,313**	0,254**
E7																				1	0,043	0,233**	0,247**	0,144**	0,188**
D12																					1	0,181**	0,151**	0,194**	0,218**
E8																						1	0,162**	0,262**	0,174**
E9																							1	0,428**	0,465**
E10																								1	0,530**
E11																									1

** - Significativo a 1%;

* - Significativo a 5%

Tabela 5.16 – Matriz de correlação para os itens dos construtos que fazem parte da Distância Cultural de Evan, Mavondo e Bridson – Índia (continuação)

Item	Distância do Poder						Fuga à incerteza					Individualismo/Coletivismo					Maculidade/Feminilidade				Or. de Longo Prazo / Or. de Curto Prazo				
	C13	C14	D3	D4	E1	E2	C16	D8	D9	D10	D11	D5	D6	E3	E4	E5	C15	D7	E6	E7	D12	E8	E9	E10	E11
C13	1	0,444**	-0,001	0,036	0,059	0,183**	0,319**	0,099	0,083	0,136*	0,036	0,115*	0,141**	0,144**	0,148**	0,168**	0,381**	0,065	0,086	0,07	0,032	0,086	0,019	0,115*	0,091
C14		1	0,004	-0,047	-0,075	0,147**	0,341**	0,147**	0,073	0,086	0,048	0,140**	0,086	0,157**	0,144**	0,137*	0,336**	0,084	0,04	-0,039	0,013	0,061	-0,005	0,068	0,049
D3			1	0,336**	0,150**	0,144**	-0,165*	0,105	0,150**	0,049	-0,026	0,156**	0,114*	0,113*	0,145**	0,199**	-0,033	-0,091	0,167**	0,200**	-0,002	0,069	0,055	0,121*	0,084
D4				1	0,128*	0,072	-0,032	0,058	0,1	0,036	0,003	0,08	0,01	0,1	0,115*	0,176**	-0,014	-0,109*	0,214**	0,128*	-0,007	0,104	0,017	0,182**	0,191**
E1					1	0,193**	0,021	0,107*	0,176**	0,06	0,053	0,046	0,022	0,098	0,113*	0,103	0,034	-0,001	0,152**	0,408**	0,103	0,264**	0,083	0,128*	0,088
E2						1	0,063	0,206**	0,143**	0,107*	0,042	0,178**	0,028	0,193**	0,244**	0,257**	0,123*	0,073	0,179**	0,153**	0,131*	0,176**	0,129*	0,085	0,159**
C16							1	0,062	0,018	0,210**	0,148**	0,028	0,086	0,195**	0,084	0,118*	0,441**	0,062	0,059	0,086	0,085	0,082	0,110*	0,168**	0,167**
D8								1	0,332**	0,232**	0,205**	0,246**	0,175**	0,118*	0,151**	0,218**	0,154**	0,269**	0,202**	0,161**	0,067	0,166**	0,082	0,121*	0,103
D9									1	0,107*	0,172**	0,183**	0,172**	0,115*	0,193**	0,219**	0,140**	0,145**	0,174**	0,193**	0,126*	0,214**	0,124*	0,087	0,120*
D10										1	0,313**	0,283**	0,267**	0,101	0,124*	0,244**	0,149**	0,169**	0,122*	0,143**	0,217**	0,102	0,053	0,131*	0,124*
D11											1	0,258**	0,400**	0,037	0,157**	0,206**	0,103	0,327**	0,105	0,142**	0,121*	0,195**	0,213**	0,144**	0,123*
D5												1	0,393**	0,105	0,165**	0,217**	0,164**	0,186**	0,153**	0,109*	0,062	0,176**	0,081	0,132*	0,044
D6													1	0,047	0,114*	0,187**	0,198**	0,339**	0,113*	0,037	0,074	0,147**	0,171**	0,198**	0,056
E3														1	0,203**	0,248**	0,199**	0,026	0,268**	0,156**	0,204**	0,239**	0,298**	0,252**	0,356**
E4															1	0,344**	0,129*	0,106	0,243**	0,206**	0,036	0,186**	0,158**	0,118*	0,104
E5																1	0,237**	0,059	0,314**	0,143**	0,083	0,221**	0,141**	0,177**	0,184**
C15																	1	0,06	0,148**	0,069	0,093	0,113*	0,034	0,161**	0,056
D7																		1	0,078	-0,039	0,083	0,149**	0,149**	0,118*	0,05
E6																			1	0,234**	0,133*	0,257**	0,173**	0,256**	0,293**
E7																				1	0,174**	0,287**	0,233**	0,154**	0,203**
D12																					1	0,143**	0,234**	0,195**	0,242**
E8																						1	0,258**	0,237**	0,162**
E9																							1	0,268**	0,421**
E10																								1	0,430**
E11																									1

** - Significativo a 1%;

* - Significativo a 5%

Tabela 5.17 – Matriz de correlação para os itens dos construtos do modelo completo – Todos os países reunidos

Item	Dimensão																					
	Cultural				Negócios						Macroambiente									Física		
	B5	C5	C11	C12	B3	C10	C17	C18	D1	D2	B2	B4	C2	C3	C4	C6	C7	C8	C9	B1	C1	
B5	1	0,707**	0,721**	0,599**	0,566**	0,461**	0,581**	0,490**	0,121**	0,123**	0,504**	0,579**	0,412**	0,400**	0,646**	0,323**	0,348**	0,370**	0,416**	0,495**	0,349**	
C5		1	0,657**	0,665**	0,558**	0,533**	0,594**	0,500**	0,202**	0,204**	0,576**	0,597**	0,472**	0,545**	0,753**	0,439**	0,458**	0,498**	0,492**	0,497**	0,431**	
C11			1	0,608**	0,475**	0,493**	0,600**	0,519**	0,125**	0,047	0,400**	0,490**	0,371**	0,324**	0,599**	0,242**	0,254**	0,278**	0,420**	0,322**	0,193**	
C12				1	0,500**	0,406**	0,501**	0,429**	0,244**	0,242**	0,539**	0,540**	0,321**	0,521**	0,604**	0,363**	0,439**	0,382**	0,418**	0,485**	0,427**	
B3					1	0,532**	0,575**	0,518**	0,213**	0,229**	0,550**	0,558**	0,373**	0,427**	0,550**	0,348**	0,332**	0,420**	0,385**	0,466**	0,371**	
C10						1	0,615**	0,576**	0,177**	0,171**	0,425**	0,482**	0,399**	0,386**	0,531**	0,349**	0,323**	0,441**	0,495**	0,317**	0,293**	
C17							1	0,714**	0,155**	0,159**	0,437**	0,507**	0,424**	0,341**	0,567**	0,325**	0,295**	0,386**	0,442**	0,353**	0,271**	
C18								1	0,086**	0,113**	0,390**	0,500**	0,410**	0,300**	0,503**	0,299**	0,267**	0,378**	0,403**	0,318**	0,253**	
D1									1	0,478**	0,201**	0,179**	0,076*	0,253**	0,184**	0,230**	0,275**	0,197**	0,190**	0,188**	0,177**	
D2										1	0,240**	0,201**	0,148**	0,293**	0,213**	0,265**	0,305**	0,224**	0,192**	0,261**	0,229**	
B2											1	0,560**	0,464**	0,553**	0,561**	0,487**	0,494**	0,563**	0,435**	0,547**	0,496**	
B4												1	0,416**	0,472**	0,570**	0,375**	0,400**	0,445**	0,416**	0,452**	0,398**	
C2													1	0,414**	0,474**	0,417**	0,360**	0,509**	0,432**	0,337**	0,347**	
C3														1	0,535**	0,542**	0,537**	0,562**	0,478**	0,473**	0,488**	
C4															1	0,439**	0,445**	0,500**	0,477**	0,478**	0,406**	
C6																1	0,566**	0,607**	0,496**	0,420**	0,467**	
C7																	1	0,555**	0,459**	0,452**	0,532**	
C8																		1	0,489**	0,413**	0,466**	
C9																			1	0,396**	0,391**	
B1																				1	0,620**	
C1																						1

** - Significativo a 1%;

* - Significativo a 5%

Tabela 5.17 – Matriz de correlação para os itens dos construtos do modelo completo – Argentina (continuação)

Item	Dimensão																					
	Cultural				Negócios						Macroambiente										Física	
	B5	C5	C11	C12	B3	C10	C17	C18	D1	D2	B2	B4	C2	C3	C4	C6	C7	C8	C9	B1	C1	
B5	1	0,512**	0,505**	0,267**	0,354**	0,324**	0,450**	0,359**	-0,043	-0,016	0,359**	0,442**	0,299**	0,291**	0,469**	0,317**	0,297**	0,360**	0,359**	0,501**	0,469**	
C5		1	0,381**	0,317**	0,390**	0,420**	0,428**	0,400**	-0,041	0	0,387**	0,438**	0,381**	0,417**	0,632**	0,379**	0,376**	0,451**	0,363**	0,419**	0,440**	
C11			1	0,274**	0,307**	0,437**	0,449**	0,412**	-0,029	-0,088	0,322**	0,355**	0,251**	0,315**	0,403**	0,333**	0,296**	0,317**	0,416**	0,271**	0,321**	
C12				1	0,237**	0,254**	0,228**	0,267**	-0,098	-0,063	0,185**	0,243**	0,163**	0,202**	0,302**	0,150**	0,163**	0,226**	0,189**	0,156**	0,184**	
B3					1	0,471**	0,491**	0,478**	0,038	0,088	0,417**	0,492**	0,199**	0,327**	0,419**	0,216**	0,236**	0,334**	0,299**	0,340**	0,211**	
C10						1	0,521**	0,505**	0,084	0,044	0,354**	0,415**	0,292**	0,366**	0,468**	0,309**	0,278**	0,433**	0,458**	0,254**	0,220**	
C17							1	0,646**	-0,034	0,078	0,310**	0,381**	0,275**	0,302**	0,409**	0,260**	0,275**	0,387**	0,351**	0,272**	0,237**	
C18								1	-0,042	-0,004	0,297**	0,472**	0,240**	0,347**	0,397**	0,291**	0,243**	0,379**	0,368**	0,214**	0,214**	
D1									1	0,374**	-0,052	-0,028	-0,043	-0,066	-0,033	0,006	0,001	-0,051	0,061	0,008	-0,077	
D2										1	0,055	0,041	-0,017	0,036	-0,02	0,081	0,079	0,049	0,116*	0,009	-0,089	
B2											1	0,394**	0,428**	0,340**	0,374**	0,339**	0,252**	0,470**	0,281**	0,278**	0,231**	
B4												1	0,327**	0,398**	0,424**	0,274**	0,288**	0,349**	0,320**	0,283**	0,312**	
C2													1	0,411**	0,388**	0,337**	0,288**	0,493**	0,390**	0,256**	0,294**	
C3														1	0,359**	0,361**	0,303**	0,435**	0,354**	0,259**	0,256**	
C4															1	0,300**	0,350**	0,390**	0,366**	0,361**	0,313**	
C6																1	0,403**	0,550**	0,441**	0,221**	0,289**	
C7																	1	0,414**	0,410**	0,254**	0,364**	
C8																		1	0,495**	0,258**	0,279**	
C9																			1	0,285**	0,303**	
B1																				1	0,535**	
C1																						1

** - Significativo a 1%;

* - Significativo a 5%

Tabela 5.17 – Matriz de correlação para os itens dos construtos do modelo completo – Alemanha (continuação)

Item	Dimensão																					
	Cultural				Negócios						Macroambiente							Física				
	B5	C5	C11	C12	B3	C10	C17	C18	D1	D2	B2	B4	C2	C3	C4	C6	C7	C8	C9	B1	C1	
B5	1	0,515**	0,456**	0,207**	0,483**	0,286**	0,374**	0,304**	-0,02	0,037	0,354**	0,386**	0,315**	0,272**	0,526**	0,309**	0,317**	0,323**	0,206**	0,384**	0,375**	
C5		1	0,312**	0,281**	0,358**	0,354**	0,358**	0,283**	0,065	0,122*	0,391**	0,353**	0,377**	0,419**	0,600**	0,431**	0,302**	0,508**	0,297**	0,340**	0,381**	
C11			1	0,136*	0,256**	0,305**	0,393**	0,326**	0,024	-0,078	0,145**	0,207**	0,240**	0,127*	0,324**	0,204**	0,214**	0,256**	0,196**	0,136*	0,256**	
C12				1	0,132*	0,027	0,129*	0,092	-0,018	0,048	0,144**	0,151**	0,059	0,289**	0,257**	0,225**	0,152**	0,198**	0,128*	0,192**	0,242**	
B3					1	0,413**	0,433**	0,353**	0,151**	0,189**	0,403**	0,353**	0,296**	0,252**	0,441**	0,228**	0,219**	0,270**	0,212**	0,361**	0,332**	
C10						1	0,551**	0,481**	0,077	0,097	0,255**	0,274**	0,334**	0,226**	0,372**	0,244**	0,247**	0,318**	0,371**	0,204**	0,231**	
C17							1	0,632**	0,124*	0,075	0,229**	0,270**	0,379**	0,127*	0,350**	0,227**	0,147**	0,272**	0,286**	0,197**	0,221**	
C18								1	-0,018	0,02	0,202**	0,281**	0,368**	0,061	0,313**	0,171**	0,124*	0,272**	0,222**	0,185**	0,167**	
D1									1	0,486**	0,099	0,116*	0,042	0,116*	0,037	0,179**	0,158**	0,118*	0,086	0,119*	0,121*	
D2										1	0,110*	0,117*	0,145**	0,198**	0,139**	0,173**	0,238**	0,136*	0,117*	0,221**	0,166**	
B2											1	0,406**	0,303**	0,346**	0,426**	0,319**	0,379**	0,437**	0,227**	0,394**	0,338**	
B4												1	0,260**	0,281**	0,332**	0,261**	0,298**	0,331**	0,201**	0,303**	0,276**	
C2													1	0,296**	0,404**	0,355**	0,266**	0,436**	0,319**	0,181**	0,298**	
C3														1	0,388**	0,465**	0,357**	0,428**	0,301**	0,305**	0,346**	
C4															1	0,395**	0,385**	0,465**	0,288**	0,342**	0,445**	
C6																1	0,465**	0,508**	0,403**	0,300**	0,354**	
C7																	1	0,426**	0,313**	0,291**	0,320**	
C8																		1	0,364**	0,264**	0,298**	
C9																			1	0,256**	0,289**	
B1																				1	0,487**	
C1																						1

** - Significativo a 1%;

* - Significativo a 5%

Tabela 5.17 – Matriz de correlação para os itens dos construtos do modelo completo – Índia (continuação)

Item	Dimensão																					
	Cultural				Negócios						Macroambiente							Física				
	B5	C5	C11	C12	B3	C10	C17	C18	D1	D2	B2	B4	C2	C3	C4	C6	C7	C8	C9	B1	C1	
B5	1	0,438**	0,389**	0,142**	0,260**	0,163**	0,192**	0,134*	-0,021	0,062	0,273**	0,302**	0,205**	0,169**	0,302**	0,157**	0,150**	0,210**	0,102	0,241**	0,137*	
C5		1	0,326**	0,071	0,287**	0,276**	0,336**	0,233**	0,06	0,087	0,372**	0,348**	0,344**	0,375**	0,523**	0,355**	0,328**	0,374**	0,300**	0,231**	0,280**	
C11			1	0,308**	0,099	0,129*	0,119*	0,093	0,077	-0,012	0,121*	0,141**	0,195**	0,122*	0,285**	0,155**	0,078	0,116*	0,145**	0,083	-0,009	
C12				1	-0,011	0,01	0,095	0,044	-0,043	0,006	0,077	0,124*	0,046	0,001	0,115*	0,009	-0,045	0,026	0,013	0,074	0,001	
B3					1	0,324**	0,385**	0,371**	0,043	0,107*	0,345**	0,325**	0,253**	0,203**	0,212**	0,275**	0,118*	0,334**	0,131*	0,290**	0,279**	
C10						1	0,445**	0,446**	0,098	0,126*	0,250**	0,315**	0,274**	0,235**	0,289**	0,338**	0,198**	0,411**	0,330**	0,115*	0,217**	
C17							1	0,555**	0,032	0,092	0,296**	0,333**	0,271**	0,199**	0,356**	0,321**	0,164**	0,334**	0,276**	0,170**	0,201**	
C18								1	0,027	0,145**	0,267**	0,354**	0,341**	0,186**	0,324**	0,315**	0,212**	0,370**	0,289**	0,220**	0,264**	
D1									1	0,366**	-0,012	0,000	-0,049	0,140**	0,042	0,097	0,124*	0,068	0,074	-0,045	-0,076	
D2										1	0,058	0,116*	0,055	0,139**	0,135*	0,180**	0,099	0,076	0,019	0,125*	0,03	
B2											1	0,385**	0,380**	0,333**	0,346**	0,364**	0,261**	0,394**	0,248**	0,412**	0,369**	
B4												1	0,311**	0,213**	0,359**	0,258**	0,158**	0,339**	0,223**	0,273**	0,213**	
C2													1	0,318**	0,298**	0,440**	0,323**	0,462**	0,344**	0,278**	0,341**	
C3														1	0,380**	0,388**	0,340**	0,457**	0,386**	0,275**	0,224**	
C4															1	0,353**	0,256**	0,383**	0,301**	0,271**	0,237**	
C6																1	0,482**	0,511**	0,470**	0,332**	0,262**	
C7																	1	0,459**	0,342**	0,221**	0,278**	
C8																		1	0,382**	0,293**	0,348**	
C9																			1	0,221**	0,300**	
B1																				1	0,490**	
C1																						1

** - Significativo a 1%;

* - Significativo a 5%

Isto ocorreu principalmente com os subconstrutos 'distância ao poder', 'fuga à incerteza' e 'individualismo – coletivismo'. Na análise dos países isoladamente tais correlações mostram-se ainda mais fracas.

Com relação aos construtos do modelo completo para todos os países reunidos (tabela 5.17), verifica-se que os itens apresentam correlações entre si superiores a 0,4. Uma exceção é o construto 'distância de negócios', que parece apresentar duas dimensões:

- uma dimensão constituída por B3 – Forma de se fazer negócios, C10 – Práticas comerciais aceitas, C17 – Processos de negociação e C18 – Tipos de contratos utilizados; e
- outra dimensão constituída por D1 – Expectativa com relação a qualidade de produtos e D2 – Expectativa com relação a cumprimento de prazos de entrega.

Novamente, quando se avaliaram os países Argentina, Alemanha e Índia separadamente, as correlações obtidas foram menores. Para Alemanha e Índia, a variável 'idioma' (C12) apresentou correlações baixas com os itens de 'distância cultural'.

Pode-se notar, em todos os casos, que as correlações das variáveis, quando se analisam todos os países reunidos, é maior do que quando se analisa cada país isoladamente.

5.4 AVALIAÇÃO EMPÍRICA DAS PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS E DA VALIDADE DOS CONSTRUTOS

Discute-se a seguir se os construtos apresentam características adequadas para um modelo de mensuração satisfatório. Quando julgado necessário, modificações na forma de operacionalização dos construtos são propostas.

Foram analisados os construtos:

- ‘distância psíquica’ de Klein e Roth (1990);
- ‘distância psíquica’ de Sousa e Bradley (2005);
- ‘distância cultural’ de Evans, Mavondo e Bridson (2008);
- ‘distância psíquica’ usando dimensões-síntese propostas neste estudo; e
- ‘distância psíquica’ usando o modelo completo.

Após a análise das correlações realizadas na seção anterior, foi aplicada a Análise Fatorial Exploratória. Quando necessárias modificações no modelo de mensuração, as mesmas foram realizadas e prosseguiu-se com a Análise Fatorial Confirmatória. Para se tornar o modelo de mensuração identificável em uma Análise Fatorial Confirmatória torna-se necessário que seja definida uma escala de medidas para a variável latente.

Segundo MacCallum e Browne (1993), isto é realizado através da fixação de uma das cargas de um dos itens de cada variável (em geral, fixando-a em 1.0, conferindo, assim, à variável latente a mesma escala de medida do respectivo indicador) ou, então, através da fixação da variância da variável latente (em geral, fixando-a em 1.0, o que padroniza a escala de medida da variável). Neste estudo,

optou-se por fixar a variância de cada construto em 1, posto que o maior interesse situava-se em estimar as cargas de cada item e não as variâncias das variáveis latentes. Em seqüência, avaliam-se as propriedades psicométricas (unidimensionalidade, validade e confiabilidade), por meio da verificação do grau de adequabilidade dos itens e de sua relação com os construtos.

5.4.1 Distância psíquica de Klein e Roth

Quando foi feita a análise de correlação na seção 5.3, com todos os países reunidos, verificou-se que todas as correlações intra-construto (tabela 5.14) eram superiores a 0,38 e significativas a 1%, o que sugere que os itens se referem ao mesmo construto, como seria de esperar. No entanto, quando se tomou cada país em separado, o item 'idioma' (C12) deixou de se relacionar com os outros itens do construto. Esta questão pode ser avaliada usando-se a análise fatorial exploratória.

Análise Fatorial Exploratória

Segundo Hair et al (2006), para a aplicação da análise fatorial exploratória é necessária uma amostra com mais de 100 observações. Além disso, o número de observações deve ser no mínimo 5:1 (5 observações para cada item). Considerando todos os países reunidos, têm-se 1028 observações com 205,6:1; para o caso da análise individual dos países, têm-se 343 observações para Argentina e Alemanha e 342 observações para Índia, com respectivamente 68,6:1 e 68,4:1. Desta forma, atende-se plenamente às exigências do uso do método. Os resultados da aplicação da análise fatorial exploratória são apresentados na tabela 5.18.

Todos os países reunidos

Para o modelo com todos os países, obteve-se significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=1507,4; *pvalue* <0,0001) indicando a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi de 0,822, superior a 0,7, como sugerido por Sharma (1996), e o MSA (*Measure of Sampling Adequacy*) de todos os itens foi superior a 0,5, como sugerido por Hair et al (2006). Foram, portanto, atendidas as exigências para que a análise fatorial exploratória pudesse ser utilizada.

A explicação total foi de 57% e, além disso, pode-se observar que todos os itens apresentaram carga superior a 0,7, o que significa dizer que o fator levou em consideração mais de 50% da variação de cada item (HAIR et al, 2006).

A confiabilidade do construto foi medida através do alfa de Cronbach, que foi de 0,809. Segundo Hair et al (2006), esta estatística deve ser superior a 0,6 em estudos exploratórios, ou 0,7 em estudos confirmatórios. As correlações “item total” corrigidas foram superiores a 0,5.

Tabela 5.18 – Análise Fatorial Exploratória – Klein e Roth

AFE - Argentina, Alemanha e Índia reunidos

	Fator			Correlação Item-Total Corrigida	Matriz de correlação Inter-Item				
	1	MSA	Comunalidades		B4	C10	C9	C12	C8
B4 - Sistema jurídico - MA	0,771	0,799	0,594	0,621	1				
C10 - Práticas comerciais aceitas - N	0,757	0,835	0,573	0,597	0,484	1			
C9 - Infra-estrutura de telecomunicações - MA	0,756	0,821	0,572	0,596	0,417	0,499	1		
C12 - Idioma - C	0,739	0,813	0,546	0,578	0,547	0,411	0,431	1	
C8 - Ambiente econômico - MA	0,739	0,844	0,546	0,576	0,442	0,451	0,496	0,400	1
KMO =	0,822								
Variância Explicada =	56,63%		α Cronbach	0,809					

AFE - Argentina

	Fator			Correlação Item-Total Corrigida	Matriz de correlação Inter-Item				
	1	MSA	Comunalidades		C10	C9	C8	B4	C12
C10 - Práticas comerciais aceitas - N	0,775	0,757	0,601	0,569	1				
C9 - Infra-estrutura de telecomunicações - MA	0,748	0,742	0,560	0,527	0,477	1			
C8 - Ambiente econômico - MA	0,740	0,771	0,548	0,526	0,417	0,484	1		
B4 - Sistema jurídico - MA	0,694	0,791	<u>0,482</u>	<u>0,482</u>	0,440	0,337	0,354	1	
C12 - Idioma - C	0,433	0,832	<u>0,187</u>	<u>0,268</u>	0,219	0,156	0,200	0,232	1
KMO =	0,768								
Variância Explicada =	47,54%		α Cronbach	0,713					

AFE - Alemanha

	Fator			Correlação Item-Total Corrigida	Matriz de correlação Inter-Item				
	1	MSA	Comunalidades		C8	C9	C10	B4	C12
C8 - Ambiente econômico - MA	0,746	0,709	0,557	<u>0,495</u>	1				
C9 - Infra-estrutura de telecomunicações - MA	0,709	0,698	0,503	<u>0,447</u>	0,385	1			
C10 - Práticas comerciais aceitas - N	0,695	0,702	<u>0,483</u>	<u>0,446</u>	0,338	0,387	1		
B4 - Sistema jurídico - MA	0,596	0,746	<u>0,355</u>	<u>0,347</u>	0,310	<u>0,204</u>	<u>0,281</u>	1	
C12 - Idioma - C	0,373	0,710	<u>0,139</u>	<u>0,197</u>	0,213	<u>0,152</u>	<u>0,067</u>	0,122	1
KMO =	0,710								
Variância Explicada =	40,73%		α Cronbach	0,620					

Tabela 5.18 – Análise Fatorial Exploratória – Klein e Roth (continuação)

AFE - Índia

	Fator		MSA	Comunalidades
	1	2		
C8 - Ambiente econômico - MA	0,775	0,060	0,687	0,604
C10 - Práticas comerciais aceitas - N	0,755	0,032	0,705	0,571
C9 - Infra-estrutura de telecomunicações - MA	0,693	-0,049	0,724	<u>0,483</u>
B4 - Sistema jurídico - MA	0,531	0,457	0,719	<u>0,491</u>
C12 - Idioma - C	-0,073	0,934	0,514	0,878
KMO =	0,702			
Variância Explicada =	60,53%			

AFE - Índia

	Fator	MSA	Comunalidades	Correlação Item-Total Corrigida	Matriz de correlação Inter-Item					
					1	MSA	Comunalidades	Correlação Item-Total Corrigida	C8	C10
C8 - Ambiente econômico - MA	0,772	0,686	0,596	0,515	1					
C10 - Práticas comerciais aceitas - N	0,748	0,707	0,560	<u>0,485</u>	0,417	1				
C9 - Infra-estrutura de telecomunicações - MA	0,668	0,724	<u>0,446</u>	<u>0,405</u>	0,377	0,329	1			
B4 - Sistema jurídico - MA	0,612	0,748	<u>0,375</u>	<u>0,353</u>	0,312	0,308	<u>0,189</u>	1		
C12 - Idioma - C									1	
KMO =	0,711									
Variância Explicada =	49,41%		α Cronbach	0,655						

Argentina

Para o modelo da Argentina, também se obteve significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=318,2; *pvalue* <0,0001), indicando a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,768, superior a 0,7 e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5. Foram, portanto, atendidas as exigências para que a Análise Fatorial Exploratória pudesse ser utilizada.

A explicação total foi de 48% e, além disso, nem todos os itens apresentaram carga superior a 0,7. A pior situação diz respeito ao item 'idioma' (C12) com carga inferior a 0,5.

A confiabilidade do construto foi medida através do alfa de Cronbach (0,713), superior a 0,6. As correlações "item total" corrigidas não foram superiores a 0,5. Novamente o item 'idioma' (C12) obteve o pior resultado.

Alemanha

A Alemanha obteve resultado semelhante ao da Argentina, obteve-se significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=194,4; *pvalue* <0,0001), indicando a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,710, superior a 0,7, e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5. Foram, portanto, atendidas as exigências para uso da Análise Fatorial Exploratória.

A explicação total foi de apenas 41% e, além disso, nem todos os itens apresentaram carga superior a 0,7 (B4 – Sistema Jurídico e C12 – Idioma, este com carga inferior a 0,5).

A confiabilidade do construto foi medida através do alfa de Cronbach, que foi de 0,620, superior a 0,6. Nenhuma das correlações “item total” corrigidas foi superior a 0,5.

Índia

Para a Índia obteve-se significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=188,047; *pvalue* <0,0001) indicando a existência de correlações suficiente entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,702, superior ou próxima a 0,7 e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5. Foram, portanto, atendidas as exigências para que a Análise Fatorial Exploratória pudesse ser utilizada.

A explicação total foi de 61%, com dois fatores. No entanto, o item ‘idioma’ (C12) apareceu sozinho no fator 2. Sendo assim, a variável foi excluída e nova Análise Fatorial Exploratória executada. Apesar de o item ‘sistema jurídico’ (B4) apresentar carga superior a 0,3 em mais de um fator, resolveu-se mantê-lo durante a rodada seguinte.

A nova análise obteve significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=180,9; *pvalue* <0,0001) indicando a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,711, superior a 0,7, e o MSA de

todos os itens foi superior a 0,5. Foram, portanto, atendidas as exigências para uso da Análise Fatorial Exploratória.

A explicação total foi de apenas 49% e todos os itens apresentaram carga superior a 0,6 (embora o mais adequado seria 0,7). O item 'sistema jurídico' (B4) apresentou o pior resultado (carga de 0,612), ainda assim superior a 0,5.

A confiabilidade do construto foi medida através do alfa de Cronbach, que foi de 0,655, superior a 0,6. Apenas uma das correlações "item total" corrigidas foi superior a 0,5.

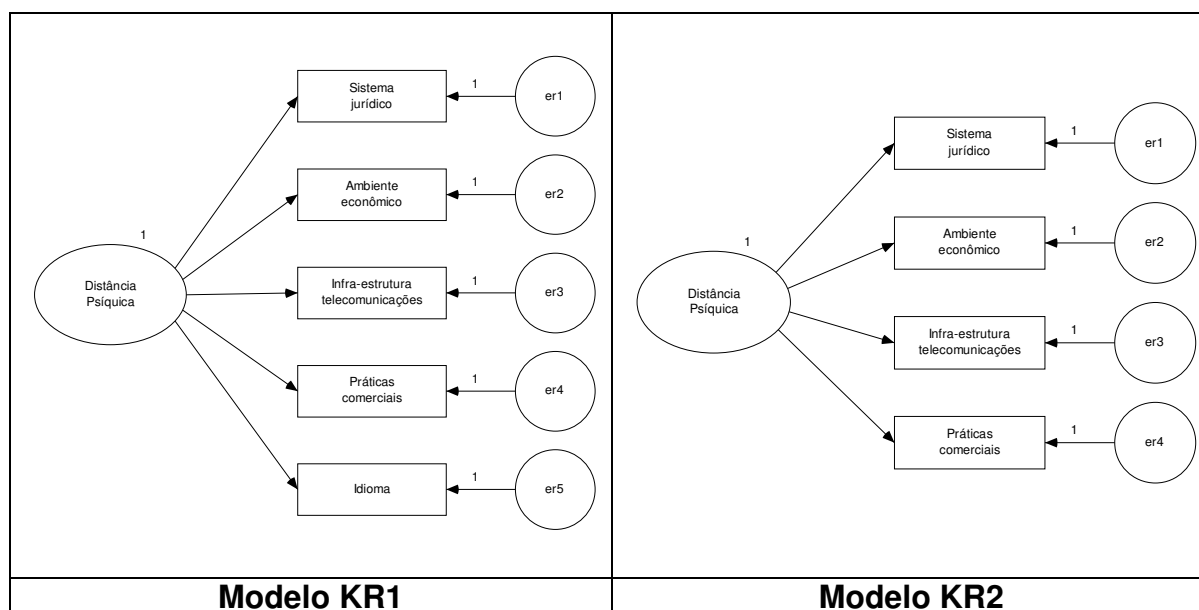
Análise Fatorial Confirmatória

Levando-se em consideração os resultados obtidos decidiu-se avaliar, na Análise Fatorial Confirmatória, dois modelos de mensuração da distância psíquica, extraídos do instrumento de Klein e Roth:

- Modelo KR1 – Modelo sugerido original com cinco itens ('ambiente econômico', 'práticas comerciais aceitas', 'infra-estrutura de telecomunicações', 'sistema jurídico' e 'idioma') em um único fator; e
- Modelo KR2 – Modelo sugerido pela Análise Fatorial Exploratória para a análise de um único país com quatro itens ('ambiente econômico', 'práticas comerciais aceitas', 'infra-estrutura de telecomunicações' e 'sistema jurídico') em um único fator (neste modelo excluiu-se a variável 'idioma').

Os dois modelos de mensuração para distância psíquica de Klein e Roth são ilustrados na figura 5.1.

Figura 5.1 – Modelos KR1 e KR2 para distância psíquica de Klein e Roth



De forma a se estimar um modelo de mensuração, por meio de Análise Fatorial Confirmatória, e se avaliarem as propriedades dos construtos, em termos, principalmente, de unidimensionalidade, validade e confiabilidade, foi utilizado o roteiro proposto por Carneiro (2007) para avaliação do grau de adequabilidade das propriedades psicométricas de construtos medidos reflexivamente. O roteiro de Carneiro (2007), adaptado para este estudo, é apresentado, em sua totalidade, no capítulo 3 deste estudo (Metodologia).

O roteiro foi aplicado a cada um dos dois modelos de mensuração da distância psíquica de Klein e Roth para, em seguida, avaliar-se o que melhor atendia, de forma conjugada, os requisitos teóricos e empíricos e os objetivos da pesquisa.

Os passos 1 a 4 correspondem à execução da Análise Fatorial Exploratória e já foram vistos anteriormente. De acordo com a Análise Fatorial Exploratória, no caso de todos os países reunidos, o modelo KR1 é preferível; no caso de cada país separadamente, o modelo KR2 torna-se mais interessante.

Todos os países reunidos

Não foram encontrados *outliers* pelo critério de distância de Mahalanobis (considerou-se apenas os 5 itens) entre os 1028 casos da amostra, considerando todos os países reunidos. A seguir apresentam-se os passos sugeridos por Carneiro (2007), aplicáveis ao presente estudo, e os resultados para cada passo.

5. “A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível.”

O requisito foi atendido para os dois modelos testados. A estimação pelo método ADF não produziu qualquer solução imprópria.

6. “Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção.”

O requisito foi atendido para os dois modelos.

7. “As correlações inter-itens intra-construto (*inter-item within-construct correlations*, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas.”

Os indicadores devem apresentar correlação suficientemente alta entre os itens de um mesmo construto (maior que 0,2). O requisito foi atendido para os dois modelos.

8. “As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas.”

Apesar de o software AMOS não fornecer esta informação, utilizaram-se os resultados dos testes de correlações realizados preliminarmente, em que se pode observar que todas as correlações inter-itens intra-construto foram estatisticamente significativas ao nível de 1%.

9. “A correlação média inter-itens intra-construto (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30.”

Quando este requisito não é atendido, é uma indicação de que o grupo de indicadores não oferece boa representação conjunta do respectivo construto.

Não houve diferenças consideráveis entre as correlações baseadas na amostra e as correlações estimadas pelo software AMOS. Este requisito foi atendido para os dois modelos, quer fossem consideradas as correlações observadas, quer as estimadas pelo modelo de mensuração.

10. “A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto).”

Correlações muito altas poderiam sugerir que o conjunto de indicadores seria redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto (BRIGGS e CHEEK, 1986, apud Carneiro, 2007). O requisito foi atendido pelos dois modelos. A análise de correlações item-total inter-construto não foi realizada.

11. “A magnitude de cada carga padronizada é suficiente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,707²) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático).”

No modelo KR1 todas as cargas padronizadas foram superiores a 0,665. No modelo KR2 todas as cargas padronizadas foram superiores a 0,651.

12. “As cargas fatoriais são estatisticamente significativas.”

O requisito foi atendido ao nível de 0,001 pelos dois modelos.

13. “As correlações múltiplas padronizadas (*standardized multiple correlations*, SMC) são suficientemente altas, ou seja, maiores ou iguais a 0,50 (no caso de modelos congêneros, isto é, modelos em que cada indicador está associado a somente um construto, a correlação múltipla quadrada é igual ao quadrado da carga padronizada).”

Como só existe um construto, este passo não se aplica.

14. “A variância média extraída (*average variance extracted*, AVE) de cada construto é maior ou igual a 0,50.”

A variância média extraída (*average variance extracted*, AVE) é calculada como:

$$AVE = \frac{\sum_{i=1}^n (\lambda_i)^2}{n}$$

Onde: λ_i – carga padronizada associada ao item i
 n – número total de itens

Ou seja, para cada construto somam-se os quadrados das cargas padronizadas de seus respectivos indicadores e divide-se o resultado pelo número de indicadores associados ao construto. Para o modelo KR1, a AVE foi de 48,2%, próxima ao limite inferior. Para o modelo KR2, a AVE foi de 47,2%, também próxima ao limite inferior.

15. “As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas.”

Este requisito foi atendido pelos dois modelos.

16. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Todos os resíduos foram menores que -2,636 para o modelo KR1 e menores que -1,156 para o modelo KR2. Desta forma, os dois modelos atendem a este requisito.

17. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de diferentes construtos não têm um valor positivo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Como o modelo apresenta um único construto, este item não se aplica.

18. “Os índices de modificação estimados pelo pacote estatístico são pequenos, ou seja, menores que 3,84 (o que significa que liberar um parâmetro previamente pré-fixado para ser livremente estimado resultaria em melhoria não estatisticamente significativa no qui-quadrado do modelo de mensuração).”

Como o modelo apresenta um único construto, este item não se aplica.

19. “A variância média extraída (*average variance extracted, AVE*) de cada construto é maior do que o quadrado da correlação entre este construto e qualquer outro construto (correlação inter-construtos).”

Como o modelo apresenta um único construto, este item não se aplica.

20. “O $\Delta\chi^2$ (isto é, a diferença no grau de *fit* (medido pelo qui-quadrado) entre dois modelos, dada a diferença de graus de liberdade entre eles), entre um modelo que fixa em 1.0 a correlação entre dois construtos (dimensões) e outro que mantém esta correlação livre para ser estimada (preservando, assim, a individualidade dos construtos) é estatisticamente significativo (o que indica que as duas dimensões (construtos) podem ser consideradas efetivamente distintas entre si).”

Como o modelo apresenta um único construto, este item não se aplica.

21. “O $\Delta\chi^2$ entre um modelo que mantém cada indicador associado a seu respectivo construto (definido a priori) e outro que considera todos os indicadores de dois construtos como associados a um único construto é estatisticamente significativo (o que significa que as duas dimensões (construtos) podem ser consideradas efetivamente distintas entre si).”

Como o modelo apresenta um único construto, este item não se aplica.

“Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliada, verificando-se se:

22.O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60.”

$$\rho_c = \frac{(\sum_{i=1}^n \lambda_i)^2}{(\sum_{i=1}^n \lambda_i)^2 + \sum_{i=1}^n \delta_i}$$

Onde: λ_i – carga padronizada associada ao item i
 δ_i – variância do termo de erro associada ao item i
n – número total de itens

Para o modelo KR1, a estatística ρ_c foi de 0,742, acima do mínimo de 0,60. Para o modelo KR2, a estatística ρ_c foi de 0,702, acima do mínimo de 0,60.

23. “O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto.”

$$\rho_i = \frac{(\lambda_i)^2}{(\lambda_i)^2 + \delta_i}$$

Onde: λ_i – carga padronizada associada ao item i
 δ_i – variância do termo de erro associada ao item i

Embora não tenha sido definido pela literatura um valor mínimo para a estatística ρ_i , pode ser razoável supor que este índice deva ser superior a 0,5, de forma que a variação do erro represente menos de 50% da variação total de um indicador.

Para o modelo KR1, a estatística ρ_i variou de 0,291 até 0,463. Para o modelo KR2 a estatística ρ_i variou de 0,328 até 0,443. Como os indicadores estão abaixo de 0,5, os modelos são colocados sob suspeita.

“Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos

24.Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (*goodness-of-fit*) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de *fit* podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário).”

Uma regra prática estabelecida por Hair et al (2006) sugere que se utilizem índices de *fit* que atendam a três diferentes classes: (1) índices absolutos, (2) índices relativos e (3) índices de parcimônia.

1. Índices absolutos de *fit* (*goodness-of-fit* e *badness-of-fit*):

- É desejável que a diferença entre a matriz de variâncias e covariâncias estimada e observada seja pequena ou nula. O teste estatístico dessa diferença é realizado pelo teste de Qui-quadrado, utilizando o Qui-quadrado normalizado, dado por χ^2 / gl , qui-quadrado dividido por seus graus de liberdade. No entanto, para amostras grandes, em função da potência do teste, estas estatísticas naturalmente levam à rejeição da hipótese de igualdade das matrizes de variância e covariâncias estimadas e observadas na amostra (HAIR et al, 2006). Pode-se considerar como desejável que o valor da estatística seja inferior a 5,0 (alguns autores consideram 3,0 ou até 2,0).
- GFI (*goodness-of-fit index*), cujo valor desejável é acima de 0,90.
- RMSEA (*root mean square error of approximation*), cujo valor desejável é abaixo de 0,08.

2. Índices relativos de *fit*:

- TLI (*Tucker-Lewis index*), cujo valor desejável é acima de 0,92.
- CFI (*comparative fit index*), cujo valor desejável é acima de 0,92.

3. Índice de parcimônia:

- PNFI (*parsimony normed fit index*), quanto mais alto, melhor.

Vale lembrar que os índices apresentados servem de guia para o analista. No entanto, a determinação da adequação do modelo irá depender do julgamento do pesquisador, visto que o valor de alguns itens pode sugerir a adequação do modelo e outros não.

Na tabela 5.19 são apresentados os índices de *fit* obtidos para os dois modelos. Pode-se verificar que, para quase todos os índices, os modelos KR1 e KR2 apresentaram bons resultados. Na figura 5.2 são apresentados os valores estimados pelo software AMOS para os dois modelos de mensuração da distância psíquica.

Tabela 5.19 – Índices de *fit* do modelo de mensuração da distância psíquica de Klein e Roth – Todos os países reunidos

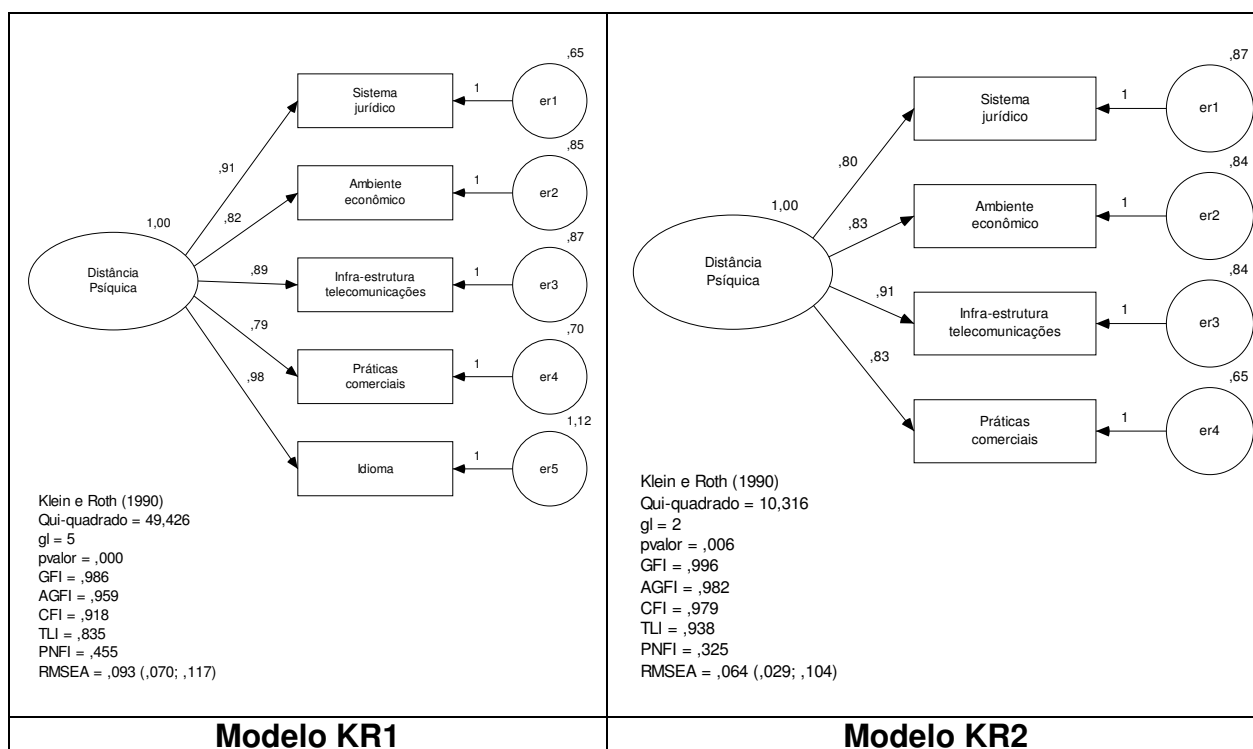
Modelo	Absolutos				Relativos		Parcimônia
	χ^2	χ^2 / gl	GFI	RMSEA	TLI	CFI	PNFI
KR1	49,426 **	9,885	0,986	0,093 IC(0,070;0,117)	0,835	0,918	0,455
KR2	10,316 *	5,158	0,996	0,064 IC(0,029; 0,104)	0,938	0,979	0,325

** *pvalue* inferior a 0,001

* *pvalue* inferior a 0,01

IC – intervalo de 95% de confiança para o RMSEA

Figura 5.2 – Modelos KR1 e KR2 para mensuração da distância psíquica de Klein e Roth – Todos os países reunidos



O procedimento foi repetido para a Argentina, Alemanha e Índia, considerando os dois modelos.

Argentina

Foram encontrados apenas quatro *outliers* pelo critério de distância de Mahalanobis (considerou-se os 5 itens) entre os 343 casos da amostra referente a Argentina. Como nenhum *outlier* foi removido anteriormente, resolveu-se manter todos os casos na amostra.

5. “A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível.”

O requisito foi atendido para os dois modelos testados. A estimação pelo método ADF não produziu qualquer solução imprópria.

6. “Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção.”

O requisito foi atendido para os dois modelos.

7. “As correlações inter-itens intra-construto (*inter-item within-construct correlations*, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas.”

O requisito foi atendido para os dois modelos.

8. “As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas.”

Apesar de o software AMOS não fornecer esta informação, utilizaram-se os resultados dos testes de correlações realizados preliminarmente, em que se pode observar que todas as correlações inter-itens intra-construto foram estatisticamente significativas ao nível de 1%.

9. “A correlação média inter-itens intra-construto (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30.”

Não houve diferenças consideráveis entre as correlações baseadas na amostra e as correlações estimadas pelo AMOS para os dois modelos. Este requisito foi atendido para os dois modelos, quer fossem consideradas as correlações observadas, quer as estimadas pelo modelo de mensuração.

10. “A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto).”

O requisito foi atendido pelos dois modelos. A análise de correlações item-total inter-construto não foi realizada.

11. “A magnitude de cada carga padronizada é suficiente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,707²) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático).”

No modelo KR1, todas as cargas padronizadas foram superiores a 0,578, com exceção do item ‘idioma’ (C12), que foi igual a 0,306. Ou seja, estes resultados confirmam o que foi identificado na Análise Fatorial Exploratória. No modelo KR2 todas as cargas padronizadas foram superiores a 0,556.

12. “As cargas fatoriais são estatisticamente significativas.”

O requisito foi atendido ao nível de 0,001 pelos dois modelos.

O passo 13 não se aplica a este caso por se tratar de um construto único. Segue-se com o passo 14.

14. “A variância média extraída (*average variance extracted, AVE*) de cada construto é maior ou igual a 0,50.”

Para o modelo KR1, a AVE foi de somente 37,3%, indicando na média, que mais erro permanece nos itens do que variação explicada pelo modelo de mensuração. Para o modelo KR2, a AVE foi de 43,5%, ainda baixa, mas mais próxima ao limite inferior do que o modelo KR1.

15. “As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas.”

Este requisito foi atendido pelos dois modelos.

16. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Todos os resíduos foram, em valor absoluto, menores que 1,106 para o modelo KR1 e menores que 0,860 para o modelo KR2. Desta forma, os dois modelos atendem a este requisito.

Os passos 17, 18, 19, 20 e 21 não se aplicam a este caso por se tratar de um construto único. Segue-se com o passo 22.

“Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliada, verificando-se se:

22.O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60.”

Para o modelo KR1, a estatística ρ_c foi de 0,734, acima do mínimo de 0,60. Para o modelo KR2, a estatística ρ_c foi de 0,745, acima do mínimo de 0,60.

23. “O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto.”

Para o modelo KR1, a estatística ρ_i variou de 0,102 (Idioma) e depois de 0,322 até 0,563. Para o modelo KR2, a estatística ρ_i variou de 0,298 até 0,553. Como quase todos os itens estão abaixo de 0,5, os modelos são colocados sob suspeita.

“Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos

24.Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (*goodness-of-fit*) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de *fit* podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário).”

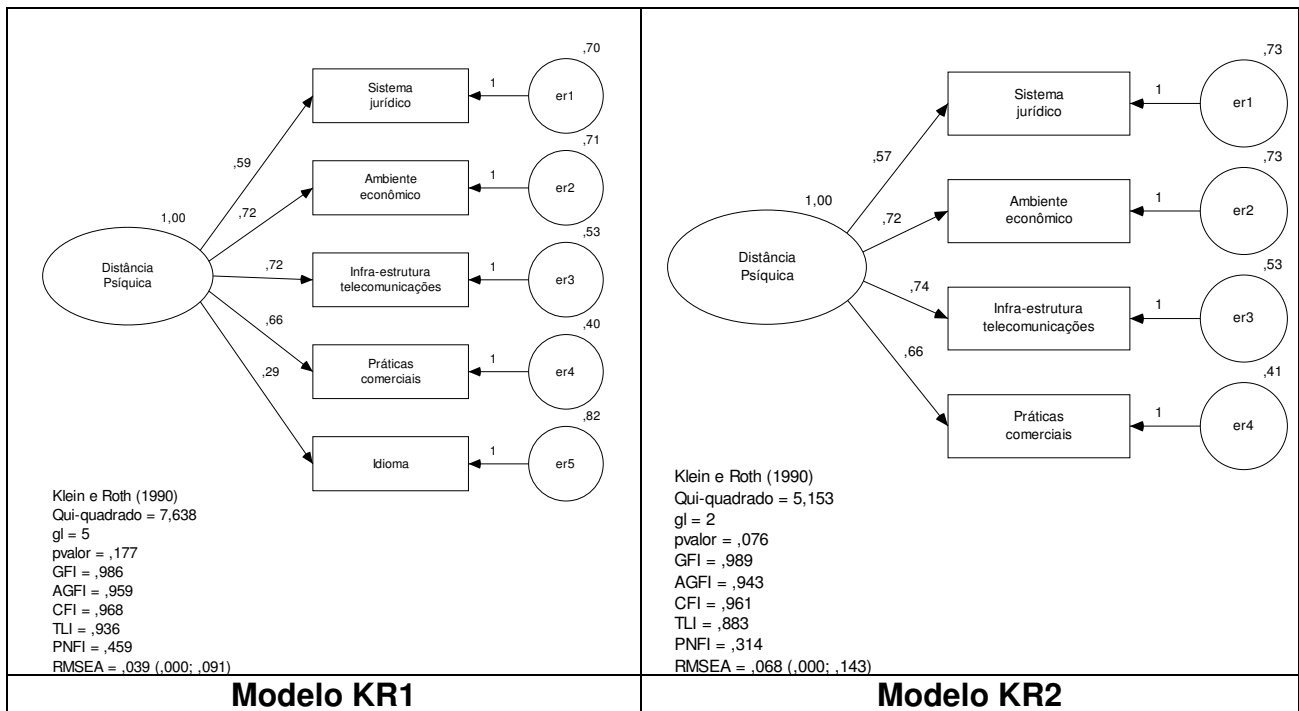
Na tabela 5.20 são apresentados os índices de *fit* obtidos para os dois modelos. Pode-se verificar que, para quase todos os índices, os modelos KR1 e KR2 apresentaram bons resultados. Na figura 5.3 são apresentados os valores estimados pelo software AMOS para os dois modelos.

Tabela 5.20 – Índices de *fit* do modelo de mensuração da distância psíquica de Klein e Roth – Argentina

Modelo	Absolutos				Relativos		Parcimônia
	χ^2	χ^2 / gl	GFI	RMSEA	TLI	CFI	PNFI
KR1	7,638	1,528	0,986	0,039 (0,000; 0,091)	0,936	0,968	0,459
KR2	5,153	2,577	0,989	0,068 (0,000; 0,143)	0,883	0,961	0,314

IC – intervalo de 95% de confiança para o RMSEA

Figura 5.3 – Modelos KR1 e KR2 para mensuração da distância psíquica de Klein e Roth - Argentina



Alemanha

Foi encontrado apenas um *outlier* pelo critério de distância de Mahalanobis (considerou-se os 5 itens) entre os 343 casos da amostra referente a Alemanha. Como nenhum *outlier* foi removido anteriormente, resolveu-se manter todos os casos na amostra.

5. “A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível.”

O requisito foi atendido para os dois modelos testados. A estimação pelo método ADF não produziu qualquer solução imprópria.

6. “Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção.”

O requisito foi atendido para os dois modelos.

7. “As correlações inter-itens intra-construto (*inter-item within-construct correlations*, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas.”

O item ‘idioma’ (C12) não atende a este requisito para o modelo KR1. O modelo KR2 teve o requisito atendido.

8. “As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas.”

Tomando-se por base os resultados dos testes de correlações realizados, preliminarmente, pode-se observar que o item ‘idioma’ (C12) não apresenta correlação significativa com o item ‘práticas comerciais aceitas’ (C10) para o modelo KR1. O restante dos itens apresenta correlações inter-itens intra-construto estatisticamente significativas ao nível de 1%. Para o modelo KR2, o requisito foi atendido.

9. “A correlação média inter-itens intra-construto (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30.”

Não houve diferenças consideráveis entre as correlações baseadas na amostra e as correlações estimadas pelo software AMOS para os dois modelos. Este requisito foi atendido para os dois modelos, quer fossem consideradas as correlações observadas, quer as estimadas pelo modelo de mensuração.

10. “A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto).”

O requisito foi atendido pelos dois modelos. A análise de correlações item-total inter-construto não foi realizada.

11. “A magnitude de cada carga padronizada é suficiente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,707²) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático).”

No modelo KR1 todas as cargas padronizadas foram superiores a 0,430, com exceção do item ‘idioma’ (C12), 0,231. Este resultado confirma o encontrado pela Análise Fatorial Exploratória. O modelo KR2 apresentou uma carga padronizada igual a 0,441 (‘sistema jurídico’ – B4) e as outras três cargas superiores a 0,6.

12. “As cargas fatoriais são estatisticamente significativas.”

O requisito foi atendido ao nível de 0,001 pelos dois modelos.

O passo 13 não se aplica a este caso por se tratar de construto único. Segue-se com o passo 14.

14. “A variância média extraída (*average variance extracted, AVE*) de cada construto é maior ou igual a 0,50.”

Para o modelo KR1, a AVE foi de somente 28,0%; para o modelo KR2, 33,4%. Os dois modelos indicam que, na média, mais erro permanece nos itens do que variação explicada pelo modelo de mensuração.

15. “As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas.”

Este requisito foi atendido pelos dois modelos.

16. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Todos os resíduos foram menores em valor absoluto que 1,218 para o modelo KR1 e 1,200 para o modelo KR2. Desta forma, os dois modelos atendem a este requisito.

Os passos 17, 18, 19, 20 e 21 não se aplicam a este caso por se tratar de construto único. Segue-se com o passo 22.

“Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliada, verificando-se se:

22.O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60.”

Para o modelo KR1, a estatística ρ_c foi de 0,626, acima do mínimo de 0,60. Para o modelo KR2, a estatística ρ_c foi de 0,598, em torno do mínimo de 0,60.

23. “O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto.”

Para o modelo KR1, a estatística ρ_i variou de 0,231 ‘idioma’ e depois de 0,430 até 0,656. Para o modelo KR2, a estatística ρ_i variou de 0,166 até 0,365. Como todos os itens estão abaixo de 0,5, os modelos são colocados sob suspeita.

“Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos

24.Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (*goodness-of-fit*) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de *fit* podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário).”

Na tabela 5.21 são apresentados os índices de *fit* obtidos para os dois modelos. Pode-se verificar que, para quase todos os índices, os modelos KR1 e KR2 apresentaram bons resultados.

Tabela 5.21 – Índices de *fit* do modelo de mensuração da distância psíquica de Klein e Roth – Alemanha

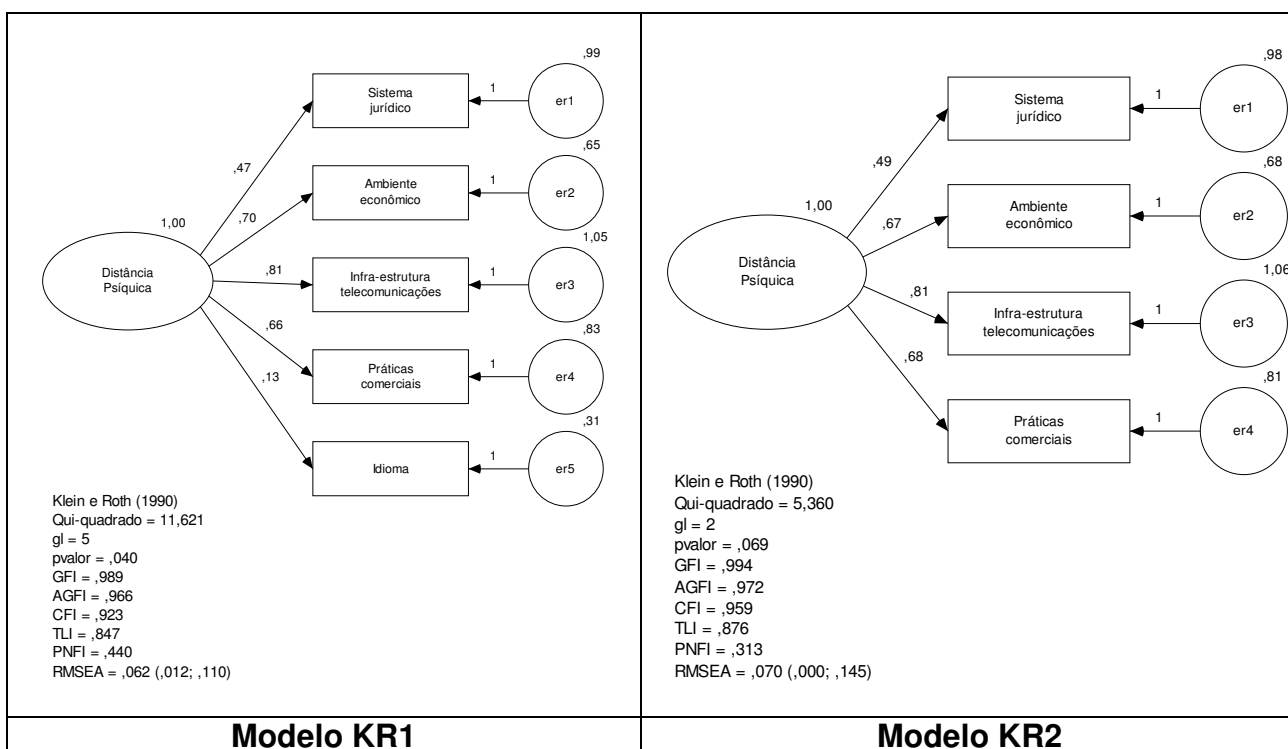
Modelo	Absolutos				Relativos		Parcimônia
	χ^2	χ^2 / gl	GFI	RMSEA	TLI	CFI	PNFI
KR1	11,621*	2,324	0,989	0,062 (0,012; 0,110)	0,847	0,923	0,440
KR2	5,360	2,680	0,994	0,070 (0,000; 0,145)	0,876	0,959	0,313

* *pvalue* inferior a 0,01

IC – intervalo de 95% de confiança para o RMSEA

Na figura 5.4 são apresentados os valores estimados pelo software AMOS para os dois modelos.

Figura 5.4 – Modelos KR1 e KR2 para mensuração da distância psíquica de Klein e Roth - Alemanha



Índia

Foram encontrados nove *outliers* pelo critério de distância de Mahalanobis (foram considerados os 5 itens) entre os 342 casos da amostra referente à Índia. Como nenhum *outlier* foi removido anteriormente, resolveu-se manter todos os casos na amostra.

5. “A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível.”

O requisito foi atendido para os dois modelos testados. A estimação pelo método ADF não produziu qualquer solução imprópria.

6. “Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção.”

O requisito foi atendido para os dois modelos.

7. “As correlações inter-itens intra-construto (*inter-item within-construct correlations*, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas.”

O item ‘idioma’ (C12) não atende a este requisito para o modelo KR1. O modelo KR2 teve o requisito atendido.

8. “As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas.”

Tomando-se por base os resultados dos testes de correlações realizados, preliminarmente, pode-se observar que o item ‘idioma’ (C12) só apresenta correlação significativa com o item ‘sistema jurídico’ (B4) para o modelo KR1. O restante dos itens apresenta correlações inter-itens intra-construto estatisticamente significativas ao nível de 1%. Para o modelo KR2, o requisito foi atendido.

9. “A correlação média inter-itens intra-construto (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30.”

Não houve diferenças consideráveis entre as correlações baseadas na amostra e as correlações estimadas pelo software AMOS. Este requisito foi atendido para os dois modelos, quer fossem consideradas as correlações observadas, quer as estimadas pelo modelo de mensuração.

10. “A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto).”

O requisito foi atendido pelos dois modelos. A análise de correlações item-total inter-construto não foi realizada.

11. “A magnitude de cada carga padronizada é suficiente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,707²) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático).”

No modelo KR1, todas as cargas padronizadas foram superiores a 0,494, com exceção do item ‘idioma’ (C12), que foi 0,072. Ou seja, este resultado confirma o que foi encontrado usando-se a Análise Fatorial Exploratória. O modelo KR2 apresentou uma carga padronizada igual a 0,460 (‘sistema jurídico’ – B4) e as outras três cargas superiores a 0,5.

12. “As cargas fatoriais são estatisticamente significativas.”

Para o modelo KR1 somente o item idioma não foi estatisticamente significativo. O requisito foi atendido ao nível de 0,001 para todos os itens do modelo KR2.

O passo 13 não se aplica a este caso por se tratar de um construto único. Segue-se com o passo 14.

14. “A variância média extraída (*average variance extracted, AVE*) de cada construto é maior ou igual a 0,50.”

Para o modelo KR1, a AVE foi de somente 27,3%; para o modelo KR2, 33,7%. Os dois modelos indicam que, na média, mais erro permanece nos itens do que variação explicada pelo modelo de mensuração.

15. “As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas.”

Este requisito foi atendido pelos dois modelos.

16. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Para o modelo KR1, todos os resíduos foram menores em valor absoluto que 2,494, com exceção do resíduo da correlação do item ‘idioma’, que foi 4,912. Já o modelo KR2 tem todos os resíduos menores do que 2,58, sendo o valor mais baixo 0,049. Desta forma, o modelo KR1 atende parcialmente e o modelo KR2 atende plenamente a este requisito.

Os passos 17, 18, 19, 20 e 21 não se aplicam a este caso por se tratar de um construto único. Segue-se com o passo 22.

“Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliada, verificando-se se:

22. O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60.”

Para o modelo KR1, a estatística ρ_c foi de 0,644 e, para o modelo KR2, a estatística ρ_c foi de 0,634, acima do mínimo de 0,60.

23. “O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto.”

Para o modelo KR1, a estatística ρ_i variou de 0,045 (para ‘idioma’) e depois de 0,218 até 0,379. Para o modelo KR2, a estatística ρ_i variou de 0,225 até 0,386. Como todos os itens estão abaixo de 0,5, os dois modelos são colocados sob suspeita.

“Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos

24.Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (*goodness-of-fit*) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de *fit* podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário).”

Na tabela 5.22 são apresentados os índices de *fit* obtidos para os dois modelos. Pode-se verificar que para quase todos os índices os modelos KR1 e KR2 apresentaram bons resultados.

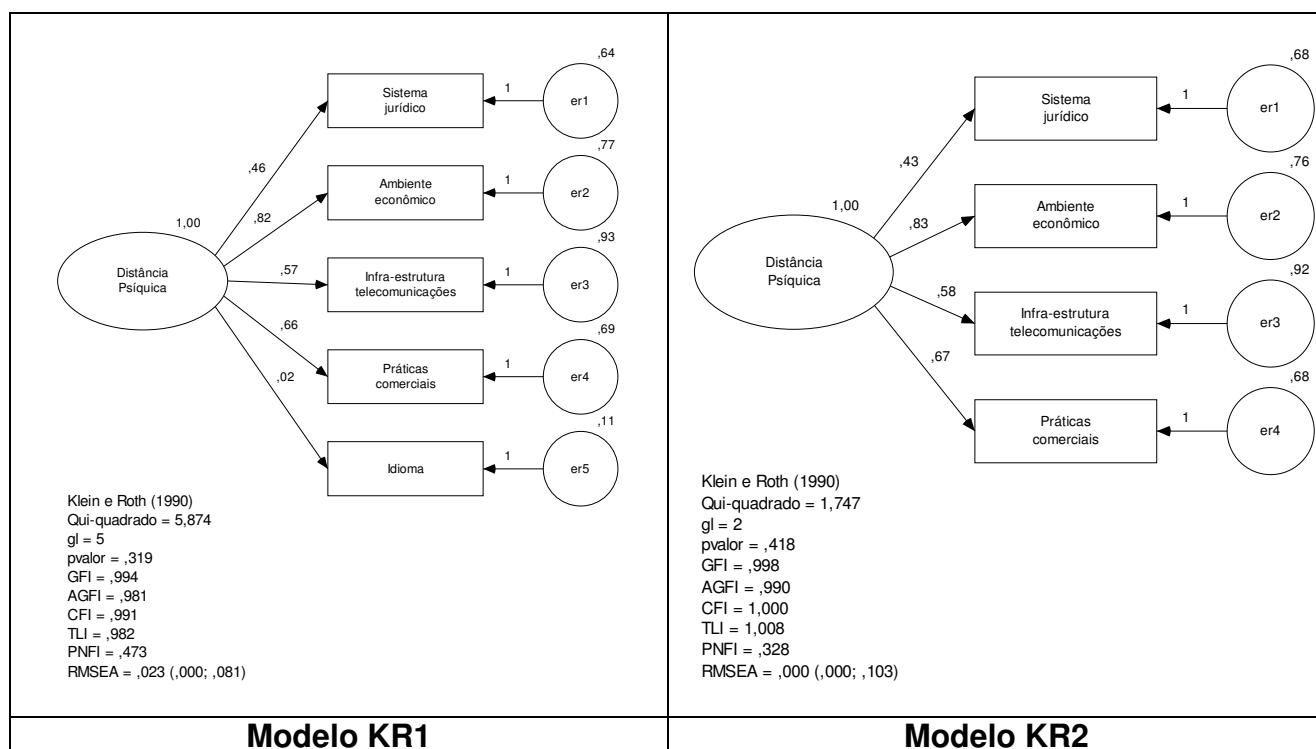
Tabela 5.22 – Índices de *fit* do modelo de mensuração da distância psíquica de Klein e Roth – Índia

Modelo	Absolutos				Relativos		Parcimônia
	χ^2	χ^2 / gl	GFI	RMSEA	TLI	CFI	PNFI
KR1	5,874	1,175	0,994	0,023 (0,000; 0,081)	0,982	0,991	0,473
KR2	1,747	0,874	0,998	0,000 (0,000; 0,103)	1,008	1,000	0,328

IC – intervalo de 95% de confiança para o RMSEA

Na figura 5.5 são apresentados os valores estimados pelo software AMOS para os dois modelos.

Figura 5.5 – Modelos KR1 e KR2 para mensuração da distância psíquica de Klein e Roth - Índia



Resumo dos resultados

Os resultados da avaliação dos modelos KR1 e KR2, baseados no instrumento de Klein e Roth, indicam que (tabela 5.22b):

- O modelo original de Klein e Roth com os cinco itens teve um comportamento bastante satisfatório quando avaliado com todos os países, apesar do índice de confiabilidade baixo para os itens individualmente (a confiabilidade do construto foi de 0,742 com variância média extraída em torno de 50%).
- O modelo simplificado, sem o item ‘idioma’, teve comportamento idêntico ao KR1 em todos os quesitos. Com relação aos índices de *fit*, porém, mostrou-se superior ao modelo KR1, exceto para o índice PNFI.

- Por outro lado, quando se avaliaram os países isoladamente, a qualidade dos dois modelos piorou. Mesmo assim, o modelo KR2 foi o que atendeu melhor aos requisitos. Com relação aos índices de *fit*, o modelo KR2 teve o mesmo desempenho que o modelo KR1, exceto com relação ao índice PNFI, em que KR1 mostrou-se superior.

Tabela 5.22b – Síntese dos resultados da Análise Fatorial Confirmatória usando o questionário de Klein e Roth e modelos KR1 e KR2

Etapa	Todos os países		Argentina		Alemanha		Índia	
	KR1	KR2	KR1	KR2	KR1	KR2	KR1	KR2
5	+	+	+	+	+	+	+	+
6	+	+	+	+	+	+	+	+
7	+	+	+	+	-	+	-	+
8	+	+	+	+	-	+	-	+
9	+	+	+	+	+	+	+	+
10	+	+	+	+	+	+	+	+
11	+	+	-	+	-	próximo	-	próximo
12	+	+	+	+	+	+	-	+
13	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
14	próximo	próximo	-	próximo	-	-	-	-
15	+	+	+	+	+	+	+	+
16	+	+	+	+	+	+	-	+
17	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
18	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
19	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
20	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
21	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
22	+	+	+	+	+	próximo	+	+
23	-	-	-	-	-	-	-	-
24	pior	melhor	melhor	pior	igual	igual	igual	igual
χ^2/ gl	-	+	+	+	+	+	+	+
GFI	+	+	+	+	+	+	+	+
RMSEA	-	+	+	+	+	+	+	+
TLI	-	+	+	-	-	-	+	+
CFI	+	+	+	+	+	+	+	+
PNFI	melhor	pior	melhor	pior	melhor	pior	melhor	pior

Siglas:

- = não cumpre o requisito; + = cumpre o requisito; próximo = quase atende o requisito;
n.a. = não se aplica; comparação dos dois modelos: melhor, igual, pior.

Os modelos K1 e K2 produziram, portanto, resultados bastante similares, mas o desempenho do modelo KR2 é superior. Isto não é de estranhar, já que tanto na análise de correlações quanto na análise fatorial exploratória verificou-se que a variável 'idioma' apresentava problemas.

5.4.2 Distância psíquica de Sousa e Bradley

No que diz respeito à análise de correlação com todos os países reunidos, pode-se verificar que todas as correlações intra-construto (tabela 5.15) encontram-se acima de 0,35 e são significativas a 1%, o que sugere que os itens se referem ao mesmo construto, como seria de esperar. No entanto, quando se toma cada país em separado, a relação do item 'idioma' (C12) com os outros itens do construto se reduz e, para a Índia, a correlação chega a não ser significativamente diferente de zero para quatro itens do construto ('condições climáticas' – C1, 'poder de compra dos clientes' – C3, 'estilo de vida da população' - C5 e 'nível de alfabetização e instrução' – C7).

Análise Fatorial Exploratória

Segundo Hair et al (2006), para a aplicação de uma Análise Fatorial Exploratória é necessário uma amostra com mais de 100 observações e, ainda, que o número de observações seja no mínimo 5:1 (5 observações para cada item). Considerando todos os países reunidos dispõe-se de 1028 casos, com observações por item na proporção de 146,9:1; para o caso da análise individual dos países, têm-se 343 observações para Argentina e Alemanha e 342 observações para Índia, respectivamente 49:1 e 48,9:1. Os resultados da Análise Fatorial Exploratória são apresentados na tabela 5.23.

Tabela 5.23 – Análise Fatorial Exploratória – Sousa e Bradley

AFE - Argentina, Alemanha e Índia reunidos

	Fator	MSA	Comunalidades	Correlação Item-Total Corrigida	Matriz de correlação Inter-Item							
	1				C5	C4	C12	B5	C3	C7	C1	
C5 - Estilo de vida da população - C	0,871	0,857	0,760	0,798	1							
C4 - Hábitos e preferências dos consumidores - MA	0,830	0,888	0,689	0,743	0,757	1						
C12 - Idioma - C	0,810	0,924	0,656	0,721	0,680	0,605	1					
B5 - Valores culturais, crenças, atitudes e tradições - C	0,770	0,887	0,594	0,667	0,709	0,648	0,606	1				
C3 - Poder de compra dos clientes - MA	0,746	0,907	0,556	0,650	0,555	0,537	0,530	0,408	1			
C7 - Nível de alfabetização e instrução - MA	0,688	0,882	0,473	0,588	0,470	0,446	0,460	0,356	0,533	1		
C1 - Condições climáticas - F	0,659	0,895	0,434	0,558	0,443	0,406	0,437	0,363	0,482	0,531	1	
KMO =	0,890											
Variância Explicada =	59,45%			α Cronbach	0,884							

AFE - Argentina

	Fator	MSA	Comunalidades	Correlação Item-Total Corrigida	Matriz de correlação Inter-Item							
	1				C5	C4	B5	C1	C3	C7	C12	
C5 - Estilo de vida da população - C	0,814	0,795	0,663	0,676	1							
C4 - Hábitos e preferências dos consumidores - MA	0,751	0,788	0,564	0,595	0,615	1						
B5 - Valores culturais, crenças, atitudes e tradições - C	0,723	0,843	0,522	0,569	0,479	0,449	1					
C1 - Condições climáticas - F	0,662	0,784	0,438	0,507	0,467	0,302	0,482	1				
C3 - Poder de compra dos clientes - MA	0,605	0,888	0,366	0,450	0,410	0,393	0,305	0,238	1			
C7 - Nível de alfabetização e instrução - MA	0,605	0,884	0,365	0,452	0,377	0,338	0,310	0,360	0,305	1		
C12 - Idioma - C	0,424	0,916	0,179	0,296	0,274	0,254	0,230	0,170	0,181	0,145	1	
KMO =	0,825											
Variância Explicada =	44,25%			α Cronbach	0,781							

AFE - Alemanha

	Fator	MSA	Comunalidades	Correlação Item-Total Corrigida	Matriz de correlação Inter-Item							
	1				C4	C5	B5	C1	C3	C7	C12	
C4 - Hábitos e preferências dos consumidores - MA	0,783	0,819	0,613	0,635	1							
C5 - Estilo de vida da população - C	0,771	0,822	0,595	0,649	0,594	1						
B5 - Valores culturais, crenças, atitudes e tradições - C	0,708	0,842	0,502	0,555	0,512	0,526	1					
C1 - Condições climáticas - F	0,658	0,886	0,432	0,509	0,370	0,406	0,367	1				
C3 - Poder de compra dos clientes - MA	0,640	0,848	0,409	0,488	0,393	0,380	0,266	0,341	1			
C7 - Nível de alfabetização e instrução - MA	0,564	0,874	0,318	0,422	0,299	0,325	0,272	0,318	0,341	1		
C12 - Idioma - C	0,480	0,884	0,230	0,348	0,266	0,247	0,240	0,250	0,285	0,162	1	
KMO =	0,845											
Variância Explicada =	44,27%			α Cronbach	0,784							

Todos os países reunidos

Para o modelo com todos os países, obteve-se significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=3740,5; $pvalue < 0,0001$), indicando a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,890, superior a 0,7 como sugerido por Sharma (1996) e o MSA (*Measure of Sampling Adequacy*) de todos os itens foi superior a 0,5, como sugerido por Hair et al (2006). Foram, portanto, atendidas as exigências para que a Análise Fatorial Exploratória pudesse ser utilizada.

A explicação total foi de 60%. Todos os itens apresentaram carga em torno de 0,7, o que significa dizer que o fator levou em consideração cerca de 50% da variação de cada item (HAIR et al, 2006).

A confiabilidade do construto foi medida através do alfa de Cronbach, que obteve o valor de 0,884. Segundo Hair et al (2006), esta estatística deve ser superior a 0,6 em estudos exploratórios, ou 0,7 em estudos confirmatórios. As correlações item total corrigidas foram superiores a 0,5.

Argentina

Para o modelo da Argentina, também se obteve significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=589,4; $pvalue < 0,0001$), indicando a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,825, superior a 0,7 e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5. Foram, portanto, atendidas as exigências para que a Análise Fatorial Exploratória pudesse ser utilizada.

A explicação total foi apenas de 44% e, além disso, nem todos os itens apresentaram carga superior a 0,7. Da mesma forma que ocorreu com o instrumento de medida de Klein e Roth, a pior situação diz respeito ao item 'idioma' (C12) com carga 0,424, inferior a 0,5.

A confiabilidade do construto foi medida através do alfa de Cronbach, 0,781, superior a 0,6. Somente 4 das 7 correlações item total corrigidas foram superiores a 0,5.

Alemanha

A Alemanha obteve resultado semelhante ao da Argentina. Obteve-se significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=570,2; $pvalue < 0,0001$), indicando a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,784, superior a 0,7, e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5. Foram, portanto, atendidas as exigências para que a Análise Fatorial Exploratória pudesse ser utilizada.

A explicação total foi de apenas 44% e, além disso, nem todos os itens apresentaram carga superior a 0,7. O item 'idioma' (C12) obteve carga de 0,480 sem atingir, porém próxima, de 0,5.

A confiabilidade do construto foi medida através do alfa de Cronbach, 0,784, superior a 0,6. Somente 3 das 7 correlações item total corrigidas foram superiores a 0,5.

Índia

Para a Índia também se obteve significância estatística no teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=352,2; $pvalue < 0,0001$), indicando a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,764, superior a 0,7, e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5. Foram, portanto, atendidas as exigências para que a Análise Fatorial Exploratória pudesse ser utilizada.

A explicação total foi de 51%. com dois fatores. No entanto, o idioma (C12) apareceu sozinho no fator 2. Sendo assim, a variável foi excluída e nova Análise Fatorial Exploratória executada. Apesar de os itens 'nível de alfabetização e instrução' (C7) e 'valores culturais, crenças, atitudes e tradições' (B5) apresentarem cargas superiores a 0,3 em valor absoluto em mais de um fator, resolveu-se mantê-los durante a rodada seguinte.

A nova análise obteve significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=340,7; $pvalue < 0,0001$), indicando a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,766, superior a 0,7, e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5. Foram, portanto, atendidas as exigências para que a Análise Fatorial Exploratória pudesse ser utilizada.

A explicação total foi de apenas 41% e todos os itens apresentaram carga superior a 0,5 (o mais adequado seria 0,7). O item 'valores culturais, crenças, atitudes e tradições' (B5) apresentou o pior resultado, com carga de 0,509, mas ainda assim superior a 0,5.

A confiabilidade do construto foi medida através do alfa de Cronbach (0,706), superior a 0,6. Apenas 2 das 7 correlações item total corrigidas foram superiores a 0,5.

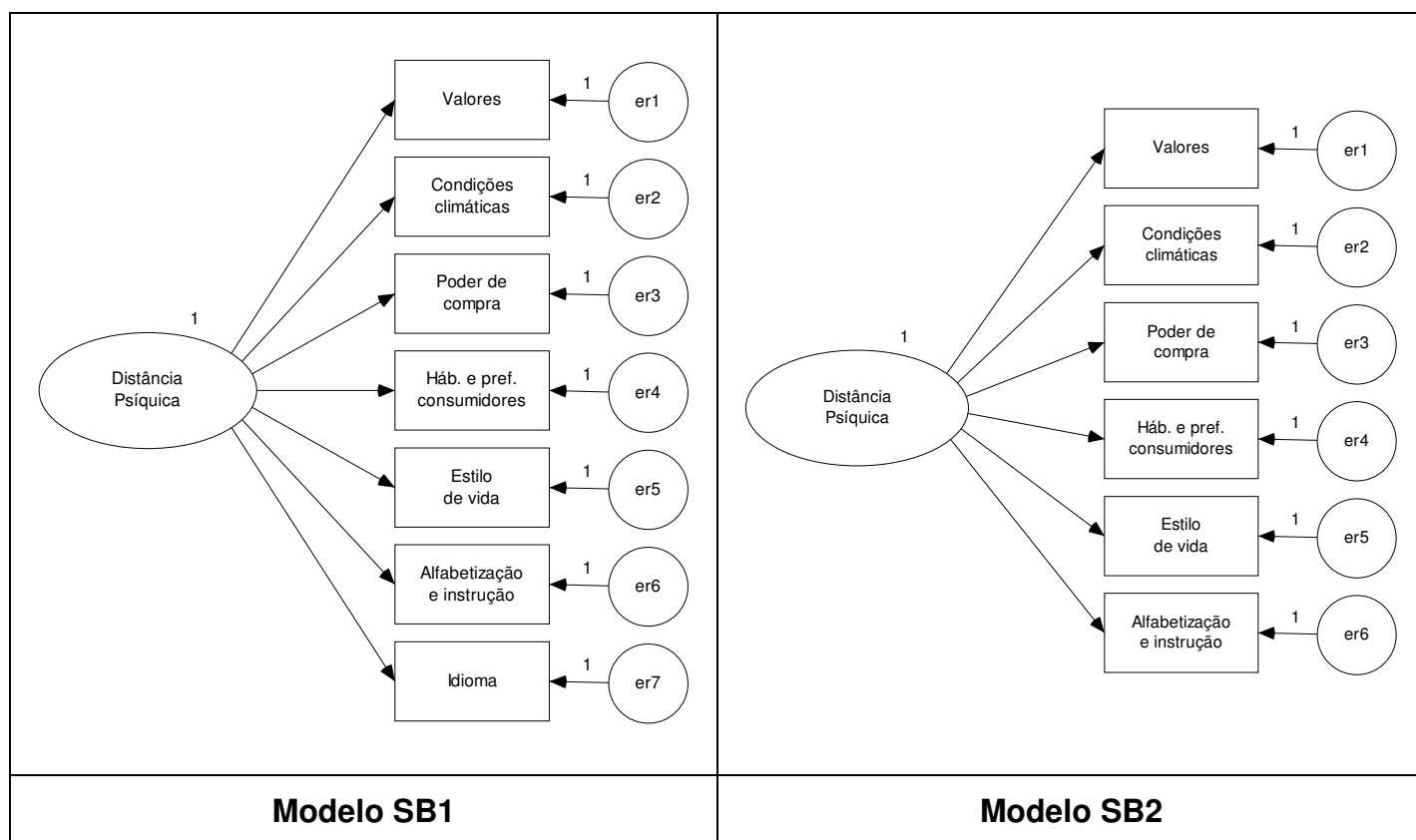
Análise Fatorial Confirmatória

Levando-se em consideração os resultados obtidos, decidiu-se avaliar na Análise Fatorial Confirmatória dois modelos de mensuração da distância psíquica a partir do instrumento de Sousa e Bradley:

- Modelo SB1 – Modelo sugerido pela literatura com sete itens ('valores culturais, crenças, atitudes e tradições' – B5; 'condições climáticas' – C1; 'poder de compra dos clientes' – C3; 'hábitos e preferências dos consumidores' – C4; 'estilo de vida da população' – C5; 'nível de alfabetização e instrução' – C7; e 'idioma' – C12) em um único fator; e
- Modelo SB2 – Modelo sugerido pela Análise Fatorial Exploratória para a análise de um único país com seis itens ('valores culturais, crenças, atitudes e tradições' – B5; 'condições climáticas' – C1; 'poder de compra dos clientes' – C3; 'hábitos e preferências dos consumidores' – C4; 'estilo de vida da população' – C5; 'nível de alfabetização e instrução' – C7) em um único fator.

Os dois modelos de mensuração para distância psíquica de Souza e Bradley são ilustrados na figura 5.6.

Figura 5.6 – Modelos de mensuração SB1 e SB2 para distância psíquica de Sousa e Bradley



Partiu-se, então, para estimar um modelo de mensuração, por meio de Análise Fatorial Confirmatória, e avaliar as propriedades dos construtos, em termos principalmente de uni-dimensionalidade, validade e confiabilidade. Foi novamente utilizado o roteiro de Carneiro (2007) adaptado para este estudo.

Todos os países reunidos

Foram encontrados 5 *outliers* pelo critério de distância de Mahalanobis (considerou-se apenas os 7 itens) entre os 1028 casos da amostra de todos os países reunidos. Decidiu-se pela não exclusão desses pontos por considerar que estes mesmos indivíduos poderiam participar da análise de outros modelos. A seguir apresentam-se os passos sugeridos por Carneiro (2007), que são aplicáveis ao presente estudo, e os resultados para cada passo.

5. “A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível.”

O requisito foi atendido para os dois modelos testados. A estimação pelo método ADF não produziu qualquer solução imprópria.

6. “Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção.”

O requisito foi atendido para os dois modelos.

7. “As correlações inter-itens intra-construto (*inter-item within-construct correlations*, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas.”

Para os dois modelos, os itens apresentaram correlação suficientemente alta (maior que 0,2) entre os itens de um mesmo construto. O requisito foi atendido para os dois modelos.

8. “As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas.”

Apesar de o software AMOS não fornecer esta informação, utilizaram-se os resultados dos testes de correlações realizados preliminarmente, em que se pode observar que todas as correlações inter-itens intra-construto foram estatisticamente significativas ao nível de 1%.

9. “A correlação média inter-itens intra-construto (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30.”

Não houve consideráveis diferenças entre as correlações baseadas na amostra e as correlações estimadas pelo software AMOS. Este requisito foi atendido para os dois modelos, quer fossem consideradas as correlações observadas, quer as estimadas pelo modelo de mensuração.

10. “A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto).”

O requisito foi atendido pelos dois modelos. As correlações item-total inter-construto não foi realizada.

11. “A magnitude de cada carga padronizada é suficiente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,707²) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático).”

No modelo SB1, todas as cargas padronizadas foram superiores a 0,638 e para o modelo SB2, todas as cargas padronizadas foram superiores a 0,535. O requisito foi, portanto, atendido pelos dois modelos.

12. “As cargas fatoriais são estatisticamente significativas.”

O requisito foi atendido ao nível de 0,001 pelos dois modelos.

O passo 13 não se aplica a este caso por se tratar de construto único. Segue-se com o passo 14.

14. “A variância média extraída (*average variance extracted, AVE*) de cada construto é maior ou igual a 0,50.”

Para os modelos SB1 e SB2, a AVE foi de 59%. Os dois modelos atenderam, portanto, ao requisito.

15. “As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas.”

Este requisito foi atendido pelos dois modelos.

16. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Para os dois modelos, alguns resíduos foram superiores a 3,84. Desta forma, nenhum dos modelos atendeu a este requisito.

Os passos 17, 18, 19, 20 e 21 não se aplicam a este caso por se tratar de um construto único. Segue-se com o passo 22.

“Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliado, verificando-se se:

22.O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60.”

Para o modelo SB1, a estatística ρ_c foi de 0,849 e, para o modelo SB2, a estatística ρ_c foi de 0,831, ambas acima do mínimo de 0,60, atendendo ao requisito.

23. “O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto.”

Para o modelo SB1, a estatística ρ_i variou de 0,320 até 0,671. Para o modelo SB2, a estatística ρ_i variou de 0,321 até 0,673. Como alguns indicadores estão abaixo de 0,5, os modelos são colocados sob suspeita.

“Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos:

24.Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (*goodness-of-fit*) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de *fit* podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário).”

Os índices apresentados devem servir de guia, mas a determinação da adequação do modelo deve depender do julgamento do pesquisador, visto que o valor de alguns itens pode sugerir a adequação do modelo e outros não.

Na tabela 5.24 são apresentados os índices de *fit* obtidos para os dois modelos. Pode-se verificar que, para quase todos os índices, o modelo SB1 e SB2 apresentaram bons resultados.

Tabela 5.24 – Índices de *fit* do modelo de mensuração da distância psíquica de Sousa e Bradley – Todos os países reunidos

Modelo	Absolutos				Relativos		Parcimônia
	χ^2	χ^2 / gl	GFI	RMSEA	TLI	CFI	PNFI
SB1	168,4**	12,0	0,965	0,104 IC(0,090; 0,118)	0,797	0,865	0,570
SB2	159,6**	17,7	0,963	0,128 IC(0,111; 0,145)	0,771	0,863	0,514

** *pvalue* inferior a 0,001

* *pvalue* inferior a 0,01

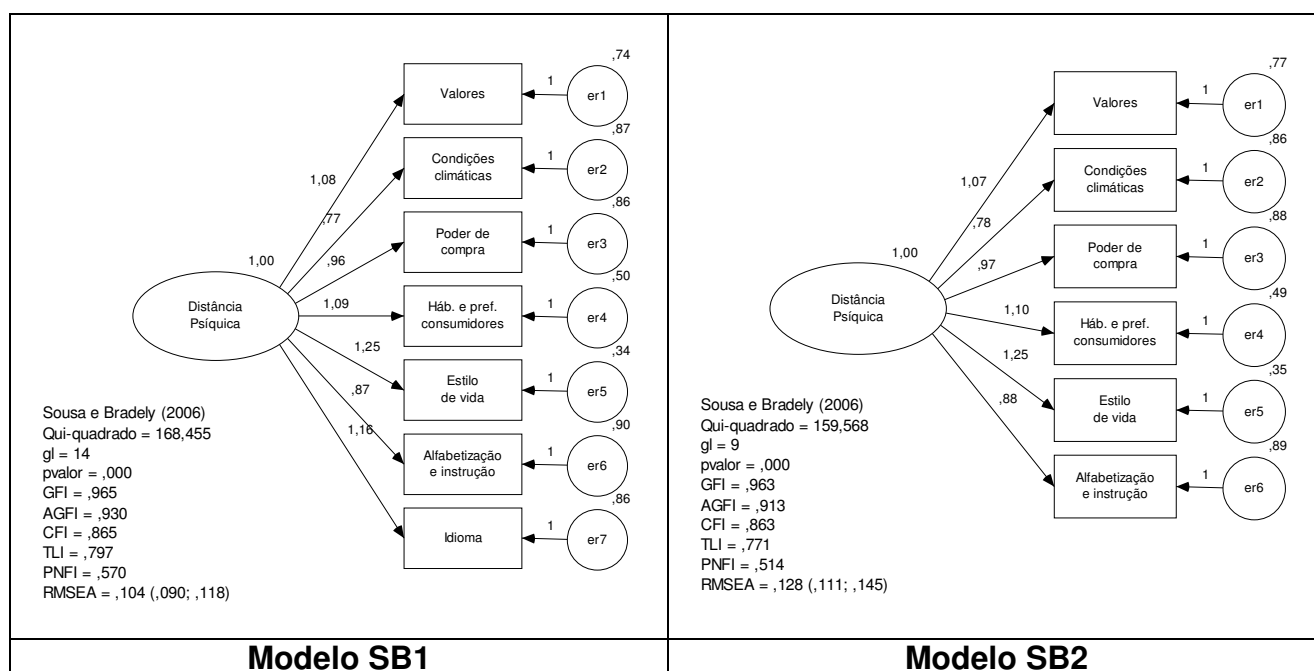
IC – intervalo de 95% de confiança para o RMSEA

De maneira geral, os dois modelos tiveram comportamento muito semelhante, quando considerados todos os países. No entanto, eles não atingem os índices de *fit* desejados, exceto para o GFI. O modelo SB1 é ligeiramente melhor do que o SB2 no que se refere ao índice PNFI (parcimônia).

Para todos os países reunidos, os modelos SB1 e SB2 (derivados do instrumento de Souza e Bradley) apresentam desempenho inferior ao dos modelos KR1 e KR2 (derivados do instrumento de Klein e Roth), no que se refere aos índices de *fit*. No que se refere ao índice PNFI (parcimônia), no entanto, os dois modelos apresentam resultados melhores do que os modelos KR1 e KR2.

Na figura 5.7 são apresentados os valores estimados pelo software AMOS para os dois modelos (SB1 e SB2).

Figura 5.7 – Modelos SB1 e SB2 para mensuração da distância psíquica de Souza e Bradley – Todos os países reunidos



Argentina

Foram encontrados 3 *outliers* pelo critério de distância de Mahalanobis (considerou-se apenas os 7 itens) entre os 343 casos da amostra relativos à Argentina. Decidiu-se pela não exclusão dos pontos, por considerar que os mesmos indivíduos poderiam participar da análise de outros modelos.

5. “A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível.”

O requisito foi atendido para os dois modelos testados. A estimação pelo método ADF não produziu qualquer solução imprópria.

6. “Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção.”

O requisito foi atendido para os dois modelos.

7. “As correlações inter-itens intra-construto (*inter-item within-construct correlations*, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas.”

Para o modelo SB1, o item ‘idioma’ (C12), quando correlacionado com os itens ‘condições climáticas’ (C1) e ‘nível de alfabetização e instrução’ (C7), apresentou correlações inferiores a 0,2, violando este requisito. Para o modelo SB2, todos os itens apresentaram correlação suficientemente alta (maior que 0,2) entre os itens do construto. Portanto, o requisito foi atendido somente para o modelo SB2.

8. “As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas.”

Apesar de o software AMOS não fornecer esta informação, utilizaram-se os resultados dos testes de correlações realizados preliminarmente, em que se pode observar que todas as correlações inter-itens intra-construto foram estatisticamente significativas ao nível de 1%, para os dois modelos.

9. “A correlação média inter-itens intra-construto (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30.”

Para o modelo SB1, como esperado, o item ‘idioma’ proporciona correlação média inter-itens intra-construto inferior a 0,3. Para o modelo SB2, só uma correlação foi

inferior a 0,3, mas a média foi superior. Este requisito não foi atendido pelo modelo SB1 e foi atendido pelo modelo SB2.

10. “A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto).”

O requisito foi atendido pelos dois modelos. A análise de correlações item-total inter-construto não foi realizada.

11. “A magnitude de cada carga padronizada é suficiente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,707²) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático).”

No modelo SB1, todas as cargas padronizadas, exceto para o item ‘idioma’ (C12), foram superiores a 0,5. Para o modelo SB2, todas as cargas padronizadas foram superiores a 0,5.

12. “As cargas fatoriais são estatisticamente significativas.”

O requisito foi atendido ao nível de 0,001 pelos dois modelos.

O passo 13 não se aplica a este caso por se tratar de um construto único. Segue-se com o passo 14.

14. “A variância média extraída (*average variance extracted, AVE*) de cada construto é maior ou igual a 0,50.”

Para o modelo SB1, a AVE foi de 41%, e para o modelo SB2, a AVE foi de 46%.

15. “As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas.”

Este requisito foi atendido pelos dois modelos.

16. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Para o modelo SB1 os resíduos foram inferiores a -2,432 e para o modelo SB2, -2,419. Sendo assim, os dois modelos atendem a este requisito.

Os passos 17, 18, 19, 20 e 21 não se aplicam a este caso, por se tratar de construto único. Segue-se com o passo 22.

“Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliado, verificando-se se:

22.O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60.”

Para o modelo SB1, a estatística ρ_c foi de 0,818 e, para o modelo SB2, a estatística ρ_c foi de 0,823, ambas acima do mínimo de 0,60.

23. “O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto.”

Para o modelo SB1 a estatística ρ_i variou de 0,250 até 0,695. Para o modelo SB2 a estatística ρ_i variou de 0,334 até 0,689. Como alguns indicadores estão abaixo de 0,5, os modelos são colocados sob suspeita.

“Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos

24.Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (*goodness-of-fit*) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de *fit* podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário).”

Na tabela 5.25 são apresentados os índices de *fit* obtidos para os dois modelos. Pode-se verificar que os resultados são equivalentes para os modelos SB1 e SB2, com ambos obtendo índices relativos de *fit* insuficientes (abaixo de 0,92). O modelo SB1 apresenta um PNFI melhor.

Tabela 5.25 – Índices de *fit* do modelo de mensuração da distância psíquica de Sousa e Bradley – Argentina

Modelo	Absolutos				Relativos		Parcimônia
	χ^2	χ^2 / gl	GFI	RMSEA	TLI	CFI	PNFI
SB1	28,197*	2,014	0,961	0,054 (0,024; 0,083)	0,815	0,877	0,529
SB2	26.936*	2,993	0,960	0,076 (0,044; 0,110)	0,740	0,844	0,476

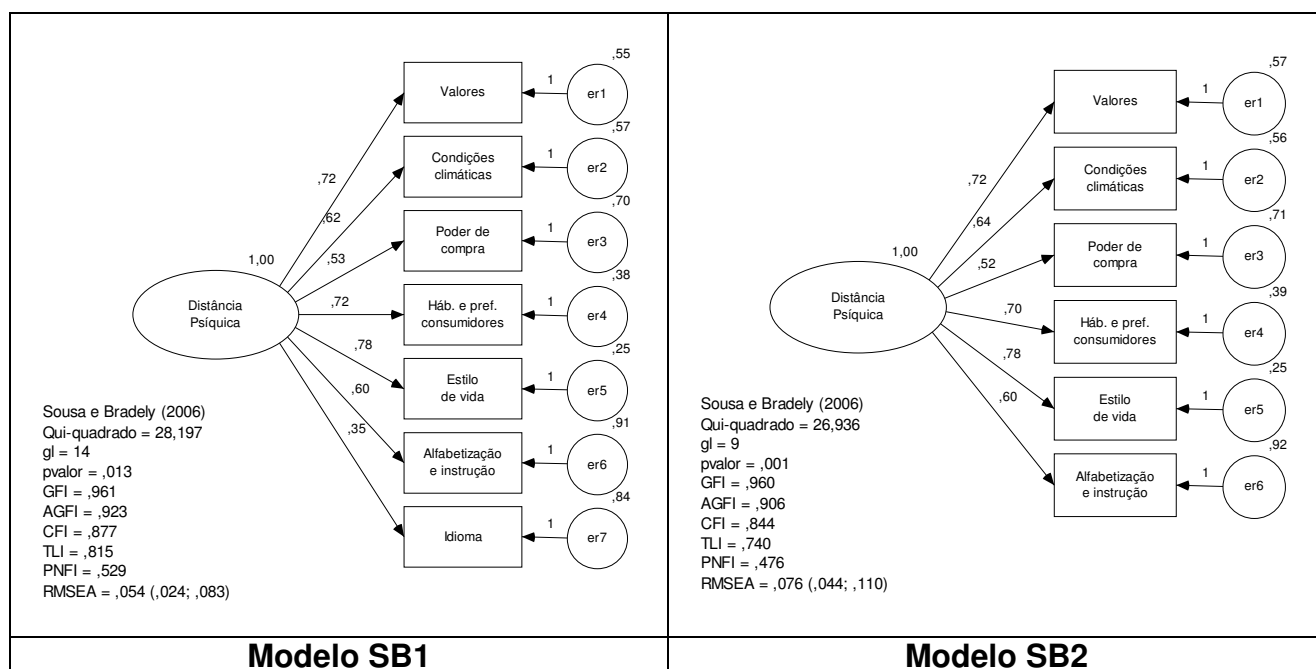
* *pvalue* inferior a 0,05

IC – intervalo de 95% de confiança para o RMSEA

De modo geral, na avaliação da Argentina, o modelo SB2, sem o item ‘idioma’, mostrou-se bem superior ao modelo SB1. No que se refere ao *fit*, os dois modelos obtiveram resultados similares, exceto no que se refere ao índice de parcimônia, em que o modelo SB1 supera SB2. Este é, porém, o único quesito em que SB1 supera SB2.

Na figura 5.8 são apresentados os valores estimados pelo software AMOS para os dois modelos (SB1 e SB2).

Figura 5.8 – Modelos SB1 e SB2 para mensuração da distância psíquica de Sousa e Bradley – Argentina



Alemanha

Foram encontrados 2 *outliers* pelo critério de distância de Mahalanobis (considerou-se apenas os 7 itens) entre os 343 casos da amostra para a Alemanha. Decidiu-se pela não exclusão destes pontos, considerando-se considerar que os mesmos indivíduos poderiam participar da análise de outros modelos.

5. “A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível.”

O requisito foi atendido para os dois modelos testados. A estimação pelo método ADF não produziu qualquer solução imprópria.

6. “Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção.”

O requisito foi atendido para os dois modelos.

7. “As correlações inter-itens intra-construto (*inter-item within-construct correlations*, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas.”

Para o modelo SB1, o item ‘idioma’ (C12), quando correlacionado com o item ‘nível de alfabetização e instrução’ (C7) apresentou correlação 0,152, inferior a 0,2, violando este requisito. Para o modelo SB2, todos os itens apresentaram correlação suficientemente alta (maior que 0,2) entre os itens do construto. O requisito foi atendido somente para o modelo SB2.

8. “As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas.”

Apesar de o software AMOS não fornecer esta informação, utilizaram-se os resultados dos testes de correlações realizados preliminarmente, em que se pode observar que todas as correlações inter-itens intra-construto foram estatisticamente significativas ao nível de 1%, para os dois modelos.

9. “A correlação média inter-itens intra-construto (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30.”

Para o modelo SB1, como esperado, o item ‘idioma’ (C12) produz correlação média inter-itens intra-construto inferior a 0,3. Para o modelo SB2, a correlação média foi superior a 0,3, embora duas correlações inter-itens tenham sido inferiores a 0,3. Assim sendo, este requisito não foi atendido pelo modelo SB1 e foi atendido pelo modelo SB2.

10. “A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto).”

O requisito foi atendido pelos dois modelos. A análise de correlações item-total inter-construto não foi realizada.

11. “A magnitude de cada carga padronizada é suficiente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,707²) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático).”

No modelo SB1, todas as cargas padronizadas, exceto para o item ‘idioma’ (C12), foram superiores a 0,448. Para o modelo SB2, todas as cargas padronizadas foram superiores a 0,439.

12. “As cargas fatoriais são estatisticamente significativas.”

O requisito foi atendido ao nível de 0,001 pelos dois modelos.

O passo 13 não se aplica a este caso por se tratar de um construto único. Segue-se com o passo 14.

14. “A variância média extraída (*average variance extracted, AVE*) de cada construto é maior ou igual a 0,50.”

Para o modelo SB1, a AVE foi de 36% e, para o modelo SB2, a AVE foi de 40%.

O requisito não foi atendido pelos dois modelos.

15. “As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas.”

Este requisito foi atendido pelos dois modelos.

16. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Para o modelo SB1, os resíduos foram inferiores a -2,470 e, para o modelo SB2, a -2,219. Sendo assim, os dois modelos atendem a este requisito.

Os passos 17, 18, 19, 20 e 21 não se aplicam a este caso, por se tratar de construto único. Segue-se com o passo 22.

“Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliada, verificando-se se:

22.O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60.”

Para o modelo SB1, a estatística ρ_c foi de 0,818 e, para o modelo SB2, a estatística ρ_c foi de 0,798, ambas acima do mínimo de 0,60. Portanto, os dois modelos atendem ao requisito.

23. “O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto.”

Para o modelo SB1, a estatística ρ_i variou de 0,196 até 0,531. Para o modelo SB2, a estatística ρ_i variou de 0,302 até 0,535. Como alguns indicadores estão abaixo de 0,5 os modelos são colocados sob suspeita.

“Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos:

24.Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (*goodness-of-fit*) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de *fit* podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário).”

Na tabela 5.26 são apresentados os índices de *fit* obtidos para os dois modelos. Pode-se verificar que, para quase todos os índices, o modelo SB2 apresentou índices de *fit* melhores, em linhas gerais, mas o modelo SB1 apresentou o índice PNFI (parcimônia) melhor.

De maneira geral, o modelo SB2, sem o item ‘idioma’, mostrou-se superior ao modelo SB1, inclusive no que se refere ao *fit*, embora perca no índice de parcimônia. Na figura 5.9 são apresentados os valores estimados pelo software AMOS para os dois modelos (SB1 e SB2).

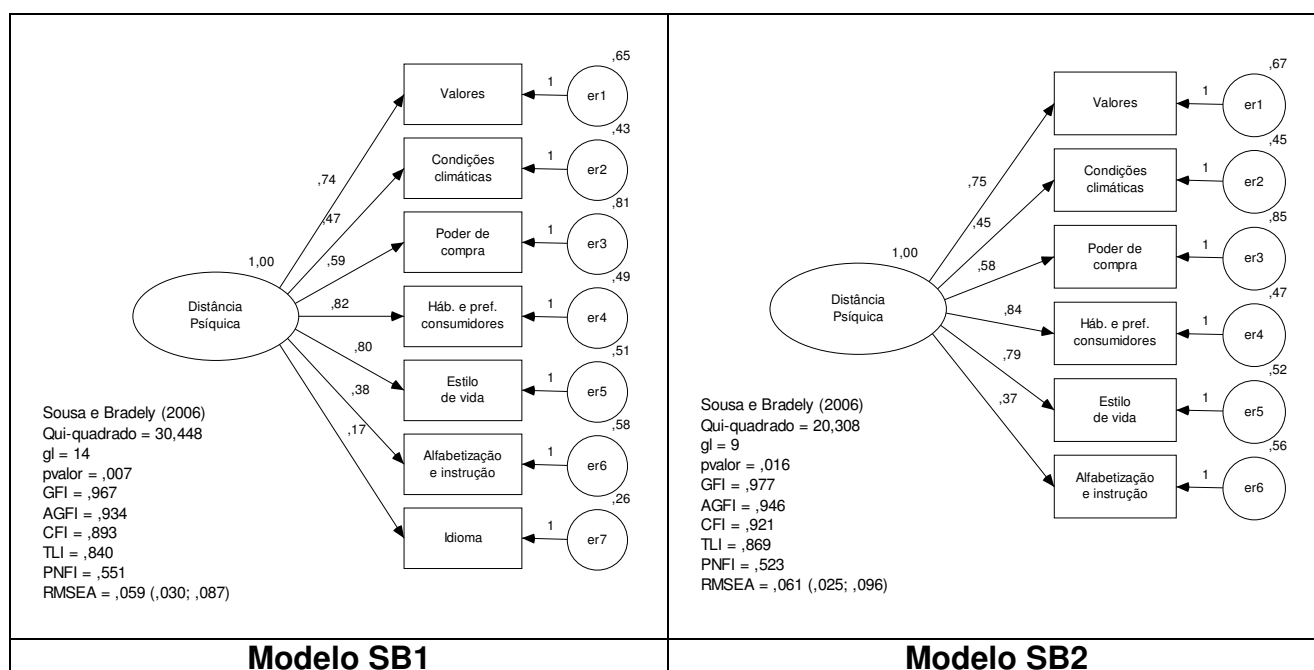
Tabela 5.26 – Índices de *fit* do modelo de mensuração da distância psíquica de Sousa e Bradley – Alemanha

Modelo	Absolutos				Relativos		Parcimônia
	χ^2	χ^2 / gl	GFI	RMSEA	TLI	CFI	PNFI
SB1	30,448**	2,175	0,967	0,059 (0,030; 0,087)	0,840	0,893	0,551
SB2	20,308**	2,256	0,977	0,061 (0,025; 0,096)	0,869	0,921	0,523

** *pvalue* inferior a 0,001

IC – intervalo de 95% de confiança para o RMSEA

Figura 5.9 – Modelos SB1 e SB2 para mensuração da distância psíquica de Sousa e Bradley – Alemanha



Índia

Foram encontrados 5 *outliers* pelo critério de distância de Mahalanobis (considerou-se apenas os 7 itens) entre os 342 casos da amostra para a Índia. Decidiu-se pela não exclusão destes pontos por se considerar que os mesmos indivíduos poderiam participar da análise de outros modelos.

5. “A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível.”

O requisito foi atendido para os dois modelos testados. A estimação pelo método ADF não produziu qualquer solução imprópria.

6. “Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção.”

O requisito foi atendido para os dois modelos.

7. “As correlações inter-itens intra-construto (*inter-item within-construct correlations*, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas.”

Para o modelo SB1, o item ‘idioma’ (C12), quando correlacionado com os itens ‘condições climáticas’ (C1), ‘poder de compra dos clientes’ (C3), ‘estilo de vida da população’ (C5) e ‘nível de alfabetização e instrução’ (C7) apresentou correlações próximas a zero, violando este requisito. Para o modelo SB2, todos os itens apresentaram correlação suficientemente alta (maior que 0,2) entre os itens do construto. O requisito foi atendido somente pelo modelo SB2.

8. “As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas.”

Apesar de o software AMOS não fornecer esta informação, utilizaram-se os resultados dos testes de correlações realizados preliminarmente, em que se pode observar que todas as correlações inter-itens intra-construto foram estatisticamente significativas ao nível de 1%, para o modelo SB2. Para o modelo SB1, as correlações citadas no passo 7 não foram estatisticamente significativas.

9. “A correlação média inter-itens intra-construto (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30.”

Para o modelo SB1, como esperado, o item ‘idioma’ produz correlação média inter-itens intra-construto inferior a 0,3. Para o modelo SB2, mesmo sem o item ‘idioma’, ocorreram várias correlações inferiores a 0,3. Este requisito não foi atendido por nenhum dos dois modelos.

10. “A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto).”

O requisito foi atendido pelos dois modelos. A correlação item-total inter-construto não foi realizada.

11. “A magnitude de cada carga padronizada é suficiente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,707²) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático).”

No modelo SB1, as cargas padronizadas variaram de 0,356 a 0,795, exceto para idioma (C12), que foi de 0,079. Para o modelo SB2, as cargas padronizadas variaram de 0,374 a 0,807. Os dois modelos não atendem a este requisito.

12. “As cargas fatoriais são estatisticamente significativas.”

O requisito foi atendido ao nível de 0,001 pelos dois modelos.

O passo 13 não se aplica a este caso por se tratar de um construto único. Segue-se com o passo 14.

14. “A variância média extraída (*average variance extracted, AVE*) de cada construto é maior ou igual a 0,50.”

Para o modelo SB1, a AVE foi de 27% e, para o modelo SB2, a AVE foi de 31,4%.

Nenhum dos dois modelos atende ao requisito.

15. “As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas.”

Este requisito foi atendido pelos dois modelos.

16. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Para o modelo SB1, os resíduos não foram inferiores a 3,89. Para o modelo SB2, todos os resíduos padronizados foram inferiores a 2,107. Sendo assim, só o modelo SB2 atende a este requisito.

Os passos 17, 18, 19, 20 e 21 não se aplicam a este caso por se tratar de um construto único. Segue-se com o passo 22.

“Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliado, verificando-se se:

22.O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60.”

Para o modelo SB1, a estatística ρ_c foi de 0,699 e, para o modelo SB2, a estatística ρ_c foi de 0,695, ambas acima do mínimo de 0,60. Os dois modelos, portanto, atenderam ao requisito.

23. “O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto.”

Para o modelo SB1, a estatística ρ_i variou de 0,136 até 0,729, com a estatística relativa a idioma igual a 0,006. Para o modelo SB2, a estatística ρ_i variou de 0,133

até 0,648. Como alguns indicadores estão abaixo de 0,5, os modelos são colocados sob suspeita.

“Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos

24.Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (*goodness-of-fit*) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de *fit* podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário).”

Na tabela 5.27 são apresentados os índices de *fit* obtidos para os dois modelos. Pode-se verificar que para quase todos os índices, os modelos SB1 e SB2 apresentaram resultados equivalentes. A única exceção foi o PNFI, que foi melhor para o modelo SB1.

Tabela 5.27 – Índices de *fit* do modelo de mensuração da distância psíquica de Sousa e Bradley – Índia

Modelo	Absolutos				Relativos		Parcimônia
	χ^2	χ^2/ gl	GFI	RMSEA	TLI	CFI	PNFI
SB1	32,041**	2,289	0,971	0,061 (0,033; 0,090)	0,787	0,858	0,522
SB2	20,856**	2,317	0,980	0,062 (0,027; 0,098)	0,823	0,894	0,501

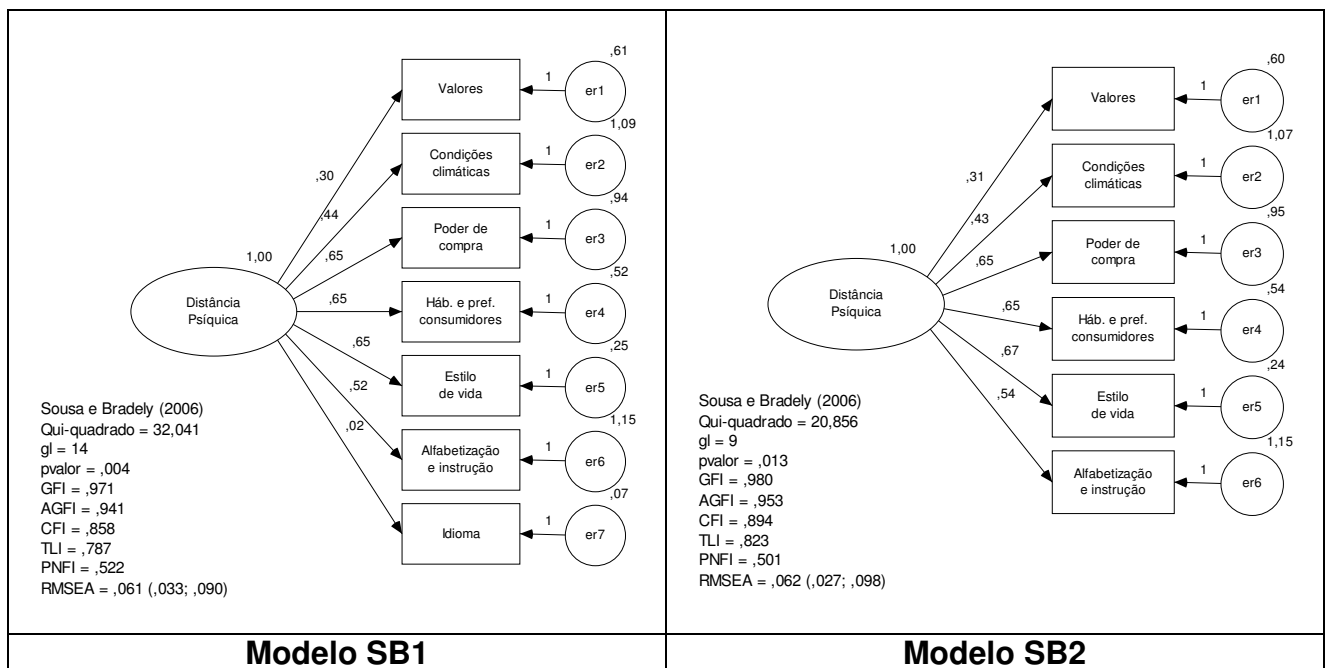
** *pvalue* inferior a 0,01

IC – intervalo de 95% de confiança para o RMSEA

De maneira geral, o modelo SB2, sem o item ‘idioma’, obteve resultados superiores ao modelo SB1. No entanto, os dois modelos podem ser considerados inferiores aos modelos KR1 e KR2.

Na figura 5.10 são apresentados os valores estimados pelo software AMOS para os dois modelos (SB1 e SB2).

Figura 5.10 – Modelos SB1 e SB2 para mensuração da distância psíquica de Sousa e Bradley – Índia



Resumo dos resultados

Os resultados da avaliação dos modelos SB1 e SB2, baseados no instrumento de Souza e Bradley, indicam que (tabela 5.27b):

- O modelo original de Sousa e Bradley (SB1) com os sete itens teve um comportamento fraco (particularmente no que se refere aos índices de *fit*), quando avaliado com todos os países. O índice de confiabilidade foi baixo para os itens individualmente. A confiabilidade do construto foi de 0,849 com variância média extraída em torno de 59%.

- O modelo simplificado (SB2), sem o item 'idioma', teve comportamento idêntico ao SB1 em todos os quesitos, para 'todos os países'. Com relação aos índices de *fit*, mostrou-se igual ao modelo SB1, exceto para o índice PNFI, em que foi pior.
- Por outro lado, quando os países foram avaliados isoladamente, a qualidade geral dos dois modelos piorou, mas não para os índices de *fit*, que melhoraram. Mesmo assim, o modelo SB2, de forma geral, foi o que atendeu melhor aos requisitos. Com relação aos índices de *fit*, o modelo SB2 teve, em geral, desempenho similar ao do modelo SB1, exceto com relação ao índice PNFI, em que SB1 mostrou-se consistentemente superior.
- Observe-se que, em geral, o desempenho dos modelos tende a piorar na avaliação dos países mais distantes, comparativamente aos mais próximos para o conjunto dos itens, embora os índices de *fit* tenham comportamento equivalente.
- De forma geral, os modelos SB1 e SB2 tiveram desempenho pior do que KR1 e KR2. No entanto, o padrão obtido com a aplicação dos quatro modelos foi semelhante.

Tabela 5.27b – Síntese dos resultados da Análise Fatorial Confirmatória usando o questionário de Sousa e Bradley e modelos SB1 e SB2

Etapa	Todos os países		Argentina		Alemanha		Índia	
	SB1	SB2	SB1	SB2	SB1	SB2	SB1	SB2
5	+	+	+	+	+	+	+	+
6	+	+	+	+	+	+	+	+
7	+	+	-	+	-	+	-	+
8	+	+	+	+	+	+	-	+
9	+	+	-	+	-	+	-	-
10	+	+	+	+	+	+	+	+
11	+	+	-	+	-	próximo	-	-
12	+	+	+	+	+	+	+	+
13	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
14	+	+	-	próximo	-	-	-	-
15	+	+	+	+	+	+	+	+
16	-	-	+	+	+	+	-	+
17	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
18	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
19	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
20	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
21	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
22	+	+	+	+	+	+	+	+
23	-	-	-	-	-	-	-	-
24	igual	igual	igual	igual	pior	melhor	igual	igual
χ^2/ gl	-	-	+	+	+	+	+	+
GFI	+	+	+	+	+	+	+	+
RMSEA	-	-	+	+	+	+	+	+
TLI	-	-	-	-	-	-	-	-
CFI	-	-	-	-	-	+	-	-
PNFI	melhor	pior	melhor	pior	melhor	pior	melhor	pior

Siglas:

- = não cumpre o requisito; + = cumpre o requisito; próximo = quase atende o requisito; n.a. = não se aplica; comparação dos dois modelos: melhor, igual, pior.

5.4.3 Distância Cultural de Evans, Mavondo e Bridson

No que diz respeito à análise com todos os países reunidos, pode-se verificar que as correlações intra-construto (tabela 5.16) não apresentam valores acima de 0,2 para todos os itens, apesar de todas as correlações serem significativamente diferentes de zero a 5% ou 1%. Este comportamento pode indicar multidimensionalidade do construto, quando alguns itens são relacionados em

grupos distintos, ou ainda pode indicar que um determinado item não faz parte daquele construto, quando este item não estiver relacionado com nenhum outro item do construto. Quando se toma cada país individualmente, percebe-se o mesmo comportamento com leve diminuição dos valores das correlações.

Análise Fatorial Exploratória

Segundo Hair et al (2006), para a aplicação de uma Análise Fatorial Exploratória é necessário uma amostra com mais de 100 observações e número mínimo de observações de 5:1. Considerando todos os países reunidos têm-se 1028 observações com 41,12:1; para o caso da análise individual dos países têm-se 343 observações para Argentina e Alemanha e 342 observações para Índia, com respectivamente 13,72:1 e 13,68:1. Os resultados da Análise Fatorial Exploratória são apresentados na tabela 5.28.

Tabela 5.28 – Análise Fatorial Exploratória – Evans, Mavondo e Bridson

AFE - Argentina, Alemanha e Índia reunidos						
	Construto	Fator			MSA	Comunalidades
		1	2	3		
C15 - Principais meios para resolver conflitos entre pessoas - CMF	Negociação / Regras de poder	0,859	0,179	-0,027	0,835	0,770
C14 - Método habitual de mudança política - CDP		0,847	0,100	0,077	0,867	0,734
C16 - Regras sociais para orientar o comportamento - CFI		0,818	0,278	-0,132	0,831	0,764
C13 - Critérios para chegar a posições de poder e influência - CDP		0,807	0,170	0,152	0,885	0,704
E9 - Importância atribuída à reputação e à honra pessoal - CLC	Honestidade	0,128	0,720	0,123	0,782	0,550
E7 - Importância atribuída ao sucesso financeiro - CMF		0,199	0,705	-0,062	0,825	0,540
E11 - Importância atribuída à virtude - CLC		0,132	0,695	0,191	0,780	0,536
E1 - Importância atribuída aos símbolos de status social - CDP		0,141	0,635	0,136	0,820	0,442
D3 - Desigualdade econômica entre as pessoas - CDP	(Des)igualdade	0,020	0,135	0,891	0,596	0,812
D4 - Diferença entre o salário mais alto e o mais baixo nas empresas - CDP		0,025	0,153	0,886	0,608	0,808
KMO =		0,798				
Variância Explicada =		66,60%				

AFE - Argentina						
	Construto	Fator			MSA	Comunalidades
		1	2	3		
C15 - Principais meios para resolver conflitos entre pessoas - CMF	Negociação / Regras de poder	0,843	-0,037	0,071	0,751	0,717
C14 - Método habitual de mudança política - CDP		0,805	0,054	-0,030	0,797	0,652
C16 - Regras sociais para orientar o comportamento - CFI		0,802	0,034	0,001	0,763	0,645
C13 - Critérios para chegar a posições de poder e influência - CDP		0,760	-0,016	0,062	0,834	0,581
D3 - Desigualdade econômica entre as pessoas - CDP	(Des)igualdade	-0,024	0,832	0,070	0,523	0,697
D4 - Diferença entre o salário mais alto e o mais baixo nas empresas - CDP		0,042	0,826	0,067	0,521	0,689
D9 - Fé nos jovens - CFI	Igualdade / Inovação	0,003	-0,061	0,838	0,396	0,707
E2 - Importância atribuída à igualdade perante a lei - CDP		0,051	0,184	0,614	0,539	0,413
KMO =		0,736				
Variância Explicada =		63,77%				

Onde: CDP – Distância do Poder; CFI – Fuga à incerteza; CIC – Individualismo/Coletivismo; CMF – Masculinidade/Feminilidade e CLC – Or. de longo prazo/

Or. de curto prazo

Tabela 5.28 – Análise Fatorial Exploratória – Evans, Mavondo e Bridson (continuação)

AFE - Alemanha	Construto	Fator			MSA	Comunalidades
		1	2	3		
C15 - Principais meios para resolver conflitos entre pessoas - CMF	Negociação / Regras de poder	0,802	-0,234	-0,180	0,748	0,730
C16 - Regras sociais para orientar o comportamento - CFI		0,740	<u>-0,309</u>	-0,166	0,775	0,670
C14 - Método habitual de mudança política - CDP		0,734	-0,215	-0,161	0,842	0,611
C13 - Critérios para chegar a posições de poder e influência - CDP		0,715	-0,144	-0,177	0,831	0,563
D4 - Diferença entre o salário mais alto e o mais baixo nas empresas - CDP	(Des)igualdade / Esforço próprio	0,038	0,698	-0,175	0,660	0,520
D3 - Desigualdade econômica entre as pessoas - CDP		0,050	0,663	-0,247	0,629	0,503
E10 - Importância atribuída ao trabalho árduo para o sucesso a longo prazo - CLC		<u>0,365</u>	0,644	-0,067	0,636	0,552
E11 - Importância atribuída à virtude - CLC	Liberdade	<u>0,374</u>	0,644	-0,082	0,627	0,561
D5 - Liberdade de imprensa - CIC		<u>0,397</u>	0,101	0,742	0,629	0,719
D6 - Respeito à liberdade individual - CIC		<u>0,438</u>	0,232	0,665	0,662	0,688
KMO =		0,723				
Variância Explicada =		61,17%				

AFE - Índia	Construto	Fator					MSA	Comunalidades
		1	2	3	4	5		
E1 - Importância atribuída aos símbolos de status social - CDP	Status	0,856	-0,047	-0,005	0,010	0,122	0,581	0,749
E7 - Importância atribuída ao sucesso financeiro - CMF		0,812	0,222	0,010	0,060	0,070	0,612	0,718
E11 - Importância atribuída à virtude - CLC	Virtude	0,056	0,859	0,070	-0,038	0,098	0,568	0,758
E9 - Importância atribuída à reputação e à honra pessoal - CLC		0,095	0,799	-0,050	0,208	-0,027	0,593	0,693
C13 - Critérios para chegar a posições de poder e influência - CDP	Poder	0,106	0,000	0,848	0,050	0,056	0,507	0,735
C14 - Método habitual de mudança política - CDP		-0,100	0,022	0,845	0,044	-0,017	0,499	0,728
D6 - Respeito à liberdade individual - CIC	Liberdade	-0,046	0,022	0,125	0,838	0,120	0,547	0,736
D11 - Liberdade das pessoas expressarem suas emoções - CFI		0,113	0,129	-0,023	0,814	-0,076	0,563	0,698
D4 - Diferença entre o salário mais alto e o mais baixo nas empresas - CDP	(Des)igualdade	0,018	0,104	0,022	-0,051	0,811	0,548	0,671
D3 - Desigualdade econômica entre as pessoas - CDP		0,165	-0,036	0,015	0,091	0,760	0,566	0,615
KMO =		0,561						
Variância Explicada =		71,01%						

Onde: CDP – Distância do Poder; CFI – Fuga à incerteza; CIC – Individualismo/Coletivismo; CMF – Masculinidade/Feminilidade e CLC – Or. de longo prazo/

Or. de curto prazo

Todos os países reunidos

Para o modelo com todos os países, obteve-se significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=3271,9; $pvalue < 0,0001$), indicando a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,798, superior a 0,7 e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5. Foram, portanto, atendidas as exigências para uso da Análise Fatorial Exploratória.

O modelo resultante da etapa de purificação apresenta explicação total de 67% e, além disso, pode-se observar que todos os itens apresentam carga em torno de 0,7, o que representa dizer que o fator levou em consideração cerca de 50% da variação de cada item (HAIR et al, 2006).

No entanto, as três dimensões que emergem são distintas das cinco dimensões culturais postuladas por Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988) e encontradas por Evans, Mavondo e Bridson (2008), utilizando o mesmo instrumento de medida.

Em decorrência deste resultado, a medida de Distância Cultural de Evans, Mavondo e Bridson não foi utilizada em etapas posteriores deste estudo, para o caso de todos os países reunidos.

Argentina

Para a Argentina, também se obteve significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=547,052; $pvalue < 0,0001$), indicando a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de

adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,736, superior a 0,7, e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5. Foram, assim, atendidas as exigências para uso da Análise Fatorial Exploratória.

O modelo resultante da etapa de purificação apresenta explicação total de 64% e, além disso, quase todos os itens apresentam carga superior a 0,7. No entanto, as dimensões que emergem são distintas das cinco dimensões culturais de Hofstede e Hofstede e Bond, e distintas das encontradas por Evans, Mavondo e Bridson (2008). Foram encontradas apenas três dimensões, que não equivalem às consagradas na literatura.

Assim sendo, a medida de distância cultural de Evans, Mavondo e Bridson não foi utilizada em etapas posteriores deste estudo para a Argentina.

Alemanha

Obteve-se, no caso da Alemanha, resultado semelhante ao da Argentina. Os testes realizados para uso da Análise Fatorial Exploratória tiveram bons resultados. Obteve-se significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=857,7; $pvalue < 0,0001$), indicando a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,723, superior a 0,7, e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5.

O modelo resultante da etapa de purificação apresenta explicação total de 61%. Nem todos os itens apresentam carga superior a 0,7. Além disso, as três dimensões que emergem são distintas das cinco dimensões culturais consagradas na literatura. Desta forma, o instrumento de mensuração da

distância cultural de Evans, Mavondo e Bridson não foi utilizado em etapas posteriores deste estudo para a Alemanha.

Índia

Para a Índia, obteve-se significância estatística no teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=401,3; $pvalue < 0,0001$), indicando a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,561, inferior, portanto, a 0,7. O MSA de todos os itens foi superior a 0,5. As exigências para que a Análise Fatorial Exploratória pudesse ser utilizada foram atendidas apenas parcialmente.

O modelo resultante da etapa de purificação apresenta explicação total de 71% com cinco fatores com apenas dois itens em cada fator, todos com carga superior a 0,7. Mesmo assim, as dimensões que emergem são distintas das cinco dimensões culturais consagradas na literatura. Desta forma, o instrumento de mensuração da distância cultural de Evans, Mavondo e Bridson não foi utilizado em etapas posteriores deste estudo, para a Índia.

Resumo dos resultados

Como se pode observar nas análises realizadas, as dimensões que emergem da aplicação deste instrumento de medida neste estudo são distintas das cinco dimensões culturais postuladas por Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988) e encontradas por Evans, Mavondo e Bridson (2008) aplicando o mesmo instrumento. Não só as cinco dimensões originais não aparecem, como os resultados para cada país são distintos, com número de fatores distintos e

formação distinta de fatores. Estes resultados sugerem sérios problemas com o instrumento de medida.

No entanto, os resultados são extremamente interessantes, pois contrariam aqueles apresentados pelos próprios autores (EVANS, MAVONDO E BRIDSON, 2008), em estudo no setor varejista. No capítulo final deste estudo, especula-se sobre possíveis motivos para a obtenção deste resultado, que giram em torno de:

- efeito das modificações introduzidas no instrumento original de coleta de dados no presente estudo;
- possível viés (efeito-halo) derivado do formato do questionário usado na coleta original de dados realizada por Evans, Mavondo e Bridson (2008);
- possível viés originário de diferenças entre as amostras do estudo de Evans, Mavondo e Bridson (2008) e do presente estudo.

No entanto, os problemas encontrados com a aplicação deste instrumento levaram à sua exclusão do restante do estudo, por não apresentar resultados válidos e confiáveis.

5.4.4 Distância psíquica medida por dimensões-síntese

O quarto modelo testado foi proposto no presente trabalho, e se baseia em 'dimensões-síntese'. O modelo é formado pelas quatro dimensões que constituem o domínio conceitual do construto, segundo a literatura: dimensão cultural, dimensão de negócios, dimensão do macroambiente e dimensão física.

A proposta do modelo é a de utilizar uma medida única – com base na teoria da Gestalt - para cada uma das quatro dimensões. Este modelo seria mais

parcimonioso (apenas quatro escalas), mas cobriria todo o espectro conceitual do construto. Além disso, fugiria às limitações inerentes às medidas de item único, quando aplicadas a um construto complexo, como o de distância psíquica. Por outro lado, estaria mais próximo do conceito de construto-síntese do que as demais medidas de itens múltiplos.

As dimensões e suas respectivas medidas de item único são apresentadas a seguir:

- Dimensão Cultural: medida pela percepção de diferenças em 'valores culturais, crenças, atitudes e tradições' (B5);
- Dimensão de Negócios: medida pela percepção de diferenças na 'forma de se fazer negócios' (B3);
- Dimensão de Macroambiente: medida pela percepção de diferenças no 'ambiente político, social e econômico' (B2); e
- Dimensão Física: medida pela percepção de diferenças no 'meio ambiente físico ou natural' (B1).

No que diz respeito à análise com todos os países reunidos, pode-se verificar que todas as correlações intra-construto (tabela 5.29 – extraído da tabela 5.17) encontram-se acima de 0,46 e são significativas a 1%, o que sugere que os itens se referem ao mesmo construto, como seria de esperar. O mesmo comportamento, com redução do grau da correlação, é verificado para os países em separado.

Tabela 5.29 – Matriz de correlação das dimensões-síntese

	Dimensão	Item		Item			
				B5	B3	B2	B1
Todos	Cultural	Valores culturais, crenças, atitudes e tradições	B5	1	0,566**	0,504**	0,495**
	Negócios	Forma de se fazer negócios	B3		1	0,550**	0,466**
	Macroambiente	Ambiente político, social e econômico	B2			1	0,547**
	Física	Meio ambiente físico ou natural	B1				1
Argentina	Cultural	Valores culturais, crenças, atitudes e tradições	B5	1	0,354**	0,359**	0,501**
	Negócios	Forma de se fazer negócios	B3		1	0,417**	0,340**
	Macroambiente	Ambiente político, social e econômico	B2			1	0,278**
	Física	Meio ambiente físico ou natural	B1				1
Alemanha	Cultural	Valores culturais, crenças, atitudes e tradições	B5	1	0,483**	0,354**	0,384**
	Negócios	Forma de se fazer negócios	B3		1	0,403**	0,361**
	Macroambiente	Ambiente político, social e econômico	B2			1	0,394**
	Física	Meio ambiente físico ou natural	B1				1
Índia	Cultural	Valores culturais, crenças, atitudes e tradições	B5	1	0,260**	0,273**	0,241**
	Negócios	Forma de se fazer negócios	B3		1	0,345**	0,290**
	Macroambiente	Ambiente político, social e econômico	B2			1	0,412**
	Física	Meio ambiente físico ou natural	B1				1

** - Significativo a 1%;

* - Significativo a 5%

Análise Fatorial Exploratória

Conforme Hair et al (2006), para a aplicação de uma Análise Fatorial Exploratória é necessário uma amostra com mais de 100 observações e número mínimo de 5 observações para cada item. Considerando todos os países reunidos, têm-se 1028 observações com 257:1; para o caso da análise individual dos países têm-se 343 observações para Argentina e Alemanha e 342 observações para Índia, com respectivamente 85,75:1 e 85,5:1.

Os resultados da Análise Fatorial Exploratória são apresentados na tabela 5.30 e discutidos a seguir.

Tabela 5.30 – Análise Fatorial Exploratória – Dimensões-síntese

AFE - Argentina, Alemanha e Índia reunidos

	Fator	MSA	Comunalidades	Correlação Item-Total Corrigida	Matriz de correlação Inter-Item			
	1				B2	B3	B5	B1
B2 - Ambiente político, social e econômico - MA	0,816	0,790	0,665	0,652	1			
B3 - Forma de se fazer negócios - N	0,810	0,786	0,656	0,648	0,555	1		
B5 - Valores culturais, crenças, atitudes e tradições - C	0,807	0,796	0,651	0,641	0,516	0,569	1	
B1 - Meio ambiente físico ou natural - F	0,781	0,811	0,609	0,608	0,544	0,473	0,505	1
KMO =	0,795		α Cronbach	0,817				
Variância Explicada =	64,54%							

AFE - Argentina

	Fator	MSA	Comunalidades	Correlação Item-Total Corrigida	Matriz de correlação Inter-Item			
	1				B5	B1	B2	B3
B5 - Valores culturais, crenças, atitudes e tradições - C	0,772	0,660	0,596	0,526	1			
B1 - Meio ambiente físico ou natural - F	0,718	0,662	0,516	<u>0,464</u>	0,501	1		
B2 - Ambiente político, social e econômico - MA	0,691	0,709	<u>0,477</u>	<u>0,442</u>	0,345	<u>0,263</u>	1	
B3 - Forma de se fazer negócios - N	0,682	0,719	<u>0,465</u>	<u>0,435</u>	0,316	<u>0,277</u>	0,400	1
KMO =	0,683		α Cronbach	0,683				
Variância Explicada =	51,36%							

Onde: C – Dimensão cultural, N – Dimensão negócios, MA – Dimensão macroambiente e F – Dimensão física

Tabela 5.30 – Análise Fatorial Exploratória – Dimensões-síntese (continuação)

AFE - Alemanha

	Fator	MSA	Comunalidades	Correlação Item-Total Corrigida	Matriz de correlação Inter-Item			
	1				B3	B5	B2	B1
B3 - Forma de se fazer negócios - N	0,777	0,716	0,604	0,555	1			
B5 - Valores culturais, crenças, atitudes e tradições - C	0,756	0,728	0,572	0,529	0,485	1		
B2 - Ambiente político, social e econômico - MA	0,716	0,771	0,512	0,482	0,403	0,363	1	
B1 - Meio ambiente físico ou natural - F	0,689	0,785	0,474	0,454	0,361	0,352	0,355	1
KMO =	0,745		α Cronbach	0,716				
Variância Explicada =	54,07%							

AFE - Índia

	Fator	MSA	Comunalidades	Correlação Item-Total Corrigida	Matriz de correlação Inter-Item			
	1				B2	B1	B3	B5
B2 - Ambiente político, social e econômico - MA	0,752	0,669	0,566	0,483	1			
B1 - Meio ambiente físico ou natural - F	0,721	0,688	0,520	0,449	0,417	1		
B3 - Forma de se fazer negócios - N	0,693	0,722	0,480	0,419	0,356	0,294	1	
B5 - Valores culturais, crenças, atitudes e tradições - C	0,601	0,758	0,362	0,340	0,250	0,253	0,271	1
KMO =	0,701		α Cronbach	0,639				
Variância Explicada =	48,20%							

Onde: C – Dimensão cultural, N – Dimensão de negócios, MA – Dimensão de macroambiente e F – Dimensão física

Todos os países reunidos

Para o modelo com todos os países, obteve-se significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=1354,9; $pvalue < 0,0001$), indicando a existência de correlações suficientes entre os quatro itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,795, superior a 0,7, e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5. Foram, portanto, atendidas as exigências para uso da Análise Fatorial Exploratória.

A análise confirmou a premissa de unidimensionalidade do construto, visto que reúne as quatro medidas em um único fator. O modelo apresenta explicação total de 65% e, além disso, pode-se observar que todos os itens apresentam carga superior a 0,7, o que significa dizer que o fator levou em consideração cerca de 50% da variação de cada item (HAIR et al, 2006).

A confiabilidade do construto foi medida por meio do alfa de Cronbach, 0,884, superior a 0,7. Além disso, as correlações item total corrigidas foram superiores a 0,5 e as correlações inter-item intra-construto foram superiores a 0,3.

Argentina

Para o modelo aplicado somente ao país Argentina, obteve-se significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=224,3; $pvalue < 0,0001$) indicando a existência de correlações suficientes entre os quatro itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,683, em torno de 0,7, e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5. Foram, portanto, atendidas as exigências para que a Análise Fatorial Exploratória pudesse ser utilizada.

A análise confirma a premissa de unidimensionalidade do construto, visto que reúne as quatro medidas em um único fator. O modelo apresenta explicação total de 51% e, além disso, pode-se observar que todos os itens apresentam carga superior a 0,68, próximo a 0,7 (desejável).

A confiabilidade do construto foi medida através do alfa de Cronbach, 0,683, próximo a 0,7 (desejável para estudos exploratórios). As correlações item total corrigidas foram superiores a 0,43 (o desejável seria 0,5) e as correlações inter-item intra-construto superiores a 0,26 (o desejável seria 0,3).

Alemanha

Para a Alemanha, obteve-se significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=245,6; $pvalue < 0,0001$), indicando a existência de correlações suficientes entre os quatro itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,745, superior a 0,7, e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5. Foram, portanto, atendidas as exigências para que a Análise Fatorial Exploratória pudesse ser utilizada.

A análise confirmou a premissa de unidimensionalidade do construto, visto que reúne as quatro medidas em um único fator. O modelo apresenta explicação total de 54% e, além disso, pode-se observar que todos os itens apresentam carga superior a 0,69, muito próximo a 0,7 (desejável).

A confiabilidade do construto foi medida por meio do alfa de Cronbach, 0,716, superior a 0,7 (desejável para estudos exploratórios). As correlações item total corrigidas foram superiores a 0,45 (o desejável é 0,5) e as correlações inter-item intra-construto superiores a 0,3 (desejável).

Índia

Para a Índia, obteve-se significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=163,3; $pvalue < 0,0001$), indicando a existência de correlações suficientes entre os quatro itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,701, superior a 0,7 e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5. Foram, portanto, atendidas as exigências para que a Análise Fatorial Exploratória pudesse ser utilizada.

A análise confirma a premissa de unidimensionalidade do construto, visto que reúne as quatro medidas em um único fator. No entanto, o modelo apresenta baixa explicação total, 48%. Pode-se observar que 'formas de se fazer negócios' e 'valores, crenças, atitudes e tradições' apresentaram carga inferior a 0,7 (desejável).

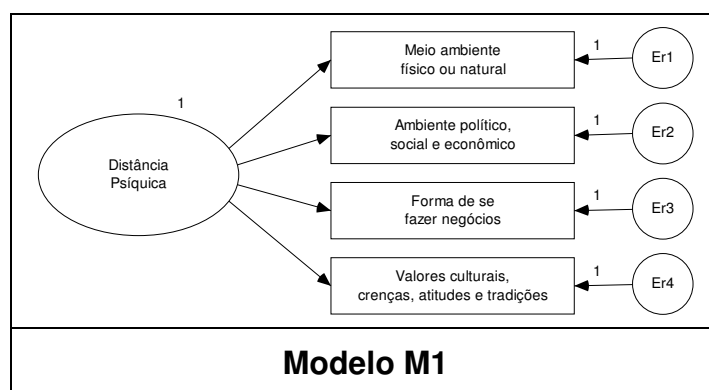
A confiabilidade do construto foi medida por meio do alfa de Cronbach, 0,639, inferior a 0,7 (desejável para estudos exploratórios). As correlações item total corrigidas foram superiores a 0,34 (desejável 0,5) e as correlações inter-item intra-construto foram superiores a 0,25 (desejável 0,3).

Em síntese, a distância psíquica medida pelas dimensões-síntese parece apresentar construto unidimensional formado por quatro itens (as quatro medidas de item único representando as quatro dimensões da distância psíquica, segundo a literatura). Este modelo teve comportamento bastante satisfatório quando avaliado com todos os países, com todas as estatísticas de adequação ao modelo consideradas boas. Porém, houve pequena queda de rendimento quando se avaliaram os três países em separado. Argentina e Alemanha tiveram bons resultados, mas a Índia apresentou resultado apenas razoável.

Análise Fatorial Confirmatória

Levando-se em consideração os resultados obtidos, decidiu-se avaliar o modelo de mensuração da distância psíquica pelas dimensões-síntese por meio da Análise Fatorial Confirmatória. O modelo de mensuração M1 apresenta quatro dimensões-síntese: ‘valores culturais, crenças, atitudes e tradições’ (B5), ‘forma de se fazer negócios’ (B3), ‘ambiente político, social e econômico’ (B2) e ‘meio ambiente físico ou natural’ (B1). O esquema de mensuração é apresentado na figura 5.11.

Figura 5.11 – Modelo de mensuração M1 para distância psíquica



O roteiro de operacionalização da Análise Fatorial Confirmatória (Carneiro, 2007) foi aplicado ao modelo 1. Os passos 1 a 4 correspondem à execução da Análise Fatorial Exploratória e já foram vistos anteriormente. A seguir apresentam-se os passos sugeridos por Carneiro (2007), que são aplicáveis ao presente estudo, e os resultados para cada passo.

Todos os países reunidos

Foram encontrados 6 *outliers* pelo critério de distância de Mahalanobis entre os 1028 casos da amostra de todos os países reunidos, apesar disso, nenhum caso foi retirado dos estudos.

5. “A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível.”

O requisito foi atendido para o modelo testado. A estimação pelo método ADF não produziu qualquer solução imprópria.

6. “Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção.”

O requisito foi atendido pelo modelo.

7. “As correlações inter-itens intra-construto (*inter-item within-construct correlations*, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas.”

Todos os itens apresentaram correlação superior a 0,46 (maior que 0,2 desejável). Sendo assim, o requisito foi atendido pelo modelo.

8. “As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas.”

Apesar de o software AMOS não fornecer esta informação, utilizaram-se os resultados dos testes de correlações realizados preliminarmente, em que se pode observar que todas as correlações inter-itens intra-construto foram estatisticamente significativas ao nível de 1%.

9. “A correlação média inter-itens intra-construto (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30.”

Quando este requisito não é atendido, o grupo de indicadores não oferece uma boa representação conjunta do respectivo construto. Não houve diferenças consideráveis entre as correlações baseadas na amostra e as correlações estimadas pelo software AMOS. Este requisito foi atendido pelo modelo, quer fossem consideradas as correlações observadas, quer as estimadas pelo modelo de mensuração.

10. “A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto).”

O requisito foi atendido pelo modelo (maior correlação 0,76). A correlação item-total inter-construto não foi realizada.

11. “A magnitude de cada carga padronizada é suficiente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,707²) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático).”

O modelo apresentou cargas padronizadas entre 0,69 e 0,75, que atendem razoavelmente o requisito.

12. “As cargas fatoriais são estatisticamente significativas.”

O requisito foi atendido ao nível de 0,001 pelo modelos.

O passo 13 não se aplica a este caso por se tratar de construto único. Segue-se com o passo 14.

14. “A variância média extraída (*average variance extracted, AVE*) de cada construto é maior ou igual a 0,50.”

O modelo apresentou 54% de variância média explicada, atendendo, portanto a este requisito.

15. “As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas.”

Este requisito foi atendido pelo modelo.

16. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Todos os resíduos foram menores que 1,25 em valor absoluto. Desta forma, o modelo atende a este requisito.

Os passos 17, 18, 19, 20 e 21 não se aplicam a este caso por se tratar de um construto único. Segue-se com o passo 22.

“Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliado, verificando-se se:

22.O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60.”

O coeficiente de confiabilidade apresentado pelo modelo foi $\rho_c = 0,745$, acima do mínimo de 0,60. O requisito foi atendido para o modelo.

23. “O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto.”

O índice de confiabilidade de cada item variou de 0,40 a 0,46, um pouco abaixo abaixo de 0,5 (que seria o limite desejável). Como alguns indicadores estão abaixo de 0,5, o modelo é colocado sob suspeita.

“Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos:

24.Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (*goodness-of-fit*) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de *fit* podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário).”

Na tabela 5.31 são apresentados os índices de *fit* obtidos para o modelo.

Pode-se verificar que, para quase todos os índices, o modelo apresentou ótimos resultados.

Tabela 5.31 – Índices de *fit* do modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões-síntese – Todos os países reunidos

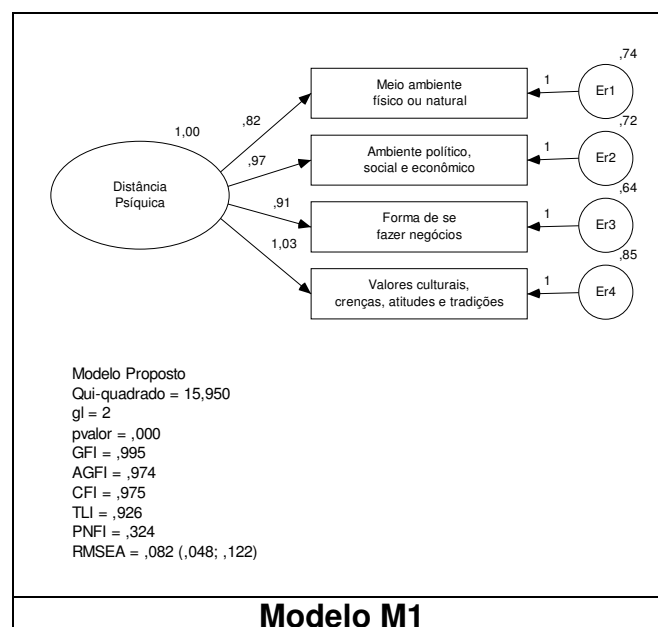
Modelo	Absolutos				Relativos		Parcimônia
	χ^2	χ^2 / gl	GFI	RMSEA	TLI	CFI	PNFI
M1	15,950**	7,975	0,995	0,082 (0,048; 0,122)	0,926	0,975	0,324

** *pvalue* inferior a 0,01

IC – intervalo de 95% de confiança para o RMSEA

Na figura 5.12 são apresentados os valores estimados pelo software AMOS para o modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões-síntese, para todos os países reunidos.

Figura 5.12 – Modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões-síntese – Todos os países reunidos



Argentina

Foram encontrados quatro *outliers* pelo critério de distância de Mahalanobis entre os 343 casos da amostra da Argentina, apesar disso, nenhum caso foi retirado dos estudos.

A seguir apresentam-se os passos sugeridos por Carneiro (2007), aplicáveis ao presente estudo, e os resultados para cada passo.

5. “A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível.”

O requisito foi atendido para o modelo testado. A estimação pelo método ADF não produziu qualquer solução imprópria.

6. “Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção.”

O requisito foi atendido pelo modelo.

7. “As correlações inter-itens intra-construto (*inter-item within-construct correlations*, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas.”

Todos os itens apresentaram correlação superior a 0,28 (maior que 0,2, limite mínimo desejável). Sendo assim, o requisito foi atendido pelo modelo.

8. “As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas.”

Apesar de o software AMOS não fornecer esta informação, utilizaram-se os resultados dos testes de correlações realizados preliminarmente, em que se pode observar que todas as correlações inter-itens intra-construto foram estatisticamente significativas ao nível de 1%.

9. “A correlação média inter-itens intra-construto (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30.”

O requisito foi atendido pelo modelo.

10. “A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto).”

O requisito foi atendido pelo modelo (maior correlação igual a 0,73). A análise de correlações item-total inter-construto não foi realizada.

11. “A magnitude de cada carga padronizada é suficiente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,707²) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático).”

O modelo apresentou cargas padronizadas entre 0,56 e 0,73, que atendem razoavelmente o requisito.

12. “As cargas fatoriais são estatisticamente significativas.”

O requisito foi atendido ao nível de 0,001 pelo modelo.

O passo 13 não se aplica a este caso por se tratar de um construto único. Segue-se com o passo 14.

14. “A variância média extraída (*average variance extracted, AVE*) de cada construto é maior ou igual a 0,50.”

O modelo apresentou 39% de variância média explicada, abaixo do desejável.

15. “As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas.”

Este requisito foi atendido pelo modelo.

16. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Todos os resíduos foram menores que 1,39 em valor absoluto. Desta forma, o modelo atende a este requisito.

Como o modelo apresenta um único construto, os passos 17, 18, 19, 20 e 21 não se aplicam. Segue-se com o passo 22.

“Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliado, verificando-se se:

22.O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60.”

O coeficiente de confiabilidade apresentado pelo modelo foi $\rho_c = 0,703$, acima do mínimo de 0,60. O requisito foi atendido pelo modelo.

23. “O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto.”

O índice de confiabilidade de cada item variou de 0,30 a 0,50, abaixo de 0,5 (que seria o limite mínimo desejável).

“Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos

24.Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (*goodness-of-fit*) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de *fit* podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário).”

Na tabela 5.32 são apresentados os índices de *fit* obtidos para o modelo. Pode-se verificar que o modelo só apresentou bom desempenho para os índices GFI e CFI. O PNFI foi menor do que nos modelos KR1, KR2, SB1 e SB2.

Tabela 5.32 – Índices de *fit* do modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões-síntese – Argentina

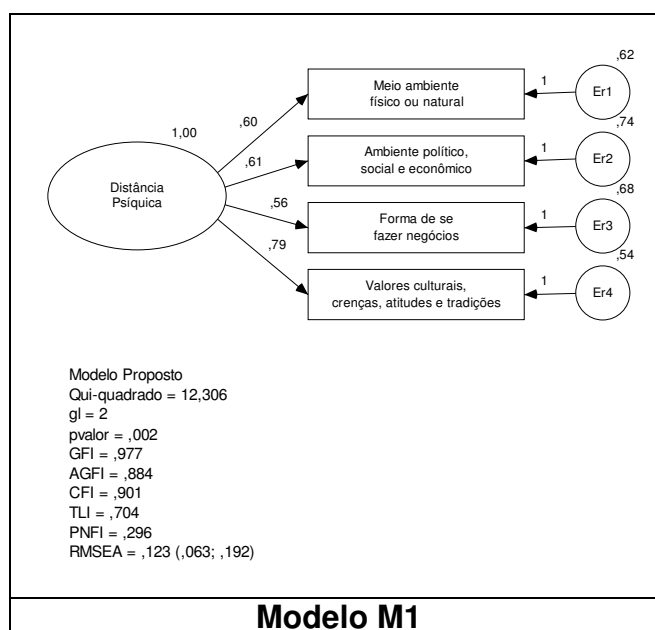
Modelo	Absolutos				Relativos		Parcimônia
	χ^2	χ^2 / gl	GFI	RMSEA	TLI	CFI	PNFI
M1	12,306**	6,153	0,977	0,123 (0,063; 0,192)	0,704	0,901	0,296

** *pvalue* inferior a 0,01

IC – intervalo de 95% de confiança para o RMSEA

Na figura 5.13 são apresentados os valores estimados pelo software AMOS para o modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões-síntese, para Argentina.

Figura 5.13 – Modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões-síntese – Argentina



Alemanha

Foram encontrados quatro *outliers* pelo critério de distância de Mahalanobis entre os 343 casos da amostra da Alemanha. Apesar disso, como nenhum *outlier* foi removido anteriormente, nenhum caso foi retirado dos estudos. Aplicam-se a seguir os passos indicados por Carneiro (2007).

5. “A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível.”

O requisito foi atendido para o modelo testado. A estimação pelo método ADF não produziu qualquer solução imprópria.

6. “Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção.”

O requisito foi atendido pelo modelo.

7. “As correlações inter-itens intra-construto (*inter-item within-construct correlations*, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas.”

Todos os itens apresentaram correlação superior a 0,35 (o desejável é maior que 0,2). Sendo assim, o requisito foi atendido pelo modelo.

8. “As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas.”

Apesar de o software AMOS não fornecer esta informação, utilizaram-se os resultados dos testes de correlações realizados preliminarmente, em que se pode observar que todas as correlações inter-itens intra-construto foram estatisticamente significativas ao nível de 1%.

9. “A correlação média inter-itens intra-construto (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30.”

O requisito foi atendido pelo modelo.

10. “A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto).”

O requisito foi atendido pelo modelo (maior correlação 0,70). A análise das correlações item-total inter-construto não foi realizada.

11. “A magnitude de cada carga padronizada é suficiente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,707²) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático).”

O modelo apresentou cargas padronizadas entre 0,55 e 0,70, que atendem razoavelmente o requisito.

12. “As cargas fatoriais são estatisticamente significativas.”

O requisito foi atendido ao nível de 0,001 pelo modelo.

O passo 13 não se aplica a este caso por se tratar de um construto único. Segue-se com o passo 14.

14. “A variância média extraída (*average variance extracted, AVE*) de cada construto é maior ou igual a 0,50.”

O modelo apresentou 40% de variância média explicada, abaixo do desejável.

15. “As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas.”

Este requisito foi atendido pelo modelo.

16. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Todos os resíduos foram menores que 0,53 em valor absoluto. Desta forma, o modelo atende a este requisito.

Os passos 17, 18, 19, 20 e 21 não se aplicam a este caso por se tratar de um construto único. Segue-se com o passo 22.

“Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliada, verificando-se se:

22.O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60.”

O coeficiente de confiabilidade apresentado pelo modelo foi $\rho_c = 0,714$, acima do mínimo de 0,60. O modelo atendeu ao requisito.

23. “O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto.”

O índice de confiabilidade de cada item variou de 0,33 a 0,45, abaixo de 0,5 (que seria o limite mínimo desejável). O modelo fica, portanto, sob suspeita.

“Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos

24.Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (*goodness-of-fit*) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de *fit* podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário).”

Na tabela 5.33 são apresentados os índices de *fit* obtidos para o modelo. Pode-se verificar que, para quase todos os índices, o modelo apresentou bons resultados.

Tabela 5.33 – Índices de *fit* do modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões-síntese – Alemanha

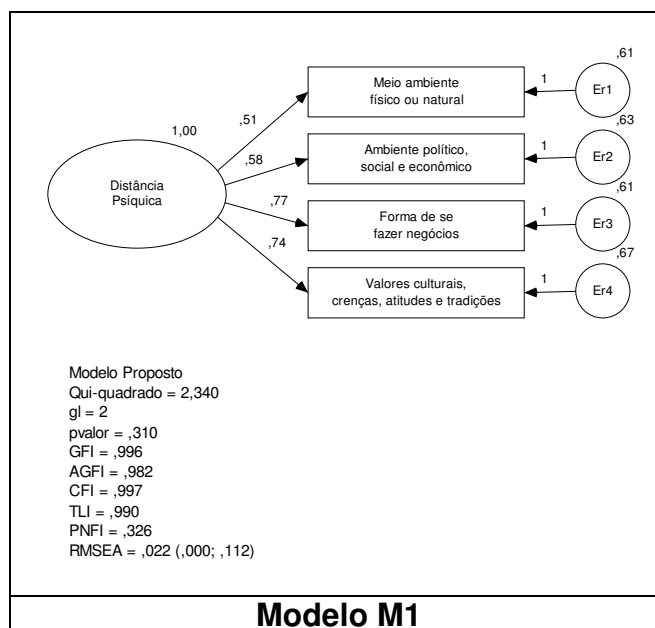
Modelo	Absolutos				Relativos		Parcimônia
	χ^2	χ^2 / gl	GFI	RMSEA	TLI	CFI	PNFI
M1	2,340	1,170	0,996	0,022 (0,000; 0,112)	0,990	0,997	0,326

** *pvalue* inferior a 0,01

IC – intervalo de 95% de confiança para o RMSEA

Na figura 5.14 são apresentados os valores estimados pelo software AMOS para o modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões-síntese, para Alemanha.

Figura 5.14 – Modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões-síntese – Alemanha



Índia

Foram encontrados quatro *outliers* pelo critério de distância de Mahalanobis entre os 342 casos da amostra da Índia. Apesar disso, nenhum caso foi retirado dos estudos. Segue-se com os passos do roteiro de Carneiro (2007):

5. “A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível.”

O requisito foi atendido para o modelo testado. A estimação pelo método ADF não produziu qualquer solução imprópria.

6. “Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção.”

O requisito foi atendido pelo modelo.

7. “As correlações inter-itens intra-construto (*inter-item within-construct correlations*, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas.”

Todos os itens apresentaram correlação superior a 0,24 (maior que 0,2 desejável). Sendo assim, o requisito foi atendido pelo modelo.

8. “As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas.”

Apesar de o software AMOS não fornecer esta informação, utilizaram-se os resultados dos testes de correlações realizados preliminarmente, em que se pode observar que todas as correlações inter-itens intra-construto foram estatisticamente significativas ao nível de 1%.

9. “A correlação média inter-itens intra-construto (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30.”

O requisito foi atendido pelo modelo.

10. “A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto).”

O requisito foi atendido pelo modelo (maior correlação 0,41). A análise de correlações item-total inter-construto não foi realizada.

11. “A magnitude de cada carga padronizada é suficiente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,7072) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático).”

O modelo apresentou cargas padronizadas entre 0,43 e 0,68, que atendem parcialmente o requisito.

12. “As cargas fatoriais são estatisticamente significativas.”

O requisito foi atendido ao nível de 0,001 pelo modelo.

O passo 13 não se aplica a este caso por se tratar de construto único. Segue-se com o passo 14.

14. “A variância média extraída (*average variance extracted, AVE*) de cada construto é maior ou igual a 0,50.”

O modelo apresentou 32% de variância média explicada, muito abaixo do desejável.

15. “As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas.”

Este requisito foi atendido pelo modelo.

16. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Todos os resíduos foram menores que 0,83 em valor absoluto. Desta forma, o modelo atende a este requisito.

Os passos 17, 18, 19, 20 e 21 não se aplicam a este caso por se tratar de um construto único. Segue-se com o passo 22.

“Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliado, verificando-se se:

22. O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60.”

O coeficiente de confiabilidade apresentado pelo modelo foi $\rho_c = 0,652$, acima do mínimo de 0,60.

23. “O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto.”

O índice de confiabilidade de cada item variou de 0,24 a 0,43, abaixo de 0,5 (mínimo desejável). O modelo não atendeu a este requisito.

“Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos:

24. Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (*goodness-of-fit*) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de *fit* podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário).”

Na tabela 5.34 são apresentados os índices de *fit* obtidos para o modelo. Pode-se verificar que, para quase todos os índices, o modelo apresentou bons resultados.

Tabela 5.34 – Índices de *fit* do modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões-síntese – Índia

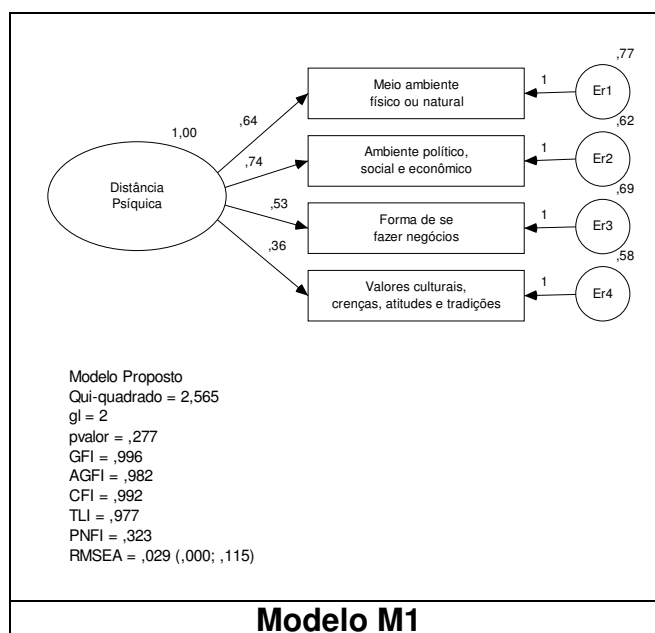
Modelo	Absolutos				Relativos		Parcimônia
	χ^2	χ^2 / gl	GFI	RMSEA	TLI	CFI	PNFI
M1	2,565	1,283	0,996	0,029 (0,000; 0,115)	0,977	0,992	0,323

** *pvalue* inferior a 0,01

IC – intervalo de 95% de confiança para o RMSEA

Na figura 5.15 são apresentados os valores estimados pelo software AMOS para o modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões-síntese, para Índia.

Figura 5.15 – Modelo de mensuração da distância psíquica com dimensões-síntese – Índia



Resumo dos resultados

Os resultados da avaliação do modelo M1, baseado em dimensões-síntese, proposto neste estudo, indicam que (tabela 5.34b):

- O modelo de mensuração da distância psíquica pelas dimensões-síntese teve comportamento bastante satisfatório, quando avaliado com todos os países. Apesar do índice de confiabilidade baixo para os itens individualmente, a confiabilidade do construto foi de 0,745, com variância média extraída em torno de 54%.
- A análise dos países isoladamente mostrou leve piora dos índices de confiabilidade, mas todos estiveram em torno de 0,7. Os indicadores de *fit* da Análise Fatorial Confirmatória foram bons tanto na análise dos países reunidos como na dos países analisados individualmente. O pior resultado

foi para Argentina, mas o modelo mostrou resultados excelentes quanto ao *fit* para Alemanha e Índia.

Assim, concluiu-se que o modelo foi considerado satisfatório para todas as situações estudadas. Além disto, os resultados mostram que o modelo tem um desempenho superior aos modelos KR1, KR2, SB1 e SB2.

Tabela 5.34b - Síntese dos resultados da Análise Fatorial Confirmatória usando o questionário de dimensões-síntese (modelo M1)

Etapa	Todos os países	Argentina	Alemanha	Índia
5	+	+	+	+
6	+	+	+	+
7	+	+	+	+
8	+	+	+	+
9	+	+	+	+
10	+	+	+	+
11	+	+	+	próximo
12	+	+	+	+
13	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
14	+	+	-	-
15	+	+	+	+
16	+	-	+	+
17	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
18	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
19	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
20	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
21	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
22	+	+	+	+
23	próximo	-	-	-
24	*	*	*	*
χ^2/ gl	-	-	+	+
GFI	+	+	+	+
RMSEA	+	-	+	+
TLI	+	-	+	+
CFI	+	+	+	+
PNFI	*	*	*	*

Siglas:

- = não cumpre o requisito; + = cumpre o requisito; próximo = quase atende o requisito; n.a. = não se aplica;

* = não foi possível comparar com outros modelos; um único modelo foi testado.

5.4.5 Distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens (Modelo Completo)

O segundo modelo proposto por este estudo, que emerge da literatura, também pressupõe que a distância psíquica é formada por quatro dimensões, compostas por itens. Este modelo difere do anterior por considerar escalas multi-itens dentro de cada dimensão. Por utilizar todos os itens extraídos da literatura (exceto a escala de distância cultural de Evans, Mavondo e Bridson, 2008), foi chamado de 'modelo completo'.

As dimensões do 'modelo completo' e suas respectivas medidas de múltiplos itens são apresentadas a seguir:

- Dimensão Cultural: medida pela percepção de diferenças nos itens 'estilo de vida da população' (C5), 'crenças e práticas religiosas' (C11) e 'idioma' (C12);
- Dimensão de Negócios: medida pela percepção de diferenças nos itens 'práticas comerciais aceitas' (C10), 'processos de negociação' (C17), 'tipos de contratos utilizados' (C18), 'expectativa com relação à qualidade de produtos' (D1) e 'expectativa com relação a cumprimento de prazos de entrega' (D2);
- Dimensão de Macroambiente: medida pela percepção de diferenças nos itens 'sistema jurídico' (B4), 'estabilidade política' (C2), 'poder de compra dos clientes' (C3), 'hábitos e preferências dos consumidores' (C4), 'nível de desenvolvimento industrial' (C6), 'nível de alfabetização e instrução' (C7), 'ambiente econômico' (C8) e 'infra-estrutura de telecomunicações' (C9); e

- Dimensão Física: medida pela percepção de diferenças nos itens 'meio ambiente físico ou natural' (B1) e 'condições climáticas' (C1).

Na operacionalização das dimensões da distância psíquica não se utilizaram as dimensões-síntese, salvo no caso da dimensão física, por ter apenas um item ('condições climáticas'), que não abarcava toda a variedade ambiental.

No que diz respeito à análise com todos os países reunidos, pode-se verificar que todas as correlações intra-construto (tabela 5.17) encontram-se acima de 0,35 e são significativas a 1%, o que sugere que os itens se referem ao mesmo construto, como seria de se esperar. São exceções os itens 'expectativas com relação à qualidade dos produtos' (D1) e 'expectativa com relação a cumprimento de prazos de entrega' (D2) que são fortemente relacionadas, mas não são correlacionadas com as demais variáveis da dimensão Negócios. Este comportamento em particular pode indicar multidimensionalidade do construto Negócios. O mesmo comportamento, com pequenas modificações, é verificado para os países em separado.

Análise Fatorial Exploratória

Segundo Hair et al (2006), para a aplicação de Análise Fatorial Exploratória é necessário uma amostra com mais de 100 observações e número de observações de, no mínimo, 5:1. Considerando todos os países reunidos, têm-se 1028 observações com 57,1:1; para o caso da análise individual dos países, têm-se 343 observações para Argentina e Alemanha e 342 observações para Índia, com respectivamente 19,05:1 e 19:1.

Os resultados da Análise Fatorial Exploratória são encontrados nas tabelas 5.36 a 5.39. A relação entre as quatro dimensões da distância psíquica é desconhecida, por isso, optou-se por utilizar dois tipos de projeção: (1) ortogonal e (2) oblíqua. A projeção ortogonal supõe ausência de relação entre as dimensões e a projeção oblíqua permite que os construtos possuam relação. Para a operacionalização da projeção ortogonal utilizou-se o método varimax e para a projeção oblíqua o método oblimin.

Todos os países reunidos

Para o modelo com todos os países (tabela 5.35), obteve-se significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=6836,5; $pvalue < 0,0001$), idêntico para o caso com rotação ortogonal (método varimax) e oblíqua (método oblimin), indicando a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,917 para as duas rotações, superior a 0,7, e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5. Foram, portanto, atendidas as exigências para que a Análise Fatorial Exploratória pudesse ser utilizada.

A análise confirmou a premissa de multidimensionalidade do construto, visto que houve formação de dois fatores. No entanto, este resultado viola o pressuposto de quatro fatores estabelecido na literatura. Uma visão mais detalhada dos fatores mostra que o primeiro fator concentra itens da dimensão de macroambiente e da dimensão física. Da mesma forma, o fator 2 contém itens da dimensão de negócios e cultural. Este resultado é lógico, já que o ambiente físico pode ser percebido como uma parte do 'macroambiente', e as práticas de negócios de um

país podem ser percebidas como associadas à dimensão cultural (já que, na realidade, os negócios são fortemente moldados pela cultura).

O modelo apresenta explicação total de 64%. Além disso, pode-se observar que todos os itens apresentam carga superior a 0,67, muito próxima do desejável (0,7), o que significa dizer que o fator levou em consideração aproximadamente 50% da variação de cada item.

Tabela 5.35 – Análise Fatorial Exploratória – Distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Argentina, Alemanha e Índia reunidos

Rotação Ortogonal		Fator		MSA	Comuna- lidades
		1	2		
C1 - Condições climáticas - F	DIMENSÃO MACRO AMBIENTE / FÍSICA	0,779	0,106	0,880	0,618
C7 - Nível de alfabetização e instrução - MA		0,778	0,162	0,935	0,631
C6 - Nível de desenvolvimento industrial - MA		0,745	0,197	0,926	0,594
C3 - Poder de compra dos clientes - MA		0,722	0,286	0,952	0,603
C8 - Ambiente econômico - MA		0,712	0,305	0,927	0,600
B1 - Meio ambiente físico ou natural - F		0,671	0,267	0,906	0,521
C17 - Processos de negociação - N	DIMENSÃO CULTURAL / NEGÓCIOS	0,180	0,843	0,891	0,744
C11 - Crenças e práticas religiosas - C		0,127	0,802	0,903	0,659
C18 - Tipos de contratos utilizados - N		0,164	0,795	0,892	0,659
C10 - Práticas comerciais aceitas - N		0,269	0,726	0,947	0,599
C5 - Estilo de vida da população - C		0,491	0,690	0,909	0,718
C4 - Hábitos e preferências dos consumidores - MA		0,472	0,676	0,934	0,679
KMO =		0,917			
Variância Explicada =		63,54%			

Rotação Oblíqua		Fator		MSA	Comuna- lidades
		1	2		
C1 - Condições climáticas - F	DIMENSÃO MACROAMBIENTE / FÍSICA	0,839	0,120	0,880	0,618
C7 - Nível de alfabetização e instrução - MA		0,821	0,056	0,935	0,631
C6 - Nível de desenvolvimento industrial - MA		0,774	0,008	0,926	0,594
C3 - Poder de compra dos clientes - MA		0,722	-0,099	0,952	0,603
C8 - Ambiente econômico - MA		0,706	-0,123	0,927	0,600
B1 - Meio ambiente físico ou natural - F		0,671	-0,093	0,906	0,521
C17 - Processos de negociação - N	DIMENSÃO CULTURAL / NEGÓCIOS	-0,049	-0,886	0,891	0,744
C11 - Crenças e práticas religiosas - C		-0,096	-0,856	0,903	0,659
C18 - Tipos de contratos utilizados - N		-0,052	-0,837	0,892	0,659
C10 - Práticas comerciais aceitas - N		0,085	-0,728	0,947	0,599
C5 - Estilo de vida da população - C		0,345	-0,620	0,909	0,718
C4 - Hábitos e preferências dos consumidores - MA		0,327	-0,610	0,934	0,679
KMO =		0,917			
Variância Explicada =		63,54%			

Argentina

Para o modelo da Argentina (tabela 5.36) obteve-se significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett para a análise fatorial utilizando rotação ortogonal (método varimax) e rotação oblíqua (método oblimin); e, respectivamente, Qui-quadrado=1400,0 ($pvalue < 0,0001$) e Qui-quadrado=1258,9 ($pvalue < 0,0001$) indicando, para os dois métodos, a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,878 para o método de rotação ortogonal e 0,863 para o método de rotação oblíqua, ou seja, para as duas rotações, superior a 0,7, e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5 em ambos os casos. Foram, portanto, atendidas as exigências para que a Análise Fatorial Exploratória pudesse ser utilizada.

A análise confirmou a premissa de multidimensionalidade do construto, visto que houve a formação de três fatores. No entanto, viola o pressuposto de quatro fatores estabelecido pela revisão de literatura. Uma visão mais detalhada dos fatores mostra que o primeiro fator concentra itens da dimensão de macroambiente, o segundo da dimensão de negócios e o terceiro da dimensão física. Nota-se então, que nenhum dos itens relativos a cultura suportou o processo de depuração. O modelo apresenta explicação total de 60% para rotação ortogonal e 62% para o caso da rotação oblíqua. Além disso, pode-se observar que todos os itens apresentam carga superior a 0,56, um pouco abaixo do desejável (0,7).

Tabela 5.36 – Análise Fatorial Exploratória – Distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Argentina

Rotação Ortogonal		Fator			MSA	Comunalidades
		1	2	3		
C8 - Ambiente econômico - MA	DIMENSÃO MACROAMBIENTE	0,781	0,238	0,068	0,890	0,671
C6 - Nível de desenvolvimento industrial - MA		0,755	0,111	0,111	0,888	0,595
C9 - Infra-estrutura de telecomunicações - MA		0,646	0,312	0,145	0,918	0,536
C2 - Estabilidade política - MA		0,640	0,216	0,162	0,906	<u>0,482</u>
C3 - Poder de compra dos clientes - MA		0,574	0,334	0,093	0,924	<u>0,449</u>
C7 - Nível de alfabetização e instrução - MA		0,564	0,124	0,314	0,922	<u>0,433</u>
C18 - Tipos de contratos utilizados - N	DIMENSÃO NEGÓCIOS	0,180	0,853	0,046	0,818	0,762
C17 - Processos de negociação - N		0,175	0,800	0,141	0,835	0,691
C10 - Práticas comerciais aceitas - N		0,345	0,683	0,033	0,910	0,587
B4 - Sistema jurídico - MA	DIMENSÃO FÍSICA	0,274	0,609	0,252	0,914	0,510
B1 - Meio ambiente físico ou natural - F		0,127	0,118	0,850	0,782	0,753
C1 - Condições climáticas - F		0,241	0,131	0,821	0,806	0,749
KMO =		0,878				
Variância Explicada =		60,15%				

Rotação Oblíqua		Fator			MSA	Comunalidades
		1	2	3		
C6 - Nível de desenvolvimento industrial - MA	DIMENSÃO MACROAMBIENTE	0,841	-0,041	-0,090	0,875	0,617
C8 - Ambiente econômico - MA		0,827	-0,091	0,057	0,870	0,684
C9 - Infra-estrutura de telecomunicações - MA		0,657	-0,006	0,162	0,907	0,563
C2 - Estabilidade política - MA		0,615	0,061	0,074	0,897	<u>0,465</u>
C7 - Nível de alfabetização e instrução - MA		0,598	0,198	-0,048	0,915	<u>0,452</u>
B1 - Meio ambiente físico ou natural - F	DIMENSÃO FÍSICA	-0,046	0,878	0,032	0,773	0,758
C1 - Condições climáticas - F		0,110	0,812	0,013	0,801	0,745
C18 - Tipos de contratos utilizados - N	DIMENSÃO NEGÓCIOS	-0,057	-0,053	0,912	0,805	0,761
C17 - Processos de negociação - N		-0,034	0,035	0,839	0,832	0,692
C10 - Práticas comerciais aceitas - N		0,194	-0,087	0,677	0,899	0,593
B4 - Sistema jurídico - MA		0,043	0,200	0,611	0,905	0,513
KMO =		0,863				
Variância Explicada =		62,22%				

Alemanha

Para o modelo da Alemanha, tabela 5.37, obteve-se significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett para a análise fatorial utilizando rotação ortogonal (método varimax) e rotação oblíqua (método oblimin), respectivamente com Qui-quadrado=982,4 ($pvalue < 0,0001$) e Qui-quadrado=775,0 ($pvalue < 0,0001$) indicando, para os dois métodos, a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,833 para o método de rotação ortogonal e 0,802 para o método de rotação oblíqua, ou seja, para as duas rotações, superior a 0,7, e o

MSA de todos os itens foi superior a 0,5 em ambos os casos. Foram, portanto, atendidas as exigências para que a Análise Fatorial Exploratória pudesse ser utilizada.

A análise confirmou a premissa de multidimensionalidade do construto, visto que houve a formação de dois fatores, no entanto, viola o pressuposto de quatro fatores estabelecido pela revisão de literatura. Uma visão mais detalhada dos fatores mostra que o primeiro fator concentra itens relativos à dimensão de macroambiente e à dimensão física, o segundo fator concentra itens da dimensão de negócios. Nota-se, no entanto, que nenhum dos itens relativos a cultura suportou o processo de depuração. O modelo apresenta explicação total de 53% para rotação ortogonal e 59% para o caso da rotação oblíqua. Além disso, pode-se observar que todos os itens apresentam carga superior a 0,5, um pouco abaixo do desejável (0,7).

Índia

Para o modelo da Índia, tabela 5.38, obteve-se significância estatística para o teste de esfericidade de Bartlett (Qui-quadrado=999,2; $pvalue < 0,0001$) idêntico para o caso com rotação ortogonal (método varimax) e oblíqua (método oblimin), indicando a existência de correlações suficientes entre os itens avaliados. A medida de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,828 para as duas rotações, superior a 0,7, e o MSA de todos os itens foi superior a 0,5. Foram, portanto, atendidas as exigências para que a Análise Fatorial Exploratória pudesse ser utilizada.

Tabela 5.37 – Análise Fatorial Exploratória – Distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Alemanha

Rotação Ortogonal		Fator		MSA	Comunidades
		1	2		
C6 - Nível de desenvolvimento industrial - MA	DIMENSÃO MACROAMBIENTE / FÍSICA	0,739	0,124	0,846	0,562
C7 - Nível de alfabetização e instrução - MA		0,702	0,033	0,874	<u>0,494</u>
C3 - Poder de compra dos clientes - MA		0,701	0,011	0,869	<u>0,492</u>
C8 - Ambiente econômico - MA		0,675	0,260	0,871	0,524
C1 - Condições climáticas - F		0,622	0,149	0,833	<u>0,409</u>
C9 - Infra-estrutura de telecomunicações - MA		0,535	0,334	0,905	<u>0,397</u>
B1 - Meio ambiente físico ou natural - F	DIMENSÃO NEGÓCIOS	0,505	0,193	0,812	<u>0,293</u>
C17 - Processos de negociação - N		0,114	0,867	0,751	0,765
C18 - Tipos de contratos utilizados - N		0,093	0,849	0,764	0,730
C10 - Práticas comerciais aceitas - N		0,261	0,760	0,834	0,646
KMO =		0,833			
Variância Explicada =		53,12%			

Rotação Oblíqua		Fator		MSA	Comunidades
		1	2		
C6 - Nível de desenvolvimento industrial - MA	DIMENSÃO MACROAMBIENTE / FÍSICA	0,772	-0,012	0,813	0,602
C3 - Poder de compra dos clientes - MA		0,748	0,095	0,825	0,524
C7 - Nível de alfabetização e instrução - MA		0,746	0,074	0,834	0,527
C8 - Ambiente econômico - MA		0,688	-0,163	0,840	0,571
C1 - Condições climáticas - F	DIMENSÃO NEGÓCIOS	0,579	-0,078	0,885	<u>0,370</u>
C17 - Processos de negociação - N		-0,034	-0,890	0,719	0,774
C18 - Tipos de contratos utilizados - N		-0,055	-0,877	0,744	0,741
C10 - Práticas comerciais aceitas - N		0,135	-0,750	0,822	0,646
KMO =		0,802			
Variância Explicada =		59,43%			

A análise da tabela 5.38, para a Índia, confirmou a premissa de multidimensionalidade do construto. Desta vez foram encontrados quatro fatores, tal qual previsto pela revisão de literatura. Uma visão mais detalhada dos fatores mostra que, para a rotação ortogonal, o primeiro fator formado concentra itens relativos à dimensão de macroambiente, o segundo à dimensão de negócios, o terceiro à dimensão física e o quarto fator concentra itens da dimensão cultural. No caso da rotação oblíqua há uma pequena inversão do terceiro com o quarto fator. No entanto, os itens que compõem os quatro fatores são idênticos para os modos de projeção. O modelo apresenta explicação total de 63% para as duas formas de rotação e, além disso, pode-se observar que todos os itens apresentam carga superior a 0,6, próximo ao desejável (0,7).

Tabela 5.38 – Análise Fatorial Exploratória – Distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Índia

Rotação Ortogonal		Fator				MSA	Comunidades
		1	2	3	4		
C7 - Nível de alfabetização/instrução - MA	DIMENSÃO MACROAMBIENTE	0,729	0,040	0,129	-0,060	0,853	0,553
C6 - Nível desenvolvimento industrial - MA		0,706	0,244	0,164	0,077	0,861	0,591
C3 - Poder de compra dos clientes - MA		0,691	0,055	0,106	0,072	0,867	<u>0,497</u>
C8 - Ambiente econômico - MA		0,653	0,353	0,203	-0,007	0,873	0,592
C9 - Infra-estrutura telecomunicações - MA		0,635	0,235	0,114	0,054	0,886	<u>0,475</u>
C17 - Processos de negociação - N	DIMENSÃO NEGÓCIOS	0,111	0,822	0,098	0,093	0,800	0,707
C18 - Tipos de contratos utilizados - N		0,154	0,800	0,170	0,019	0,821	0,693
C10 - Práticas comerciais aceitas - N		0,304	0,712	-0,034	0,017	0,854	0,600
B1 - Meio ambiente físico ou natural - F	DIMENSÃO FÍSICA	0,231	0,043	0,825	0,079	0,738	0,743
C1 - Condições climáticas - F		0,231	0,171	0,795	-0,065	0,763	0,718
C12 - Idioma - C	DIMENSÃO CULTURAL	-0,136	0,080	0,183	0,798	0,524	0,695
C11 - Crenças e práticas religiosas - C		0,239	0,024	-0,177	0,757	0,640	0,662
KMO =		0,828					
Variância Explicada =		62,71%					

Rotação Oblíqua		Fator				MSA	Comunidades
		1	2	3	4		
C7 - Nível de alfabetização/instrução - MA	DIMENSÃO MACROAMBIENTE	0,758	-0,091	-0,078	0,049	0,853	0,553
C3 - Poder de compra dos clientes - MA		0,715	-0,072	0,054	0,029	0,867	0,497
C6 - Nível desenvolvimento industrial - MA		0,684	0,123	0,051	0,072	0,861	0,591
C9 - Infra-estrutura telecomunicações - MA		0,617	0,131	0,030	0,028	0,886	0,475
C8 - Ambiente econômico - MA		0,600	0,250	-0,036	0,109	0,873	0,592
C17 - Processos de negociação - N	DIMENSÃO NEGÓCIOS	-0,065	0,851	0,056	0,021	0,800	0,707
C18 - Tipos de contratos utilizados - N		-0,023	0,816	-0,017	0,093	0,821	0,693
C10 - Práticas comerciais aceitas - N		0,186	0,713	-0,021	-0,129	0,854	0,600
C12 - Idioma - C	DIMENSÃO CULTURAL	-0,209	0,059	0,802	0,203	0,524	0,695
C11 - Crenças e práticas religiosas - C		0,258	-0,033	0,752	-0,211	0,640	0,662
B1 - Meio ambiente físico ou natural - F	DIMENSÃO FÍSICA	0,119	-0,067	0,078	0,832	0,738	0,743
C1 - Condições climáticas - F		0,101	0,079	-0,072	0,788	0,763	0,718
KMO =		0,828					
Variância Explicada =		62,71%					

Em síntese, o modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas através de itens específicos que emergem da literatura, apresentou comportamento diverso. No caso de todos os países reunidos, o modelo concentrou as dimensões macroambiente e física no fator 1 e as dimensões negócios e cultural no fator 2. A análise dos países Argentina e Alemanha foram as mais curiosas, visto que nenhum item relativo à cultura foi

consolidado. A Argentina apresentou três fatores relativos às dimensões macroambiente, negócios e física. A Alemanha apresentou apenas dois fatores, um representando uma combinação da dimensão macroambiente com a dimensão física e outro representando a dimensão negócios. Por fim, a Índia apresentou o resultado mais próximo ao previsto pela literatura, ou seja, quatro fatores, representando as quatro dimensões (cultural, de negócios, de macroambiente e física).

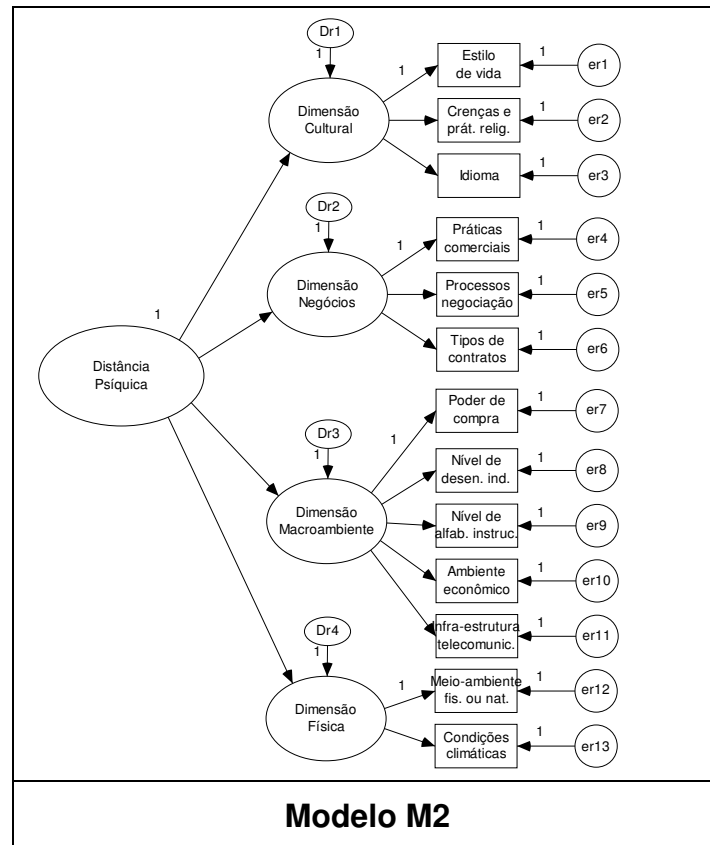
Estes resultados são de difícil interpretação. Uma possibilidade é que os executivos acionem diferentes dimensões ao avaliarem a distância para cada país. Assim, no caso da Argentina, país de baixa distância psíquica (e cultural) para o Brasil, os fatores acionados seriam ligados a diferenças, e não semelhanças. Na Alemanha, país de média distância psíquica para o Brasil, os elementos culturais não seriam percebidos como relevantes: muito mais os de ambiente e negócios. Finalmente, para a Índia, a cultura seria acessada para avaliar a distância psíquica, dadas as grandes diferenças culturais entre este país e o Brasil. Outra possibilidade é que as variáveis usadas para medir a distância cultural não tenham coberto todo o espectro de características culturais desejadas, uma vez que se pretendia usar a distância cultural de Evans, Mavondo e Bridson (2008), que falhou nos testes iniciais. Estas questões são discutidas em maior detalhe no capítulo de conclusões.

Análise Fatorial Confirmatória

Levando-se em consideração os resultados obtidos e a revisão de literatura do presente estudo, decidiu-se avaliar o modelo de mensuração da distância psíquica com quatro dimensões (cultural, de negócios, de macroambiente e

física). O modelo de mensuração para distância psíquica é ilustrado na figura 5.16.

Figura 5.16 – Modelo de mensuração M2 para distância psíquica, medida por quatro dimensões, representadas por itens



Foram eliminados pelo processo de depuração: os itens relativos à dimensão de negócios – ‘expectativa com relação à qualidade de produtos’ (D1) e ‘expectativa com relação a cumprimento de prazos de entrega’ (D2) – e os itens relativos à dimensão de macroambiente – ‘sistema jurídico’ (B4), ‘estabilidade política’ (C2) e ‘hábitos e preferências dos consumidores’ (C4).

O roteiro para operacionalização da Análise Fatorial Confirmatória (CARNEIRO, 2007) foi aplicado ao modelo M2. Os passos 1 a 4 correspondem à execução da Análise Fatorial Exploratória e já foram vistos anteriormente.

Todos os países reunidos

Foi encontrado um *outlier* pelo critério de distância de Mahalanobis entre os 1028 casos da amostra de todos os países reunidos, apesar disso, nenhum caso foi retirado dos estudos.

5. “A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível.”

O requisito foi atendido para o modelo testado. A estimação pelo método ADF não produziu qualquer solução imprópria.

6. “Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção.”

O requisito foi atendido pelo modelo.

7. “As correlações inter-itens intra-construto (*inter-item within-construct correlations*, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas.”

Todos os itens apresentaram correlação superior à 0,6 dimensão cultural, 0,52 negócios, 0,46 macroambiente e 0,60 física (maior que 0,2 desejável). Sendo assim, o requisito foi atendido pelo modelo.

8. “As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas.”

Apesar de o software AMOS não fornecer esta informação, utilizaram-se os resultados dos testes de correlações realizados preliminarmente, em que se pode observar que todas as correlações inter-itens intra-construto foram estatisticamente significativas ao nível de 1%, para os dois modelos.

9. “A correlação média inter-itens intra-construto (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30.”

Avaliando as correlações estimadas, percebe-se que este requisito foi atendido pelo modelo de mensuração.

10. “A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto).”

O requisito foi atendido pelo modelo (maior correlação 0,77). A análise de correlações item-total inter-construto não foi realizada.

11. “A magnitude de cada carga padronizada é suficientemente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,707²) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático).”

O modelo apresentou cargas padronizadas entre 0,75 e 0,93, atendendo o requisito.

12. “As cargas fatoriais são estatisticamente significativas.”

O requisito foi atendido ao nível de 0,001 pelo modelo.

13. “As correlações múltiplas padronizadas (*standardized multiple correlations*, SMC) são suficientemente altas, ou seja, maiores ou iguais a 0,50 (no caso de modelos congêneros, isto é, modelos em que cada indicador está associado a somente um construto, a correlação múltipla quadrada é igual ao quadrado da carga padronizada).”

Mesmas conclusões do passo 11.

14. “A variância média extraída (*average variance extracted*, AVE) de cada construto é maior ou igual a 0,50.”

O modelo apresentou 66% de variância média explicada, atendendo ao requisito.

15. “As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas.”

Este requisito foi atendido pelo modelo.

16. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Todos os resíduos foram menores que 3,84 em valor absoluto. Desta forma, o modelo atende a este requisito.

17. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de diferentes construtos não têm um valor positivo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Existem resíduos altos, o que pode indicar relação entre itens de construtos distintos. Este comportamento é contrário às boas práticas de modelos de mensuração, segundo os quais cada indicador deveria apresentar carga alta em um só construto.

18. “Os índices de modificação estimados pelo pacote estatístico são pequenos, ou seja, menores que 3,84 (o que significa que liberar um parâmetro previamente pré-fixado para ser livremente estimado resultaria em melhoria não estatisticamente significativa no qui-quadrado do modelo de mensuração).”

Foram sugeridas modificações nas correlações entre erros. Atender a tais mudanças contraria as boas práticas de mensuração, visto que se estaria permitindo estimar correlações entre termos de erro. Os índices de modificação sugerem ainda que haveria redução estatisticamente significativa no qui-quadrado do modelo se fossem liberados para serem estimados 8 caminhos (*paths*) ligando um item diretamente a outro. No entanto, as boas práticas de mensuração sugerem que tal não seja feito, visto que cada indicador deve ser determinado por

apenas um construto e não por um item. Nenhum índice sugere que se associe um item a outro construto, ou seja, o modelo sugerido apresenta estrutura fatorial compatível com os dados da amostra.

19. “A variância média extraída (*average variance extracted, AVE*) de cada construto é maior do que o quadrado da correlação entre este construto e qualquer outro construto (correlação inter-construtos).”

Como pode ser visto pela tabela 5.39, a dimensão de macroambiente é a única a violar esse requisito. Sendo assim, o requisito foi parcialmente atendido.

Tabela 5.39 – Variância média extraída e quadrado das correlações entre construtos

Item	DMA	DN	DF	DC
DMA – Dimensão de macroambiente	0,609			
DN – Dimensão de negócios	0,650	0,684		
DF – Dimensão física	0,618	0,563	0,639	
DC – Dimensão cultural	0,719	0,656	0,624	0,747

Valores fora da diagonal indicam o quadrado da correlação entre os construtos. Valores da diagonal indicam a variância média extraída do construto

Os passos 20 e 21 não se aplicam, passando-se ao passo 22.

“Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliada, verificando-se se:

22.O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60.”

O coeficiente de confiabilidade apresentado pelo modelo foi para dimensão cultural 0,800, negócios 0,829, macroambiente 0,827 e física 0,714. Todos os coeficientes estão acima do mínimo de 0,60.

23. “O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto.”

O índice de confiabilidade para os itens da dimensão cultural variou de 0,50 a 0,75, para negócios 0,53 a 0,55, para macroambiente 0,45 a 0,56 e para física

0,53 a 0,58, apenas para a dimensão do macroambiente dois itens ficaram abaixo do desejável (0,5).

“Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos

24.Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (*goodness-of-fit*) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de *fit* podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário).”

Na tabela 5.40 são apresentados os índices de *fit* obtidos para o modelo. Pode-se verificar que o modelo apresentou bons resultados para o GFI e o RMSEA, mas fracos para o TLI e o CFI. É o modelo, entre todos os testados, que apresenta o melhor PNFI.

Tabela 5.40 – Índices de *fit* do modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Todos os países reunidos

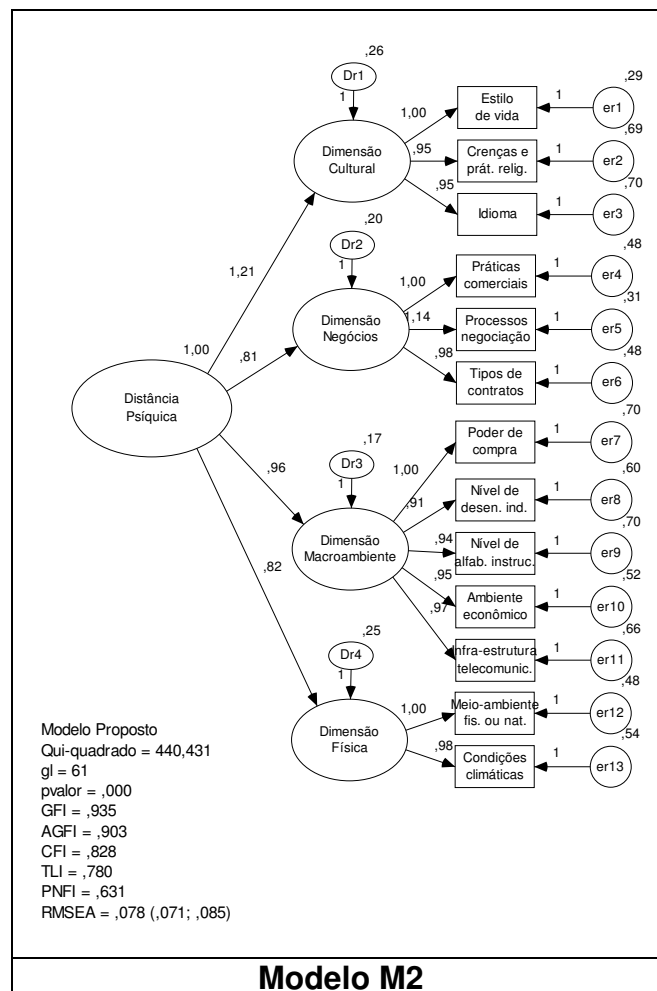
Modelo	Absolutos				Relativos		Parcimônia
	χ^2	χ^2 / gl	GFI	RMSEA	TLI	CFI	PNFI
M2	440,431**	7,220	0,935	0,078 (0,071; 0,085)	0,780	0,828	0,631

** *pvalue* inferior a 0,01

IC – intervalo de 95% de confiança para o RMSEA

Na figura 5.17 são apresentados os valores estimados pelo software AMOS para o modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens, para todos os países reunidos.

Figura 5.17 – Modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Todos os países reunidos



Argentina

Foi encontrado um *outlier* pelo critério de distância de Mahalanobis entre os 343 casos da amostra da Argentina, apesar disso, nenhum caso foi retirado dos estudos.

5. “A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível.”

O requisito foi atendido para o modelo testado. A estimação pelo método ADF não produziu qualquer solução imprópria.

6. “Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção.”

O requisito foi atendido pelo modelo.

7. “As correlações inter-itens intra-construto (*inter-item within-construct correlations*, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas.”

Todos os itens apresentaram correlação superior a 0,3 para a dimensão cultural; 0,6 para a dimensão de negócios; 0,35 para macroambiente e 0,5 para a dimensão física), atendendo portanto ao requisito (desejável ser maior que 0,2). Sendo assim, o requisito foi atendido pelo modelo.

8. “As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas.”

Apesar de o software AMOS não fornecer esta informação, utilizaram-se os resultados dos testes de correlações realizados preliminarmente, em que se pode observar que todas as correlações inter-itens intra-construto foram estatisticamente significativas ao nível de 1%.

9. “A correlação média inter-itens intra-construto (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30.”

Avaliando as correlações estimadas, verifica-se que este requisito foi atendido pelo modelo de mensuração.

10. “A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto).”

O requisito foi atendido pelo modelo (maior correlação 0,63). A análise de correlações item-total inter-construto não foi realizada.

11. “A magnitude de cada carga padronizada é suficiente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,707²) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático).”

Os itens do modelo, com exceção do item ‘idioma’ (0,43). Apresentaram cargas padronizadas entre 0,59 e 0,83, que atendem razoavelmente o requisito.

12. “As cargas fatoriais são estatisticamente significativas.”

O requisito foi atendido ao nível de 0,001 pelo modelo.

13. “As correlações múltiplas padronizadas (*standardized multiple correlations*, SMC) são suficientemente altas, ou seja, maiores ou iguais a 0,50 (no caso de modelos congêneros, isto é, modelos em que cada indicador está associado a somente um construto, a correlação múltipla quadrada é igual ao quadrado da carga padronizada).”

Mesmas conclusões do passo 11.

14. “A variância média extraída (*average variance extracted*, AVE) de cada construto é maior ou igual a 0,50.”

O modelo apresentou 51% de variância média explicada, atendendo a este requisito.

15. “As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas.”

Este requisito foi atendido pelo modelo.

16. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Todos os resíduos foram menores que 3,84 em valor absoluto. Desta forma, o modelo atende a este requisito.

17. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de diferentes construtos não têm um valor positivo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Todos os resíduos foram menores que 3,84 em valor absoluto. Desta forma, o modelo atende a este requisito.

18. “Os índices de modificação estimados pelo pacote estatístico são pequenos, ou seja, menores que 3,84 (o que significa que liberar um parâmetro previamente pré-fixado para ser livremente estimado resultaria em melhoria não estatisticamente significativa no qui-quadrado do modelo de mensuração).”

Foram sugeridas modificações nas correlações entre erros. Atender a tais mudanças contraria as boas práticas de mensuração, visto que se estaria permitindo estimar correlações entre termos de erro. Os índices de modificação sugerem ainda que haveria redução estatisticamente significativa no qui-quadrado do modelo se fossem liberados para serem estimados 2 caminhos (*paths*), ligando um item diretamente a outro. No entanto, as boas práticas de mensuração sugerem que tal não seja feito, visto que cada indicador deve ser determinado por apenas um construto e não por um item. Nenhum índice sugere que se associe um item a outro construto, ou seja, o modelo sugerido apresenta estrutura fatorial compatível com os dados da amostra.

19. “A variância média extraída (*average variance extracted, AVE*) de cada construto é maior do que o quadrado da correlação entre este construto e qualquer outro construto (correlação inter-construtos).”

Como pode ser visto pela tabela 5.41, todas as dimensões violam esse requisito, o que sugere que as dimensões talvez não sejam independentes entre si.

Tabela 5.41 – Variância média extraída e quadrado das correlações entre construtos

Item	DMA	DN	DF	DC
DMA – Dimensão macroambiente	0,478			
DN – Dimensão negócios	0,469	0,629		
DF – Dimensão física	0,341	0,368	0,542	
DC – Dimensão cultural	0,637	0,687	0,500	0,428

Valores for a da diagonal indicam o quadrado da correlação entre os construtos. Valores da diagonal a variância média extraída do construto

Os passos 20 e 21 não se aplicam. Segue-se com o passo 22.

“Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliado, verificando-se se:

22.O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60.”

O coeficiente de confiabilidade apresentado pelo modelo foi: para a dimensão cultural, 0,724; para a dimensão de negócios, 0,888; para a dimensão de macroambiente, 0,807; e para a dimensão física, 0,711. Todos os coeficientes encontram-se acima do mínimo de 0,60, atendendo a este requisito.

23. “O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto.”

O índice de confiabilidade para os itens da dimensão cultural variou de 0,20 (idioma) e, depois, de 0,53 até 0,71; para a dimensão de negócios, de 0,69 a 0,74; para a dimensão de macroambiente, de 0,37 a 0,61; e para a dimensão física, de 0,41 a 0,70. Cinco itens ficaram abaixo do desejável (0,5). Como cinco indicadores estão abaixo de 0,5, o modelo é colocado sob suspeita.

“Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos

24.Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (*goodness-of-fit*) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de *fit* podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário).”

Na tabela 5.42 são apresentados os índices de *fit* obtidos para o modelo. Pode-se verificar que, para os índices absolutos, o modelo apresentou ótimos resultados, porém nos índices relativos ficou abaixo do desejado. Obteve ainda um bom PNFI.

Tabela 5.42 – Índices de *fit* do modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Argentina

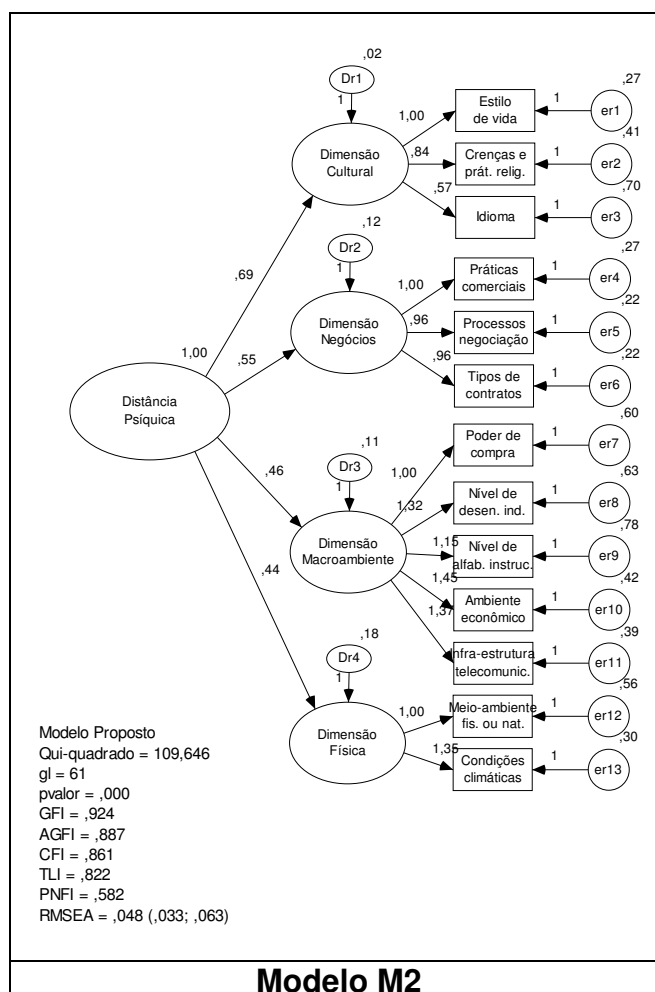
Modelo	Absolutos				Relativos		Parcimônia
	χ^2	χ^2 / gl	GFI	RMSEA	TLI	CFI	PNFI
M2	109,646**	1,797	0,924	0,048 (0,033; 0,063)	0,822	0,861	0,582

** - *pvalue* inferior a 0,01

IC – intervalo de 95% de confiança para o RMSEA

Na figura 5.18 são apresentados os valores estimados pelo software AMOS para o modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens para Argentina.

Figura 5.18 – Modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Argentina



Alemanha

Foi encontrado um *outlier* pelo critério de distância de Mahalanobis entre os 343 casos da amostra da Alemanha; apesar disso, nenhum caso foi retirado dos estudos.

5. “A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível.”

O requisito foi atendido para o modelo testado. A estimação pelo método ADF não produziu qualquer solução imprópria.

6. “Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção.”

O requisito foi atendido pelo modelo.

7. “As correlações inter-itens intra-construto (*inter-item within-construct correlations*, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas.”

Todos os itens apresentaram correlação superior a 0,3 na dimensão cultural; 0,6 na dimensão de negócios; 0,35 na dimensão de macroambiente; e 0,5 na dimensão física (desejável maior que 0,2). Sendo assim, o requisito foi atendido pelo modelo.

8. “As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas.”

Apesar de o software AMOS não fornecer esta informação, utilizaram-se os resultados dos testes de correlações realizados preliminarmente, em que se pode observar que todas as correlações inter-itens intra-construto foram estatisticamente significativas ao nível de 1%.

9. “A correlação média inter-itens intra-construto (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30.”

Avaliando as correlações estimadas, verifica-se que este requisito foi atendido pelo modelo de mensuração.

10. “A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto).”

O requisito foi atendido pelo modelo (maior correlação 0,64). As correlações item-total inter-construto não foi realizada.

11. “A magnitude de cada carga padronizada é suficiente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,707²) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático).”

Os itens do modelo, com exceção do item idioma (0,34). Apresentaram cargas padronizadas entre 0,51 e 0,89, que atendem razoavelmente o requisito.

12. “As cargas fatoriais são estatisticamente significativas.”

O requisito foi atendido ao nível de 0,001 pelo modelo.

13. “As correlações múltiplas padronizadas (*standardized multiple correlations*, SMC) são suficientemente altas, ou seja, maiores ou iguais a 0,50 (no caso de modelos congêneros, isto é, modelos em que cada indicador está associado a somente um construto, a correlação múltipla quadrada é igual ao quadrado da carga padronizada).”

Mesmas conclusões do passo 11.

14. “A variância média extraída (*average variance extracted*, AVE) de cada construto é maior ou igual a 0,50.”

O modelo apresentou 47% de variância média explicada, um pouco abaixo do desejável.

15. “As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas.”

Este requisito foi atendido pelo modelo.

16. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Todos os resíduos foram menores que 3,84 em valor absoluto. Desta forma, o modelo atende a este requisito.

17. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de diferentes construtos não têm um valor positivo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Todos os resíduos foram menores que 3,84 em valor absoluto. Desta forma, o modelo atende a este requisito.

18. “Os índices de modificação estimados pelo pacote estatístico são pequenos, ou seja, menores que 3,84 (o que significa que liberar um parâmetro previamente pré-fixado para ser livremente estimado resultaria em melhoria não estatisticamente significativa no qui-quadrado do modelo de mensuração).”

Foram sugeridas modificações nas correlações entre erros. Atender a tais mudanças contraria as boas práticas de mensuração, visto que se estaria permitindo estimar correlações entre termos de erro. Os índices de modificação sugerem ainda que haveria redução estatisticamente significativa no qui-quadrado do modelo se fossem liberados para serem estimados 2 caminhos (*paths*), ligando um item diretamente a outro. No entanto, as boas práticas de mensuração sugerem que tal não seja feito, visto que cada indicador deve ser determinado por apenas um construto e não por um item. Alguns índices sugerem que se associe um item a outro construto, ou seja, que o item de uma determinada dimensão seja associado a outra. Assim, o modelo para Alemanha foi colocado sobre suspeita.

19. “A variância média extraída (*average variance extracted, AVE*) de cada construto é maior do que o quadrado da correlação entre este construto e qualquer outro construto (correlação inter-construtos).”

Como pode ser visto na tabela 5.43, somente a dimensão de negócios não viola este requisito, o que sugere que as dimensões talvez não sejam independentes entre si.

Tabela 5.43 – Variância média extraída e quadrado das correlações entre construtos

Item	DMA	DN	DF	DC
DMA – Dimensão macroambiente	0,437			
DN – Dimensão negócios	0,260	0,618		
DF – Dimensão física	0,360	0,227	0,469	
DC – Dimensão cultural	0,635	0,399	0,554	0,392

Valores fora da diagonal indicam o quadrado da correlação entre os construtos. Valores da diagonal indicam a variância média extraída do construto

Os passos 20 e 21 não se aplicam. Segue-se com o passo 22.

“Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliada, verificando-se se:

22.O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60.”

O coeficiente de confiabilidade apresentado pelo modelo foi: para a dimensão cultural, 0,681; dimensão de negócios, 0,803; dimensão de macroambiente, 0,783; e dimensão física, 0,711. Todos os coeficientes estão acima do mínimo de 0,60, atendendo a este requisito.

23. “O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto.”

O índice de confiabilidade para os itens da dimensão cultural variou de 0,20 (idioma) a 0,761; para a dimensão de negócios de 0,53 a 0,65; para a dimensão de macroambiente, de 0,21 (infra-estrutura de telecomunicações) a 0,64; e para a dimensão física, de 0,46 a 0,65. Sete itens ficaram abaixo do desejável (0,5).

“Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos

24.Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (*goodness-of-fit*) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de *fit* podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário).”

Na tabela 5.44 são apresentados os índices de *fit* obtidos para o modelo. Pode-se verificar que, para os índices absolutos, o modelo apresentou bons resultados, mas não atingiu o desejável nos índices relativos. O PNFI foi bom.

Tabela 5.44 – Índices de *fit* do modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Alemanha

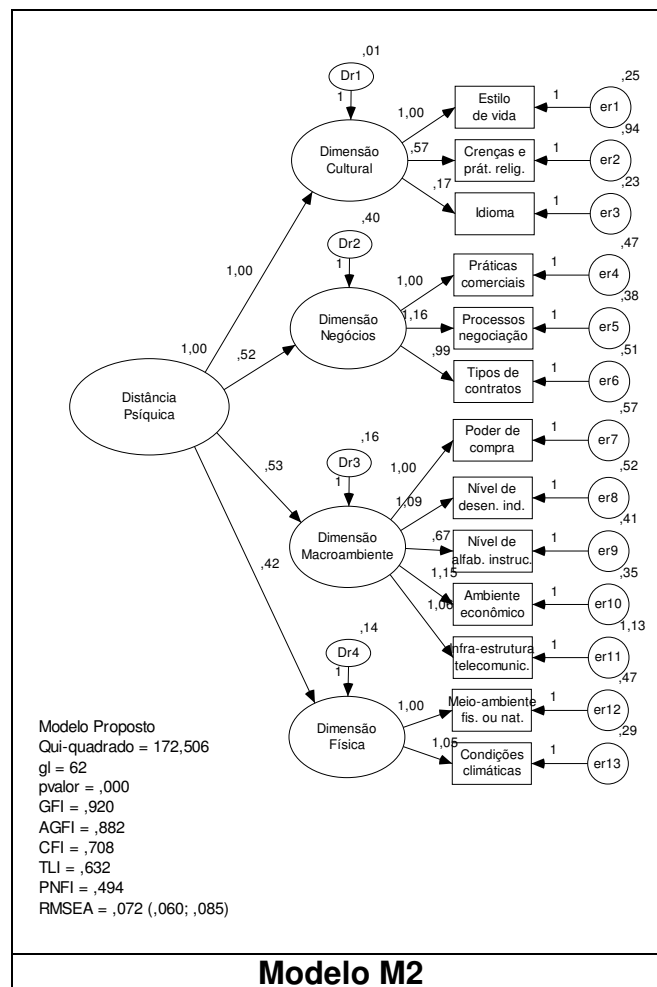
Modelo	Absolutos				Relativos		Parcimônia
	χ^2	χ^2 / gl	GFI	RMSEA	TLI	CFI	PNFI
M2	172,506**	2,782	0,920	0,072 (0,060; 0,085)	0,632	0,708	0,494

** - *pvalue* inferior a 0,01

IC – intervalo de 95% de confiança para o RMSEA

Na figura 5.19 são apresentados os valores estimados pelo software AMOS para o modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens para Alemanha.

Figura 5.19 – Modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Alemanha



Índia

Foi encontrado um *outlier* pelo critério de distância de Mahalanobis entre os 342 casos da amostra da Índia; apesar disso, nenhum caso foi retirado dos estudos.

5. “A estimação dos parâmetros não produz nenhuma solução imprópria ou não admissível.”

O requisito foi atendido para o modelo testado. A estimação pelo método ADF não produziu qualquer solução imprópria.

6. “Os sinais das cargas fatoriais são compatíveis com o esperado pela teoria e, em cada construto, apontam todos na mesma direção.”

O requisito foi atendido pelo modelo.

7. “As correlações inter-itens intra-construto (*inter-item within-construct correlations*, isto é, correlações entre cada par de itens associados a um mesmo construto), estimadas pelo modelo, são suficientemente altas.”

Todos os itens apresentaram correlação superior a: 0,32 na dimensão cultural (exceto ‘idioma’); 0,49 na dimensão de negócios, 0,43 na dimensão de macroambiente; e 0,54 na dimensão física (sendo desejável ser maior que 0,2). Sendo assim, o requisito foi atendido pelo modelo.

8. “As correlações inter-itens intra-construto são estatisticamente significativas.”

Apesar de o software AMOS não fornecer esta informação, utilizaram-se os resultados dos testes de correlações realizados preliminarmente, em que se pode observar que todas as correlações inter-itens intra-construto foram estatisticamente significativas ao nível de 1%.

9. “A correlação média inter-itens intra-construto (isto é, a média de todas as correlações inter-itens de um dado construto, estimadas pelo modelo) é suficiente alta, ou seja, maior ou igual a 0,30.”

Avaliando as correlações estimadas, verifica-se que este requisito foi atendido pelo modelo de mensuração.

10. “A correlação inter-itens intra-construto média de cada indicador, bem como qualquer correlação item-total intra-construto, não é alta demais, ou seja, não é maior que 0,90 (posto que correlações altas demais sugeririam que o conjunto de indicadores seria por demais redundante para mapear de forma eficiente o domínio do respectivo construto).”

O requisito foi atendido pelo modelo (maior correlação = 0,63). A análise de correlações item-total inter-construto não foi realizada.

11. “A magnitude de cada carga padronizada é suficiente alta, ou seja, maior que 0,50 ou, idealmente, maior que 0,707, o que significa que o construto explicaria mais de 50% (0,707²) da variância do respectivo indicador, sendo o restante devido a erro de mensuração (idealmente, aleatório, mas eventualmente também sistemático).”

Os itens do modelo, com exceção do item ‘idioma’ (0,09) e do item ‘crenças e práticas religiosas’ (0,33). Apresentaram cargas padronizadas entre 0,65 e 0,98, que atendem razoavelmente o requisito.

12. “As cargas fatoriais são estatisticamente significativas.”

Com exceção do item ‘idioma’, o requisito foi atendido ao nível de 0,001 pelo modelo.

13. “As correlações múltiplas padronizadas (*standardized multiple correlations*, SMC) são suficientemente altas, ou seja, maiores ou iguais a 0,50 (no caso de modelos congêneros, isto é, modelos em que cada indicador está associado a somente um construto, a correlação múltipla quadrada é igual ao quadrado da carga padronizada).”

Mesmas conclusões do passo 11.

14. “A variância média extraída (*average variance extracted*, AVE) de cada construto é maior ou igual a 0,50.”

O modelo apresentou 49% de variância média explicada, ligeiramente abaixo do desejável.

15. “As variâncias dos erros de mensuração de cada indicador são estatisticamente significativas.”

Este requisito foi atendido pelo modelo.

16. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de um mesmo construto não têm um valor negativo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Todos os resíduos foram menores que 3,84 em valor absoluto. Desta forma, o modelo atende a este requisito.

17. “Os resíduos padronizados entre (as covariâncias, observadas vs. estimadas, de) indicadores de diferentes construtos não têm um valor positivo alto (isto é, são menores, em valor absoluto, que 3,84 – ou se situam entre 2,58 e 3,84, o que apenas levantaria suspeitas).”

Somente as covariâncias com idioma produziram resíduo maior do que 3,84 em valor absoluto. Desta forma, o modelo atende parcialmente a este requisito.

18. “Os índices de modificação estimados pelo pacote estatístico são pequenos, ou seja, menores que 3,84 (o que significa que liberar um parâmetro previamente pré-fixado para ser livremente estimado resultaria em melhoria não estatisticamente significativa no qui-quadrado do modelo de mensuração).”

Foram sugeridas modificações nas correlações entre erros. Atender a tais mudanças contraria as boas práticas de mensuração, visto que se estaria permitindo estimar correlações entre termos de erro. Os índices de modificação sugerem ainda que haveria redução estatisticamente significativa no qui-quadrado do modelo se fossem liberados para serem estimados 2 caminhos (*paths*), ligando um item diretamente a outro. No entanto, as boas práticas de mensuração sugerem que tal não seja feito, visto que cada indicador deve ser determinado por apenas um construto e não por um item. Nenhum índice sugere que se associe um item a outro construto, ou seja, o modelo sugerido apresenta estrutura fatorial compatível com os dados da amostra.

19. “A variância média extraída (*average variance extracted, AVE*) de cada construto é maior do que o quadrado da correlação entre este construto e qualquer outro construto (correlação inter-construtos).”

Como pode ser visto pela tabela 5.45, nenhuma dimensão viola este requisito.

Tabela 5.45 – Variância média extraída e quadrado das correlações entre construtos

Item	DMA	DN	DF	DC
DMA – Dimensão macroambiente	0,522			
DN – Dimensão negócios	0,493	0,514		
DF – Dimensão física	0,392	0,280	0,550	
DC – Dimensão cultural	0,334	0,239	0,190	0,362

Valores fora da diagonal indicam o quadrado da correlação entre os construtos. Valores da diagonal indicam a variância média extraída do construto

Os passos 20 e 21 não se aplicam. Segue-se com o passo 22.

“Após a verificação do grau de validade e da uni-dimensionalidade dos construtos, a confiabilidade de cada construto deve ser avaliada, verificando-se se:

22.O coeficiente de confiabilidade composto, ρ_c , de cada construto é suficientemente alto, ou seja, maior ou igual a 0,60.”

O coeficiente de confiabilidade apresentado pelo modelo foi: para a dimensão cultural, 0,879; para a dimensão de negócios 0,755; para a dimensão de macroambiente, 0,808; e para a dimensão física, 0,663. Todos os coeficientes estão acima do mínimo de 0,60, atendendo a este requisito.

23. “O índice de confiabilidade de cada item, ρ_i , é suficientemente alto.”

O índice de confiabilidade para os itens da dimensão cultural variou de 0,12 (idioma) a 0,98; para a dimensão de negócios, de 0,47 a 0,57; para a dimensão de macroambiente, de 0,37 a 0,60; e para a dimensão física, de 0,43 a 0,57. Oito itens ficaram abaixo do desejável (0,5). O requisito não foi atendido pelo modelo.

“Além das propriedades psicométricas dos indicadores e construtos, é necessário avaliar o grau de adequabilidade geral do conjunto de indicadores e construtos

24.Os diversos indicadores do grau de adequabilidade geral do modelo de mensuração (*goodness-of-fit*) apresentam um quadro satisfatório (a decisão sobre o que seria “um quadro geral satisfatório” pode depender do julgamento do pesquisador, posto que alguns índices de *fit* podem sugerir adequabilidade enquanto outros podem sugerir o contrário).”

Na tabela 5.46 são apresentados os índices de *fit* obtidos para o modelo. Pode-se verificar que, para quase todos os índices, exceto TLI, o modelo apresentou ótimos resultados.

Tabela 5.46 – Índices de *fit* do modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Índia

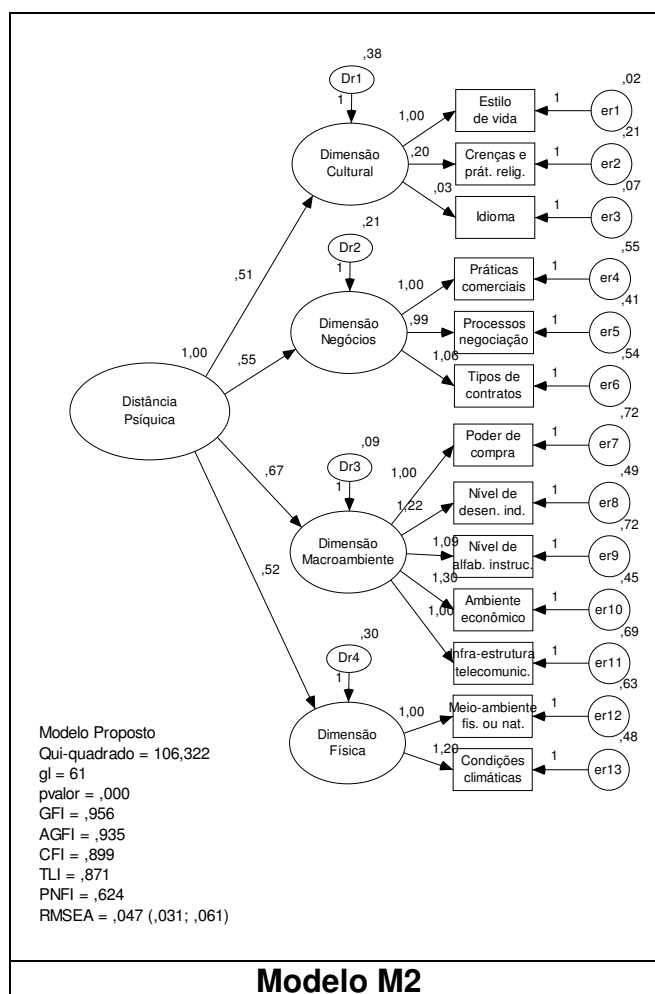
Modelo	Absolutos				Relativos		Parcimônia
	χ^2	χ^2 / gl	GFI	RMSEA	TLI	CFI	PNFI
M2	106,322**	1,743	0,956	0,047 (0,031; 0,061)	0,871	0,899	0,624

** - *pvalue* inferior a 0,01

IC – intervalo de 95% de confiança para o RMSEA

Na figura 5.20 são apresentados os valores estimados pelo software AMOS para o modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens, para Índia.

Figura 5.20 – Modelo de mensuração da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens – Índia



Resumo dos resultados

Os resultados da avaliação do modelo completo, M2, indicam que (tabela 5.46b):

- O modelo completo (M2) de mensuração da distância psíquica, medida por quatro dimensões, representadas por itens, teve comportamento bastante satisfatório quando avaliado com todos os países. O coeficiente de confiabilidade apresentado pelo modelo para dimensão cultural (0,80), dimensão de negócios (0,83), dimensão de macroambiente (0,83) e dimensão física (0,71) e a variância média explicada de 66%.

- Quando avaliado por país, a variável idioma perdeu seu poder de explicação.
- Para a Alemanha, algumas estatísticas foram consideradas inadequadas.
- Os índices de *fit* foram melhores para os países individualmente, em particular para a Índia.

Assim, considerou-se o modelo satisfatório para todas as situações estudadas.

Tabela 5.46b - Síntese dos resultados da Análise Fatorial Confirmatória usando o Modelo Completo (M2)

Etapa	Todos os países	Argentina	Alemanha	Índia
5	+	+	+	+
6	+	+	+	+
7	+	+	+	+
8	+	+	+	+
9	+	+	+	+
10	+	+	+	+
11	+	+	+	+
12	+	+	+	próximo
13	+	+	+	+
14	+	+	próximo	próximo
15	+	+	+	+
16	+	+	+	+
17	-	+	+	próximo
18	+	+	-	+
19	próximo	-	-	+
20	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
21	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
22	+	+	+	+
23	próximo	-	-	-
24	*	*	*	*
χ^2 / gl	-	+	+	+
GFI	+	+	+	+
RMSEA	+	+	+	+
TLI	-	-	-	-
CFI	-	-	-	+
PNFI	*	*	*	*

Siglas:

- = não cumpre o requisito; + = cumpre o requisito; próximo = quase atende o requisito; n.a. = não se aplica;

* = não foi possível comparar com outros modelos; um único modelo foi testado.

5.4.6 Resumo das propriedades psicométricas das escalas de Distância Psíquica segundo a abordagem de conjunto de fatores

Por fim, compararam-se, com relação às propriedades psicométricas, as seis escalas: Klein e Roth (1990) completo (KR1), Klein e Roth (1990) sem idioma (KR2), Sousa e Bradley (2005) completo (SB1), Sousa e Bradley (2005) sem idioma (SB2), Distância psíquica medida por dimensões-síntese (M1) e Distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens (M2). Cada uma das análises foi feita para cada escala em quatro configurações: todos os países reunidos, Argentina, Alemanha e Índia.

Todos os países reunidos

Na tabela 5.47 é apresentada a comparação das seis escalas de múltiplos itens, para todos os países reunidos. São destacados, no item 14, a percentagem de explicação dos modelos (percentagem de variância média explicada – AVE) e no item 22 os índices de confiabilidade obtidos. Nos demais passos, o sinal “+” indica que o modelo foi aprovado no passo específico, e o sinal “-“ significa que o modelo não passou.

- A escala KR2 foi a que obteve melhor desempenho nos índices de *fit*, mas foi também a que apresentou menor capacidade de explicação.
- A escala M1 vem em segundo lugar nos índices de *fit*, mas obtém melhores resultados no que se refere à percentagem da variância explicada. Os índices de confiabilidade das duas escalas são equivalentes.
- A escala M2 não se sai tão bem nos índices de *fit*, embora obtenha PNFI mais elevado. Não atinge o valor mínimo desejável no CFI, mas se

aproxima do mesmo. No entanto, no que se refere aos percentuais de explicação dos modelos e aos índices de confiabilidade obtidos, o M2 é o que apresenta melhores resultados.

Em síntese, os modelos K2, M1 e M2 emergem da etapa de validação como superiores na análise de 'todos os países reunidos'.

Tabela 5.47 – Comparação das escalas de distância psíquica (múltiplos itens) – Todos os países reunidos

Etapa	KR1	KR2	SB1	SB2	M1	M2
5	+	+	+	+	+	+
6	+	+	+	+	+	+
7	+	+	+	+	+	+
8	+	+	+	+	+	+
9	+	+	+	+	+	+
10	+	+	+	+	+	+
11	+	+	+	+	+	+
12	+	+	+	+	+	+
13	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	+
14	48,2	47,2	59,0	59,0	54,0	66,0
15	+	+	+	+	+	+
16	+	+	-	-	+	+
17	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	-
18	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	+
19	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	próximo
20	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
21	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
22	0,742	0,702	0,849	0,831	0,745	0,800 0,829 0,827 0,714
23	-	-	-	-	próximo	próximo
24						
χ^2/ gl	-	+	-	-	-	-
GFI	+	+	+	+	+	+
RMSEA	-	+	-	-	+	+
TLI	-	+	-	-	+	-
CFI	+	+	-	-	+	-
PNFI	0,455	0,325	0,570	0,514	0,324	0,631

Siglas:

- = não cumpre o requisito; + = cumpre o requisito; próximo = quase atende o requisito;
n.a. = não se aplica;

Argentina

Na tabela 5.48 é apresentada a comparação das seis escalas de múltiplos itens, para a Argentina.

- A escala KR1 foi a que obteve melhor *fit*, mas também apresenta o índice de explicação mais baixo. O modelo KR2 apresenta o segundo melhor *fit* e uma percentagem de explicação um pouco maior.
- Os modelos SB1 e SB2 apresentam um *fit* com alguns problemas, índices de confiabilidade elevados, mas explicação inferior a 50%.
- O modelo M1 tem baixo desempenho para a Argentina, com *fit* inadequado, percentagem de variância explicada baixa (é a segunda mais baixa entre os modelos examinados) e índice de confiabilidade aceitável, embora inferior aos demais modelos.
- O modelo M2 tem índices de *fit* razoáveis e é o único que atinge o limite de 50% de explicação. Os índices de confiabilidade obtidos pelo modelo M2 são elevados para dois subconstrutos e aceitáveis para os outros dois. Além disto, o modelo obtém um PNFI elevado, como seria de esperar.

Assim sendo, em linhas gerais, para a Argentina, os modelos KR2 e M2 se destacam, e o modelo M1, que se havia salientado na análise anterior, apresenta desempenho fraco.

Tabela 5.48 – Comparação das seis escalas de distância psíquica (múltiplos itens) – Argentina

Etapa	KR1	KR2	SB1	SB2	M1	M2
5	+	+	+	+	+	+
6	+	+	+	+	+	+
7	+	+	-	+	+	+
8	+	+	+	+	+	+
9	+	+	-	+	+	+
10	+	+	+	+	+	+
11	-	+	-	+	+	+
12	+	+	+	+	+	+
13	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	+
14	37,3	43,5	41,0	46,0	39,0	51,0
15	+	+	+	+	+	+
16	+	+	+	+	-	+
17	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	+
18	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	+
19	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	-
20	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
21	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
22	0.734	0.745	0.818	0.823	0.703	0.724 0.888 0.807 0.711
23	-	-	-	-	-	-
24						
χ^2/ gl	+	+	+	+	-	+
GFI	+	+	+	+	+	+
RMSEA	+	+	+	+	-	+
TLI	+	-	-	-	-	-
CFI	+	+	-	-	+	-
PNFI	0,455	0,325	0,570	0,514	0,324	0,631

Siglas:

- = não cumpre o requisito; + = cumpre o requisito; próximo = quase atende o requisito; n.a. = não se aplica;

Alemanha

Na tabela 5.49 é apresentada a comparação das seis escalas de múltiplos itens, para a Alemanha.

- A escala M1 foi a que teve melhor desempenho no que se refere ao *fit*, e obteve a segunda melhor posição no que se refere à percentagem de variância explicada. Obteve índice de confiabilidade aceitável.

- As demais escalas apresentaram *fit* equivalente, sendo que M2 apresentou o pior *fit*. No entanto, M2 foi superior em % da variância explicada a todas as demais.
- Entre as demais, a melhor foi SB2, quanto a *fit*, explicação e confiabilidade.

Tabela 5.49 – Comparação das seis escalas de distância psíquica (múltiplos itens) – Alemanha

Etapa	KR1	KR2	SB1	SB2	M1	M2
5	+	+	+	+	+	+
6	+	+	+	+	+	+
7	-	+	-	+	+	+
8	-	+	+	+	+	+
9	+	+	-	+	+	+
10	+	+	+	+	+	+
11	-	próximo	-	próximo	+	+
12	+	+	+	+	+	+
13	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	+
14	28,0	33,4	36,0	40,0	40,0	47,0
15	+	+	+	+	+	+
16	+	+	+	+	+	+
17	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	+
18	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	-
19	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	-
20	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
21	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
22	0,627	0,598	0,818	0,798	0,714	0,681 0,803 0,783 0,711
23	-	-	-	-	-	-
24						
χ^2/ gl	+	+	+	+	+	+
GFI	+	+	+	+	+	+
RMSEA	+	+	+	+	+	+
TLI	-	-	-	-	+	-
CFI	+	+	-	+	+	-
PNFI	0,440	0,313	0,551	0,523	0,326	0,494

Siglas:

- = não cumpre o requisito; + = cumpre o requisito; próximo = quase atende o requisito; n.a. = não se aplica;

Índia

Na tabela 5.50 é apresentada a comparação das seis escalas de múltiplos itens, para a Índia.

- As escalas M1, KR1 e KR2 obtiveram o melhor *fit*. No entanto, a percentagem de variância explicada foi muito baixa, para todas as escalas, exceto M2.
- No cômputo geral, M2 foi a escala que apresentou os melhores resultados. Os índices relativos de *fit* ficaram bastante próximos do limite desejável, a % de variância explicada tangenciou o limite desejável, e os índices de confiabilidade obtidos foram bons ou aceitáveis.

Tabela 5.50 – Comparação das seis escalas de distância psíquica – Índia

Etapa	KR1	KR2	SB1	SB2	M1	M2
5	+	+	+	+	+	+
6	+	+	+	+	+	+
7	-	+	-	+	+	+
8	-	+	-	+	+	+
9	+	+	-	-	+	+
10	+	+	+	+	+	+
11	-	próximo	-	-	próximo	+
12	-	+	+	+	+	próximo
13	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	+
14	-	-	-	-	-	próximo
15	+	+	+	+	+	+
16	-	+	-	+	+	+
17	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	próximo
18	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	+
19	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	+
20	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
21	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
22	0,644	0,600	0,699	0,695	0,652	0,879 0,755 0,808 0,663
23	-	-	-	-	-	-
24						
χ^2/ gl	+	+	+	+	+	+
GFI	+	+	+	+	+	+
RMSEA	+	+	+	+	+	+
TLI	+	+	-	-	+	-
CFI	+	+	-	-	+	+
PNFI	0,473	0,328	0,522	0,501	0,323	0,624

Siglas:

- = não cumpre o requisito; + = cumpre o requisito; próximo = quase atende o requisito; n.a. = não se aplica;

5.5 TESTE DA HIPÓTESE H_{1B}

H₁: Os principais instrumentos que são utilizados para medir a distância psíquica não apresentam diferença significativa em suas medidas.

H_{1b}: Os principais instrumentos utilizados para medir a distância psíquica segundo a abordagem de conjunto de fatores não apresentam diferenças significativas em seus resultados.

Procedeu-se ao teste da hipótese H_{1b} . Para cada um dos três países foi verificado se existem diferenças entre as distâncias psíquicas medidas pelas escalas KR1, KR2, SB1, SB2, M1 e M2:

- escala KR1: Klein e Roth (1990) completo;
- escala KR2: Klein e Roth (1990) sem idioma (C12);
- escala SB1: Sousa e Bradley (2005) completo;
- escala SB2: Sousa e Bradley (2005) sem idioma (C12);
- escala M1: dimensões-síntese; e
- escala M2: modelo completo.

Foram consideradas as quatro configurações: (1) todos os países reunidos, (2) Argentina, (3) Alemanha e (4) Índia. Para cada configuração foram analisadas as seis escalas utilizando-se o *score* fatorial encontrado ao final da Análise Fatorial Confirmatória (*Factor Score Weights* apresentado pelo software AMOS). As seis escalas podem variar nas quatro configurações estudadas, visto que, para cada uma delas um *score* fatorial diferente foi encontrado. Por exemplo, o valor associado para escala M1, referente ao respondente X, país Argentina, na configuração todos os países provavelmente é diferente do valor associado para escala M1, referente ao respondente X, país Argentina, na configuração Argentina. Isto ocorre por conta das observações que foram utilizadas em cada cálculo (*Factor Score* – todos os países, $n=1028$; *Factor Score* – Argentina, $n=343$).

Como todos os itens utilizados foram medidos em uma escala de 1 a 5 espera-se encontrar escalas de mesma grandeza. No entanto, todos os testes conduzidos

foram não paramétricos e sendo assim a grandeza da escala não teve influencia nos resultados.

O teste da hipótese seguiu os seguintes passos:

- Análise exploratória dos dados e teste de normalidade
- Teste de correlação de postos de Spearman

5.5.1 Análise exploratória dos dados e testes de normalidade

Todos os países reunidos

Na tabela 5.51 são apresentados o tamanho amostral (n), média (M) e o desvio padrão (S) da distância psíquica para cada uma das seis escalas para Todos os países, Argentina, Alemanha e Índia.

As menores médias foram sublinhadas e as maiores médias foram colocadas em negrito. Pode-se observar que as escalas KR1 e KR2 são as escalas que mais apresentam medidas extremas (menor e maior). A escala M1 para todas as configurações ocupou posição intermediária.

Tabela 5.51 – Média e Desvio padrão das 6 escalas de Distância Psíquica.

Escala	Argentina (n=343)		Alemanha (n=343)		Índia (n=342)		Todos (n=1028)	
	M	S	M	S	M	S	M	S
KR1	2,2	0,67	3,5	0,66	3,6	0,60	3,1	0,90
KR2	2,2	0,72	<u>3,2</u>	0,75	<u>3,3</u>	0,71	<u>2,9</u>	0,88
SB1	<u>1,9</u>	0,61	3,3	0,61	3,5	0,50	<u>2,9</u>	0,93
SB2	<u>1,9</u>	0,64	<u>3,2</u>	0,67	3,4	0,56	<u>2,9</u>	0,92
M1	2,1	0,67	3,3	0,68	3,5	0,62	3,0	0,90
M2	2,1	0,59	3,4	0,59	3,6	0,55	3,1	0,87

Onde: n – tamanho amostral, M – média e S – desvio padrão

KR1: Klein e Roth (1990) completo; KR2: Klein e Roth (1990) sem idioma (C12); SB1: Sousa e Bradley (2005) completo; SB2: Sousa e Bradley (2005) sem idioma (C12); M1: dimensões-síntese; e M2: modelo completo

Foram em seguida realizados testes para verificar a suposição de que a distância psíquica de cada uma das escalas possui distribuição normal. Para tal, o teste de Kolmogorov-Smirnov foi aplicado a cada uma das 6 escalas. O teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov tem como hipótese básica a suposição de normalidade da variável (H_0 : Distância Psíquica medida pelo escala i para a configuração j possui distribuição normal, onde $i = KR1, KR2, SB1, SB2, M1$ e $M2$ e $j =$ uma das 4 situações, (1) todos os países, (2) Argentina, (3) Alemanha e (4) Índia). O teste é apresentado na tabela 5.52.

Como pode ser visto, para todas as escalas na configuração 'Todos', com exceção do instrumento KR2, a suposição de distribuição normal foi rejeitada ao nível de significância de 5% ($pvalue < 0,05$). Na análise por país, no caso da Alemanha não se rejeitou a suposição de normalidade para nenhuma das escalas, no da Argentina somente para as escala KR1 e M2 e no da Índia para as escalas KR1, KR2 e M2 não se rejeitou a suposição de normalidade. Ou seja, os instrumentos KR1 e M2 não rejeitaram a suposição de normalidade quando avaliados por país na configuração todos os países reunidos.

Tabela 5.52 – Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov

Escala	Argentina (n=343)		Alemanha (n=343)		Índia (n=342)		Todos (n=1028)	
	KS	pvalue	KS	pvalue	KS	pvalue	KS	pvalue
KR1	0,863	0,445	0,765	0,602	0,921	0,365	1,439	0,032*
KR2	1,585	0,013*	0,658	0,780	1,125	0,159	1,243	0,091
SB1	1,582	0,013*	1,244	0,091	1,467	0,027*	2,911	0,000**
SB2	1,514	0,020*	1,217	0,104	1,479	0,025*	2,608	0,000**
M1	1,815	0,003*	1,091	0,184	1,732	0,005**	2,277	0,000**
M2	0,997	0,273	0,690	0,728	0,504	0,961	1,812	0,003**

Onde: n – tamanho amostral,

** Significativo a 1%;

* Significativo a 5%

KR1: Klein e Roth (1990) completo; KR2: Klein e Roth (1990) sem idioma (C12); SB1: Sousa e Bradley (2005) completo; SB2: Sousa e Bradley (2005) sem idioma (C12); M1: dimensões-síntese; e M2: modelo completo

Argentina

Na tabela 5.53 são apresentados, para o país Argentina, o tamanho amostral (n=343), média (M), desvio padrão (S) e o resultado do teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov para cada uma das seis escalas de distância psíquica. Para as escalas KR1, KR2 e M2 a hipótese de normalidade não foi rejeitada.

Tabela 5.53 – Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov, Média e Desvio padrão das seis escalas de Distância Psíquica (múltiplos itens) – Argentina (n=343).

Escala	M	S	KS	<i>pvalue</i>
KR1	2,7	0,88	0,992	0,278
KR2	2,6	0,88	1,325	0,060
SB1	2,8	0,93	1,454	0,029*
SB2	2,8	0,93	1,557	0,016*
M1	2,6	0,86	2,007	0,001**
M2	3,2	0,94	0,948	0,330

Onde: n – tamanho amostral,

** Significativo a 1%;

* Significativo a 5%

KR1: Klein e Roth (1990) completo; KR2: Klein e Roth (1990) sem idioma (C12); SB1: Sousa e Bradley (2005) completo; SB2: Sousa e Bradley (2005) sem idioma (C12); M1: dimensões-síntese; e M2: modelo completo

Alemanha

Na tabela 5.54 são apresentados, para o país Alemanha, o tamanho amostral, 343, média (M), desvio padrão (S) e o resultado do teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov para cada uma das seis escalas de distância psíquica. Para todas as escalas a hipótese de normalidade não foi rejeitada.

Tabela 5.54 – Teste de Normalidade de Kolmogorov Smirnov, Média e Desvio padrão das 6 escalas de Distância Psíquica – Alemanha (n=343).

Escala	M	S	KS	<i>pvalue</i>
KR1	4,1	0,82	0,621	0,835
KR2	3,5	0,82	0,611	0,850
SB1	5,1	0,92	1,151	0,142
SB2	4,6	0,91	1,118	0,164
M1	4,1	0,85	0,869	0,437
M2	4,8	0,88	1,163	0,134

Onde: n – tamanho amostral,

** Significativo a 1%;

* Significativo a 5%

KR1: Klein e Roth (1990) completo; KR2: Klein e Roth (1990) sem idioma (C12); SB1: Sousa e Bradley (2005) completo; SB2: Sousa e Bradley (2005) sem idioma (C12); M1: dimensões-síntese; e M2: modelo completo

Índia

Na tabela 5.55 são apresentados para o país Índia o tamanho amostral, 342, média (M), desvio padrão (S) e o resultado do teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov para cada uma das seis escalas de distância psíquica. Para as escalas KR1, KR2 e M2 a hipótese de normalidade não foi rejeitada.

Tabela 5.55 – Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov, Média e Desvio padrão das 6 escalas de Distância Psíquica – Índia (n=342).

Escala	M	S	KS	<i>pvalue</i>
KR1	4,0	0,83	1,002	0,268
KR2	3,6	0,83	1,206	0,109
SB1	5,6	0,90	1,696	0,006**
SB2	5,3	0,89	1,829	0,002**
M1	4,4	0,82	1,442	0,031*
M2	4,6	0,86	0,727	0,666

Onde: n – tamanho amostral,

** Significativo a 1%;

* Significativo a 5%

KR1: Klein e Roth (1990) completo; KR2: Klein e Roth (1990) sem idioma (C12); SB1: Sousa e Bradley (2005) completo; SB2: Sousa e Bradley (2005) sem idioma (C12); M1: dimensões-síntese; e M2: modelo completo

5.5.2 Teste de correlação de postos de Spearman

Resolveu-se medir o grau de relação linear entre essas escalas pelo coeficiente de correlação não paramétrico de Spearman. Correlações baixas podem indicar que a discriminação obtida por um par de escalas é distinta.

Todos os países reunidos

Na tabela 5.56 são apresentadas as quatro matrizes de correlação relativas respectivamente a: todos os países, Argentina, Alemanha e Índia.

A análise da tabela mostra que todos os pares de escalas tiveram valores altos de correlação. Para todas as situações pode-se verificar que a escala M2 foi a que apresentou maior correlação com as outras escalas. Além disso, verifica-se correlação acima de 0,96 para os pares (KR1 e KR2) e (SB1 e SB2), provavelmente devido ao fato de o item 'idioma' não ter forte influência nas escalas KR1 e SB1. A correlação mais baixa se deu entre os pares de escalas (KR2 e M1). Para os países em separado percebe-se pequena diminuição da magnitude das relações.

Tabela 5.56 – Matriz de correlação de postos de Spearman

Todos os países (n = 1028)	Escalas	KR1	KR2	SB1	SB2	M1	M2
	KR1	1	0,969**	0,837**	0,826**	0,776**	0,918**
KR2			1	0,765**	0,768**	0,721**	0,879**
SB1				1	0,996**	0,831**	0,938**
SB2					1	0,826**	0,933**
M1						1	0,840**
M2							1
Argentina (n = 343)	Escalas	KR1	KR2	SB1	SB2	M1	M2
	KR1	1	0,963**	0,716**	0,681**	0,660**	0,832**
KR2			1	0,660**	0,655**	0,651**	0,822**
SB1				1	0,986**	0,717**	0,894**
SB2					1	0,729**	0,883**
M1						1	0,758**
M2							1
Alemanha (n = 343)	Escalas	KR1	KR2	SB1	SB2	M1	M2
	KR1	1	0,977**	0,657**	0,651**	0,586**	0,839**
KR2			1	0,618**	0,622**	0,555**	0,836**
SB1				1	0,997**	0,706**	0,855**
SB2					1	0,706**	0,853**
M1						1	0,690**
M2							1
Índia (n = 342)	Escalas	KR1	KR2	SB1	SB2	M1	M2
	KR1	1	0,982**	0,629**	0,625**	0,530**	0,812**
KR2			1	0,614**	0,617**	0,505**	0,822**
SB1				1	0,997**	0,613**	0,846**
SB2					1	0,611**	0,846**
M1						1	0,676**
M2							1

** - Significativo a 0,001

KR1: Klein e Roth (1990) completo; KR2: Klein e Roth (1990) sem idioma (C12); SB1: Sousa e Bradley (2005) completo; SB2: Sousa e Bradley (2005) sem idioma (C12); M1: dimensões-síntese; e M2: modelo completo

Argentina

A tabela 5.57 apresenta as correlações entre as escalas para a Argentina. Pode-se notar que as correlações foram mais baixas que as encontradas para todos os países reunidos. Novamente, destaca-se a escala M2 que apresenta forte correlação com todos os outros instrumentos. Também para Argentina verifica-se forte correlação (acima de 0,99) para os pares (KR1 e KR2) e (SB1 e SB2).

Alemanha

A tabela 5.57 apresenta as correlações entre as escalas para a Alemanha. Pode-se notar que as correlações encontradas repetem o comportamento da Argentina e o padrão geral encontrado. Novamente, a escala M2 apresenta forte correlação (acima de 0,99) para os pares (KR1 e KR2) e (SB1 e SB2).

Índia

A tabela 5.57 apresenta as correlações entre as escalas para a Índia. Pode-se notar que as correlações encontradas repetem o comportamento da Argentina e Alemanha, mas com correlações um pouco menores.

Tabela 5.57 – Matriz de correlação de postos de Spearman

Escalas	KR1	KR2	SB1	SB2	M1	M2
	1	0,994**	0,658**	0,649**	0,622**	0,820**
KR2		1	0,637**	0,634**	0,615**	0,806**
SB1			1	0,998**	0,773**	0,897**
SB2				1	0,776**	0,893**
M1					1	0,752**
M2						1

Escalas	KR1	KR2	SB1	SB2	M1	M2
	1	0,995**	0,659**	0,655**	0,545**	0,746**
KR2		1	0,640**	0,640**	0,539**	0,728**
SB1			1	0,998**	0,740**	0,910**
SB2				1	0,743**	0,904**
M1					1	0,659**
M2						1

Escalas	KR1	KR2	SB1	SB2	M1	M2
	1	0,998**	0,625**	0,624**	0,523**	0,855**
KR2		1	0,622**	0,622**	0,515**	0,859**
SB1			1	0,999**	0,594**	0,826**
SB2				1	0,594**	0,828**
M1					1	0,646**
M2						1

** - Significativo a 0,001

KR1: Klein e Roth (1990) completo; KR2: Klein e Roth (1990) sem idioma (C12); SB1: Sousa e Bradley (2005) completo; SB2: Sousa e Bradley (2005) sem idioma (C12); M1: dimensões-síntese; e M2: modelo completo

A escala M2 apresenta forte correlação com todos os outros instrumentos e verifica-se novamente forte correlação (acima de 0,99) para os pares (KR1 e KR2) e (SB1 e SB2).

5.5.3 Resumo dos resultados e teste da hipótese H_{1b}

A correlação de postos de Spearman mostrou que todos os pares de escalas são correlacionados positivamente. Em linhas gerais, esta análise sugere que a validade convergente se sustenta para os pares de escalas. Além disso, verifica-se também que a relação entre os pares de escala oscila entre 0,50 e 0,99.

Desta forma, pode-se dizer que a hipótese H_{1b} foi aceita, ou seja, os principais instrumentos utilizados para medir a distância psíquica segundo a abordagem de conjunto de fatores não apresentam diferenças significativas em seus resultados.

5.6 TESTE DAS HIPÓTESES DO ESTUDO

Nesta seção é apresentado o resultado dos testes de hipóteses do estudo.

5.6.1 Hipótese H_1

H_1 :	Os principais instrumentos utilizados para medir a distância psíquica não apresentam diferença significativa em seus resultados.
H_{1a}	Os principais instrumentos utilizados para medir a distância psíquica, segundo a abordagem de construto-síntese, não apresentam diferenças significativas em seus resultados.
H_{1b}	Os principais instrumentos utilizados para medir a distância psíquica segundo a abordagem de conjunto de fatores não apresentam diferenças significativas em seus resultados.

No capítulo 4 testou-se a hipótese H_1 parte (a) e no capítulo 5, seção 5.5 testou-se a hipótese H_1 parte (b).

A hipótese H_{1a} foi parcialmente confirmada, ou seja, dos instrumentos avaliados nesse estudo, o instrumento B (Leite, Rocha e Figueiredo, 2008) e o instrumento D (Shoham, Rose e Albaum, 1990) não apresentaram diferenças significativas. No entanto, o instrumento A (Söttinger e Schlegelmilch, 1998) e o instrumento C (Boyacigiller, 1990) apresentaram diferença estatisticamente significativa para os demais. No caso do instrumento A, a diferença pode ser provocada pelo uso de uma escala contínua. No caso do instrumento C, a diferença pode estar no enunciado da pergunta por ele utilizada.

A hipótese H_{1b} foi confirmada, ou seja, dos instrumentos avaliados nesse estudo, Klein e Roth (1990) completo (KR1), Klein e Roth (1990) sem idioma (KR2), Sousa e Bradley (2005) completo (SB1), Sousa e Bradley (2005) sem idioma (SB2), Distância psíquica medida por dimensões-síntese (M1) e Distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens (M2), não apresentaram diferenças que levassem à rejeição da hipótese nula. Os instrumentos SB1 e SB2 apresentaram em alguns momentos diferenças estatisticamente significativas, mas quando usada a correlação de Spearman verifica-se que os dois instrumentos estão bem alinhados.

Pelo exposto, a hipótese H_1 foi parcialmente confirmada.

5.6.2 Hipótese H₂

H ₂ :	A dimensão cultural é parte significativa da medição da distância psíquica entre países.
H _{2a}	A variável 'valores culturais, crenças, atitudes e tradições' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.
H _{2b}	A variável 'estilo de vida da população' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.
H _{2c} :	A variável 'crenças e práticas religiosas' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.
H _{2d}	A variável 'idioma' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.
H _{2e}	O construto 'distância do poder' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.
H _{2f} :	O construto 'fuga à incerteza' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.
H _{2g}	O construto 'masculinidade – feminilidade' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.
H _{2h}	O construto 'individualismo – coletivismo' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.
H _{2i} :	O construto 'organização de longo prazo – orientação de curto prazo' é parte significativa da dimensão cultural do construto 'distância psíquica'.

A escala utilizada por Sousa e Bradley (2005) completa (SB1) e escala Sousa, Bradley (2005) sem idioma (SB2) e distância psíquica medida por dimensões-síntese (M1) fizeram uso do item 'valores culturais, crenças, atitudes e tradições'. O item passou pela fase de depuração da escala, Análise Fatorial Exploratória, e foi variável estatisticamente significativa na Análise Fatorial Confirmatória, sendo assim, a hipótese H_{2a} foi confirmada.

O item 'estilo de vida da população' está presente nas escalas de Sousa e Bradley (2005) completa (SB1), escala Sousa e Bradley (2005) sem idioma (SB2) e distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens (M2). Vale lembrar que o item pertence a dimensão cultural da escala M2. O item passou pela fase de depuração das escalas, Análise Fatorial Exploratória, e foi variável estatisticamente significativa na Análise Fatorial Confirmatória, sendo assim, a hipótese H_{2b} foi confirmada.

O item 'crenças e práticas religiosas' está presente na dimensão cultural da escala distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens (M2). O item passou pela fase de depuração da escala, Análise Fatorial Exploratória, e foi variável estatisticamente significativa na Análise Fatorial Confirmatória, sendo assim, a hipótese H_{2c} foi confirmada.

A escala utilizada por Klein e Roth (1990) completa (KR1), Sousa e Bradley (2005) completa (SB1) e a dimensão cultural da escala distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens (M2) fizeram uso do item 'idioma'. O item teve problemas na fase de depuração quando avaliado por país para as duas primeiras escalas, KR1 e SB1. No caso da Índia, escala KR1, o item não foi estatisticamente significativo na Análise Fatorial Confirmatória. Sendo assim, pode-se dizer que em se tratando de todos os países reunidos a hipótese H_{2d} é confirmada, no entanto na avaliação dos países individualmente a hipótese H_{2d} é apenas parcialmente confirmada.

Os construtos de Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988) operacionalizados por Evans, Mavondo e Bridson (2008) não passaram pela fase de depuração da Análise Fatorial Exploratória e sendo assim, as hipóteses, H_{2e} , H_{2f} , H_{2g} , H_{2h} e H_{2i} não foram testadas.

No que diz respeito à hipótese H_2 , pode-se verificar que das 6 escalas utilizadas 5 possuem pelo menos um item que se refere a dimensão cultural.

Conforme exposto, dos itens e construtos testados, somente o item 'idioma' apresentou problemas. Sendo assim a hipótese H_2 foi confirmada.

5.6.3 Hipótese H₃

H ₃ :	A dimensão de negócios é parte significativa da medição da distância psíquica entre países.
H _{3a} :	A variável 'forma de se fazer negócios' é parte significativa da dimensão de negócios do construto 'distância psíquica'.
H _{3b} :	A variável 'práticas comerciais aceitas' é parte significativa da dimensão de negócios do construto 'distância psíquica'.
H _{3c} :	A variável 'processos de negociação' é parte significativa da dimensão de negócios do construto 'distância psíquica'.
H _{3d} :	A variável 'tipos de contratos utilizados' é parte significativa da dimensão de negócios do construto 'distância psíquica'.
H _{3e} :	A variável 'expectativa com relação à qualidade de produtos' é parte significativa da dimensão de negócios do construto 'distância psíquica'.
H _{3f} :	A variável 'expectativa com relação a cumprimento de prazos de entrega' é parte significativa da dimensão de negócios do construto 'distância psíquica'.

A escala distância psíquica medida por dimensões-síntese (M1) fez uso do item 'forma de se fazer negócios'. O item passou pela fase de depuração da escala, Análise Fatorial Exploratória, e foi variável estatisticamente significativa na Análise Fatorial Confirmatória, sendo assim, a hipótese H_{3a} foi confirmada.

O item 'práticas comerciais aceitas' está presente nas escalas de Klein e Roth (1990) completo (KR1), Klein e Roth (1990) sem idioma (KR2) e na dimensão negócios da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens (M2). O item passou pela fase de depuração das escalas, Análise Fatorial Exploratória, e foi variável estatisticamente significativa na Análise Fatorial Confirmatória, sendo assim, a hipótese H_{3b} foi confirmada.

Os itens 'processos de negociação' e 'tipos de contratos utilizados' estão presentes na dimensão negócios da escala de distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens (M2). Os itens passaram pela fase de depuração das escalas, Análise Fatorial Exploratória, e foram variáveis

estatisticamente significativas na Análise Fatorial Confirmatória, sendo assim, as hipóteses H_{3c} e H_{3d} foram confirmadas.

Os itens ‘expectativa com relação à qualidade de produtos’ e ‘expectativa com relação a cumprimento de prazos de entrega’ não passaram pela fase de depuração da Análise Fatorial Exploratória e sendo assim, as hipóteses, H_{3e} e H_{3f} não foram testadas.

No que diz respeito a hipótese H₃, pode-se verificar que das 6 escalas utilizadas 4 possuem um item que se refere a dimensão negócios.

Conforme exposto, todos os itens testados apresentaram bom desempenho. Sendo assim a hipótese H₃ foi confirmada.

5.6.4 Hipótese H₄

H ₄ :	A dimensão macroambiente é parte significativa da medição da distância psíquica entre países.
H _{4a} :	A variável ‘ambiente político, social e econômico’ é parte significativa da dimensão ‘macroambiente’ do construto ‘distância psíquica’.
H _{4b} :	A variável ‘sistema jurídico’ é parte significativa da dimensão ‘macroambiente’ do construto ‘distância psíquica’.
H _{4c} :	A variável ‘estabilidade política’ é parte significativa da dimensão ‘macroambiente’ do construto ‘distância psíquica’.
H _{4d} :	A variável ‘poder de compra dos clientes’ é parte significativa da dimensão ‘macroambiente’ do construto ‘distância psíquica’.
H _{4e} :	A variável ‘hábitos e preferências dos consumidores’ é parte significativa da dimensão ‘macroambiente’ do construto ‘distância psíquica’.
H _{4f} :	A variável ‘nível de desenvolvimento industrial’ é parte significativa da dimensão ‘macroambiente’ do construto ‘distância psíquica’.
H _{4g} :	A variável ‘nível de alfabetização e instrução’ é parte significativa da dimensão ‘macroambiente’ do construto ‘distância psíquica’.
H _{4h} :	A variável ‘ambiente econômico’ é parte significativa da dimensão ‘macroambiente’ do construto ‘distância psíquica’.
H _{4i} :	A variável ‘infraestrutura de telecomunicações’ é parte significativa da dimensão ‘macroambiente’ do construto ‘distância psíquica’.

O item ‘ambiente político, social e econômico’ faz parte da escala de distância psíquica medida por dimensões-síntese (M1). O item passou pela fase de

depuração da escala, Análise Fatorial Exploratória, e foi variável estatisticamente significativa na Análise Fatorial Confirmatória, sendo assim, a hipótese H_{4a} foi confirmada.

O item 'sistema jurídico' faz parte das escalas de Klein e Roth (1990) completo (KR1) e Klein e Roth (1990) sem idioma (KR2). O item passou pela fase de depuração da escala e foi variável estatisticamente significativa na Análise Fatorial Confirmatória, sendo assim, a hipótese H_{4b} foi confirmada.

O item 'estabilidade política' não passou pela fase de depuração da Análise Fatorial Exploratória e sendo assim, a hipótese, H_{4c} não foi testada.

Os itens 'poder de compra dos clientes' e 'nível de alfabetização e instrução' estão presentes nas escalas de Sousa e Bradley (2005) completa (SB1), escala Sousa e Bradley (2005) sem idioma (SB2) e na dimensão macroambiente da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens (M2). Os itens passaram pela fase de depuração das escalas e foi variável estatisticamente significativa na Análise Fatorial Confirmatória, sendo assim, as hipóteses H_{4d} e H_{4g} foram confirmadas.

O item 'hábitos e preferências dos consumidores' está presente nas escalas de Sousa e Bradley (2005) completa (SB1) e escala Sousa e Bradley (2005) sem idioma (SB2). O item passou pela fase de depuração das escalas, Análise Fatorial Exploratória, e foi variável estatisticamente significativa na Análise Fatorial Confirmatória, sendo assim, a hipótese H_{4e} foi confirmada.

O item 'nível de desenvolvimento industrial' está presente na dimensão macroambiente da distância psíquica medida por quatro dimensões,

representadas por itens (M2). O item passou pela fase de depuração das escalas, Análise Fatorial Exploratória, e foi variável estatisticamente significativa na Análise Fatorial Confirmatória, sendo assim, a hipótese H_{4f} foi confirmada.

Os itens 'ambiente econômico' e 'infraestrutura de telecomunicações' estão presentes nas escalas de Klein e Roth (1990) completo (KR1), Klein e Roth (1990) sem idioma (KR2) e na dimensão macroambiente da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens (M2). Os itens passaram pela fase de depuração das escalas, Análise Fatorial Exploratória, e foi variável estatisticamente significativa na Análise Fatorial Confirmatória, sendo assim, as hipóteses H_{4h} e H_{4i} foram confirmadas.

Conforme exposto, todos os itens testados apresentaram bom desempenho. Sendo assim a hipótese H_4 foi confirmada.

5.6.5 Hipótese H_5

H_5: A dimensão 'distância física' é parte significativa da medição da distância psíquica entre países.
H_{5a} : A variável 'ambiente físico ou natural' é parte significativa da dimensão 'distância física' do construto 'distância psíquica'.
H_{5b} : A variável 'condições climáticas' é parte significativa da dimensão 'distância física' do construto 'distância psíquica'.

O item 'ambiente físico ou natural' está presente nas escalas distância psíquica medida por dimensões-síntese (M1) e na dimensão física da escala distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens (M2). O item passou pela fase de depuração das escalas, Análise Fatorial Exploratória, e foi variável estatisticamente significativa na Análise Fatorial Confirmatória, sendo assim, a hipótese H_{5a} foi confirmada.

O item 'condições climáticas' está presente nas escalas de Sousa e Bradley (2005) completa (SB1), escala Sousa e Bradley (2005) sem idioma (SB2) e na dimensão física da distância psíquica medida por quatro dimensões, representadas por itens (M2). O item passou pela fase de depuração das escalas, Análise Fatorial Exploratória, e foi variável estatisticamente significativa na Análise Fatorial Confirmatória, sendo assim, a hipótese H_{5b} foi confirmada.

No que diz respeito a hipótese H_5 , pode-se verificar que 4 das 6 escalas utilizadas fazem referência à dimensão física.

Conforme exposto, todos os itens apresentaram bom desempenho para esta dimensão. Sendo assim, a hipótese H_5 foi confirmada.

5.6.6 Síntese dos testes de hipóteses

Esta seção apresenta a síntese dos resultados obtidos pelos testes de hipótese. Na tabela 5.58 são apresentadas as hipóteses desse estudo e o correspondente resultado empírico.

Tabela 5.58 – Síntese dos testes de hipóteses

Hipóteses	Resultado empírico
H₁: Os principais instrumentos utilizados para medir a distância psíquica não apresentam diferença significativa em seus resultados.	parcialmente confirmada
H _{1a} : Os principais instrumentos utilizados para medir a distância psíquica, segundo a abordagem de construto-síntese, não apresentam diferenças significativas em seus resultados.	parcial
H _{1b} : Os principais instrumentos utilizados para medir a distância psíquica segundo a abordagem de conjunto de fatores não apresentam diferenças significativas em seus resultados.	confirmada
H₂: A dimensão cultural é parte significativa da medição da distância psíquica entre países.	confirmada
H _{2a} : A variável ‘valores culturais, crenças, atitudes e tradições’ é parte significativa da dimensão cultural do construto ‘distância psíquica’.	confirmada
H _{2b} : A variável ‘estilo de vida da população’ é parte significativa da dimensão cultural do construto ‘distância psíquica’.	confirmada
H _{2c} : A variável ‘crenças e práticas religiosas’ é parte significativa da dimensão cultural do construto ‘distância psíquica’.	confirmada
H _{2d} : A variável ‘idioma’ é parte significativa da dimensão cultural do construto ‘distância psíquica’.	parcialmente confirmada
H _{2e} : O construto ‘distância do poder’ é parte significativa da dimensão cultural do construto ‘distância psíquica’.	não testada
H _{2f} : O construto ‘fuga à incerteza’ é parte significativa da dimensão cultural do construto ‘distância psíquica’.	não testada
H _{2g} : O construto ‘masculinidade – feminilidade’ é parte significativa da dimensão cultural do construto ‘distância psíquica’.	não testada
H _{2h} : O construto ‘individualismo – coletivismo’ é parte significativa da dimensão cultural do construto ‘distância psíquica’.	não testada
H _{2i} : O construto ‘organização de longo prazo – orientação de curto prazo’ é parte significativa da dimensão cultural do construto ‘distância psíquica’.	não testada
H₃: A dimensão de negócios é parte significativa da medição da distância psíquica entre países.	confirmada
H _{3a} : A variável ‘forma de se fazer negócios’ é parte significativa da dimensão de negócios do construto ‘distância psíquica’.	confirmada
H _{3b} : A variável ‘práticas comerciais aceitas’ é parte significativa da dimensão de negócios do construto ‘distância psíquica’.	confirmada
H _{3c} : A variável ‘processos de negociação’ é parte significativa da dimensão de negócios do construto ‘distância psíquica’.	confirmada
H _{3d} : A variável ‘tipos de contratos utilizados’ é parte significativa da dimensão de negócios do construto ‘distância psíquica’.	confirmada
H _{3e} : A variável ‘expectativa com relação à qualidade de produtos’ é parte significativa da dimensão de negócios do construto ‘distância psíquica’.	não testada
H _{3f} : A variável ‘expectativa com relação a cumprimento de prazos de entrega’ é parte significativa da dimensão de negócios do construto ‘distância psíquica’.	não testada

Tabela 5.58 – Síntese dos testes de hipóteses (continuação)

Hipóteses	Resultado empírico
H₄: A dimensão macroambiente é parte significativa da medição da distância psíquica entre países.	confirmada
H _{4a} : A variável 'ambiente político, social e econômico' é parte significativa da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.	confirmada
H _{4b} : A variável 'sistema jurídico' é parte significativa da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.	confirmada
H _{4c} : A variável 'estabilidade política' é parte significativa da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.	não testada
H _{4d} : A variável 'poder de compra dos clientes' é parte significativa da da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.	confirmada
H _{4e} : A variável 'hábitos e preferências dos consumidores' é parte significativa da da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.	confirmada
H _{4f} : A variável 'nível de desenvolvimento industrial' é parte significativa da da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.	confirmada
H _{4g} : A variável 'nível de alfabetização e instrução' é parte significativa da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.	confirmada
H _{4h} : A variável 'ambiente econômico' é parte significativa da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.	confirmada
H _{4i} : A variável 'infraestrutura de telecomunicações' é parte significativa da dimensão 'macroambiente' do construto 'distância psíquica'.	confirmada
H₅: A dimensão 'distância física' é parte significativa da medição da distância psíquica entre países.	confirmada
H _{5a} : A variável 'ambiente ambiente físico ou natural' é parte significativa da dimensão 'distância física' do construto 'distância psíquica'.	confirmada
H _{5b} : A variável 'condições climáticas' é parte significativa da dimensão 'distância física' do construto 'distância psíquica'.	confirmada

6 SUMÁRIO, CONCLUSÕES E CAMPOS DE PESQUISA FUTURA

6.1 SUMÁRIO DO ESTUDO

O presente estudo objetivou avaliar os métodos empíricos existentes de mensuração do construto da distância psíquica de modo a propor uma nova escala para sua mensuração, mais especificamente: (1) para modelar o construto da distância psíquica, por meio da identificação de seu domínio conceitual; (2) integrar os esforços de mensuração do construto de distância psíquica, por meio da avaliação e teste dos principais instrumentos disponíveis; e (3) contribuir para o desenvolvimento de um instrumento de medida parcimonioso para aferir a distância psíquica.

Com vistas a obter subsídios para o entendimento do fenômeno em estudo foram analisadas as principais contribuições da literatura referente ao construto da distância psíquica. Inicialmente, fez-se uma análise do domínio conceitual do construto, recorrendo à literatura sobre o tema, de modo a identificar suas várias facetas. Em seguida, analisaram-se em profundidade as dimensões do construto. Discutiram-se também as questões relativas à mensuração do construto. Finalmente, com base nas quatro dimensões encontradas foi feita a proposição de um modelo conceitual que buscou integrar e reconciliar as várias visões apresentadas pela revisão de literatura.

Foram duas as abordagens teóricas identificadas na literatura: distância psíquica como construto-síntese (medida por uma escala de um único item); e distância psíquica como conjunto de fatores (medida por uma escala de múltiplos itens).

Para a primeira abordagem quatro instrumentos de medição foram testados: Stöttinger e Schlegelmilch (1998), Leite, Rocha e Figueiredo (1988), Boyacigiller (1990) e Shoham, Rose e Albaum (1990). Para a segunda abordagem os seguintes instrumentos foram selecionados: Klein e Roth (1990), Sousa e Bradley (2005, 2006), Evans, Bridson e Mavondo (2008). Todos os instrumentos foram traduzidos, retraduzidos e adequados aos respondentes brasileiros. Para cada uma das duas abordagens da distância psíquica foi realizada uma *survey* específica.

A população alvo da *survey* 1 (construto-síntese) foi formada por estudantes universitários brasileiros matriculados em curso de graduação de Administração, Economia e Ciências Contábeis. Os respondentes qualificados foram alunos de graduação matriculados em disciplinas do quinto período ou superior. Para esta *survey* foi feita a administração de questionário estruturado para preenchimento pelo próprio informante com assistência do entrevistador. Ao final do processo de amostragem, excluindo-se estrangeiros, obteve-se uma amostra de 377 alunos, 141 de Administração, 93 de Contabilidade e 143 de Economia.

A população alvo da *survey* 2 (conjunto de fatores) foi formada por empresas exportadoras brasileiras de grande e médio porte. Os respondentes qualificados foram executivos brasileiros responsáveis pelo setor de exportação. Para esta *survey*, realizou-se a administração de questionário estruturado para preenchimento pelo próprio informante, sem assistência do entrevistador. Os questionários foram enviados por correio e e-mail. Ao final do processo de amostragem obteve-se um total de 412 respostas (taxa de resposta de 17,2%). Excluídos questionários com problemas, chegou-se ao total de 344 questionários úteis.

Os dados das duas *surveys* foram transcritos para o processamento estatístico. Foi utilizado o software SPSS™, versão 17.0, e o AMOS™, versão 17.0, para realizar as estatísticas univariadas e multivariadas.

Com os dados da *survey* 1 (construto-síntese) aplicaram-se testes de hipóteses e correlação não paramétricos para comparar os instrumentos investigados. A hipótese H_{1a} foi testada indicando equivalência entre duas (Leite, Rocha e Figueiredo, 1988; e Shoham, Rose e Albaum, 1990) das quatro escalas da abordagem de construto-síntese, porém todas as escalas encontram-se fortemente correlacionadas. Uma das escalas, embora correlacionada, parece medir apenas parte do domínio conceitual do construto. Este resultado permitiu confirmar parcialmente a hipótese H_{1a} .

Para a *survey* 2 (conjunto de fatores), procedeu-se à etapa de purificação das medidas: análise de correlação e análise fatorial exploratória. Seis medidas emergiram destas análises: as escalas de Klein e Roth (1990) e Sousa e Bradley (2005) em duas versões, completa e sem idioma, escala com quatro dimensões-síntese e escala com quatro dimensões representadas por itens. As medidas remanescentes foram submetidas à análise fatorial confirmatória. Em geral, os modelos apresentaram resultados satisfatórios com relação às propriedades psicométricas, particularmente variância média explicada, coeficiente de confiabilidade composto e medidas de *fit*. Com base nesses resultados foi possível também avaliar duas escalas como superiores: escala com quatro dimensões-síntese e escala com quatro dimensões representadas por itens: a primeira, pela sua simplicidade, e a segunda, por seus resultados superiores aos demais. Todas as escalas encontram-se correlacionadas, de forma moderada, ou forte, indicando validade convergente. Estes resultados permitiram confirmar a

hipótese H_{1b}. Além disso, foram testadas as hipóteses relativas a cada uma das quatro dimensões, hipóteses H₂ a H₅ e suas subhipóteses, mediante os resultados da análise fatorial confirmatória.

6.2 CONCLUSÕES

Este estudo buscou contribuir para a mensuração do construto da 'distância psíquica', que vem sendo amplamente utilizado na literatura de negócios internacionais. O construto é, ainda, de importância central para uma das principais teorias explicativas do processo de internacionalização da firma, o modelo de internacionalização de Uppsala.

O estudo apresenta três contribuições importantes ao entendimento e à mensuração do construto:

- o mapeamento de seu domínio conceitual;
- a comparação dos instrumentos de medida existentes; e
- a proposição de duas novas medidas, que podem ser consideradas superiores em termos de suas propriedades psicométricas.

6.2.1 Mapeamento do Domínio Conceitual do Construto

Uma das principais contribuições do presente estudo consistiu em realizar amplo mapeamento do domínio conceitual do construto da 'distância psíquica'. Tal mapeamento, a partir da vasta literatura que cobre o fenômeno, é considerado uma etapa fundamental que deve anteceder a proposição e validação de quaisquer escalas de medida.

Um cuidadoso levantamento e análise das definições e conceituações existentes na literatura, desde seu enunciado por Beckerman (1956), além de levantamento e análise de estudos sobre o construto, permitiram identificar quatro dimensões do construto:

- distância cultural;
- distância de negócios;
- distância do macroambiente; e
- distância física.

Para cada uma destas dimensões foi feito um mapeamento de seus elementos, de tal forma que fosse possível desenvolver medidas que abarcassem todo o domínio conceitual do construto.

Além disto, verificou-se a existência de duas abordagens distintas à compreensão e mensuração do fenômeno: a abordagem de 'construto-síntese', em que se admite que o indivíduo percebe o fenômeno de forma gestáltica, holista, capaz de apreender o todo sem necessariamente decompô-lo em partes; e a abordagem de 'conjunto de fatores', em que se considera que a percepção de distância psíquica, na mente do indivíduo, é decomposta em vários fatores, que podem se organizar em dimensões (que são, na realidade, subconstrutos do construto principal).

Em decorrência da existência destas duas abordagens, diferentes instrumentos de mensuração são utilizados pelos autores, que podem ser classificados como pertencendo a uma ou outra abordagem. Assim, aqueles que consideram a distância psíquica como 'construto-síntese' tendem a utilizar escalas de item único

para mensuração do construto; e aqueles que a consideram um 'conjunto de fatores' tendem a preferir escalas de mensuração multi-itens.

O uso de medidas de item único não é recomendado pelos especialistas (Churchill, 1979; Spector, 1992; DeVellis, 2003), considerando-se que dificilmente um único item seria capaz de abarcar o domínio conceitual de construtos abstratos e complexos. Mesmo assim, os pesquisadores têm recorrido a medidas de item único, particularmente quando a distância psíquica é um dentre muitos construtos testados e exigências de simplicidade se impõem a outras considerações. Desta forma, apesar de suas possíveis limitações, as medidas de item único tendem a continuar a ser utilizadas em pesquisas que utilizam a distância psíquica como variável explicativa de vários fenômenos associados ao processo de internacionalização da firma.

6.2.2 Comparação dos Instrumentos de Medida Existentes – Responder explicitamente à segunda e terceira questões da pesquisa

O construto da 'distância psíquica' é, como outros construtos em Ciências Sociais, "um estado cognitivo individual não observável" (Spector, 1992, p.13). Por este motivo, é frequente o desapontamento dos pesquisadores (por exemplo, Stöttinger e Schlegelmilch, 1998, 2000) que, ao tentarem mensurar o fenômeno, são forçados a se defrontar com sua natureza abstrata e complexa. Como observaram Netemeyer, Bearden e Sharma (2003), construtos abstratos são, por natureza, latentes, o que significa dizer que não são diretamente observáveis ou quantificáveis. Em geral, só podem ser inferidos por meio de escalas de mensuração, cuja capacidade de medir tais fenômenos é, minimamente, limitada.

Diversas tentativas foram feitas para medição do fenômeno da distância psíquica. No entanto, muitas delas não só são questionadas por outros pesquisadores (por exemplo, Evans, Treadgold e Mavondo, 2000a), como há dúvidas quanto a se, de fato, estariam medindo o mesmo fenômeno. Estabelecer a equivalência das medidas é fundamental, dado que permite realizar a comparação de estudos que utilizam medidas distintas. No entanto, não existem, na literatura, estudos realizados com tal fim. A única tentativa, comparando duas escalas de medida de item único, foi a de Silva, Rocha e Figueiredo (2007), realizada no Brasil.

Assim sendo, este estudo realizou diversos testes comparativos entre as escalas, de modo a verificar sua comparabilidade e suas características psicométricas.

Escalas de item único

Em primeiro lugar, foram testadas e comparadas as escalas de item único, estabelecendo-se que todas as escalas se encontravam fortemente correlacionadas, mas que algumas diferenças existiam entre elas:

- Escala de Stöttinger e Schlegelmilch (19998) – é a escala com capacidade de se adequar a maior variedade de testes estatísticos, por gerar resultados com distribuição normal. Além disto, não é afetada por diferenças em características demográficas da amostra. É a escala recomendada para pesquisadores que desejem utilizar medidas de item único.
- Escala de Leite, Rocha e Figueiredo (1988) e escala de Shoham, Rose e Albaum (1990) – são basicamente equivalentes, constituindo-se – qualquer

uma delas – na segunda melhor opção, no caso de os pesquisadores seguirem a abordagem de ‘construto-síntese’.

- Escala de Boyacigiller (1990) – Esta escala parece produzir resultados um pouco diferentes das demais. Embora apresente correlações significativas com as demais, apresenta medidas mais extremas e produz resultados distintos para alguns países. É provável que isto se deva ao enunciado da pergunta, que faz referência explícita à questão cultural. Assim sendo, acredita-se que esta medida esteja mais vinculada à distância cultural, uma das dimensões da distância psíquica. É possível que não cubra todo o domínio conceitual do construto.

Os testes realizados indicaram validade convergente entre os instrumentos. De forma também consistente, o teste com o instrumento de Boyacigiller proporcionou alguma evidência de validade discriminante, já que este mediria a distância cultural, um sub-construto da distância psíquica, e, consistentemente, apresentou correlações mais baixas com os demais.

Uma possível limitação desta parte do estudo seria o uso de alunos de graduação para responder aos questionários e não de executivos envolvidos com as atividades internacionais. No entanto, julgou-se aqui que o uso de estudantes não traria prejuízo aos resultados, considerando-se que a percepção de distância psíquica, por ser em grande parte produto da cultura em que o indivíduo se encontra inserido, estaria presente, de forma equivalente, também naqueles que não houvessem exercido atividades internacionais como executivos. Para manter, na medida do possível, a comparabilidade da amostra de estudantes com a de executivos, os questionários foram aplicados a estudantes de disciplinas afins

com o futuro trabalho executivo, quais sejam, Administração, Contabilidade e Economia. Note-se, porém, que se a distância de negócios é um componente relevante da distância psíquica, tal dimensão não faria parte da percepção dos estudantes, devido a sua inexperiência nos negócios internacionais. Assim sendo, eles acessariam outras dimensões da distância psíquica ao inferir, por meio de uma escala de item único, a distância psíquica de um país a outro.

Apesar disto, a comparação dos resultados obtidos das escalas de item único, com uma aplicação de uma destas mesmas escalas em 1988, em pesquisa realizada com executivos (Leite, Rocha e Figueiredo, 1988), revelou a existência de fortes correlações dos resultados entre os dois grupos (executivos e estudantes) e ao longo do tempo. Isto confirma a aplicabilidade destas escalas a amostras de estudantes de Administração, Economia e Contabilidade como substitutas para amostras de executivos, sem prejuízo dos resultados.

Em linhas gerais, portanto, também ficou estabelecida a confiabilidade dos resultados obtidos com o uso das escalas de item único, dada a alta correlação com aplicações anteriores (Leite, Rocha e Figueiredo, 1988; Silva, Rocha e Figueiredo, 2007).

Escalas de múltiplos itens

A existência na literatura de várias escalas de múltiplos itens para medir a distância psíquica permitiu a realização de testes com estas escalas para avaliar se as mesmas atendiam a requisitos de validade e confiabilidade.

Foram utilizadas três escalas identificadas na literatura, que foram testadas juntamente com duas novas escalas propostas (as duas últimas são comentadas no item seguinte):

- Escala de Klein e Roth (1990);
- Escala de Sousa e Bradley (2006);
- Escala de Evans, Mavondo e Bridson (2008).

As duas primeiras escalas de medição de distância psíquica são bastante parcimoniosas: o instrumento de Klein e Roth (1990) utiliza cinco itens e o de Sousa e Bradley (2006) utiliza sete itens. Já o instrumento desenvolvido por Evans, Mavondo e Bridson (2008) utiliza cinco sub-constructos (com um total de 27 itens) para medir a distância de negócios e cinco sub-constructos (com um total de 27 itens) para medir a distância cultural. A priori, pode-se afirmar que a medida de Klein e Roth (1990) e a de Evans, Mavondo e Bridson (2008) não cobrem todas as dimensões que fazem parte do domínio conceitual do construto 'distância psíquica', segundo a literatura: ambas não incluem a dimensão 'distância física'.

A medida de distância psíquica de Evans, Mavondo e Bridson (2008), composta por dois sub-constructos ('distância de negócios' e 'distância cultural'), foi submetida a várias modificações e testes, acabando por ser excluída. Inicialmente, como esta medida foi desenvolvida para o ambiente de varejo, mostrou-se necessária a retirada de alguns itens que faziam parte do subconstructo 'distância de negócios', por não se adequarem a uma aplicação a exportadores de produtos manufaturados.

Em seguida, os pré-testes mostraram que outras características deste questionário, também relativas à medição de 'distância de negócios', causavam dificuldades aos respondentes, pois demandavam avaliações sobre itens pontuais, que não poderiam ser respondidos de forma perceptual, mas exigiam que o respondente dispusesse de informação objetiva prévia sobre o tema. Neste caso encontram-se questões relativas a informações sobre: legislação de planejamento, legislação de proteção ao consumidor, legislação de práticas competitivas etc. Tais questões só se aplicariam a empresas que tivessem efetivamente realizado investimento direto em determinado país, mas não poderiam ser respondidas por exportadores de manufaturados para um conjunto de países para os quais poderiam ou não estar exportando, como na amostra utilizada neste estudo. Em decorrência disto, optou-se por excluir toda a parte relativa a 'distância de negócios' do questionário de Evans, Mavondo e Bridson (2008), optando-se por testar apenas a parte relativa a 'distância cultural'.

A parte do questionário de Evans, Mavondo e Bridson (2008) relativa a 'distância cultural' é derivada das dimensões originais de Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988). A partir dos itens indicados por Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988), que haviam sido detectados empiricamente, Evans, Mavondo e Bridson (2008) elaboraram seu próprio instrumento de medição. O instrumento foi validado pelos autores para uma amostra de varejistas internacionalizados, tendo sido encontradas as mesmas dimensões dos trabalhos originais de Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988).

No presente estudo, porém, diversas dificuldades surgiram na aplicação da parte do instrumento relativa a 'distância cultural' de Evans, Mavondo e Bridson (2008). No pré-teste, os respondentes consideraram que as questões (que haviam sido

traduzidas) estavam formuladas de maneira inadequada e confusa, o que levou a que fossem realizadas modificações significativas na forma de perguntar. Na validação de conteúdo e de face, os especialistas concordaram com as modificações, considerando que estas não alteravam particularmente a equivalência com o instrumento original. No entanto, uma vez aplicado o questionário de 'distância psíquica' de Evans, Mavondo e Bridson (2008) e realizadas as análises iniciais, verificou-se que os itens não compunham as dimensões originais de Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988). Mais ainda, dependendo do país, as dimensões se mostraram instáveis. Assim sendo, optou-se por excluir definitivamente este instrumento da comparação.

Há dois motivos pelos quais isto pode ter ocorrido. Em primeiro lugar, é possível que as modificações realizadas possam ter influenciado o resultado, já que a forma de medição foi alterada. No entanto, como não se alterou o conteúdo do que estava sendo medido, teoricamente não deveria haver diferenças significativas entre os resultados (no que se refere à formação das dimensões). Outra explicação pode ser a forma pela qual os itens são apresentados no questionário de Evans, Mavondo e Bridson (2008) e a forma utilizada no presente estudo. Evans, Mavondo e Bridson (2008) apresentaram todos os itens juntos, com um subtítulo indicando a que dimensão pertenciam, o que pode ter provocado um viés nas respostas, levando os respondentes a considerarem que todos aqueles itens pertenciam à mesma dimensão e, portanto, caminhavam juntos. Já no presente estudo, os itens não foram agrupados de acordo com as dimensões a que pertenciam, mas encontravam-se espalhados pelo questionário, como sugere a boa prática de elaboração de questionários. Isto significa supor que tais itens não se agrupariam, mesmo no estudo de Evans, Mavondo e

Bridson (2008), da forma prevista, não fora o viés introduzido pela colocação dos itens de forma a sugerir previamente aos respondentes que compunham a mesma dimensão.

Os questionários de Klein e Roth (1990) e Sousa e Bradley (2006) foram então submetidos à etapa de purificação, para avaliação de suas propriedades psicométricas. Na análise fatorial exploratória, ambos mostraram ter estrutura unidimensional. Dado o comportamento do item 'idioma', optou-se por testar dois modelos, um incluindo este item e outro excluindo, para ambos os instrumentos. Para os dois instrumentos, o modelo sem o item 'idioma' apresentou desempenho melhor. No entanto, ambos tiveram desempenho inferior aos dois instrumentos propostos neste estudo.

Este trabalho contribuiu, assim, para responder a questões e dúvidas que permaneciam na literatura quanto à comparabilidade dos instrumentos de medição da distância psíquica.

Proposição de novas medidas

Duas novas medidas foram testadas neste estudo, com o propósito de contribuir para a mensuração do construto:

- Modelo de dimensões-síntese - medida parcimoniosa, contendo um item para cada subconstruto da 'distância psíquica' (ou seja, cada uma das quatro dimensões: 'distância cultural', 'distância de negócios', 'distância do macroambiente' e 'distância física');

- Modelo completo – medida completa, contendo diversos itens para medir cada dimensão da ‘distância psíquica’, extraído do conjunto de medidas anteriores.

O teste destes modelos comparativamente aos modelos de Klein e Roth (1990) e Sousa e Bradley (2006) demonstrou a superioridade de ambos no que se refere a suas propriedades psicométricas.

Assim sendo, os resultados deste trabalho oferecem aos pesquisadores em Negócios Internacionais duas alternativas para mensuração do construto ‘distância psíquica’, com as seguintes características:

- Ambas abrangem todo o domínio conceitual do construto, cujo mapeamento foi detalhadamente feito neste estudo.
- Ambas apresentam validade convergente com medidas anteriores do construto, mas são superiores no que se refere ao conjunto de propriedades psicométricas.
- Ambas são medidas de múltiplos itens, evitando o erro potencial incorrido em usar medidas de item único.
- Uma delas é bastante parcimoniosa, pois utiliza apenas quatro ‘dimensões-síntese’ para cobrir o domínio conceitual do fenômeno, sendo, assim, uma opção preferível às medidas de item único, particularmente em estudos em que o construto ‘distância psíquica’ é apenas um dentre muitos construtos e variáveis envolvidos. Nestes casos, impõe-se uma medida parcimoniosa, para viabilizar a coleta de dados.

- A outra é uma medida completa, que inclui diversos itens para cada subconstruto e que é superior à medida de ‘dimensões-síntese’ em sua capacidade de explicação e propriedades psicométricas. Esta medida poderá ser útil a pesquisadores cujos estudos estejam centrados no construto de ‘distância psíquica’ e que, portanto, possam utilizar instrumentos mais extensos em suas pesquisas.

Os anexos 8 e 9 apresentam os dois questionários finais sugeridos.

Este trabalho também contribuiu, portanto, para o desenvolvimento e validação de novos instrumentos de medida, que se mostraram superiores aos já existentes.

6.3 CAMPOS PARA FUTURAS PESQUISAS

O presente estudo não esgota o processo de desenvolvimento e validação de escalas de distância psíquica, mas abre novas oportunidades para a continuidade das pesquisas nesta direção.

Em primeiro lugar, os instrumentos desenvolvidos no presente estudo necessitam ser testados e re-testados, em amostras e países diferentes, de modo a verificar se os resultados obtidos são consistentes, e não resultantes de especificidades da amostra brasileira.

Em segundo lugar, não foi feito nenhum teste para determinar a validade com grupos conhecidos (*known-group validity*). Um teste ideal desta natureza consistiria em tomar um sub-conjunto da população brasileira – por exemplo, imigrantes e seus descendentes – e comparar a distância psíquica entre este grupo e os brasileiros não conectados de forma especial a esta nacionalidade, de

modo a verificar se o grupo de imigrantes e descendentes estima a distância psíquica a seu país de origem como menor do que os demais brasileiros.

Terceiro, também não foi avaliada a validade nomológica, ou seja, como as medidas se inserem em uma rede de relações entre construtos. Por exemplo, pesquisas para verificar relações entre o construto da distância psíquica e as decisões de entrada em outros mercados, assim como do modo de entrada podem ser úteis para avaliar a validade nomológica das medidas propostas aqui.

Em quarto lugar, não foi avaliada plenamente a validade discriminante das medidas, já que, para tal seria necessário comparar as medidas “vencedoras” com medidas de construtos distintos, porém próximos o suficiente para poderem ser confundidos, o que requer uma nova pesquisa. O teste concomitante de outras escalas de medida poderá ser útil para estabelecer a validade discriminante, como, por exemplo, as escalas de etnocentrismo do consumidor, ou de rejeição do consumidor a países. Estas escalas lidam com construtos similares, mas não idênticos, e se propõem a medir coisas distintas.

Em quinto lugar, outra pesquisa relevante seria analisar as medidas objetivas que foram desenvolvidas para medir a distância psíquica, como as de Brewer (2007) e as de Dow e Karunaratna (2006). Seria conveniente verificar se as medidas propostas por estes autores estão medindo o mesmo fenômeno.

Sexto, seria importante, ainda, comparar os resultados obtidos com as medidas objetivas e subjetivas e estabelecer ou não sua equivalência, um tema amplamente discutido na literatura, mas não adequadamente testado.

Sétimo, é possível, ainda, testar outra hipótese relevante, que é a da assimetria da distância psíquica entre países. Para tal, poder-se-ia pesquisar, por exemplo, a percepção que os brasileiros têm da distância psíquica à França, e a dos franceses ao Brasil, e verificar se as distâncias são equivalentes. A França é um caso interessante, porque os brasileiros têm possivelmente mais informação sobre a França e mais afinidade com este país do que vice-versa.

Oitavo, esta pesquisa só analisou a questão da mensuração da distância psíquica dos indivíduos. Maiores esforços devem ser feitos para medir a distância psíquica organizacional.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAKER, D. A., KUMAR, V., DAY, G. S. Pesquisa de Marketing. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

ALMEIDA V.M.C., Fatores antecedentes da escolha do modo de entrada em mercados extra-regionais e consequências no desempenho: um modelo contingencial de expansão extra-regional do varejo. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: COPPEAD/UFRJ, 2005.

ANDERSEN, O. On the internationalization process of firms: a critical analysis, Journal of International Business Studies, 24 (2):209-31, 1993.

ARENIUS, P., The psychic distance postulate revised: from market selection to speed of market penetration, Journal of International Entrepreneurship, V. 3, N. 2, 115-131, 2005,

BAACK, D. W., BAACK, D. Psychic distance: a conceptual framework. Proceedings of the Annual Meeting of The Association of Collegiate Marketing Educators, 2006.

BARKEMA, H. G., BELL, J. H. J., PENNING, J. M. Foreign entry, cultural barriers, and learning. Strategic Management Journal, 17: 151-156, 1996.

BARKEMA, H. G., SHENKAR, O., VERMEULEN, F., BELL, J. H. J., Working abroad, working with others: How firms learn to operate international joint ventures. Academy of Management Journal, V. 40, N. 2, p. 426-442, 1997.

- BARKEMA, H. G., VERMEULEN F., What differences in the cultural backgrounds of partners are detrimental for international joint ventures?, *Journal of International Business Studies*, V. 28, N. 4, 845-864, 1997.
- BECKERMAN, W. Distance and the pattern of intra-european trade, *Review of Economics and Statistics*, 28: 31-40, 1956.
- BENBUNAN-FICH, R. HILTZ, S. R., OCKER, R., Leadership and virtual distance in virtual teams: a research review and agenda, p. 284 in Group Decision and Negotiation (GDN) 2006: International conference, Karlsruhe, Germany June 25-28, 2006 Proceedings Editors: Stefan Seifert; Christof Weinhart
- BENITO, G. R. G., GRIPSRUD, G. The expansion of foreign direct investments: discrete rational location choices or a cultural learning process?. *Journal of International Business Studies*, V. 23, N. 3, p. 461-76, 1992.
- BJÖRKMAN, I.; FORSGREN, M. (org) The nature of the international firm: Nordic contributions to international business research. Copenhagen: Copenhagen Business School Press, p. 117-34, 1997
- BLOOD, M. R. Work values and job satisfaction. *Journal of Applied Psychology*, v.53, n.6, p. 456-59, 1969
- BOYACIGILLER, N. The role of expatriates in the management of independence, complexity and risk in multinational corporations. *Journal of International Business Studies*, V.21, p. 357-81, 1990.

- BOYACIGILLER, N., KLEINBERG, J., PHILLIPS, M. E., SACKMANN, S..
Conceptualizing culture. In Handbook for International Management
Research, B.J. Punnett & O. Shenkar (eds.), Cambridge, M A:
Blackwell Publishers, p. 157-208, 1996.
- BRETT, J. M., OKUMURA, T., Inter- and intracultural negotiation: U.S. and
Japanese negotiators. *Academy Management Journal*, V. 41, N. 5, p.
495-510, 1998
- BREWER, P. Operationalizing psychic distance: a revised approach, *Journal of
International Marketing*, V.15(1), p. 44-66, 2007a.
- _____ Psychic distance and Australian export market selection, *Australian
Journal of Management*, V.32(1), p. 73-94, 2007b.
- BROUTHERS K. D., BROUTHERS L. E., Explaining the national cultural distance
paradox, *Journal of International Business Studies*, V. 32, N. 1, 177-89,
2001.
- CARNEIRO, J. M. T. Desempenho de exportação de empresas brasileiras: uma
abordagem integrada. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro:
COPPEAD/UFRJ, 2007.
- CAVUSGIL, S. T. On the internationalisation process of firms, *European
Research*, V.8, p. 273-281, 1980.
- CELAYA, L., SWIFT, J. S. Pre-departure cultural training: US managers in Mexico,
Cross Cultural Management: An International Journal, V.13(3), p. 230-
243, 2006.

- CHO, K. R., PADMANABHAN, P. Acquisition versus new venture: the choice of foreign establishment mode by Japanese firms. *Journal of International Marketing*, V.1, N.3, 255-85, 1995.
- CHURCHILL JR, G. A., A paradigm for developing better measures of marketing constructs, *Journal of Marketing Research*, Vol. XVI, p. 64-73, 1979.
- CHURCHILL JR, G. A.; IACOBUCCI, D. Marketing research: methodological foundations. 8th ed. Mason: South-Western, c2002.
- CLARK, T., PUGH, D. S., Foreign country priorities in the internationalization process: a measure and an exploratory test on British firms, *International Business Review*, V. 10, p. 285-303, 2001.
- DEVELLIS, R.F. *Scale development: theory and applications*. Thousand Oaks: Sage, 2003.
- DIAMANTOPOULOS, A., WINKLHOFER, H. M. Index construction with formative indicators: an alternative to scale development, *Journal of Marketing Research*, V. 38, N. 2, p. 269-77, 2001.
- DICHTL, E., KÖGLMAYR, H.G., MÜLLER, S., International orientation as a precondition for export success, *Journal of International Business Studies*, V. 21, N. 1, p. 23-40, 1990.
- DICHTL, E., LEIBOLD, M., KÖGLMAYR, H.G., MÜLLER, S., The export decision of small and medium-sized firms: a review, *Management International Review*, V. 24, N. 2, p. 49-60, 1984.

- DOW, D., A note on psychological distance and export market selection, *Journal of International Marketing*, V.1, p. 51-64, 2000.
- DOW, D., KARUNARATNA, A., Developing a multidimensional instrument to measure psychic distance stimuli, *Journal of International Business Studies*, V. 37, p. 578-602, 2006.
- DROGENDIJK, H. J., SLANGEN, A. H. L., Hofstede, Schwartz, or managerial perceptions? the effects of different cultural distance measures on establishment mode choices by multinational enterprises. *International Business Review*, V. 15, N. 4, p. 361-380, 2006.
- DUBIN, R. *Theory building*. New York: The Free Press, c1978
- EMBER, C. R.; EMBER, M. Cultural anthropology. 4th ed. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1985.
- ERIKSSON, K., MAJKGARD, A., SHARMA, D. D. Path dependence and knowledge development in the internationalization process, *Management International Review*, V.40, N.4, p.307-328, 2000.
- ERRAMILLI, K. M., RAO, C. P., Service firms' international entry mode choice: a modified transaction-cost analysis approach. *Journal of Marketing*, V.57, p. 19-38, 1993.
- EVANS, J., BRIDSON, K. Explaining retail offer adaptation through psychic distance, *International Journal of Retail & Distribution Management*, V. 33, N. 1, p. 69-78, 2005.

EVANS, J., MAVONDO, F. T. Psychic distance and organizational performance: an empirical examination of international retailing operations, *Journal of International Business Studies*, V. 33, N. 3, p. 515-532, 2002a.

_____ Psychic distance: the construct and measurers, *American Marketing Association*, p. 308-314, 2002b.

_____ An alternative operationalisation of cultural distance, On-line at [http:// smib.vuw.ac.nz:8081/ www/ anzmac2001/ anzmac/ authors /pdfs /evans3.pdf](http://smib.vuw.ac.nz:8081/www/anzmac2001/anzmac/authors/pdfs/evans3.pdf) acessado em 01/10/2007. Paper present at ANZMAC Conference, New Zealand, December, 2001.

EVANS, J., MAVONDO, F. T., BRIDSON, K. Psychic distance: antecedents, retail strategy implications, and performance outcomes, *Journal of International Marketing*, V. 16, N. 2, p. 32-63, 2008.

EVANS, J., TREADGOLD, A., MAVONDO, F. T. Explaining export development through psychic distance, *International Marketing Review*, V. 17, N. 2, 164-68, 2000a.

EVANS, J., TREADGOLD, A., MAVONDO, F. T. Psychic distance and the performance of international retailers – a suggested theoretical framework, *International Marketing Review*, V. 17, N. 4/5, 373-91, 2000b.

FERREIRA, A. B. H., Novo Aurélio Século XXI – O dicionário da língua portuguesa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

- FLETCHER, R., BOHN, J. The impact of psychic distance on the internationalization of the Australian firm, *Journal of Global Marketing*, V. 12, N. 2, p. 47-68, 1998.
- FOLTA, T., FERRIER, W., The effect of national culture on partner buyouts in cross-border biotechnology alliances. *Journal of High Technology Management Research*, V.11, n.2, p.175-198, 2000
- FORD, D. Buyer-Seller relationships in international industrial markets, *Industrial Marketing Management*, n. 13, p.101-112, 1984.
- FORNELL, C.; LARCKER, D. F. Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, v.17, p.39-50, 1981.
- GEERTZ, C. The interpretation of cultures. New York, Basic Books, 1973.
- GRUBER, W. H., MEHTA, S., VERNON, R. The R&D factor in international trade and international investment of US industries, *Journal of Political Economy*, V. 75, N. 1, p. 20-37, 1970.
- GOMES-MEJIA, L. R., PALICH, L. E., Cultural diversity and the performance of multinational firms, *Journal of International Business Studies*, V. 28, N. 2, 309-335, 1997.
- HAIR JR, J. F.; BABIN, B. J.; MONEY, A. H. SAMOUEL, P. *Fundamentos de métodos de pesquisa em Administração*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HAIR JR., J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L.;
Multivariate data analysis. 6th ed. Upper Saddle River, New Jersey:
Prentice Hall, c2006.

HALLÉN, L., WIEDERSHEIM-PAUL, F., The evolution of psychic distance in
international business relationships, HAGG, I., WIEDERSHEIM-PAUL,
F. Between Market and Hierarchy, University of Uppsala, Department
of Business Administration, Uppsala, 15-27, 1984.

Psychic distance and buyer-seller
interaction. In: BUCKLEY, P. J.; GHAURI, P. (Ed.) The
internationalization of the firm. London: Dryden Press, 1993. p. 291-302.

Psychic Distance and Buyer-Seller
Interaction. Organisasjon, Marked og Samfund 16(5), 1979.

HART, B. ; DIEHL, V. A., Position reversal: isolating the key factor in assimilation
and contrast, The Journal of psychology, V. 128, N. 1, p. 71-87, 1994.

HILAL, A. V. G., Dimensões e cluster de cultura organizacional de uma empresa
brasileira com atuação internacional, Mauad, Rio de Janeiro, 2003.

HILAL, A e HEMAIS, C., O processo de internacionalização na ótica da escola
nórdica: evidências empíricas em empresas brasileiras. Revista
Contemporânea de Administração. Curitiba, vol 7, n.1,p. 109-24, 2003.

HOFSTEDE, G., Culture's consequences, comparing values, behaviors,
institutions, and organizations across nations, Thousand Oaks, CA:
Sage Publications, 2001

_____ *Cultures and organizations: software of the mind*, McGraw-Hill, Maidenhead, 1991.

_____ National cultures in four dimensions: a research-based theory of cultural differences among nations, *International Studies of Management and Organization*, V. XIII, N. 1-2, p. 46-74, 1983.

_____ *Culture's consequence: International differences in work-related values*, Sage Publications, Beverly Hills, 1980.

HOFSTEDE, G., BOND, M. H. The confucian connection: from cultural roots to economic growth, *Organizational Dynamics*, V. 16, N.4, 4-21, 1988.

HOLZMÜLLER, H. H., KASPER, H., The decision-maker and export activity: a cross-national comparison of the foreign orientation of austrian managers. *Management International Review*, V. 30, N. 3, p. 217-230, 1990.

HOLZMÜLLER, H. H., STÖTTINGER, B., Structural modelling of success factors in exporting: cross-validation and further development of an export performance model, *Journal of International Marketing*, V. 4, N. 2, p. 29-56, 1996.

JACKSON, D. Jackson personality inventory, New York: Research Psychologists Press. 1976

_____ Personality research form manual, London, Ont.: Research Psychologists Press. 1984

JOHANSON, J., VAHLNE, J., The internationalization process of the firm: a model of knowledge development and increasing market commitment. *Journal of International Business Studies*, V. 8, p. 23-32, 1977.

_____ The mechanisms of internationalization. *International Marketing Review*, V. 7, N. 4, p. 11-24, 1990

_____ Management of foreign market entry. *Scandinavian International Business Review*, V. 1, N. 3, p. 9-27, 1992.

JOHANSON, J., WIEDERSHEIM-PAUL, F. The internationalization of the firm: four Swedish cases. *Journal of Management Studies*, v. 12, p. 305-22, 1975.

KERLINGER, F. N., Foundations of behavioral research. 2nd ed. New York: Holt, Rinehart and Winston, c1973.

KIRKMAN, B. L., LOWE, K. B., GIBSON, C. B., A quarter century of culture's consequences: a review of empirical research incorporating Hofstede's cultural values framework, *Journal of International Business Studies*, V.37, 285-320, 2006.

KLEIN, S., ROTH, V. J. Determinants of export channel structure: the effects of experience and psychic distance reconsidered, *International Marketing Review*, v. 7, n. 5, p. 27-38, 1990

KOGUT, B., SINGH, H. The effect of national culture on the choice of entry mode, *Journal of International Business Studies*, v. 19, n. (3), p. 411-432, 1988.

- LEAMER, E. E., The commodity composition of international trade in manufactures: an empirical analysis, *Oxford Economic Papers*, V. 26, N. 3, p. 350-374, 1974.
- LEE, D.-J., The effect of cultural distance on the relational exchange between exporters and importers: the case of Australian exporters, *Journal of Global Marketing*, v.11(4), 1998.
- LEEDY, P. D., *Practical research: planning and design*, 6a Ed., New Jersey: Prentice-Hall, Inc., p. 304, 1997.
- LEITE, H., ROCHA, A. M. C., FIGUEIREDO, K. F. A percepção cultural e a decisão de exportar. Em: Rocha, A. M. C. (org.) *Gerência de Exportação no Brasil*. São Paulo, Atlas; Rio de Janeiro, Ed. da UFRJ, 1988.
- LINNERMANN, H. *An econometric study of international trade flows*. Amsterdam: North-Holland Pub. Co., 1966.
- LINTON, R.. *The cultural background of personality*. New York, Appleton-Century-Crofts, 1945.
- LODAHL, T. M., KEJNER, M. The definition and measurement of job involvement, *Journal of Applied Psychology*, V.49, N.1, p.456-459, 1965.
- LOUSTARINEN, R., *Internationalization of the firm*. Helsinki: The Helsinki School of Economics, 1980.

- MANEV, I. M., STEVENSON, W. B. Nationality, cultural Distance, and expatriate status: effects on the managerial network in a multinational enterprise, *Journal of International Business Studies*, V. 32, N. 2, 285-303, 2001.
- MENON, A., VARADARAJAN, R., ADIDAM, R., EDISON, S. Antecedents and consequences of marketing strategy: a model and test. *Journal of Marketing*, V. 63, Apr, 18-40, 1999.
- MOROSINI, P., SHANE, S., SINGH, H., National cultural distance and cross-border acquisition performance, *Journal of International Business Studies*, V. 29, N. 1, 137-158, 1998.
- MÜLLER, S., KÖGLMAYR, H.-G. Die psychische distanz zu auslandsmärkten: ein verkanntes, exporthemmnis. In: Schmalenbach Zeitschrift für betriebswirtschaftliche Forschung, N. 9, p. 788-804, 1986.
- NETEMEYER, R.G., BEARDEN, W.O., SHARMA, S. *Scaling procedures: issues and applications*. Thousand Oaks, Sage, 2003.
- NORDSTROM, K. A., VAHLNE, J.-E. Is the global shrinking? Psychic distance and the establishment of Swedish sales subsidiaries during the last 100 years. Paper presented at The International Trade and Finance Association Annual Conference 22-25 April Laredo, TX, 1994.
- O'GRADY, S., LANE, H. The psychic distance paradox. *Journal of International Business Studies*, v. 27, n. 2, p. 309-317, 1996.

- PARENTE, R., BAACK, D. W., ALMEIDA, V. M. Psychic distance and directional equivalence: a theoretical application of assimilation and contrast bias, *Academy International Business – Annual Meeting*, 2007
- RAZA, G., SINGH, S., DUTT, B., Public, science and cultural distance. *Science Communication*; p. 293-309, março 2002.
- REID, S. Migration, cultural distance, and international market expansion. Em P.W.Turnbull & S. J. Paliwoda (Eds.) *Research in international marketing*, (pp. 22-34). London, UK: Croom Helm, 1986, apud Shoham et ali (1995).
- ROCHA, A.; O construto da distância psicológica: componentes, mediadores e assimetria em *O Desafio dos Mercados Externos* – teoria e prática na internacionalização da firma, Capítulo 2, 40-80, Rio de Janeiro, Mauad, 2004.
- ROCHA, A.; SILVA, J.F.; CARNEIRO, J. M. T.; Understanding an elusive phenomenon: an empirical study of the psychic distance construct. In: Consortium for International Marketing Research, 2007, Manchester. *Proceedings of the Consortium for International Marketing Research*, 2007.
- RUGMAN, A. M., *Inside the Multinationals* (25th Anniversary Edition), Palgrave Macmillan, New York, 2006.
- SCHWARTZ, S. H., Beyond individualism/collectivism: New cultural dimensions of values. In U. Kim, H. C. Triandis, C. Kagitcibasi, S. Choi & G. Yoon

(eds.). *Individualism and collectivism: Theory, method, and applications.*
Thousand Oaks, CA: Sage, 85-119, 1994.

_____ Universals in the content and structure of values: Theoretical
advances and empirical tests in 20 countries. In M. Zanna (Ed.),
Advances in experimental social psychology, Vol 25, (pp.1–65). New
York: Academic Press, 1992.

SHENKAR, O. Cultural distance revisited: Towards a more rigorous
conceptualization and measurement of cultural differences, *Journal of
International Business Studies*, vol. 23, p. 519–35. 2001,

SHENKAR, O., ZEIRA, Y. Role conflict and role ambiguity of chief executive
officers in international joint ventures, *Journal of International Business
Studies*, V. 23, N.1, p. 55-75, 1992.

SHOHAM, A., ROSE, G. M., ALBAUM, G. S., Export motives, psychological
distance, and the EPRG framework, *Journal of Global Marketing*, Vol. 8
(3/4), p. 9-37, 1995.

SILVA, M. G. F. ; ROCHA, A. M. C. ; FIGUEIREDO, O. . Medindo o construto da
distância psíquica. *E & G. Economia e Gestão*, v. 14, p. 31, 2007

SIVAKUMAR, K., NAKATA, C., The stampede toward Hofstede's framework:
Avoiding the sample design pit in cross-cultural research, *Journal of
International Business Studies*, V. 32, N. 3, p. 555-574, 2001.

SOUSA, C. M. P., Towards a new understanding of export performance: an analysis of values, perceptions and strategy. Ph.D. Thesis, Department of Marketing, University College Dublin, Dublin, 2003.

SOUSA, C. M. P., BRADLEY, F. Global Markets: Does Psychic Distance Matter?, *Journal of Strategic Marketing*, V. 13, N. 1, p. 43-59, 2005.

_____ Cultural distance and psychic distance: two peas in a pod?, *Journal of International Marketing*, V. 14, N. 1, p. 49-70, 2006

SPECTOR, P.E. *Summated Rating Scale Construction*. Newbury Park, Sage, 1992.

SPERBER A. D., Translation and validation of study instrument for cross-cultural Research, *Gastroenterology*, V. 126, N. 1, p. S124-S128, 2004,

SPERBER A. D., DEVELLIS, R. F., BOEHLECKE, B., Cross-cultural translation, *Journal of Cross-cultural Psychology*, V. 25, N. 4, p. 501-24, 1994,

STEENKAMP J. E. M., The role of national culture in international marketing research, *International Marketing Review*, V. 18, N. 1, p. 30-44, 2001,

STÖTTINGER, B., SCHLEGELMILCH, B. B. Explaining export development through psychic distance: enlightening or elusive, *International Marketing Review*, 15 (5):357-72, 1998

STÖTTINGER, B.; SCHLEGELMILCH, B. A response to Evans et al. – Psychic Distance: a concept past its due date?. *International Marketing Review*, 17 (2):169-173, 2000

SWIFT, J. S., Cultural Closeness as a facet of cultural affinity: a contribution to the theory of psychic distance, *International Marketing Review*, V.16(3), p. 182-201, 1999.

TARAS, V., Culture survey catalogue: original items, scoring keys and psychometric properties of 127 instruments for measuring cultural values and behaviors. On-line at http://ucalgary.ca/~taras/_private/Culture_Survey_Catalogue.pdf acessado em 01/10/2007.

TRIOLA, M. F., *Introdução à Estatística*. 9ª ed. Rio de Janeiro, Editora LTC, c2005.

VAHLNE, J., WIEDERSHEIM-PAUL, F. Psychic distance: an inhibiting factor in international trade, Centre for International Business Studies, Department of Business Administration, University of Uppsala, Working Paper, 1977

Economic distance: model and empirical investigation. In: HÖRNELL, E., VAHLNE, J. E., WIEDERSHEIM-PAUL, F. Export and foreign establishments. Stockholm: Almqvist & Wiksel, p.81-159, Uppsala, 1973.

WEISFELDER, C. J. Internationalization and the multinational enterprise: development of a research tradition. In: AXINN, C.; MATTYSSENS, P. (Org.). Reassessing the internationalization of the firm. Amsterdam, JAI, 2001, p.13-46 (*Advances in International Marketing*, 11).

WEIZMANN, E. S. C. O que faz um país mais próximo ou mais distante? Um estudo exploratório sobre distância psicológica. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: COPPEAD/UFRJ, 2007.

WILLIAMSON, O. E. *Markets and hierarchies: analysis and antitrust implications.* New York: The Free Press, 1975.

8 ANEXOS

ANEXO 1: ATRIBUTOS UTILIZADOS POR EVANS E MAVONDO NA OPERACIONALIZAÇÃO DAS 5 DIMENSÕES CULTURAIS ORIGINAIS DE HOFSTED E BOND

Tabela A1 – Atributos utilizados por Evans e Mavondo (2001) na operacionalização das 5 dimensões culturais originais de Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988).

Dim.	Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988)	Evans e Mavondo (2001, 2002a, 2002b)
Distância do Poder	<ul style="list-style-type: none"> • Quão importante seria para você <ol style="list-style-type: none"> 1. Ter bom relacionamento com os superiores diretos? 2. Ser consultado por seu superior direto a respeito das decisões dele? 3. Em sua experiência, com que frequência os subordinados receiam expressar discordância com seus superiores? 4. Em que extensão você concorda ou discorda da seguinte sentença: “Uma estrutura organizacional na qual certos subordinados têm dois chefes deve ser evitada a qualquer custo?” • Empregados não-gerentes receiam discordar de seus gerentes. • A percepção dos subordinados de que seu chefe tende a tomar decisões de modo autocrático ou persuasivo/paternalista (gerente tipo 1 ou tipo 2). • Os subordinados preferem um chefe cujo estilo de decisão seja autocrático, persuasivo/patriarcal ou democrático a um estilo consultivo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Grau de desigualdade entre as pessoas • Amplitude entre o maior e menor salários pagos nas organizações • Importância dos símbolos de status social • Importância da igualdade diante da lei • Bases para atingir posições de poder e influência • Maneira frequente de modificação das políticas (ex.: evolução das regras ou revolução delas)
Fuga à incerteza	<ul style="list-style-type: none"> • Quão frequentemente na sua experiência, você se sentiu nervoso ou tenso no trabalho? • Em que extensão você concorda ou discorda com as seguintes informações • Alguém pode ser um bom gerente sem oferecer respostas precisas à maioria das questões que seus subordinados façam sobre seu próprio trabalho. • A competição entre empregados causa mais males do que benefícios. • As regras de uma empresa não devem ser quebradas – nem mesmo quando o empregado julga que é no melhor interesse da empresa. • Orientação de normas: concordância com a afirmação “As regras de uma empresa não devem ser quebradas – nem mesmo quando o empregado julga que é no melhor interesse da empresa. • Saciedade do emprego: afirmação do empregado que pretende permanecer na empresa. • Tensão, conforme expresso no significado da questão “Com que frequência você fica nervoso ou tenso no trabalho?” 	<ul style="list-style-type: none"> • Abertura à mudança e inovação • Crença nas pessoas jovens • Tolerância às diferenças (ex.: religiosa, política, ideológica) • Confiança nas regras que regem o comportamento • Grau em que a incerteza é aceita como um aspecto normal da vida • Aceitação quanto a exibir as emoções

Fonte: Taras (2007)

Fonte: Evans e Mavondo (2001)

Tabela A1 – Atributos utilizados por Evans e Mavondo (2001, 2002a, 2002b) na operacionalização das 5 dimensões culturais originais de Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988). (continuação)

Dim.	Hofstede (1980) e Hofstede e Bond (1988)	Evans e Mavondo (2001, 2002a, 2002b)
Individualismo vs Coletivismo	<ul style="list-style-type: none"> • Quanto importante seria para você: <ol style="list-style-type: none"> 1. Tempo suficiente para sua vida pessoal e familiar ? 2. Boas condições físicas de trabalho (boa ventilação e luminosidade, espaço adequado, etc.)? 3. Segurança em conseguir emprego? 4. Ter um trabalho dinâmico e empreendedor? • Quanto importante seria para você: <ol style="list-style-type: none"> 1. Morar em um local desejado por você e sua família? 2. Trabalhar com pessoas que cooperam bastante umas com as outras? 3. Boas condições físicas de trabalho (boa ventilação e luminosidade, espaço adequado, etc.)? • Um trabalho em que sobre tempo bastante para sua vida pessoal e familiar? 	<ul style="list-style-type: none"> • Importância da lealdade a grupos próximos (ex.: família e amigos) • Importância das relações interpessoais • Reconhecimento do direito de privacidade • Liberdade de imprensa • Respeito à liberdade individual • Importância do consenso na sociedade
Masculinidade vs Feminilidade	<ul style="list-style-type: none"> • Quanto importante seria para você <ol style="list-style-type: none"> 1. Trabalhar com pessoas que cooperam bastante umas com as outras? 2. Oportunidade de conquistar empregos de níveis mais elevados? • Em que extensão você concorda ou discorda com as seguintes afirmações: <ol style="list-style-type: none"> 1. Pode-se confiar na maioria das pessoas. 2. Quando as pessoas fracassam, frequentemente é por sua própria culpa. • Quanto importante seria para você <ol style="list-style-type: none"> 1. Ter oportunidade de ganhar mais? 2. Trabalhar com pessoas que cooperam bastante umas com as outras? 3. Estar seguro de que estará em condições de trabalhar em sua empresa por quanto tempo quiser? • Oportunidade de conquistar empregos de níveis mais elevados? 	<ul style="list-style-type: none"> • Importância de preocupar-se com outros • Importância do sucesso material • Estímulo da sociedade à competição entre colegas. • Grau de expectativa de que as mulheres sejam afirmativas e ambiciosas. • Grau de expectativa de que os homens sejam meigos e atenciosos. • Formas básicas de resolver conflitos interpessoais (ex.: conciliação ou confrontação)
Orientação de Longo Prazo vs Orientação de Curto Prazo	<ul style="list-style-type: none"> • Quanto importante seria para você <ol style="list-style-type: none"> 1. Equilíbrio e estabilidade pessoal 2. Parcimônia 3. Persistência • Respeito à tradição 	<ul style="list-style-type: none"> • Grau em que as tradições são respeitadas • Grau em que obrigações sociais e status são respeitados • Importância da prudência • Importância da reputação pessoal e respeito • Importância do trabalho duro para o sucesso a longo prazo • Importância da virtude

Fonte: Taras (2007)

Fonte: Evans e Mavondo (2001)

ANEXO 2: INSTRUMENTOS DISPONÍVEIS NA LITERATURA UTILIZADOS PARA MEDIR A DISTÂNCIA PSÍQUICA

Tabela A2 – Resumo do instrumento de Johanson e Wiedersheim-Paul (1975), Vahlne e Wiedersheim-Paul (1977) E Vahlne e Nordström (1992)

Indicador	Medida
Nível de desenvolvimento econômico no país importador	Consumo de energia per capita
	Consumo de aço per capita
	Número de telefones per capita
Diferença no nível de desenvolvimento econômico entre Suécia e o país estrangeiro	Diferença absoluta do consumo de energia per capita da Suécia e o país estrangeiro
	Diferença absoluta do consumo aço per capita da Suécia e o país estrangeiro
	Diferença absoluta do número de telefones per capita da Suécia e o país estrangeiro
Nível de educação no país importador	Percentual do total da população, matriculada em no segundo grau ou superior
	Percentual do total da população, matriculada em cursos técnicos de 2o grau ou superior
Diferença no nível de educação entre a Suécia e o respectivo país	Diferença absoluta no nível de educação geral
	Diferença absoluta no nível de educação técnica
Diferença na linguagem de negócios	Frequência na linguagem de negócios - Número relativo de empregados na firma exportadora, os quais podem se comunicar em diferentes idiomas usados no mercado. Estes idiomas são colocados em uma escala ordinal, de 1 a 10.
Diferença na cultura e idioma local	Frequência do idioma local - Número relativo de empregados na firma exportadora, os quais podem se comunicar em diferentes idiomas usados no mercado. Estes idiomas são colocados em uma escala ordinal, de 1 a 10.
Existência de canais de negócios anteriores entre Suécia e o país estrangeiro	Razão de importações da Suécia para o respectivo país dividido pelo total de importações daquele país

Tabela A3 – Resumo do instrumento de Klein e Roth (1990)

Indicador	Medida
Idioma do país	Escala ordinal de 7 pontos (1 – muito semelhante até 7 – muito diferente), medindo as percepções do mercado estrangeiro relativas ao Canada
Aceitação das práticas de negócios	
Ambiente econômico	
Sistema legal	
Infraestrutura de comunicações	

Tabela A4 – Resumo do instrumento de Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008)

Distância	Construto	Indicador	Medida
Distância de Negócios	Ambiente Legal e Político	Estabilidade da estrutura política	Escala ordinal de 7 pontos (1 – totalmente diferente) onde os respondentes indicavam o grau de similaridade do mercado estrangeiro para o mercado doméstico
		Ideologia do governo nacional	
		Legislação de planejamento	
		Legislação de proteção ao consumidor	
		Legislação própria de negócios	
		Legislação de licenças	
		Legislação de práticas competitivas	
	Estrutura de varejo	Sistemas físicos de distribuição	
		Número de grandes cadeias no setor de mercado	
		Valor do setor de mercado mantido por um ou um grupo de varejo	
		Número de concorrentes diretos	
		Força dos concorrentes	
	Economia	PIB per capita	
		Contribuição da setor primário para o PIB	
		Capacidade do setor bancário	
		Exposição do país a riscos econômicos	
		Nível de demanda de bens e serviços	
		Estabilidade da demanda por bens e serviços	
	Práticas de negócios	Bases para recompensas e reconhecimento da equipe e gerentes	
		Termos e condições de trabalho	
		Ajuste de orçamentos	
		Ajuste de procedimentos operacionais	
		Concessão de crédito e financiamento em instituições bancárias	
		Uso de contratos na negociação de acordos	
		Conceito de acordo justo	
	Idioma	Linguagem usada para comunicação nas transações de negócios	
		Linguagem usada para comunicação no trato social	

Tabela A4 – Resumo do instrumento de Evans e Mavondo (2002a e 2002b), Evans e Bridson (2005), Evans, Mavondo e Bridson (2008) (continuação)

Distância	Construto	Indicador	Medida
Distância Cultural	Distância do Poder	Grau de desigualdade entre as pessoas	Escala ordinal de 7 pontos (1 – totalmente diferente) onde os respondentes indicavam o grau de similaridade do mercado estrangeiro para o mercado doméstico
		Amplitude entre o maior e menor salários pagos nas organizações	
		Importância dos símbolos de status social	
		Importância da igualdade antes da lei	
		Bases para realização de posição de poder e influência	
		Método usual de mudança política (ex: evolução das regras ou revolução)	
	Fuga à Incerteza	Ser aberto à mudança e inovação	
		Lealdade nas pessoas jovens	
		Tolerar as diferenças (ex: religião, política e ideologia)	
		Segurança/confiança nas regras comportamentais/de conduta do governo	
		O grau pelo qual a incerteza é aceita como um traço/feição de vida	
		Aceitação em exibir emoções	
	Individualismo vs Coletivismo	Importância da lealdade entre grupos próximos (ex: família e amigos)	
		Importância das relações interpessoais	
		Reconhecimento do direito de privacidade	
		Liberdade de imprensa	
		Respeito a liberdade individual	
		Importância do consenso na sociedade	
	Masculinidade vs Feminilidade	Importância do cuidado com os outros	
		Importância do sucesso material	
		Encorajamento da sociedade para a competição entre colegas	
		Grau de expectativa de que as mulheres sejam ambiciosas e assertivas/firmes	
		Grau de expectativa de que os homens sejam atenciosos e ternos	
	Orientação de Longo Prazo vs Orientação de Curto Prazo	Recursos primários na resolução de conflitos interpessoais (ex: compromisso ou confrontação)	
		Grau em que tradições são respeitadas	
		Grau em que obrigações sociais e de prestígio/posição são honradas	

Tabela A5 – Resumo do instrumento de Sousa e Bradey (2005 e 2006)

Indicador	Medida
Condições climáticas	Escala ordinal de 5 pontos (1 - muito similar até 5 - muito diferente), onde os respondentes indicavam o grau em que o seu país, neste caso Portugal, era semelhante ou diferente do país estrangeiro.
Poder de compra dos consumidores	
Estilo de vida	
Preferência dos consumidores	
Grau de alfabetização e educação	
Idioma	
Valores culturais, crenças, atitudes e tradições	

Tabela A6 – Resumo do instrumento de Dow e Karunaratna (2006)

Indicador	Medida
Cultura	Índice de distância cultural desenvolvido por Fletcher e Bohn (1998), normalizado.
Idioma	L1 - Escala de 5 pontos (1 – mesmo idioma, 2 – mesmo sub-ramo no primeiro nível, mas diferente no segundo nível, 3 – mesmo ramo, mas diferente no primeiro sub-ramo, 4 – mesma família, mas diferentes ramos e 5 – diferentes famílias, de acordo com esquema de classificação do Apêndice 9)
	L2 - incidência do(s) principal(is) idioma(s) de um país (A) em outro (B) e L3 - vice-versa (B) em (A) também medido em uma escala de 5 pontos (1 - maior ou igual a 90%, 2 - maior ou igual a 50% e menor do que 90%, 3 - maior ou igual a 5% e menor do que 50%, 4 - maior ou igual a 1% e menor do que 5%, 5 - menor que 1%)
Níveis de Educação	(100% - % de analfabetos (maiores que 15 anos) no país exportador) - (100% - % de analfabetos (maiores que 15 anos) no país importador)
	(Número de estudantes no 2o. nível de educação/população estimada abaixo de 15 anos no país exportador) - (Número de estudantes no 2o. nível de educação/população estimada abaixo de 15 anos no país importador)
	(Número de estudantes no 3o. nível de educação/população estimada abaixo de 15 anos no país exportador) - (Número de estudantes no 3o. nível de educação/população estimada abaixo de 15 anos no país importador)
Desenvolvimento Industrial	Diferença entre o PIB per capita do país exportador e do país importador
	Diferença entre o consumo de energia per capita do país exportador e do país importador
	Diferença entre o número carros de passeio per 1000 pessoas do país exportador e do país importador
	Diferença entre (100% - % de trabalhadores agrícolas) do país exportador e do país importador
	Diferença entre o % do PIB em manufaturas do país exportador e do país importador
	Diferença entre o % da população que vive na zona urbana do país exportador e do país importador
	Diferença entre a circulação diária de jornal por 1000 pessoas do país exportador e do país importador
	Diferença entre o número de rádios per 1000 pessoas do país exportador e do país importador
	Diferença entre o número de telones per 1000 pessoas do país exportador e do país importador
	Diferença entre o número de televisões per 1000 pessoas do país exportador e do país importador
Sistema Político	Social - Escala de Beck et al (2001) para socialismo
	D1 - Henisz's (2000) medida POLCON
	D2 - Medida Política IV de Bollen
	D3 - Escala de política de direita da Freedom House
	D4 - Escala de liberdade civil da Freedom House
Religião	R1 - Escala de 5 pontos (1 – mesma religião ou seita, 2 – mesma divisão mas diferentes denominações ou seitas, 3 – mesma religião, mas diferentes divisões, 4 – mesma família, mas diferentes religiões e 5 – diferentes famílias de religião, de acordo com esquema de classificação do Apêndice 10)
	R2- Incidência da religião dominante de um país (A) em outro (B) e
	R3 - vice-versa (B) em (A) também medido em uma escala de 5 pontos (1 – maior ou igual a 90%, 2 – maior ou igual a 50% e menor do que 90%, 3 – maior ou igual a 5% e menor do que 50%, 4 – maior ou igual a 1% e menor do que 5%, 5 – menor que 1%)
Fuso Horário	Fuso _{resid} - Resíduo após impacto da distância geográfica ter sido retirado da diferença de fuso original.
Laços Coloniais	Variável dummy (colônia) – período de 1650 até os dias atuais.

Tabela A7 – Resumo do instrumento de Brewer (2007a e 2007b)

Construto	Indicador	Medida
Laços comerciais	Comércio bi-direcional	Proporção do total de exportações australianas vindas de cada país em 2002-2003 (expressa em fração decimal) mais a proporção do total de importações australianas originadas de cada país (expresas como decimal), normalizado.
	Ações de investimento no exterior	Total de ações de investimento australiano direto outward (valor do capital e reservas em outra economia atribuível a empresa-mãe residentes na economia) em cada país em 2001-2002 (expresso em fração decimal do total de todas as ações de investimento direto no exterior) mais a proporção do total de ações de investimento direto no exterior inward (valor do capital e reservas na economia atribuível a empresa-mãe residente em outra economia) na Austrália em 2001-2002 (expresso como decimal), normalizado.
Laços Políticos	Acordos comerciais	Número de tratados formais de livre comércio, bilaterais ou regionais, em operação entre a Austrália e cada país em 2002-2003, normalizado.
	Valorização de programas de auxílio	O valor do dólar de programas de ajuda Australianos oficiais para cada país 2004-2005, normalizado.
	Escritórios de representação comercial	O número de escritórios australianos em cada país em 2003 mais o número de escritórios comerciais de cada país na Austrália, normalizado.
Laços Históricos	Relacionamento de colônia	Relacionamento colonial direto = 1, membro do mesmo império = 0.5, e nenhum relacionamento colonial = 0. Valores são somados para cada país e normalizados
	Percentual de guerras	1a. Guerra Mundial: aliado=2, neutro=1, inimigo=0; 2a. Guerra Mundial: aliado=2, neutro=1, inimigo=0; Valores de cada uma das guerras são somados para cada país e normalizados
Laços Geográficos	Proximidade Geográfica	A distância direta entre as duas cidades mais próximas de grande porte no país de origem e estrangeiro em quilômetros, normalizado.
Laços Sociais	Semelhanças culturais	Índice de distância cultural desenvolvido por Fletcher e Bohn (1998), normalizado.
	Preferências por esportes	Para o país que regularmente joga contra Austrália em cricket, rugby union, rugby league, e tênis atribui-se 1 para cada esporte. Estes valores são somados e normalizados.
	Semelhanças de idioma	Inglês é bem compreendido = 0, Inglês é a linguagem de negócios = 0,25, outra língua que utiliza o alfabeto romano é falado = 0,5, e outros idiomas que usam outros alfabetos são falados =1.
Laços informacionais	Disponibilidade de informação secundária	O número de registros catalogados para cada país na biblioteca da Universidade de Queensland, normalizado.
	Números de imigração	O número de australianos vivendo em cada país mais o número de residentes da Austrália originário de cada país mais o número de visitas a Austrália de cada país em 2001, normalizado.
Desenvolvimento	Nível de desenvolvimento do país estrangeiro	Índice de desenvolvimento humano das nações unidas, normalizado.
	Nível de corrupção do país estrangeiro	Índice de Percepções de Corrupção da Transparency International, normalizado.

ANEXO 3: ESQUEMA DE CLASSIFICAÇÃO DE IDIOMA

Tabela A8 – Tabela para classificação de idiomas

Famílias	Ramos	Subramos de primeiro nível	Subramos de segundo nível	Idiomas selecionados nos subramos
Sino-tibetana	Chines Tibetano- Birmanes	Bárico Bódico Birmanes-Lolo		Mandarim, Min Nan, Yue Jingpho Tibetano Birmanes
Japonêsa	Japonês Ryukyano			Japonês Okinawano-Central
Coreana				Coreano
Nigeriana- Congolesa	Congoles- Atlântico Mandes	Atlântico Voltano- Congoles	Benue-Congoles	Themne Swauhili, Tonga, Yoruba, Zulu, Igbo Mendes
Urálica	Finlando-Úgrico	Finlando-Pernico Úgrico		Finlandes Húngaro
Diaca	Kadai Tai	Central Nortista Sudoestino	Centro-leste	Lati Tay Zhuang-Nortista Thai, Tai-Nordestino, Tai-Nortista
Austronesiana	Malaio-Polinésio	Centroestino Oestino Malaio-Polinésio	M-P Central M-P Estino Bornelense Chamorro Meso Filipino Sundac	Dobel Fijiano, Samoano, Tongano, Kiribatiano Lawangano Chamorro Tagalog Javanes, Indonésio, Malaio, Malaio-Patani
Afroasiática	Chadico Cushtico Egípcio Semita	Central Sul	Aramaico Sul	Hausa Somali Copta Assírio Neo-Aramaico Arábico-Mesopotâmico, Arábico-Padrão, Hebraico Etiópe

Fonte: Dow e Karunaratna (2006)

Tabela A8 – Tabela para classificação de idiomas (continuação)

Famílias	Ramos	Subramos de primeiro nível	Subramos de segundo nível	Idiomas selecionados nos subramos
Altaica	Mongol Tungus Turquico	Búlgaro Lestista Sulista	Azerbaijano Turco	Mongol-Halh Manchu Chuvash Uzbekiano-Nortista Azerbaijano do Sul Turco
	Albanes Báltico Celta Germânico	Insular Leste Norte Oeste	Britônico Goidélico Escandinavo do Leste Trasitional Scand'n Escandinavo do Oeste Continental Mar do Norte	Albanes-Tosco Letoniano, Lituano Welsh Gaélico-Irlandes, Gaélico-Escoces Gótico Dinamarques, Sueco Norueguês – Bokmal Islandes Alemão-Padrão, Cantones, Holandes Inglês, Frisiano-Nortista
Indo-européia	Grego	Atico Dorico		Grego Tsakoniano
	Indo-iraniano	Indo-Aryano Iraniano	Zona Central Zona do Leste Zona do Norte Zona do Nordeste Lestista Oestista	Hindi, Urdu Bengali Nepales Panjabi do oeste, Sindhi Pashto-Lestista
	Itálico	Latino-Faliscano Romance	Lestista Ítalo-Oestista	Kurdim Farsi-Oestista Latim Romeno
	Eslavo	Leste Sul Oeste	Lestista Oestista Tcheco-Eslovaco Lechitico	Italiano, Frances, Espanhol, Português Russo, Ucrainiano Búlgaro Servo-Croata Tcheco, Eslovaco Polones

Fonte: Dow e Karunaratna (2006)

ANEXO 4: ESQUEMA DE CLASSIFICAÇÃO DE RELIGIÕES

Tabela A9– Tabela para classificação de religiões

Famílias	Religiões	Divisões	Exemplos de denominações/seitas dentro das divisões
Religiões Monoteístas de origem comum do meio-leste	Judaica	Ortodoxo Conservador Reformista	
	Cristiã	Ortodoxo Católico-Romana Anglicana Protestante	Grego, Russo, Ucraniano Batista, Metodista, Unida
	Islâmica	Sunita Shi'a Ibadis	Hanafi, Hanbali, Maliki, Shafi'i Ithna 'Asharis, Isma'ilis, Zayids
Religiões de origem no subcontinente Indiano, baseadas em ciclos/reencarnações	Skhismo		
	Budismo	Mahayana-Tibetana Mahayana-Chinesa/japonesa Theravada	Zen, Amida Thommayutt, Mohanikay
	Induísmo	Vaishnavite Shaivite Saktite Arya Samaj	
	Jainismo	Digambaras Svetambaras	
Outras religiões (consideradas não relacionadas para esta análise)	Religiões populares chiensas		
	Novo Religionismo		
	Religiões tribais locais		
	Shamanismo		
	Shintoísmo		

Fonte: Dow e Karunaratna (2006)

ANEXO 5: TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E RETRADUÇÃO DOS INSTRUMENTOS

Tabela A10 – A – Stöttinger e Schleglemilch (1998)

<p>Texto original</p> <p>In the following we would like to ask you to assess several countries. Assessment criterion must be their relative foreignness. Foreignness can be expressed in differences, for example with regard to language, culture, industrial development of business practices. Please indicate in the following scales how “foreign” you personally perceive several countries by placing a cross (or any kind of mark) on the lines in the following way. For countries which you perceive more “distant” to the U.S., place your mark farther to the right the farther you perceive them. For countries “nearer” to the U.S. move your mark accordingly nearer to the U.S..</p>
<p>Tradutor 1</p> <p>A seguir, gostaríamos que você avaliasse alguns países. O critério desta avaliação deve ser sua singularidade relativa. Singularidade pode ser expressa em diferenças, por exemplo, em relação a idioma, cultura, desenvolvimento industrial das práticas comerciais. Solicitamos-lhe indicar nas seguintes escalas a “singularidade” que você percebe pessoalmente nos vários países, fazendo uma cruz (ou qualquer tipo de marcação) nas linhas da maneira a seguir. Para os países que você percebe como mais “distantes” dos E.U.A., faça uma marca quanto mais à direita quanto mais você os percebe. Para os países “mais próximos” dos E.U.A., faça uma marca, da mesma forma, mais próxima dos E.U.A.</p>
<p>Tradutor 2</p> <p>A seguir, gostaríamos que o senhor (a) avaliasse vários países. O critério de avaliação deve ser o seu relativo caráter estrangeiro. O caráter estrangeiro pode ser expresso em diferenças, por exemplo com relação ao idioma, cultura, desenvolvimento de práticas de negócios na indústria. Indique, por favor, nas escalas a seguir, quão “estrangeiro” o senhor pessoalmente percebe vários países, marcando com uma cruz, (ou qualquer tipo de marcação) nas linhas da seguinte maneira. Para países que o senhor percebe mais “distantes” em relação aos EUA, assinale tanto mais à direita quanto maior for a sua percepção de distância. Para países mais próximos aos EUA, desloque a marcação de acordo com a proximidade menor aos EUA.</p>
<p>Texto final</p> <p>A seguir, gostaríamos que você avaliasse alguns países. O critério dessa avaliação deve ser seu distanciamento relativo. O distanciamento pode ser expresso em diferenças, por exemplo, em relação a idioma, cultura, desenvolvimento industrial ou práticas comerciais. Solicitamos que indique nas seguintes escalas o quão “distantes” do Brasil são para você diversos países, marcando um “X” (ou qualquer outro tipo de marcação) nas linhas, da seguinte maneira: Para os países que você percebe como “mais distanciados” do Brasil, faça uma marca tanto mais à direita quanto mais longe você os percebe. Para países “mais próximos” do Brasil, traga sua marcação mais para perto do Brasil (★).</p>

Tabela A11 – B – Leite, Rocha e Figueiredo (1988)

<p>Texto original</p> <p>Nas escalas abaixo marque, por favor, quão semelhantes ou diferentes lhe parecem cada um desses países em relação ao Brasil. Considere 1 - Muito semelhantes; 2- Semelhantes; 3 - Um pouco semelhantes; 4 - Nem semelhantes/nem diferentes; 5 - Um pouco diferentes; 6 - Diferentes; 7 – Muito diferentes</p>
<p>Texto final</p> <p>Marque, por favor, quão semelhantes ou diferentes lhe parecem cada um desses países em relação ao Brasil. 1 - Muito semelhantes, 2- Semelhantes; 3 - Nem semelhantes/nem diferentes; 4 - Um pouco diferentes; 5 – Muito diferentes</p>

Tabela A12 – C - Boyacigiller (1990)

Texto original
How difficult is it to do business in the following countries because of the difference in the location's culture from that of the U.S.? Another way to tap this issue is to think about how long it takes an "average American" to adapt to the business milieu. Are some countries in the same region easier to adapt to than others? 0 - Do not know; 1 - Very easy; 2 - Easy; 3 - Neither difficult not easy/average; 4 - Difficult; 5 - Very difficult to adapt to/very different from the U.S.
Tradutor 1
Qual a dificuldade de fazer negócios nos seguintes países, devido à diferença da cultura local, e nos Estados Unidos? Outra maneira de entrar nessa questão é pensar em quanto tempo um "Americano médio" leva para se adaptar ao meio comercial. Alguns países da mesma região são mais fáceis de adaptar do que outros? 0 - Não sabe; 1 - Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Nem difícil nem fácil/média; 4 - Difícil; 5 - Muito difícil adaptarem-se a/muito diferente dos E.U.A.
Tradutor 2
Quão difícil é fazer negócios nos seguintes países, por causa da diferença entre a cultura local e a dos EUA? Outra maneira de resolver este problema é imaginar o tempo necessário para um "americano médio" adaptar-se ao ambiente de negócios. Em alguns países da mesma região é mais fácil a adaptação do que em outros? 0 - Não sabe; 1 - Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Nem difícil nem fácil/na média; 4 - Difícil; 5 - Muito difícil para adaptar-se/Muito diferente dos EUA.
Texto final
Qual a dificuldade do brasileiro se adaptar aos países a seguir devido a diferenças da cultura local em relação à cultura do Brasil? 1 - Muito fácil; 2 - Fácil; 3 - Nem difícil, nem fácil; 4 - Difícil; 5 - Muito difícil.

Tabela A13 – D – Shoham, Rose e Albaum (1990)

Texto original
Describe the general nature of geographical diversity your company faces in its most important products in terms of differences in culture, economic climate and legal barriers 5-point scale (1- "very different" and 5 - "not at all different")
Tradutor 1
Descreva a natureza geral da diversidade geográfica que sua empresa enfrenta quanto aos seus produtos mais importantes em termos das diferenças da cultura, clima econômico e barreiras legais Escala de 5 pontos (1 – "muito diferente" e 5 – "nada diferente")
Tradutor 2
Descreva os aspectos gerais da diversidade geográfica com que sua empresa se depara quanto aos seus produtos mais importantes em termos de diferenças na cultura, clima econômico e barreiras legais Escala de 5 pontos (1- "muito diferente" e 5 - "não totalmente diferente")
Texto final
Indique o grau de diferença que você percebe entre o Brasil e os países abaixo em termos das diferenças na cultura e no clima econômico, social e legal: Escala de 5 pontos (1- "Muito diferente do Brasil" e 5 - "Nada diferente do Brasil")

Tabela A14 – Sousa e Bradley (2005)

Texto original
<ul style="list-style-type: none"> - Climatic conditions - Purchasing power of customers - Life styles - Consumer preferences - Cultural values, beliefs, attitudes and traditions - Language - Level of literacy and education
Tradutor 1
<ul style="list-style-type: none"> - Condições climáticas - Poder de compra dos clientes - Estilos de vida - Preferência dos consumidores - Valores, crenças, atitudes e tradições culturais - Idioma - Nível de alfabetização e formação educacional
Tradutor 2
<ul style="list-style-type: none"> - Condições climáticas - Poder de compra dos consumidores - Estilos de vida - Preferências dos consumidores - Valores culturais, crenças, atitudes e tradições - Idioma - Nível de instrução e educação
Texto final
<ul style="list-style-type: none"> - Condições climáticas - Poder de compra dos clientes - Estilos de vida da população - Hábitos e preferências dos consumidores - Valores culturais, crenças, atitudes e tradições - Idioma - Nível de alfabetização e instrução
Back translation 1
<ul style="list-style-type: none"> - Climatic conditions - Client's buying power - Lifestyles of the population - Consumer habits and preferences - Cultural values, beliefs, attitudes and traditions - Language - Levels of literacy and education
Back translation 2
<ul style="list-style-type: none"> - Climate conditions - Customer/client purchasing power - Living conditions of the population - Consumer habits and preferences - Cultural values, beliefs, attitudes and traditions - Language - Level of literacy and schooling

Tabela A15 – Klein e Roth (1990)

Texto original
<ul style="list-style-type: none"> - Language of country - Accepted business practices - Economic environment - Legal system - Communications infrastructure
Tradutor 1
<ul style="list-style-type: none"> - Idioma do país - Práticas comerciais aceitas - Ambiente econômico - Sistema jurídico - Infraestrutura de comunicações
Tradutor 2
<ul style="list-style-type: none"> - Idioma do país - Práticas de negócios aceitas - Ambiente econômico - Sistema jurídico - Infraestrutura de comunicações
Texto final
<ul style="list-style-type: none"> - Idioma - Práticas comerciais aceitas - Ambiente econômico - Sistema jurídico - Infraestrutura de comunicações
Back translation 1
<ul style="list-style-type: none"> - Language - Accepted trade practices - Economic environment - Legal system - Communications infrastructure
Back translation 2
<ul style="list-style-type: none"> - Language - Accepted trade/commercial practices - Economic environment - Legal system - Communications infrastructure

Tabela A16 – Evans, Mavondo e Bridson (2008)

Texto original
<p>CULTURAL DISTANCE</p> <p>Power Distance</p> <ul style="list-style-type: none"> - Degree of inequality among people - Salary range between the highest and lowest paid in organizations - Importance of social status symbols - Importance of equality before the law - Basis for achieving positions of power and influence - Usual method of political change (i.e., evolutions of rules or revolution) <p>Individualism/ collectivism</p> <ul style="list-style-type: none"> - Importance of loyalty to close groups (i.e., family and friends) - Recognition of a right to privacy - Freedom of the press - Respect for individual freedom - Importance of consensus in society <p>Masculinity/ femininity</p> <ul style="list-style-type: none"> - Importance of caring for others - Importance of material success - Degree to which women are expected to be assertive and ambitious - Primary means of resolving interpersonal conflicts (i.e., compromise or confrontation) <p>Uncertainty avoidance</p> <ul style="list-style-type: none"> - Openness to change and innovation - Faith in young people - Tolerance of differences (i.e., religious, political, and ideological) - Reliance on rules to govern behavior - Acceptability of displaying emotions <p>Long-term</p> <ul style="list-style-type: none"> - Degree to which traditions are respected - Importance of thrift - Importance of personal reputation and honor - Importance of working hard for long-term success - Importance of virtue
<p>BUSINESS DISTANCE</p> <ul style="list-style-type: none"> - Stability of political structure.

Tabela A16 – Evans, Mavondo e Bridson (2008) (continuação)

<p>Tradutor 1</p> <p>DISTÂNCIA CULTURAL</p> <p>Distância do poder</p> <ul style="list-style-type: none"> - Grau de desigualdade entre as pessoas. - Faixa salarial entre o mais alto e o mais baixo contracheque nas empresas. - Importância dos símbolos da condição social. - Importância da igualdade perante a lei. - Base para alcançar posições de poder e influência. - Método habitual de mudança política (isto é, evolução das regras ou revolução) <p>Individualismo/ coletivismo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Importância da lealdade a grupos fechados (isto é, família e amigos). - Reconhecimento do direito à privacidade. - Liberdade de imprensa. - Respeito às liberdades individuais. - Importância do consenso dentro da sociedade. <p>Masculinidade/ feminilidade</p> <ul style="list-style-type: none"> - Importância de cuidar de terceiros. - Importância do sucesso material. - Grau segundo o qual se espera a mulher seja positiva e ambiciosa. - Principais meios de resolver conflitos interpessoais (isto é, concessão ou confronto). <p>Fuga da incerteza</p> <ul style="list-style-type: none"> - Abertura para a mudança e inovação. - Crença nos jovens. - Tolerância perante as diferenças (isto é, religiosas, políticas, e ideológicas). - Confiança nas regras para determinar o comportamento. - Aceitabilidade da demonstração das emoções. <p>Longo prazo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Grau segundo o qual as tradições são respeitadas. - Importância do lado econômico. - Importância da reputação e honra pessoal. - Importância do trabalho árduo para o sucesso a longo prazo. - Importância da virtude. <p>DISTÂNCIA COMERCIAL</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estabilidade da organização política
--

Tabela A16 – Evans, Mavondo e Bridson (2008) (continuação)

<p>Tradutor 2</p> <p>DISTÂNCIA CULTURAL</p> <p>Distância do poder</p> <ul style="list-style-type: none"> - Grau de desigualdade entre as pessoas - Faixa salarial entre o maior e o menor salário pago nas organizações - Importância dos símbolos sociais de status - Importância da igualdade perante as leis - Base para o alcance de posições de poder e influência - Método usual de mudanças políticas (i.e., evolução das regras ou revolução) <p>Individualismo/ coletivismo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Importância da lealdade em grupos fechados (i.e., família e amigos) - Reconhecimento do direito à privacidade - Liberdade de imprensa - Respeito à liberdade individual - Importância do consenso na sociedade <p>Masculinidade/ feminilidade</p> <ul style="list-style-type: none"> - Importância do cuidado com terceiros - Importância do sucesso material - Grau de expectativa em relação às mulheres quanto a serem afirmativas e ambiciosas - Meio básico de resolver conflitos interpessoais (ie, acordo ou confrontação) <p>Aversão à incerteza</p> <ul style="list-style-type: none"> - Receptividade à mudança e inovação - Crença na juventude - Tolerância com relação a diferenças (i.e., religiosa, política, e ideológica) - Confiança em regras para orientar comportamentos - Aceitação à demonstração de emoções <p>Longo-prazo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Grau em que as tradições são respeitadas - Importância da parcimônia - Importância da reputação e da honra - Importância do trabalho árduo para o sucesso a longo prazo - Importância da virtude <p>DISTÂNCIA NOS NEGÓCIOS</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estabilidade da estrutura política
--

Tabela A16 – Evans, Mavondo e Bridson (2008) (continuação)

<p>Texto final</p> <p>DISTÂNCIA CULTURAL</p> <p>Distância do poder</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desigualdade econômica entre as pessoas - Diferença entre o salário mais alto e o mais baixo nas empresas - Importância atribuída aos símbolos de status social - Importância atribuída à igualdade perante a lei - Critérios para chegar a posições de poder e influência - Método habitual de mudança política <p>Individualismo/Coletivismo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Importância atribuída à lealdade a família e amigos - Importância atribuída ao direito à privacidade - Liberdade de imprensa - Respeito à liberdade individual - Importância atribuída a se chegar a um consenso <p>Masculinidade/Feminilidade</p> <ul style="list-style-type: none"> - Importância atribuída a cuidar dos outros - Importância atribuída ao sucesso financeiro - Expectativa de que as mulheres sejam decididas e ambiciosas - Principais meios para resolver conflitos entre pessoas <p>Fuga à incerteza</p> <ul style="list-style-type: none"> - Abertura para a mudança e a inovação - Fé nos jovens - Tolerância com relação a diferenças entre as pessoas - Regras sociais para orientar o comportamento - Liberdade das pessoas expressarem suas emoções <p>Orientação de Longo Prazo/ Orientação de Curto Prazo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeito às tradições - Importância atribuída à simplicidade - Importância atribuída à reputação e à honra pessoal - Importância atribuída ao trabalho árduo para o sucesso a longo prazo - Importância atribuída à virtude <p>DISTÂNCIA DE NEGÓCIOS</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estabilidade política
--

Tabela A16 – Evans, Mavondo e Bridson (2008) (continuação)

<p>Back translation 1</p> <p>CULTURAL DISTANCE</p> <p>Power distance</p> <ul style="list-style-type: none"> - Economic distance between people - Difference between the highest and lowest salary in businesses - Importance attributed to symbols of social status - Importance attributed to equality under the law - Criteria to achieve positions of power and influence - Usual method for political change <p>Individualism/Collectivism</p> <ul style="list-style-type: none"> - Importance attributed to loyalty to family/friends - Importance attributed to the right to privacy - Freedom of the press - Respect for individual freedom - Importance attributed to consensus <p>Masculinity/Femininity</p> <ul style="list-style-type: none"> - Importance attributed to caring for others - Importance attributed to financial success - Expectancy that women be determined and ambitious - Main ways to resolve interpersonal conflicts <p>Uncertainty avoidance</p> <ul style="list-style-type: none"> - Openness to change and innovation - Faith in the new generation - Tolerance in relation to differences between people - Social rules to guide behavior - Freedom for people to express their emotions <p>Long-Term Orientation/Short-Term Orientation</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respect for traditions - Importance attributed to simplicity - Importance attributed to reputation and personal honor - Importance attributed to hard work for long-term success - Importance attributed to virtue <p>BUSINESS DISTANCE</p> <ul style="list-style-type: none"> - Political stability

Tabela A16 – Evans, Mavondo e Bridson (2008) (continuação)

<p>Back translation 2</p> <p>CULTURAL DISTANCE</p> <p>Distance in acquisition power</p> <ul style="list-style-type: none"> - Economic inequality between the people - Difference between the highest and lowest company salaries - Importance attributed to social status symbols - Importance attributed to equality in legal matters and the law - Criteria used to reach government and influential positions - Usual method in which political change occurs <p>Individualism/Collectivism</p> <ul style="list-style-type: none"> - Importance attributed to loyalty expressed for family and friends - Importance attributed to right to privacy - Freedom of the press - Respect for individual freedom - Importance attributed to reaching consensus <p>Masculinity/Femininity</p> <ul style="list-style-type: none"> - Importance attributed to caring / taking care of others - Importance attributed to financial success - Expectation that women should be determined and ambitious - Main means used to settle disputes among the people <p>Escape from uncertainty</p> <ul style="list-style-type: none"> - Opened to change and innovation - Faith/trust in the young - Tolerance regarding differences that exist between the people - Social rules applicable as behavioral guidelines - People's freedom to express their emotions <p>Long-term / short-term guidelines</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respect for traditions - Importance attributed to simplicity - Importance attributed to personal reputation and honor - Importance attributed to working hard to achieve success - Importance attributed to virtue <p>BUSINESS DISTANCE</p> <ul style="list-style-type: none"> - Political stability

ANEXO 6: QUESTIONÁRIOS

A - Questionário A – Stöttinger e Schlegelmilch(1998)

Orientações gerais da pesquisa

Este estudo é conduzido pelo **Instituto COPPEAD** de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro e tem como objetivo verificar como as pessoas percebem as diferenças entre o Brasil e alguns países. Por favor, é importante que você responda todos os campos da pesquisa. Não existem respostas certas ou erradas. O preenchimento deste questionário leva, em média, cerca de 5 minutos. Agradecemos sua colaboração.

A seguir, gostaríamos que você avaliasse alguns países. O critério dessa avaliação deve ser seu distanciamento relativo. O distanciamento pode ser expresso em diferenças, por exemplo, em relação a idioma, cultura, desenvolvimento industrial ou práticas comerciais.

Solicitamos que indique nas seguintes escalas o quão “distantes” do Brasil são para você diversos países, marcando um “X” (ou qualquer outro tipo de marcação) nas linhas, da seguinte maneira: Para os países que você percebe como “mais distanciados” do Brasil, faça uma marca tanto mais à direita quanto mais longe você os percebe. Para países “mais próximos” do Brasil, traga sua marcação mais para perto do Brasil (★).

África do Sul	★	_____
Alemanha	★	_____
Argentina	★	_____
Canadá	★	_____
China	★	_____
EUA	★	_____
Grécia	★	_____
Hong-Kong	★	_____
Índia	★	_____
Inglaterra	★	_____
Israel	★	_____
Itália	★	_____
Japão	★	_____
México	★	_____
Portugal	★	_____
Rússia	★	_____

B - Questionário B – Leite, Rocha e Figueiredo (1988)

Orientações gerais da pesquisa

Este estudo é conduzido pelo **Instituto COPPEAD** de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro e tem como objetivo verificar como as pessoas percebem as diferenças entre o Brasil e alguns países. Por favor, é importante que você responda todos os campos da pesquisa. Não existem respostas certas ou erradas. O preenchimento deste questionário leva, em média, cerca de 5 minutos. Agradecemos sua colaboração.

Marque, por favor, quão semelhantes ou diferentes lhe parecem cada um desses países em relação ao Brasil.

	1	2	3	4	5
	Muito semelhantes	Semelhantes	Nem semelhantes nem diferentes	Diferentes	Muito diferentes
Brasil e África do Sul são	Muito semelhantes				Muito diferentes
Brasil e Alemanha são	Muito semelhantes				Muito diferentes
Brasil e Argentina são	Muito semelhantes				Muito diferentes
Brasil e Canadá são	Muito semelhantes				Muito diferentes
Brasil e China são	Muito semelhantes				Muito diferentes
Brasil e EUA são	Muito semelhantes				Muito diferentes
Brasil e Grécia são	Muito semelhantes				Muito diferentes
Brasil e Hong-Kong são	Muito semelhantes				Muito diferentes
Brasil e Índia são	Muito semelhantes				Muito diferentes
Brasil e Inglaterra são	Muito semelhantes				Muito diferentes
Brasil e Israel são	Muito semelhantes				Muito diferentes
Brasil e Itália são	Muito semelhantes				Muito diferentes
Brasil e Japão são	Muito semelhantes				Muito diferentes
Brasil e México são	Muito semelhantes				Muito diferentes
Brasil e Portugal são	Muito semelhantes				Muito diferentes
Brasil e Rússia são	Muito semelhantes				Muito diferentes

C - Questionário C - Boyacigiller (1990)

Orientações gerais da pesquisa

Este estudo é conduzido pelo **Instituto COPPEAD** de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro e tem como objetivo verificar como as pessoas percebem as diferenças entre o Brasil e alguns países. Por favor, é importante que você responda todos os campos da pesquisa. Não existem respostas certas ou erradas. O preenchimento deste questionário leva, em média, cerca de 5 minutos. Agradecemos sua colaboração.

Qual a dificuldade do brasileiro se adaptar aos países a seguir devido a diferenças da cultura local em relação à cultura do Brasil? Utilize a seguinte escala:

1	2	3	4	5
Muito fácil	Fácil	Nem difícil nem fácil	Difícil	Muito difícil

África do Sul	Muito fácil	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Muito difícil de se adaptar/ muito diferente do Brasil
Alemanha	Muito fácil	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Muito difícil de se adaptar/ muito diferente do Brasil
Argentina	Muito fácil	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Muito difícil de se adaptar/ muito diferente do Brasil
Canadá	Muito fácil	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Muito difícil de se adaptar/ muito diferente do Brasil
China	Muito fácil	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Muito difícil de se adaptar/ muito diferente do Brasil
EUA	Muito fácil	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Muito difícil de se adaptar/ muito diferente do Brasil
Grécia	Muito fácil	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Muito difícil de se adaptar/ muito diferente do Brasil
Hong-Kong	Muito fácil	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Muito difícil de se adaptar/ muito diferente do Brasil
Índia	Muito fácil	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Muito difícil de se adaptar/ muito diferente do Brasil
Inglaterra	Muito fácil	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Muito difícil de se adaptar/ muito diferente do Brasil
Israel	Muito fácil	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Muito difícil de se adaptar/ muito diferente do Brasil
Itália	Muito fácil	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Muito difícil de se adaptar/ muito diferente do Brasil
Japão	Muito fácil	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Muito difícil de se adaptar/ muito diferente do Brasil
México	Muito fácil	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Muito difícil de se adaptar/ muito diferente do Brasil
Portugal	Muito fácil	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Muito difícil de se adaptar/ muito diferente do Brasil
Rússia	Muito fácil	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Muito difícil de se adaptar/ muito diferente do Brasil

D - Questionário D - Shoham, Rose e Albaum (1990)

Orientações gerais da pesquisa

Este estudo é conduzido pelo **Instituto COPPEAD** de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro e tem como objetivo verificar como as pessoas percebem as diferenças entre o Brasil e alguns países. Por favor, é importante que você responda todos os campos da pesquisa. Não existem respostas certas ou erradas. O preenchimento deste questionário leva, em média, cerca de 5 minutos. Agradecemos sua colaboração.

Indique o grau de diferença que você percebe entre o Brasil e os países abaixo em termos das diferenças na cultura e no clima econômico, social e legal:

	1		2		3		4		5
	Muito diferente do Brasil					Nada diferente do Brasil			

África do Sul	Muito diferente		Nada diferente
Alemanha	Muito diferente		Nada diferente
Argentina	Muito diferente		Nada diferente
Canadá	Muito diferente		Nada diferente
China	Muito diferente		Nada diferente
EUA	Muito diferente		Nada diferente
Grécia	Muito diferente		Nada diferente
Hong-Kong	Muito diferente		Nada diferente
Índia	Muito diferente		Nada diferente
Inglaterra	Muito diferente		Nada diferente
Israel	Muito diferente		Nada diferente
Itália	Muito diferente		Nada diferente
Japão	Muito diferente		Nada diferente
México	Muito diferente		Nada diferente
Portugal	Muito diferente		Nada diferente
Rússia	Muito diferente		Nada diferente

E - Parte comum aos Questionários A, B, C e D

Por favor, forneça algumas informações pessoais	
Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	Idade: _____ anos
Nacionalidade: <input type="checkbox"/> Brasileira <input type="checkbox"/> Outra. Qual? _____	
Curso de Graduação: <input type="checkbox"/> Administração <input type="checkbox"/> Ciências Contábeis <input type="checkbox"/> Economia <input type="checkbox"/> Outro: _____	
Período: (tome por base a maioria das disciplinas que está cursando no momento)	
<input type="checkbox"/> 5º período <input type="checkbox"/> 6º período <input type="checkbox"/> 7º período <input type="checkbox"/> 8º período <input type="checkbox"/> Outro: ___ período	
Religião: <input type="checkbox"/> Católica <input type="checkbox"/> Espírita <input type="checkbox"/> Protestante/Evangélica <input type="checkbox"/> Judaica <input type="checkbox"/> Sem religião	
<input type="checkbox"/> Outra. Qual? _____	
Indique o seu conhecimento de cada idioma, de acordo com a classificação abaixo:	
Inglês:	<input type="checkbox"/> Fala <input type="checkbox"/> Lê <input type="checkbox"/> Escreve <input type="checkbox"/> Nenhum conhecimento
Espanhol:	<input type="checkbox"/> Fala <input type="checkbox"/> Lê <input type="checkbox"/> Escreve <input type="checkbox"/> Nenhum conhecimento
Alemão:	<input type="checkbox"/> Fala <input type="checkbox"/> Lê <input type="checkbox"/> Escreve <input type="checkbox"/> Nenhum conhecimento
Mandarim:	<input type="checkbox"/> Fala <input type="checkbox"/> Lê <input type="checkbox"/> Escreve <input type="checkbox"/> Nenhum conhecimento
Já visitei:	<input type="checkbox"/> Alemanha <input type="checkbox"/> Argentina <input type="checkbox"/> China <input type="checkbox"/> EUA <input type="checkbox"/> Outros. Qual(is)? _____

Você já morou em algum outro país? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim. Qual(is)? _____	

MUITO OBRIGADO POR SUA COLABORAÇÃO!

F - Questionários reunidos de Sousa e Bradley (2005), Klein e Roth (1990) e Evans, Mavondo e Bridson (2008)

Parte 1 de 7

Este estudo é conduzido pelo **Instituto COPPEAD de Administração** da Universidade Federal do Rio de Janeiro e tem como objetivo verificar como as pessoas **percebem as diferenças entre o Brasil e a Argentina, entre o Brasil e a Alemanha e entre o Brasil e a Índia**. Por favor, é importante que o(a) senhor(a) responda a **todas** as perguntas. Dê sua opinião sobre todos os aspectos apresentados neste formulário mesmo se o(a) senhor(a) não conhecer profundamente, não tiver visitado, ou não tiver feito negócios com a Argentina, Alemanha e/ou Índia. **Não existem respostas certas ou erradas**. As informações fornecidas são confidenciais e serão tratadas de forma agregada, ou seja, o(a) senhor(a) ou sua empresa não serão mencionados individualmente. O preenchimento deste questionário leva cerca de 20 minutos.

Indique em uma escala de cinco pontos de 1="muito semelhantes" até 5="muito diferentes", o grau em que o(a) senhor(a) percebe o Brasil, em relação a Argentina, Alemanha e Índia, como sendo semelhante ou diferente.

A1 - De maneira geral.

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Parte 2 de 7

Por favor, é importante que o(a) senhor(a) responda a todas as perguntas. **Não existem respostas certas ou erradas.**

De maneira um pouco mais específica, indique em uma escala de cinco pontos de 1="muito semelhantes" até 5="muito diferentes", o grau em que o(a) senhor(a) percebe o Brasil, em reação a Argentina, Alemanha e Índia, como sendo semelhante ou diferente no que diz respeito aos seguintes aspectos:

B1 - Meio ambiente físico ou natural

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

B2 - Ambiente político, social e econômico

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

B3 - Forma de se fazer negócios

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

B4 - Sistema jurídico

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

B5 - Valores culturais, crenças, atitudes e tradições

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Parte 3 de 7

Por favor, é importante que o(a) senhor(a) responda a todas as perguntas. **Não existem respostas certas ou erradas.**

De maneira um pouco mais específica, indique em uma escala de cinco pontos de 1="muito semelhantes" até 5="muito diferentes", o grau em que o(a) senhor(a) percebe o Brasil, em relação a Argentina, Alemanha e Índia, como sendo semelhante ou diferente no que diz respeito aos seguintes aspectos:

C1 - Condições climáticas

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C2 - Estabilidade política

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C3 - Poder de compra dos clientes

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C4 - Hábitos e preferências dos consumidores

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C5 - Estilo de vida da população

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C6 - Nível de desenvolvimento industrial

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C7 - Nível de alfabetização e instrução

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C8 - Ambiente econômico

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C9 - Infra-estrutura de telecomunicações

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C10 - Práticas comerciais aceitas

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C11 - Crenças e práticas religiosas

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C12 - Idioma

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C13 - Critérios para chegar a posições de poder e influência

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C14 - Método habitual de mudança política

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C15 - Principais meios para resolver conflitos entre pessoas

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C16 - Regras sociais para orientar o comportamento

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C17 - Processos de negociação

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C18 - Tipos de contratos utilizados

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Parte 4 de 7

Por favor, é importante que o(a) senhor(a) responda a todas as perguntas. **Não existem respostas certas ou erradas.**

Mais especificamente, indique em uma escala de cinco pontos de 1="Pouco(a)" até 5="Muito(a)", como o(a) senhor(a) percebe o Brasil, Argentina, Alemanha e Índia no que diz respeito aos seguintes aspectos:

D1 - Expectativa com relação à qualidade de produtos

	1 - Pouca	2	3	4	5 - Muita
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alemanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

D2 - Expectativa com relação a cumprimento de prazos de entrega

	1 - Pouca	2	3	4	5 - Muita
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alemanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

D3 - Desigualdade econômica entre as pessoas

	1 - Pouca	2	3	4	5 - Muita
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alemanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

D4 - Diferença entre o salário mais alto e o mais baixo nas empresas

	1 - Pouca	2	3	4	5 - Muita
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alemanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

D5 - Liberdade de imprensa

	1 - Pouca	2	3	4	5 - Muita
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alemanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

D6 - Respeito à liberdade individual

	1 - Pouca	2	3	4	5 - Muita
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alemanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

D7 - Expectativa de que as mulheres sejam decididas e ambiciosas

	1 - Pouca	2	3	4	5 - Muita
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Almanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

D8 - Abertura para a mudança e a inovação

	1 - Pouca	2	3	4	5 - Muita
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Almanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

D9 - Fé nos jovens

	1 - Pouca	2	3	4	5 - Muita
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Almanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

D10 - Tolerância com relação a diferenças entre as pessoas

	1 - Pouca	2	3	4	5 - Muita
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Almanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

D11 - Liberdade das pessoas expressarem suas emoções

	1 - Pouca	2	3	4	5 - Muita
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Almanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

D12 - Respeito às tradições

	1 - Pouca	2	3	4	5 - Muita
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Almanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Parte 5 de 7

Por favor, é importante que o(a) senhor(a) responda a todas as perguntas. **Não existem respostas certas ou erradas.**

Mais especificamente, indique em uma escala de cinco pontos de 1="Nada importante" até 5="Muito importante", como o(a) senhor(a) percebe o grau de importância atribuído pelo Brasil, Argentina, Alemanha e Índia a cada um dos seguintes aspectos:

E1 - Importância atribuída aos símbolos de status social

	1 - Nada importante	2	3	4	5 - Muito importante
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alemanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

E2 - Importância atribuída à igualdade perante a lei

	1 - Nada importante	2	3	4	5 - Muito importante
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alemanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

E3 - Importância atribuída à lealdade a família e amigos

	1 - Nada importante	2	3	4	5 - Muito importante
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alemanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

E4 - Importância atribuída ao direito à privacidade

	1 - Nada importante	2	3	4	5 - Muito importante
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alemanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

E5 - Importância atribuída a se chegar a um consenso

	1 - Nada importante	2	3	4	5 - Muito importante
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alemanha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

E6 - Importância atribuída a cuidar dos outros

	1 - Nada importante	2	3	4	5 - Muito importante
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Almasha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

E7 - Importância atribuída ao sucesso financeiro

	1 - Nada importante	2	3	4	5 - Muito importante
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Almasha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

E8 - Importância atribuída à simplicidade

	1 - Nada importante	2	3	4	5 - Muito importante
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Almasha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

E9 - Importância atribuída à reputação e à honra pessoal

	1 - Nada importante	2	3	4	5 - Muito importante
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Almasha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

E10 - Importância atribuída ao trabalho árduo para o sucesso a longo prazo

	1 - Nada importante	2	3	4	5 - Muito importante
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Almasha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

E11 - Importância atribuída à virtude

	1 - Nada importante	2	3	4	5 - Muito importante
Brasil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Argentina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Almasha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Índia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Parte 6 de 7

Por favor, forneça algumas informações pessoais:

(Estas informações serão utilizadas apenas para controle estatístico. A confidencialidade das respostas será garantida.)

Nome

Telefone (por favor, não esqueça de informar o DDD, número e o ramal se houver)

e-mail

Faixa etária

- até 29 anos
 de 30 a 39 anos
 de 40 a 49 anos
 de 50 a 59 anos
 60 anos ou mais

Sexo

- Masculino
 Feminino

Nacionalidade

- Brasileira
 Outra. Qual?

Religião

- Católica
 Espirita
 Protestante/Evangélica
 Judaica
 Budismo
 Sem religião
 Outra. Qual?

Indique o seu conhecimento de cada idioma, de acordo com a classificação abaixo

	Fala	Lê	Escreve	Nenhum conhecimento
Inglês	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Espanhol	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Alemão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Você já visitou ...

- Argentina
 Alemanha
 Índia
 Outro(s) país(es)

Você já morou em algum outro país?

- Não
 Sim. Qual(is)?

Parte 7 de 7

Por favor, forneça algumas informações sobre sua empresa:

(Estas informações serão utilizadas apenas para controle estatístico. A confidencialidade das respostas será garantida.)

Qual o seu cargo?

Aproximadamente, quantos funcionários tem a empresa?

- até 99 funcionários
 entre 100 e 499 funcionários
 500 funcionários ou mais

Aproximadamente, qual faturamento bruto de sua empresa em 2007?

- até R\$10,5 milhões
 entre R\$10,5 e R\$60 milhões
 R\$60 milhões ou mais

A empresa trabalha com exportação?

- Não
 Sim, há quantos anos?

Por favor, forneça algumas informações sobre as exportações de sua empresa:

(Estas informações serão utilizadas apenas para controle estatístico. A confidencialidade das respostas será garantida.)

Com qual dos países a seguir sua empresa já teve negócios?

- Argentina
 Alemanha
 Índia
 Nenhum desses países

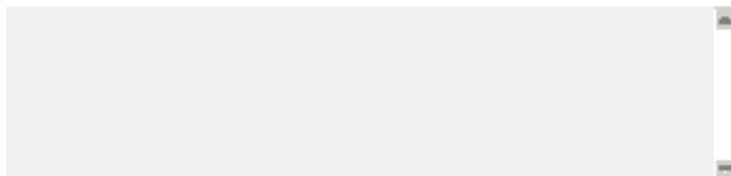
As vendas da empresa no exterior representam aproximadamente qual porcentagem das vendas totais da empresa?

- até 10%
 de 10 e 20%
 de 20 e 30%
 de 30 e 40%
 de 40 e 50%
 de 50 e 60%
 de 60 e 70%
 de 70 e 80%
 de 80 e 90%
 de 90 e 100%

Quem detém o poder de decisão da empresa?

- Donos/donos brasileiros
 10%/90% brasileiro e estrangeiro
 Donos/donos estrangeiros

Por favor, utilize este espaço para acrescentar algum comentário ou opinião



Caso deseje, sinte-se à vontade para nos contatar no e-mail otavio@copped.ufjf.br ou telefone (21)8121-3178 (Prof. Otávio Figueiredo) / copped_pesquisa@copped.ufjf.br (21)2598-9800 ou (21)2593-9814 (Núcleo de Pesquisas em Internacionalização de Empresas - NuPIe).

Muito obrigado por sua colaboração!

ANEXO 7: CARTA DE PERSONALIZADA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO COPPEAD DE ADMINISTRAÇÃO**

«LinhaDeSaudação»,

A sua empresa foi selecionada pelo **NuPin** – Núcleo de Pesquisas em Internacionalização de Empresas do Instituto **Coppead** de Pós Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro para participar de pesquisa sobre a atuação das empresas brasileiras exportadoras. O estudo tem por objetivo medir a percepção dos executivos sobre as similaridades e diferenças entre mercados internacionais.

Sua participação nessa pesquisa é fundamental. Cada participante receberá um **relatório exclusivo**, que não será disponibilizado publicamente, com os resultados agregados da pesquisa. Naturalmente, assumimos o compromisso de que todas as informações prestadas serão consideradas estritamente confidenciais.

Em anexo a este documento segue um questionário e um envelope pré-selado para retorno do questionário respondido. Para responder ao questionário, que tomará menos de 20 minutos, não se faz necessário ter tido experiência de exportação para os países pesquisados. O que se pretende pesquisar é a imagem que o executivo tem sobre tais países.

Preferencialmente, o questionário, deve ser respondido pelo responsável pela área de exportação de sua empresa. Caso não seja essa pessoa, por favor, encaminhe este documento ao respondente mais adequado.

Caso deseje, sinta-se à vontade para nos contatar no e-mail otavio@coppead.ufrj.br ou telefone (21)8121-7178 (Prof. Otávio Figueiredo) e/ou email coppead.pesquisa@coppead.ufrj.br ou telefone (21)2598-9800 ou (21)2598-9814 (Núcleo de Pesquisas em Internacionalização de Empresas - NuPin).

Agradecemos sua valiosa colaboração.

Atenciosamente,

Prof. Otávio Figueiredo,
Coordenador da Pesquisa

Dra. Angela da Rocha,
Professora Titular de Negócios Internacionais
Coordenadora do Núcleo de Pesquisas em Internacionalização de Empresas

ANEXO 8: PARTE ESPECÍFICA DO QUESTIONÁRIO DA ESCALA COM QUATRO DIMENSÕES-SÍNTESE E ESCALA COM QUATRO DIMENSÕES REPRESENTADAS POR ITENS

Escala com quatro dimensões-síntese					
Parte 2 de 4					
<p>Por favor, é importante que o(a) senhor(a) responda a todas as perguntas. Não existem respostas certas ou erradas.</p> <p>De maneira um pouco mais específica, indique em uma escala de cinco pontos de 1="muito semelhantes" até 5="muito diferentes", o grau em que o(a) senhor(a) percebe o Brasil, em relação a Argentina, Alemanha e Índia, como sendo semelhante ou diferente no que diz respeito aos seguintes aspectos:</p>					
B1 - Valores culturais, crenças, atitudes e tradições					
	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
B2 - Forma de se fazer negócios					
	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
B3 - Ambiente político, social e econômico					
	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
B4 - Meio ambiente físico ou natural					
	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

ANEXO 9: PARTE ESPECÍFICA DO QUESTIONÁRIO DA ESCALA COM QUATRO DIMENSÕES REPRESENTADAS POR ITENS

Escala com quatro dimensões representadas por itens					
Parte 2 de 4					
<p>Por favor, é importante que o(a) senhor(a) responda a todas as perguntas. Não existem respostas certas ou erradas.</p> <p>De maneira um pouco mais específica, indique em uma escala de cinco pontos de 1="muito semelhantes" até 5="muito diferentes", o grau em que o(a) senhor(a) percebe o Brasil, em relação a Argentina, Alemanha e Índia, como sendo semelhante ou diferente no que diz respeito aos seguintes aspectos:</p>					
B1 - Crenças e práticas religiosas					
	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
B2 - Idioma					
	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
B3 - Práticas comerciais aceitas					
	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
B4 - Processos de negociação					
	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
B5 - Tipos de contratos utilizados					
	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
B6 - Poder de compra dos clientes					
	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Escala com quatro dimensões representadas por itens

B7 - Nível de desenvolvimento industrial

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

B8 - Nível de alfabetização e instrução

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

B9 - Ambiente econômico

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

B10 - Infra-estrutura de telecomunicações

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

B11 - Meio ambiente físico ou natural

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

B12 - Condições climáticas

	1 - Muito semelhantes	2	3	4	5 - Muito diferentes
Brasil e Argentina são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Alemanha são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Brasil e Índia são ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)